

A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM
EU SOU O NÚMERO QUATRO
O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME



**A QUEDA
DOS CINCO**

**PITTACUS
LORE**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



A Queda dos Cinco

OS LEGADOS  DE LORIEN

LIVRO QUATRO

PITTACUS LORE

TRADUÇÃO DE JOANA FARO







OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

CAPÍTULO UM

A ESTRELA DO devaneio de fuga desta noite é Seis. Uma horda de mogadorianos está entre ela e minha cela — o que tecnicamente não é realista. Em geral os mogadorianos não gastam mão de obra alguma para me vigiar; mas, como é um sonho, tanto faz. Os combatentes mogadorianos desembainham suas adagas e atacam, urrando. Em resposta, Seis joga o cabelo e fica invisível. Pelas grades da cela, observo-a passando por entre os inimigos, aparecendo e sumindo, usando as armas deles contra eles próprios. Ela abre caminho, ziguezagueando através de uma nuvem crescente de cinzas, e logo todos os mogadorianos são dizimados.

— Isso foi incrível — digo quando Seis chega à porta da cela, e ela sorri com indiferença.

— Pronto para ir? — pergunta.

E é então que eu acordo. Ou que acaba o devaneio. Às vezes não sei se estou dormindo ou acordado; todo instante tende a adquirir uma mesmice letárgica quando se está isolado há semanas. Pelo menos acho que são semanas. É difícil ter noção do tempo, já que não há janelas em minha cela. A única certeza que tenho é de que meus sonhos de fuga não são reais. Às vezes são como o desta noite, e Seis aparece para me resgatar; em outras, é John. Em alguns deles eu desenvolvi meus próprios Legados e saio voando da cela, socando alguns mogadorianos pelo caminho.

É tudo fantasia. Apenas um modo de minha mente ansiosa matar o tempo.

O colchão molhado de suor e com molas quebradas que me espetam? Isso é real. As câibras nas pernas e a dor nas costas? Reais também.

Alcanço o balde d'água a meu lado no chão. Um guarda o traz uma vez por dia, junto com um sanduíche de queijo. Não é bem um serviço de quarto, embora, até onde sei, eu seja o único prisioneiro deste bloco de celas — são apenas fileiras e mais fileiras de celas vazias, conectadas por passarelas, e eu.

O guarda sempre coloca o balde no chão, bem ao lado do vaso sanitário de aço inoxidável, e eu sempre o arrasto para perto da minha cama — o mais perto que chego de me exercitar. Como o sanduíche na mesma hora, claro. Não me lembro de como é não estar morrendo de fome.

Queijo processado com pão dormido, um vaso sanitário sem assento e isolamento total. Essa tem sido minha vida.

Quando cheguei, tentei ficar atento à frequência com que o guarda vinha para não perder a conta dos dias, mas às vezes acho que eles se esquecem de mim. Ou me ignoram de propósito. Meu maior medo é que simplesmente me deixem aqui definhando, que eu desmaie por causa

da desidratação sem sequer perceber que estou vivendo minhas últimas horas. Preferiria morrer livre, combatendo os mogadorianos.

Ou, melhor ainda, não morrer.

Tomo um bom gole da água morna com gosto de ferrugem. É nojenta, mas me ajuda a recuperar um pouco da umidade da boca. Estico os braços acima da cabeça, e minhas juntas estalam em protesto. Sinto uma pontada de dor nos pulsos, o alongamento repuxa a pele recém-cicatrizada. E é então que minha mente volta a divagar — desta vez não são fantasias, e sim lembranças.

Penso em West Virginia todos os dias. Revivo aqueles momentos.

Eu me lembro de correr por aqueles túneis segurando a pedra vermelha que Nove me emprestou, emitindo sua estranha luz sobre dúzias de portas de celas. Em cada uma eu esperava encontrar meu pai, e me decepcionei todas as vezes.

Então os mogadorianos apareceram, separando-me de John e de Nove. Eu me lembro do medo que senti ao ser afastado dos outros — talvez eles conseguissem enfrentar todos aqueles mogadorianos e pikens com seus Legados. Infelizmente, tudo o que eu tinha era uma arma mogadoriana roubada.

Fiz o melhor que pude, atirando em todos os mogadorianos que se aproximavam demais, o tempo todo tentando encontrar um jeito de voltar até John e Nove.

Apesar de todo o barulho da luta, eu ouvia John gritar meu nome. Ele estava por perto, mas havia uma horda de bestas alienígenas entre nós.

A cauda de uma delas chicoteou minhas pernas. Perdi o chão, soltei a pedra de Nove e caí. Bati com o rosto, abrindo um corte acima da sobrancelha. No mesmo instante, o sangue começou a escorrer sobre meus olhos. Parcialmente cego, rastejei em busca de proteção.

Evidentemente, a julgar pela minha sorte desde que cheguei a West Virginia, não foi uma grande surpresa acabar exatamente aos pés de um guerreiro mogadoriano. Ele apontou sua arma para mim, e poderia ter me matado ali mesmo, mas reconsiderou antes de puxar o gatilho. Em vez de atirar, me deu uma coronhada na têmpora.

Tudo ficou preto.

Acordei pendurado no teto por correntes grossas. Eu ainda estava na caverna, mas de alguma forma sabia que tinham me levado para uma área mais profunda e vigiada. Meu estômago afundou quando percebi que a caverna ainda estava de pé, e que eu fora aprisionado. O que aquilo significava em relação a John e Nove? Será que haviam conseguido sair?

Eu não tinha muita força nas pernas e nos braços, mas mesmo assim tentei puxar as correntes. Elas não cederam. Eu me sentia desesperado e claustrofóbico. Estava prestes a gritar quando um mogadoriano enorme entrou na sala. Era o maior que eu já vira, tinha uma cicatriz roxa horrorosa no pescoço e um estranho bastão dourado em uma das imensas mãos.

Ele era absolutamente medonho, como um pesadelo, mas eu não conseguia desviar o olhar. De alguma forma, seus olhos pretos e vazios prendiam os meus.

“Olá, Samuel”, ele disse ao se aproximar. “Sabe quem sou eu?”

Balancei a cabeça, com a boca subitamente muito seca.

“Sou Setrákus Ra. Comandante supremo do Império Mogadoriano, engenheiro da Grande Expansão, líder adorado.” Ele expôs os dentes no que percebi que era para ser um sorriso. “*Et cetera.*”

Aquele que era o artífice de um genocídio planetário e a mente por trás de uma futura invasão da Terra tinha acabado de se dirigir a mim pelo nome. Tentei pensar no que John faria em uma situação como aquela — nunca recuaria diante de seu maior inimigo. Eu, por outro lado, comecei a tremer, fazendo colidir as correntes que prendiam meus pulsos.

Percebi que meu medo agradava Setrákus.

“Isso pode ser indolor, Samuel. Você escolheu o lado errado, mas antes de tudo sou clemente. Conte o que quero saber e o libertarei.”

“Nunca”, gaguejei, tremendo mais ainda ao imaginar o que viria a seguir.

Ouvi um chiado acima de mim, olhei para o alto e vi uma substância preta e viscosa escorrer pela corrente. Era ácida e química, como plástico queimado. Eu poderia jurar que o visgo deixava marcas de ferrugem na corrente enquanto escorria até mim, e logo cobriu meus pulsos, e eu estava gritando. A dor era terrível, e a viscosidade da substância a tornava ainda pior, dando a impressão de que meus pulsos haviam sido cobertos de seiva escaldante.

Eu estava a ponto de desmaiar de dor quando Setrákus encostou seu bastão em meu pescoço e ergueu meu queixo. Um torpor gelado fluiu por meu corpo, e a dor dos pulsos diminuiu na mesma hora. Era um falso alívio; um entorpecimento fatal irradiava do bastão de Setrákus, como se o sangue de meus membros tivesse sido drenado.

“Apenas responda às minhas perguntas”, Setrákus rosnou, “e isso pode acabar.”

Suas primeiras perguntas foram sobre John e Nove: para onde iriam, o que fariam em seguida. Eu me senti aliviado ao saber que eles haviam conseguido escapar, e mais ainda por não fazer ideia de onde se esconderiam. Era eu quem estava seguindo as instruções de Seis, o que significava que John e Nove teriam que criar um novo plano que eu não poderia entregar enquanto estivesse sendo torturado. O papel não estava mais comigo, então era muito provável que os mogadorianos tivessem me revistado e confiscado o endereço enquanto eu estava inconsciente. Com sorte, Seis se aproximaria com cautela.

“Estejam onde estiverem, logo voltarão aqui para acabar com vocês”, eu disse a Setrákus.

E esse foi meu único momento durão e heroico, porque o líder mogadoriano bufou e imediatamente afastou o bastão. A dor nos meus pulsos voltou — era como se a substância mogadoriana estivesse me corroendo até os ossos.

Eu estava ofegando e gritando quando Setrákus encostou novamente o bastão em mim, o que

proporcionou um alívio. Minha resistência, a pouca que houvera, para começar, tinha se esvaído por completo.

“E quanto à Espanha?”, ele perguntou. “O que pode me dizer sobre isso?”

“Seis...”, murmurei e me arrependi. Precisava manter a boca fechada.

As perguntas não paravam. Depois da Espanha foi a Índia, e então perguntas a respeito da localização das pedras de loralite, sobre as quais eu jamais tinha ouvido falar. Por fim, Setrákus me perguntou sobre “o décimo”, algo em que parecia especialmente interessado. Eu me lembro de Henri escrevendo sobre um décimo em uma carta a John, dizendo que aquele último Garde não tinha conseguido deixar Lorien. Quando contei isso a Setrákus, esperando que a informação não prejudicasse de alguma forma os Gardes sobreviventes, ele ficou enfurecido.

“Você está mentindo para mim, Samuel. Sei que ela está aqui. Diga onde.”

“Eu não sei”, eu repetia sem parar, minha voz cada vez mais trêmula; a cada resposta minha, ou ausência de resposta, Setrákus afastava o bastão e me deixava sentir outra vez a dor excruciante.

Enfim, Setrákus desistiu e apenas me encarou, enojado. Àquela altura, eu estava delirando. Como se tivesse vontade própria, a substância negra subiu de volta pela corrente devagar, desaparecendo no limbo escuro de onde havia saído.

“Você é inútil, Samuel”, ele dissera com desprezo. “Parece que os lorienos só o estimam como um bode expiatório, uma distração a ser deixada para trás quando precisam fugir às pressas.”

Setrákus saiu da sala, e mais tarde, depois de me deixar pendurado ali por algum tempo, minha consciência indo e voltando, alguns de seus soldados apareceram para me buscar. Eles me jogaram em uma cela escura, onde tive certeza de que me deixariam morrer.

Dias depois, os mogadorianos me arrastaram para fora da cela e me entregaram a dois homens com cabelos raspados, ternos pretos e armas em coldres sob o paletó. Humanos. Eles pareciam ser do FBI, da CIA ou algo assim. Não sei por que um humano desejaria trabalhar com os mogadorianos. Meu sangue ferve só de pensar naqueles agentes traindo a humanidade. Mesmo assim, eram mais gentis que os mogadorianos, e um deles chegou a murmurar um pedido de desculpas quando fechou as algemas em meus pulsos queimados. Depois colocaram um capuz sobre minha cabeça e não os vi mais.

Fui transportado sem paradas por no mínimo dois dias, algemado na traseira de um furgão. Depois disso, me enfiaram em outra cela — esta cela, minha nova casa. Um bloco inteiro em uma base enorme onde eu era o único prisioneiro.

Estremeço ao pensar em Setrákus Ra, algo que é inevitável quando passo os olhos pelas bolhas e cicatrizes ainda em meus pulsos. Tentei apagar aquele encontro apavorante da

cabeça, dizendo a mim mesmo que as palavras dele não eram verdade. Sei que John não me usou para dar cobertura à sua fuga e sei que não sou inútil. Posso ajudar John e o restante da Garde assim como meu pai fazia antes de desaparecer. Sei que tenho um papel a desempenhar, mesmo que não esteja muito claro qual será esse papel.

Quando sair daqui — se conseguir algum dia —, meu novo objetivo de vida será provar que Setrákus Ra estava errado.

Estou tão frustrado que soco o colchão à minha frente. No mesmo instante uma camada de poeira se solta do teto e um leve estrondo atravessa o chão. É como se meu soco houvesse desencadeado uma onda de choque pela cela inteira.

Olho perplexo para minha mão. Talvez aqueles devaneios sobre desenvolver meus próprios Legados não fossem tão absurdos. Tento lembrar o quintal de John em Paradise, quando Henri o ensinava a focar seu poder. Aperto os olhos e fecho o punho com força.

Embora pareça insano e meio constrangedor, soco outra vez o colchão só para ver o que acontece.

Nada. Sinto apenas dor nos braços, já que não uso esses músculos há dias. Não estou desenvolvendo Legados. Seres humanos não têm esse dom, e eu sei disso. Só estou ficando desesperado. E talvez um pouco louco.

— Ok, Sam — digo a mim mesmo, a voz áspera. — Controle-se.

Assim que volto a me deitar, resignado a passar outro interminável período sozinho com meus pensamentos, um segundo choque atinge o chão. É muito mais intenso que o primeiro; eu sinto o reflexo até nos ossos. Mais reboco cai do teto, cobrindo meu rosto e entrando em minha boca, amargo e com gosto de giz. Instantes depois, ouço o barulho abafado de tiros.

Isso está longe de ser um sonho. Posso ouvir a distância o barulho da luta, em algum piso inferior da base. O chão treme de novo — outra explosão. Durante o tempo em que estive aqui, jamais fizeram treinamento algum. Droga, nunca ouço nada além do eco dos passos do guarda que traz minha comida. E agora essa movimentação repentina? O que pode estar acontecendo?

Pela primeira vez em... dias? Semanas?... eu me permito ter esperança. É a Garde. Tem que ser. Eles vieram me resgatar.

— É agora, Sam — digo a mim mesmo, buscando ânimo para me mover.

Levanto e cambaleio até a porta da cela. Minhas pernas parecem gelatina. Não tive muitas razões para usá-las desde que me trouxeram para cá. Só atravessar a curta distância até a porta já é o suficiente para fazer minha cabeça girar. Encosto a testa no metal frio da grade, esperando a tontura passar. Sinto as reverberações da luta subirem pelo metal, cada vez mais fortes e intensas.

— John! — grito, a voz rouca. — Seis! Alguém! Estou aqui! Estou aqui!

Parte de mim acha uma tolice gritar, como se os Gardes fossem me ouvir em meio à grande

batalha que parece estar ocorrendo. É a mesma parte de mim que queria desistir e simplesmente ficar encolhida na cela, à espera do destino final. É a mesma parte de mim que acha que tentar me salvar seria idiotice da Garde.

É a parte de mim que acreditou em Setrákus Ra. Não posso ceder ao desespero. Preciso provar que ele estava errado.

Preciso fazer barulho.

— John! — grito outra vez. — Estou aqui, John!

Mesmo me sentindo fraco, golpeio as grades de aço com toda a minha força. O som ecoa pelo bloco vazio, mas não há chance alguma de a Garde ouvi-lo em meio aos tiros que ressoam abafados nas paredes. Com o ruído da batalha cada vez mais intenso, é difícil ter certeza, mas tenho a impressão de ouvir passos sacudindo a passarela de aço que conecta as celas. Pena que não consigo ver nada além de poucos metros diante da porta. Se houver alguém aqui comigo, tenho que chamar sua atenção e simplesmente torcer para que não seja um guarda mogadoriano.

Pego o balde d'água e despejo o que resta de meu suprimento diário. Meu plano — o melhor que bolei — é ficar batendo com ele nas grades da cela.

Quando me viro, há um garoto parado do outro lado da porta.

CAPÍTULO

DOIS

ELE É ALTO e magro, talvez seja alguns anos mais velho que eu, e tem uma mecha de cabelo preto caída no rosto. Parece que acabou de sair de uma briga, a cara pálida tem marcas de sujeira e suor. Eu o observo de olhos arregalados — faz muito tempo que não vejo outra pessoa. Ele parece igualmente surpreso por me ver.

Há algo estranho nele. Alguma coisa está ligeiramente errada.

A pele um tanto pálida demais. A sombra ao redor dos olhos. É um deles.

Recuo para o fundo da cela, escondendo o balde vazio atrás de mim. Se ele entrar aqui, vou acertá-lo com toda a força que me resta.

— Quem é você? — pergunto, tentando manter a voz firme. — O que você quer?

— Viemos ajudar — o garoto responde; e parece desconfortável, como se não soubesse o que dizer.

Antes que eu possa perguntar a quem ele está se referindo com aquele “nós”, um homem o empurra para o lado. Há rugas profundas no rosto coberto por uma barba malfeita. Meu queixo cai de descrença e dou mais um passo para o fundo da cela, novamente perplexo, mas desta vez por uma razão diferente. Não sei por que esperava que ele se parecesse com as fotos penduradas na parede de nossa sala de estar, mas sempre foi assim que imaginei este momento. Anos se passaram, e, mesmo com as profundas linhas de expressão, eu ainda reconheço aquele homem, sobretudo quando ele sorri para mim.

— Pai?

— Estou aqui, Sam. Eu voltei.

Meu rosto dói e levo um instante para entender por quê. Estou sorrindo. Na verdade, estou com um sorriso escancarado. É a primeira vez que uso esses músculos em semanas.

Nós nos abraçamos pela grade, o metal pressionando de forma desconfortável minhas costelas, mas não me importo. Ele está aqui. Ele está mesmo aqui. Eu fantasiava que a Garde viria me resgatar. Nem em meus sonhos mais loucos imaginava que seria meu pai quem me tiraria deste lugar. Acho que sempre pensei que eu o resgataria.

— Eu... procurei por você — digo a ele.

Limpo os olhos com o antebraço; o mogadoriano desconhecido ainda está por perto, e não quero que ele me veja chorar.

Meu pai me aperta por entre as grades.

— Você cresceu muito — diz com um toque de tristeza na voz.

— Pessoal! — o mogadoriano interrompe. — Não estamos sozinhos.

Eu consigo ouvi-los se aproximando. Soldados tomam o bloco de celas vindos do andar inferior, o som das botas reverberando na passarela conforme eles sobem a escada de metal em nossa direção. Finalmente encontrei meu pai, ele está aqui, bem na minha frente, e isso está a ponto de ser arrancado de mim.

O mogadoriano afasta meu pai da porta da cela e se volta para mim, com uma voz autoritária:

— Vá para o centro da cela e cubra a cabeça!

Meu instinto me diz para não confiar nele. É um mogadoriano. Mas por que um deles traria meu pai até mim? Por que tentaria nos ajudar? Não há tempo para pensar, não enquanto outros mogadorianos, que com certeza não estão aqui para ajudar, se aproximam.

Faço o que ele mandou.

O mogadoriano passa as mãos pelas grades, concentrando-se na parede atrás de mim. Talvez seja porque eu estava pensando nisso ainda há pouco, mas por alguma razão relembro aqueles primeiros dias em que testamos os Legados de John no quintal. É alguma coisa no jeito como o mogadoriano se concentra — a determinação em seu olhar é traída pelas mãos trêmulas, como se ele não soubesse muito bem o que está fazendo.

Sinto algo passar pelo chão sob meus pés, como uma onda de energia. Então, com um estalo agudo, a parede atrás de mim desmorona. Um pedaço do teto cai e destrói meu vaso sanitário. O piso treme e se move sob meus pés, e eu sou jogado no chão. É como se o bloco de celas inteiro tivesse sido atingido por um pequeno terremoto. Tudo entra em colapso. Meu estômago se revira, e não só por causa do chão sacudindo. É medo. De alguma forma, aquele mogadoriano acabou de destruir uma parede com a mente. Quase como se estivesse usando um Legado.

Mas isso é impossível, não é?

Do lado de fora da cela, meu pai e o mogadoriano foram jogados contra o corrimão da passarela. A porta da cela agora está torta, o metal retorcido e inclinado. Há espaço suficiente para eles se espremerem por entre as barras.

Conforme o mogadoriano o empurra para a porta da cela, meu pai aponta para a fenda na parede atrás de mim.

— Vá! — grita. — Corra!

Hesito por um instante, olhando meu pai. Ele já está passando por entre as barras. Quero ter certeza de que ele estará bem atrás de mim.

Começo a tossir quando inspiro a poeira da parede destruída. Pela abertura, vejo os mecanismos internos da base; canos e dutos de ventilação, montes de fiação elétrica e material de isolamento.

Com as pernas enlaçando um dos canos mais grossos, começo a deslizar para baixo. Sinto

pontadas nos músculos enfraquecidos e por um momento receio perder a firmeza e escorregar. Mas a adrenalina invade minhas veias e meu controle aumenta. A liberdade está muito próxima, preciso me esforçar ao máximo.

Vejo a sombra de meu pai na abertura mais acima. Ele está hesitante.

— O que está fazendo? — grita meu pai para o mogadoriano. — Adam?

Ouçó o mogadoriano, Adam, responder com a voz resoluta:

— Vá com seu filho. Agora.

Meu pai começa a descer atrás de mim, mas eu paro. Fico pensando o que significou ser deixado para trás em um lugar como este. Mogadoriano ou não, esse tal Adam acabou de me livrar da prisão e permitiu que eu reencontrasse meu pai. Ele não deveria ter que enfrentar aqueles soldados sozinho.

— Vamos simplesmente deixá-lo? — grito para meu pai.

— Adam sabe o que está fazendo — meu pai responde, mas sua voz não está segura. — Vá em frente, Sam!

Outro tremor nos atinge e eu quase me solto do cano. Olho para cima, para verificar se meu pai está bem, e nesse exato momento outra onda de choque faz cair a arma que ele estava carregando na parte de trás da calça. Estou muito agarrado ao cano para pegá-la, e a arma mergulha na escuridão lá embaixo.

— Droga — ele reclama.

Os mogadorianos devem ter encurralado Adam, e ele está resistindo. Logo depois da onda de choque, ouve-se um som metálico ensurdecedor, um som que só pode ser o da passarela caindo — consigo imaginá-la se desprendendo da parte de fora das celas, levando consigo toda a estrutura. Alguns tijolos soltos despencam lá de cima, e meu pai e eu ficamos abaixados até nos sentirmos seguros outra vez.

Pelo menos Adam está contra-atacando lá em cima. Mas precisamos ir mais rápido, antes que ele faça tudo desmoronar sobre nós.

Continuo a descer. O espaço no interior das paredes é apertado, o pior pesadelo de um claustrofóbico. Os parafusos e os fios soltos rasgam minhas roupas.

— Sam, aqui em cima. Venha me ajudar com isto.

Meu pai parou diante de um duto de ventilação que eu não tinha visto. Escorrego um pouco quando volto a subir, mas ele estende a mão para me segurar. Juntos, entrelaçamos os dedos à grade de metal e a arrancamos com um puxão.

— Isso deve nos levar para fora.

Assim que começamos a rastejar pelo duto, uma enorme explosão nos balança. Paramos quando a estrutura de metal estala e range, preparados para um desmoronamento, mas o duto não cede.

Dá para escutar gritos e sirenes pelas paredes. A luta que ouvi antes só aumenta.

— Parece até uma guerra — meu pai diz, voltando a rastejar.

— Você trouxe a Garde? — pergunto, esperançoso.

— Não, Sam, éramos só Adam e eu.

— Mas que *timing* perfeito, pai! Vocês e a Garde aparecendo exatamente na mesma hora...

— Acho que esta família merecia um pouco de sorte — ele responde. — Vamos apenas ser gratos por algo ter distraído os mogadorianos e dar o fora daqui.

— São eles lutando lá fora. Tenho certeza. São os únicos que teriam coragem suficiente para atacar uma base mogadoriana. — Faço uma pausa, esquecendo o perigo por um momento, e abro um sorriso bobo quando me dou conta de que meu pai acabou de invadir uma base mogadoriana. — Pai, estou muito feliz por ver você e coisa e tal, mas preciso de muitas explicações.

CAPÍTULO

TRÊS

UMA NUVEM DE fumaça preta e ácida está se levantando das instalações da base. As sirenes tocam em meio ao crepitar do fogo. Ouço passos próximos ressoando no asfalto; humanos e mogadorianos gritam ordens de emergência. É um caos. E pelo barulho das explosões a distância, posso dizer que não é apenas nesta parte do complexo. Algo grandioso está acontecendo por aqui, e só pode significar uma coisa.

Perfeito. Eles estão distraídos demais para nos procurar agora.

— Onde estamos, afinal de contas? — sussurro.

— Em Dulce — meu pai responde. — Uma base secreta do governo no Novo México, cooptada pelos mogadorianos.

— Como você me achou?

— É uma longa história, Sam. Vou contar quando estivermos livres deste lugar.

Lentamente, fomos nos esgueirando ao longo do muro dos fundos, tentando nos manter longe do tumulto. Ficamos nas sombras, para o caso de algum guarda querer escapar da loucura que está lá dentro. Meu pai vai na frente, segurando a grelha de ferro retorcida que tampava o duto de ventilação pelo qual saímos. Não é bem uma arma, mas pode causar algum estrago. Mesmo assim, é melhor evitarmos o confronto. Não sei bem quanta energia ainda me resta depois do que acabamos de passar.

Meu pai aponta para a escuridão do deserto, além dos destroços do que antes era uma torre de observação.

— Nosso carro está estacionado ali — ele diz.

— Quem destruiu a torre?

— Fomos nós — ele responde. — Bom, foi Adam.

— Como... como é possível? Eles não deveriam ter esse tipo de poder.

— Não sei como é possível, Sam. Mas ele é diferente dos outros. — Meu pai estende a mão, apertando meu braço. — Ele ajudou a encontrar você. E, bem... conto o resto quando sairmos daqui.

Esfrego o rosto; meus olhos ardem por causa da fumaça. Além do mais, ainda não consigo acreditar no que está acontecendo. Meu pai e eu escapando sorrateiramente de uma base do governo, fugindo de alienígenas hostis. Por mais estranho que pareça, é como um sonho se tornando realidade. Continuamos nos esgueirando na direção de um trecho de sombras, de onde correremos direto até a cerca, e depois para o deserto.

— Não imagino como você e a Garde conseguiram aparecer aqui ao mesmo tempo.

— Não temos certeza de que é a Garde.

— Ah, pai, por favor — digo, indicando com o dedão as chamas que sobem da base. — Você disse que isso aqui é território dos mogadorianos e que o governo está mancomunado com eles, então sabemos que não foi o exército. O que mais poderia causar tudo isso?

Meu pai me olha, parecendo um pouco impressionado.

— Você os conhece. Não acredito que os conhece — ele sussurra, balançando a cabeça, culpado. — Nunca tive a intenção de envolvê-lo nesta confusão.

— Não foi você, pai. Não foi culpa sua a coincidência de meu melhor amigo ser um alien. Enfim, agora estou envolvido nisso, e precisamos ajudá-los.

É difícil afirmar, por causa da escuridão e da fumaça, mas parece que meu pai está me enxergando pela primeira vez. Durante nosso reencontro apressado dentro da base, devia estar vendo aquele menininho da época em que ele desapareceu. Mas não sou mais criança. A julgar pela expressão de seu rosto, um misto de tristeza e orgulho, acho que ele sabe disso.

— Você se transformou em um rapaz corajoso — ele diz —, mas sabe que não podemos voltar lá dentro, não é? Mesmo que a Garde esteja lá, não vou correr esse risco, não vou colocar você em risco.

Ele volta a caminhar, e eu o sigo, nossas costas coladas ao muro enquanto nos aproximamos de uma das quinas no lado de fora da construção. Meus pés se movem devagar, mas não por causa do cansaço. Meu coração sabe que não deveríamos estar fugindo, e meu corpo está se unindo ao protesto. O caos na base me faz lembrar a caverna em West Virginia e o que aconteceu depois — as correntes, a tortura —, que também pode acontecer a Adam se o deixarmos para trás, ou à Garde, se forem eles lá dentro, lutando. Quero fazer mais do que fugir.

— Nós podemos ajudá-los — disparo. — Precisamos ajudá-los!

Meu pai assente.

— E vamos. Mas não seremos úteis a ninguém se morrermos enquanto voltamos correndo às cegas para uma base militar de segurança máxima que, por acaso, também está pegando fogo.

Esse discurso soa familiar. Levo um segundo para perceber que é exatamente o tipo de conselho que eu costumava dar a John quando ele estava prestes a se meter em algo corajoso e idiota.

Enquanto tento encontrar um bom argumento para voltar à base, meu pai espia pela quina do muro e recua imediatamente. Um segundo depois, ouço os passos de duas pessoas correndo em nossa direção.

— Mogadorianos — ele sussurra, agachando-se. — São dois. Provavelmente estavam vigiando o perímetro.

Quando o primeiro guarda contorna correndo o canto do muro, meu pai baixa a grelha de aço

e acerta em cheio suas canelas. O mogadoriano cai e bate a cara feia com força no chão.

O segundo guarda tenta sacar a arma, mas meu pai parte para cima dele. Os dois disputam a pistola; meu pai tem a vantagem do elemento surpresa e da adrenalina. Porém, o mogadoriano é mais forte e o joga contra o muro, a arma ainda entre os dois. Ouço meu pai deixar escapar um suspiro pesado.

Eu me atiro no primeiro guarda antes que ele consiga se recompor. Chuto sua têmpora com tanta força que sinto os dedos dos pés incharem instantaneamente dentro dos tênis gastos. Pego a arma dele, me viro e atiro.

O disparo estoura no muro ao lado da cabeça de meu pai. Miro direito e atiro outra vez.

Meu pai cospe cinza preta quando o mogadoriano se desintegra diante dele. Sem querer correr nenhum risco, atiro no mogadoriano caído a meus pés. Observo seu corpo explodir em uma lufada de fuligem no chão. É uma imagem muito agradável.

Quando levanto o rosto, meu pai está me olhando com um misto de perplexidade e orgulho.

— Belo tiro — diz. Ele pega a arma do segundo mogadoriano e espia outra vez pela quina.
— Tudo limpo, mas outros virão. Precisamos ir.

Olho mais uma vez para a base, imaginando se meus amigos ainda estão lá dentro, lutando para sobreviver. Ao sentir minha hesitação, meu pai põe a mão em meu ombro.

— Sam, sei que isso pode não significar muito agora, mas você tem minha palavra de que vamos fazer todo o possível pela Garde. Salvá-los, proteger a Terra... são os objetivos de minha vida.

— Da minha também — respondo, percebendo a verdade dessas palavras enquanto as pronuncio.

Mais uma vez, ele estica a cabeça pela quina, depois acena para mim. Corremos pelo campo aberto em direção à torre de observação destruída, onde, segundo meu pai, haverá uma passagem pela cerca. Fico meio que esperando que comecem a atirar em nós a qualquer momento, mas nada acontece. Por cima do ombro, observo as espirais de fumaça que sobem da base. Espero que a Garde e Adam saiam vivos dessa.



O velho Chevy Rambler de meu pai está estacionado exatamente onde ele disse. Dirigimos para o leste pelo deserto até chegarmos ao Texas. Não somos parados em nenhum bloqueio nem perseguidos por nenhuma patrulha secreta do governo; as estradas são escuras e vazias até nos aproximarmos de Odessa.

— Então — meu pai começa em um tom casual, como se perguntasse como foi meu dia na escola —, como você se tornou o melhor amigo de um dos Gardes?

— O nome dele é John — respondo. — Na verdade, o Cêpan dele foi procurar você em

Paradise. Nós só nos conhecíamos da escola e tínhamos, hã, alguns amigos em comum.

Olho pela janela, e observo o Texas passar em alta velocidade. Faz tempo que não penso no ensino médio, em Mark James, no esterco em meu armário e naquela corrida de carroças surreal. É difícil acreditar que um dia considere Mark e seus amigos as pessoas mais perigosas de meu mundo. Solto uma risadinha, e meu pai olha para mim.

— Conte tudo, Sam. Sinto que perdi muita coisa.

Então eu conto. Começo na parte em que conheci John na escola, pulo para a batalha no campo de futebol americano e termino com o período que passamos em fuga e com minha captura. Tenho zilhões de perguntas para meu pai, mas na verdade me sinto bem demais falando. Não é só porque passei semanas sozinho naquela cela; eu sentia falta de me abrir com meu pai.

Já é tarde quando paramos em um hotel de beira de estrada nos arredores da cidade. Embora tanto eu quanto meu pai estejamos sujos — parece que acabamos de fugir da prisão, que foi basicamente o que aconteceu —, o homem velho e cansado que aluga os quartos não nos faz perguntas.

Nosso quarto fica no segundo andar e dá vista para a piscina mal-cuidada do hotel, cheia com quantidades iguais de água marrom e opaca, folhas mortas e embalagens vazias de fast-food. Antes de subir, voltamos ao carro para pegar alguns equipamentos. Meu pai tira uma mochila do porta-malas e me entrega.

— Eram as coisas do Adam — ele diz, constrangido. — Deve haver roupas limpas aí.

— Obrigado — respondo, analisando meu pai. Seu rosto tem uma expressão aflita. — Vou guardar para ele.

Meu pai assente, mas percebo que está pensando no pior. Ele está preocupado com o mogadoriano, e de repente me pergunto se ele teve a mesma preocupação comigo durante todos os anos que passou longe.

Com um grunhido, penduro a mochila de Adam no ombro e sigo em direção ao quarto. Aparentemente, entre meu pai e Adam havia uma conexão que não consigo entender bem, e parte de mim começa a ficar com um pouco de ciúmes. Mas então ele coloca a mão em meu ombro enquanto andamos, e eu me lembro de quanto tempo passei à sua procura, e de como ele me salvou, ao custo de deixar Adam para trás. Ele abandonou o mogadoriano que, de algum modo, desenvolveu um Legado para me salvar. Afasto os pensamentos mesquinhos e tento refletir, racionalmente, sobre o significado de tudo isso.

— Como você conheceu Adam? — pergunto, enquanto ele destranca nossa porta.

— Ele me resgatou. Os mogadorianos estavam me mantendo prisioneiro. Fazendo experimentos comigo.

O quarto de hotel é pequeno e quase tão sujo quanto eu esperava. Uma barata corre para debaixo da cama quando acendemos a luz. O lugar tem cheiro de mofo. Há um pequeno

banheiro e, embora a banheira esteja salpicada de placas de limo, estou louco para tomar um banho. Comparado a me lavar com a água gelada de um balde de metal, este lugar é o paraíso.

— Que tipo de experimentos?

Meu pai se senta ao pé da cama. Eu me sento a seu lado, e juntos olhamos nossos reflexos no espelho manchado do hotel. Formamos uma dupla e tanto — sujos e abatidos depois do tempo presos. Pai e filho.

— Estavam tentando invadir minha mente. Para arrancar qualquer informação útil que eu pudesse ter sobre a Garde.

— Porque você foi um dos que recepcionou a Garde quando eles chegaram na Terra, não é? Encontramos seu *bunker* no quintal. Acabei juntando as peças.

— O comitê de boas-vindas — meu pai diz com tristeza. — Recepcionamos os loriens quando eles aterrissaram, e os ajudamos a se adaptar e a fugir. Aquelas nove crianças, todas tão apavoradas... E, mesmo assim, aquela nave aterrissando foi uma das coisas mais incríveis que já presenciei.

Sorrio, pensando na primeira vez que vi John usar seus Legados. Foi como se uma cortina se abrisse, revelando um universo de possibilidades. Todos os livros nerds sobre aliens que eu havia lido, desejando tanto que fossem verdade, de repente, eram.

— Acho que acabamos nos mostrando mais fáceis de caçar do que a Garde. Tínhamos família. Vidas que não podiam ser simplesmente extirpadas. Os mogadorianos nos encontraram.

— O que aconteceu com os outros?

As mãos de meu pai tremem um pouco. Ele suspira.

— Foram mortos, Sam. Eu sou o último.

Pelo espelho, vejo a expressão atormentada em seu rosto. Aprisionado pelos mogadorianos por todos esses anos, eu me sinto mal por pedir que ele lembre o que devem ser memórias horríveis.

— Sinto muito — digo. — Não precisamos falar sobre isso.

— Não — ele responde, resolutivo. — Você merece saber por que não estive... por que não estive presente em sua vida tanto quanto deveria.

Meu pai contrai o rosto como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa. Eu o deixo à vontade, e me abaixo para desamarrar os sapatos. Estou com os dedos dos pés inchados por ter chutado o rosto daquele mogadoriano. Começo a massageá-los com cuidado, verificando se não há nenhum osso quebrado.

— Tentavam arrancar coisas de nossa memória. Qualquer informação que os ajudasse a caçar a Garde. — Ele passa a mão pelos cabelos, esfregando o couro cabeludo. — O que fizeram comigo... deixou lacunas. Não tenho algumas lembranças. Coisas importantes... coisas

que sei que eu deveria lembrar, mas não consigo.

Dou um tapinha em suas costas.

— Vamos encontrar a Garde, e, não sei, talvez eles tenham algum modo de reverter o que os mogadorianos fizeram com você.

— Otimismo — meu pai diz, com um sorriso. — Há muito tempo não lembrava como era sentir isso.

Ele se levanta e pega sua mochila. Dali, tira um celular barato de plástico, do tipo que se vende em balcão de posto de gasolina, e olha para a tela, desamparado.

— Adam tem este número — meu pai diz. — Já deveria ter ligado para dar notícias.

— Aquilo lá estava uma loucura. Talvez ele tenha perdido o telefone.

Meu pai já está discando um número. Ele segura o celular ao ouvido, escutando. Após alguns instantes de silêncio, desliga.

— Nada — diz, sentando-se. — Acho que causei a morte daquele garoto hoje, Sam.

CAPÍTULO

QUATRO

TOMO O QUE provavelmente é o melhor banho de minha vida naquele banheiro sujo de hotel. Nem mesmo o limo escuro que se estende do ralo até as bordas retorcidas do tapete de borracha consegue estragar a experiência. É incrível sentir a água quente lavar semanas de cativo mogadoriano.

Depois de limpar o espelho embaçado, dou uma boa olhada em meu reflexo. Minhas costelas estão à mostra, e os músculos da barriga estão tão salientes que me deixam com o abdômen definido de alguém que está passando fome. Tenho olheiras escuras e meu cabelo está mais comprido do que nunca.

Então essa é a aparência de um guerreiro em prol da liberdade dos humanos.

Visto jeans e camiseta, que encontrei na mochila de Adam; tenho que apertar até o último buraco do cinto para segurar a calça, e, mesmo assim, ela fica larga no quadril. Meu estômago ronca e paro para imaginar que tipo de serviço de quarto este hotel de quinta deve oferecer. Aposto que o velho da recepção ficaria contente em nos mandar um sanduíche de queijo com guimba de cigarro.

No quarto, meu pai montou alguns de seus equipamentos. Há um laptop aberto na cama, rodando um programa que mapeia as manchetes. Ele já está tentando descobrir o que faremos em seguida. Está tarde, passou da meia-noite há muito tempo, e ainda não dormi. E, embora eu queira muito encontrar a Garde, esperava que nosso próximo passo fosse uma porção de panquecas na lanchonete mais próxima.

— Alguma coisa? — pergunto, espiando a tela do laptop.

Meu pai não dá a mínima atenção ao programa. Está sentado, encostado na parede, ainda segurando aquele celular barato e com cara de indeciso. Ele olha com indiferença para o computador.

— Ainda não.

— Ele provavelmente não vai ligar até chegar a um lugar seguro — digo.

Eu me abaixo para tirar o telefone da mão dele, mas ele o afasta.

— Não é isso — diz. — Precisamos dar outro telefonema. Estou pensando no que dizer desde que você entrou no banho e ainda não sei.

Com o dedão, ele esboça um padrão familiar no teclado do telefone, como se estivesse se preparando para discar de fato. Estou tão preso à ideia de encontrar a Garde e lutar contra os mogadorianos que, a princípio, não entendo de quem ele está falando. Quando me dou conta, desabo na cama, tão incapaz de falar quanto meu pai.

— Precisamos ligar para sua mãe, Sam.

Balanço a cabeça, concordando, mas sem saber o que dizer à minha mãe a esta altura. Na última vez que ela me viu, eu tinha acabado de sair de uma briga contra os mogadorianos em Paradise e fugia noite adentro com John e Seis. Acho que gritei que a amava por cima do ombro. Não foi minha despedida mais carinhosa, mas achei mesmo que voltaria logo. Nunca imaginei que seria aprisionado por uma raça hostil de alienígenas.

— Ela deve estar furiosa, não é?

— Furiosa comigo — meu pai diz. — Não com você. Ela vai ficar feliz por ouvir sua voz e saber que você está em segurança.

— Espere aí, você a viu?

— Paramos em Paradise antes de ir para o Novo México. Foi assim que eu soube que você tinha desaparecido.

— E ela estava bem? Os mogadorianos não foram atrás dela?

— Parece que não, mas isso não quer dizer que ela esteja bem. Ficar sem você tem sido difícil. Ela me culpou, e tinha certa razão. Não me deixou entrar em casa, o que é compreensível, então tive que dormir no *bunker*.

— Com o esqueleto?

— Sim. Mais uma lacuna na minha memória... não faço ideia de a quem pertencem aqueles ossos. — Meu pai estreita os olhos em minha direção. — Não mude de assunto.

Parte de mim teme que minha mãe me ponha de castigo pelo telefone, e a outra parte, que o som da voz dela me faça querer esquecer toda esta guerra e na mesma hora correr de volta para casa. Engulo em seco.

— É madrugada. Não deveríamos esperar até amanhã?

Meu pai balança a cabeça.

— Não. Não podemos adiar isso, Sam. Quem sabe o que nos espera amanhã?

Assim, com uma resolução repentina, meu pai disca o número de casa. Nervoso, ele segura o telefone na orelha, esperando. Tenho lembranças de minha mãe e meu pai juntos — memórias antigas que antecedem o desaparecimento dele. Os dois eram felizes. Eu me pergunto o que se passa na cabeça de meu pai, agora que ele precisa dar a notícia de que ainda não voltaremos para casa. Deve estar se sentindo tão culpado quanto eu.

— Secretária eletrônica — meu pai diz após um instante. Parece quase aliviado. Então, cobre o fone com a mão e pergunta: — Será que devo...?

Ele se cala quando ouve o bipe curto da secretária eletrônica. Sua boca se move sem emitir nenhum som enquanto ele tenta decidir o que dizer.

— Beth, aqui é... — ele gagueja, passando a mão livre pelos cabelos. — É Malcolm. Nem sei por onde começar... esta secretária eletrônica talvez não seja a melhor forma... mas estou

vivo. Estou vivo e peço desculpas, sinto muitas saudades de você.

Meu pai olha para mim, os olhos cheios d'água.

— Nosso filho está comigo. Ele... Prometo mantê-lo em segurança. Um dia, se você permitir, explico tudo. Amo você.

Ele passa o telefone para mim com a mão trêmula. Eu o pego.

— Mãe? — começo, tentando não pensar demais no que estou prestes a dizer, apenas deixando as palavras fluírem. — Eu... eu finalmente encontrei o papai. Ou ele me encontrou. Estamos fazendo algo incrível, mãe. Algo para manter o mundo seguro que, hã, não é nem um pouco perigoso, juro. Eu amo você. Voltaremos logo para casa.

Desligo o telefone, observando o aparelho por um instante antes de me voltar para meu pai. Seus olhos ainda estão brilhando quando ele estende a mão e dá um tapinha em meu joelho.

— Você foi bem — diz.

— Espero que tenha sido tudo verdade — respondo.

— Eu também.

CAPÍTULO

CINCO

OS PRIMEIROS RAIOS de sol do novo dia deslizam pelos prédios, acabando com o ar frio da noite e tornando o céu de Chicago primeiro roxo, depois rosado. Do telhado do John Hancock Center, assisto ao sol nascer lentamente sobre o Lago Michigan.

É a terceira noite seguida que venho aqui para cima, sem conseguir dormir.

Voltamos para Chicago há alguns dias; a primeira metade da viagem foi em um furgão oficial roubado, e a segunda, a bordo de um trem de carga. É muito fácil se esgueirar pelo país quando um dos companheiros de viagem fica invisível e o outro se teleporta.

Caminho no telhado, espiando pela beirada enquanto Chicago começa a ganhar vida. As ruas, artérias da cidade, não demoram a ficar cheias de carros engarrafados e pessoas andando apressadas pelas calçadas em direção ao trabalho. Balanço a cabeça quando olho para elas lá embaixo.

— Não fazem ideia do que está por vir.

Bernie Kosar se aproxima lentamente em forma de beagle. Ele se espreguiça, boceja e depois afaga minha mão com o focinho.

Eu deveria me sentir feliz por estar vivo. Enfrentamos Setrákus Ra no Novo México e não tivemos nenhuma baixa. Todos os Gardes que restaram — com exceção do ainda desaparecido Número Cinco — estão no andar de baixo, são e salvos, praticamente recuperados dos ferimentos. E Sarah também está lá. Eu a salvei.

Olho para minhas mãos. No Novo México, elas ficaram cobertas de sangue. O sangue de Ella e de Sarah.

— Eles estão à beira do fim do mundo e nem sabem.

Bernie Kosar se transforma em um pardal, sobrevoa o vão entre o John Hancock Center e o prédio ao lado e depois pousa em meu ombro.

Olho para os humanos lá embaixo, mas na verdade estou pensando na Garde. Desde que viemos para a cobertura sofisticada de Nove, tudo o que eles têm feito é relaxar. Descansar um pouco e se recuperar era sem dúvida justo; só espero que não tenham se esquecido de quão perto chegamos do fracasso total no Novo México, porque eu não consigo pensar em outra coisa.

Se Ella não tivesse encontrado um meio de ferir Setrákus e se aquela explosão em outro canto da base não afastasse o restante dos mogadorianos, não sei se teríamos conseguido sair. Se eu não tivesse o Legado de cura, com certeza Sarah e Ella teriam morrido. Não consigo tirar da cabeça a imagem de seus rostos queimados.

Nunca mais teremos tanta sorte. Se estivermos despreparados na próxima vez que enfrentarmos Setrákus Ra, nem todos sobreviverão.



Quando desço do telhado, a maioria dos outros já acordou.

Marina está na cozinha, usando a telecinesia para mexer um batedor em uma bacia com leite e ovos, enquanto, simultaneamente, esfrega algumas manchas no que antes era uma impecável bancada de ladrilhos. Desde que nós sete (e BK) nos mudamos para cá, não temos sido exatamente cuidadosos com o apartamento chique de Nove.

Marina acena quando me vê.

— Bom dia. Quer ovos?

— Bom dia. Você não cozinhou ontem à noite? Deveria ser a vez de outra pessoa.

— Eu não me importo, na verdade — Marina diz e pega, alegremente, um liquidificador de uma prateleira. — Ainda estou impressionada com este lugar. Fico com um pouco de inveja por Nove ter morado aqui por tanto

tempo. É muito diferente do que estou acostumada. É estranho querer experimentar tudo?

— Nem um pouco. — Eu a ajudo a terminar de limpar a bancada. — Enquanto estamos aqui, deveríamos pelo menos nos alternar na cozinha e na limpeza.

— É. — Marina assente, olhando para mim de soslaio. — Precisamos resolver isso.

— Que olhar foi esse?

— Não foi nada, dividir as tarefas é uma boa ideia — ela diz, depois desvia os olhos, nervosa.

Sem dúvida ela tem outra coisa em mente.

— Ah, qual é, Marina? O que é?

— É que... — Ela pega um pano de prato e o retorce enquanto fala. — Passei muito tempo vivendo sem rumo, sem saber muito bem como um Garde deveria ser. Então, Seis foi me encontrar na Espanha e me ensinou. E depois encontramos você e Nove, pouco antes de entrarmos em uma batalha contra o mogadoriano mais maléfico do mundo. Pensei... Uau, esses três sabem mesmo o que estão fazendo. Sabem se virar.

— Hã, obrigado.

— Mas já faz dias que chegamos e estou começando a sentir aquilo de novo. Que não sabemos o que estamos fazendo. Então, acho que o que quero saber é se existe um plano além das tarefas domésticas.

— Estou pensando nisso — murmuro.

Não quero contar a Marina que nosso próximo passo, ou a ausência dele, é o que tem me tirado o sono à noite. Não temos ideia de onde Setrákus Ra pode estar entocado depois do confronto no Novo México, e, mesmo que tivéssemos, acho que ainda não estamos prontos para enfrentá-lo. Poderíamos procurar pelo Número Cinco; o tablet localizador que encontramos no *bunker* subterrâneo de Malcolm Goode nos indicou um ponto no litoral da Flórida que tem grandes chances de ser ele. E também tem Sam. Sarah jurou que o viu no Novo México, mas não o encontramos em Dulce. Como aparentemente Setrákus Ra é capaz de assumir a forma de outras pessoas, estou começando a acreditar que foi ele que ela viu, e que Sam está preso em outro lugar. Se é que está vivo.

São muitas decisões a tomar, sem contar que deveríamos estar treinando. Mesmo assim, tenho feito corpo mole nos últimos dias, estou muito preso ao nosso quase fracasso no Novo México para me concentrar em um novo plano. Talvez seja o conforto da cobertura de Nove depois de uma experiência de quase morte, para não falar nos anos de fuga que todos nós enfrentamos, mas parece que o grupo inteiro precisa de uma pausa.

Se algum deles está se sentindo culpado por não ter um plano adequado, não demonstrou.

Ah, e existe outra questão me distraindo também. Acho que, assim como Marina quer experimentar todos os utensílios da cozinha chique de Nove, eu quero passar um tempo a sós com Sarah. Imagino o que Henri acharia disso. Ficaria decepcionado com minha falta de foco, eu sei, mas não consigo evitar.

Como se adivinhasse, Sarah chega por trás e abraça minha cintura, aninhando o rosto em minha nuca. Eu estava tão absorto em meus próprios pensamentos que sequer a ouvi entrar na cozinha.

— Bom dia, querido — Sarah diz.

Eu me viro e lhe dou um beijo demorado e suave.

Apesar da tensão que tenho sentido, estou me acostumando com manhãs como esta. Manhãs nas quais posso acordar e beijar Sarah, depois passar um dia normal com ela e ir dormir sabendo que ela estará ali no dia seguinte.

Sarah aproxima o rosto do meu.

— Você acordou cedo de novo — ela sussurra.

Eu sorrio; achei que houvesse conseguido sair de fininho da cama de manhã, sem fazer barulho, para ir ao telhado refletir.

— Está tudo bem? — Sarah pergunta.

— Está, claro — digo, tentando distraí-la com outro beijo. — Você está aqui. Como as coisas poderiam não estar bem?

Marina pigarreia, talvez com medo de que comecemos a nos agarrar ali mesmo na cozinha. Sarah pisca para mim e vira as costas, pega o batedor flutuante de Marina no ar e assume o controle dos ovos.

— Ah — Sarah diz, olhando para mim. — Nove está procurando por você.

— Ótimo — respondo. — O que ele quer?

Ela dá de ombros.

— Não perguntei. Talvez compartilhar algumas dicas de moda. — Pensativa, ela toca os lábios com um dedo, me analisando. — Na verdade, talvez não seja má ideia.

— Como assim?

Sarah pisca para mim.

— Ele perdeu a camisa. De novo.

Eu suspiro, saindo da cozinha para encontrar Nove. Sei que esta cobertura é a casa dele e que isso lhe dá o direito de ficar à vontade, mas Nove fica andando por aí sem camisa sempre que pode. Não sei se espera que as garotas comecem a se jogar em cima dele de repente ou se está apenas exibindo os músculos para me irritar. Provavelmente, as duas coisas.

Encontro Seis na espaçosa sala de estar da cobertura. Está sentada em cima das pernas em um sofá branco de tecido aveludado e aninha uma xícara de café entre as mãos. Não conversamos muito desde que voltamos do Novo México, ainda não estou confortável perto dela e de Sarah ao mesmo tempo. Acho que Seis também se sente assim, porque tenho a clara impressão de que está me evitando. Quando entro, ela levanta o rosto com os olhos entreabertos e sonolentos. Parece tão cansada quanto eu.

— Oi — digo. — Como foi ontem?

Seis balança a cabeça.

— Ela passou a noite em claro. Só agora está descansando direito.

Acrescente os pesadelos de Ella à lista de problemas com os quais precisamos lidar. Eles têm sido frequentes desde que deixamos o Novo México, e são tão violentos que Seis e Marina estão se revezando para dormir no quarto com ela, na tentativa de que ela não se apavore demais.

Baixo a voz.

— Ela conta para você o que vê?

— Fragmentos — Seis diz. — Não tem falado muito, sabe.

— Antes do Novo México, Nove e eu tivemos visões que se pareciam muito com pesadelos — digo, tentando entender o que está acontecendo.

— Oito mencionou algo do tipo.

— A princípio achamos que Setrákus Ra tivesse encontrado um jeito de nos atormentar, mas as visões também pareciam um tipo de aviso. Pelo menos era assim que eu as interpretava. Talvez devêssemos tentar descobrir o que as de Ella significam.

— Claro, acho que podem ser alguma mensagem codificada — Seis diz em um tom seco. — Mas já passou por sua cabeça que existe uma explicação mais simples?

— Como o quê?

Seis revira os olhos.

— Como o fato de Ella ser uma criança, John. O Cêpan dela acabou de morrer, ela mesma quase foi morta há poucos dias, e quem sabe o que a espera no futuro? Droga, fico surpresa por cada um de nós não ter pesadelos toda santa noite.

— Que ideia reconfortante!

— Esta não é uma época muito reconfortante.

Antes que eu consiga responder, Oito aparece no sofá ao lado de Seis. Ela se assusta, quase derramando o café, e lança um olhar cortante para ele, que levanta as mãos na defensiva.

— Ei, desculpe — ele diz. — Não me mate.

— Você precisa parar de fazer isso — Seis adverte, ajeitando a xícara.

Oito está usando roupas esportivas, com o cabelo encaracolado preso para trás com uma faixa felpuda. Ele me cumprimenta com a cabeça, depois direciona seu sorriso mais irresistível a Seis.

— Ah, qual é? — Oito diz. — Você pode descontar em mim na Sala de Aula.

Seis se levanta, satisfeita com a ideia.

— Vou dar uma surra em você.

— O que estão treinando? — pergunto.

— Corpo a corpo — Oito responde. — Como Seis praticamente me assassinou no Novo México, achei que...

— Pela última vez, não era eu — ela interrompe, irritada.

— ... o mínimo que podia fazer era me ensinar alguns golpes novos, para que eu consiga me defender de seu próximo ataque.

Seis tenta socar o braço de Oito, mas ele rapidamente se teleporta para trás do sofá.

— Viu? — Oito sorri. — Já estou rápido demais para você!

Seis pula o sofá para pegá-lo, mas Oito sai correndo em direção à Sala de Aula. Antes de começar a persegui-lo, ela olha para mim.

— Talvez você devesse tentar conversar com Ella — aconselha.

— Eu?

— Sim. Talvez consiga descobrir se as visões têm algum significado ou se ela só está traumatizada.

Assim que Seis sai da sala, ouço um baque pesado no chão atrás de mim. Eu me viro e encontro Nove sorrindo; sem camisa, exatamente como Sarah disse que ele estaria, segurando um bloco de papel com as mãos fortes. Olho para o teto.

— Quanto tempo você ficou lá em cima?

Nove dá de ombros.

— Penso melhor de cabeça para baixo, cara.

— Não sabia nem que você pensava.

— Ok, nada mais justo, em geral você pensa por todos nós. — Ele empurra o bloco para mim. — Mas dê uma olhada nisso.

Pego o bloco e começo a folheá-lo. As páginas estão cobertas com plantas baixas desenhadas com o traço preciso de Nove. É uma espécie de arquitetura de alguma base militar e, ainda assim, é estranhamente familiar.

— Isto aqui é...?

— West Virginia — Nove declara, orgulhoso. — Cada detalhe que consegui lembrar. Vai ser útil quando atacarmos o lugar. Tenho certeza de que é lá que aquele babaca do Setrákus está se escondendo.

Eu me sento no sofá, jogando o bloco na almofada a meu lado.

— Quando eu quis atacar a caverna, você foi totalmente contra.

— Só depois que você deu de cara com um campo de força que nem um pateta — ele responde. — Eu disse que precisávamos de mais gente. Agora temos mais gente.

— Por falar nisso, você já checkou o tablet hoje?

Nove assente.

— Até agora Cinco está parado.

Estamos de olho em nosso tablet de localização desde que voltamos para Chicago. Cinco, o único Garde com quem não fizemos contato, passou os últimos dias em uma ilha próxima à costa da Flórida. Antes de irmos para o Novo México, ele esteve na Jamaica. Está se locomovendo de acordo com o protocolo de fuga lórico. Encontrá-lo, mesmo com o tablet para nos indicar a direção, pode não ser fácil.

— Agora que tivemos a chance de descansar, acho que devemos dar prioridade a isso. Quanto mais Gardes melhor, certo?

— E talvez, enquanto estivermos procurando Cinco, Setrákus Ra prepare uma invasão à Terra em escala total.

— Nove dá um tapa em seu bloco para enfatizar. — Nós o deixamos fugir. Precisamos acabar com ele agora.

— Fugir? — pergunto, encarando Nove. — Não é disso que me lembro.

— O quê? Ele recuou, não foi?

Balanço a cabeça.

— Você acha que está pronto para uma nova luta?

— Diga você.

Nove flexiona um dos braços para trás do corpo e estica o outro sobre a cabeça, em uma pose de fisiculturista. Não consigo evitar uma risada.

— Tenho certeza de que ele vai se intimidar com um alongamento.

— Pelo menos é mais intimidador do que ficar sentado sem fazer nada — rebate Nove, caindo no sofá a meu

lado.

— Acha mesmo que deveríamos atacar West Virginia? Depois da surra que levamos em Dulce?

Nove olha para os próprios punhos, abrindo-os e fechando-os, provavelmente relembrando quão perto chegou de ser aniquilado por Setrákus. Quão perto todos nós chegamos.

— Não sei — ele diz após uma pausa. — Só queria entregar isso para você saber que tem uma opção, está bem? Pode achar que não sou, tipo, capaz de entender minhas limitações e tal... mas lá no Novo México eu talvez tenha perdido um pouco a noção quando tentei enfrentar Setrákus sozinho. Seis também sumiu, Oito foi destruído e todos os outros estavam na mira. Mas você manteve a cabeça no lugar, cara. Você nos manteve juntos. Todo mundo sabe disso. Ainda não acredito nessa sua besteira de ser a reencarnação de Pittacus, ou seja lá o que for, mas você tem aquele espírito de capitão do time. Então você lidera, e eu detono. É o que cada um faz melhor.

— Melhor? Não sei, não... Seis também é boa de briga.

Nove solta um risinho.

— É, ela foi do caramba com aquele casulo bizarro no teto. A questão não é essa, Johnny. A questão é que você precisa me dizer no que bater. E tem que ser logo, ou vou acabar enlouquecendo confinado aqui em cima.

Olho outra vez o bloco de Nove. Pelo visto, ele começou a fazer os desenhos assim que voltamos do Novo México. Por mais falastrão que seja, ao menos está dando o melhor de si para encontrar um modo de combater os mogadorianos. Enquanto isso, estou preso nesta rotina, sem conseguir dormir, repassando as mesmas ideias sozinho no telhado.

— Queria que Henri estivesse aqui — digo. — Ou Sandor. Para falar a verdade, qualquer Cêpan. Alguém que pudesse nos dizer o que fazer a seguir.

— Bom, eles estão mortos — Nove responde francamente. — Agora depende de nós, e é você que sempre tem as ideias. Droga, na última vez que não cooperei com seu plano, quase tive que jogá-lo de um telhado.

— Não sou um Cêpan.

— Não, mas é um maldito sabe-tudo. — Nove me dá um tapa forte nas costas, o que, acabei percebendo, é o mais perto que ele consegue chegar de afeto de verdade. — Pare de choramingar, corte os amassos com sua namoradinha humana e crie um plano genial.

Uma semana antes, eu teria ficado irritado por ouvir Nove me chamar de chorão e me alfinetar por causa de Sarah. Agora, sei que só está tentando me motivar. Essa é sua versão de uma conversa encorajadora, e, por mais constrangedor que seja, de certa forma eu precisava ouvir isso.

— E se eu não conseguir bolar um plano? — pergunto em voz baixa.

— Isso, John, simplesmente não é uma opção.

CAPÍTULO

SEIS

ESTOU DE VOLTA ao telhado do John Hancock Center. Desta vez, não vim sozinho.

— Não precisamos conversar sobre esse assunto se você não estiver pronta — digo gentilmente, olhando para a silhueta encolhida, sentada com as pernas cruzadas a meu lado.

Ella tem um cobertor enrolado nos ombros, embora não esteja tão frio no telhado. Por alguma razão, parece menor que de costume, e eu me pergunto se o estresse está causando alguma regressão em sua idade. Sob o cobertor, está usando uma das camisas de flanela velhas de Nove, que vai até seus joelhos. Nos últimos tempos, parece que ela só consegue dormir em paz à tarde. É provável que nem saísse da cama o dia inteiro se Marina não a tivesse incentivado a vir aqui conversar comigo.

— Vou tentar — ela diz, sua voz difícil de ouvir com o vento. — Marina disse que talvez você possa ajudar.

Obrigado, Marina, penso. Mal falei com Ella a sós desde que nos conhecemos no Novo México. Acho que esta é uma boa oportunidade para conhecê-la um pouco mais, embora eu preferisse que fosse em circunstâncias melhores. Quero muito ajudá-la; só não tenho certeza de que saberei fazer isso... Não sou nem de longe especialista nessas visões, nem psiquiatra, se for disso que ela precisa. Esse é o tipo de conversa que normalmente ficaria a cargo de um Cêpan, mas, como Nove lembrou mais cedo, não temos mais nenhum.

Tento parecer confiante.

— Marina está certa. Eu já tive sonhos.

— Sonhos com ele? — Ella pergunta e, pela voz baixa, fica claro de quem ela está falando.

— Sim — respondo. — Aquele monstro horrível passou tanto tempo em minha cabeça que eu deveria ter cobrado aluguel.

Ella esboça um sorriso e se levanta, chutando um cascalho solto pelo telhado. Hesitante, coloco a mão em seu ombro. Ela suspira, como se estivesse aliviada.

— Sempre começa do mesmo jeito — diz. — Estamos de volta à base, combatendo Setrákus e seus subordinados. Estamos, você sabe... perdendo.

Eu assinto:

— É, eu me lembro dessa parte.

— Pego um pedaço de metal do chão. Não sei bem o que é, talvez parte de uma espada. Quando o toco, ele começa a brilhar em minha mão.

— Espere aí — digo, tentando compreender essa parte. — Foi isso que aconteceu ou é só no sonho?

— Foi isso que aconteceu — ela diz. — Eu estava assustada e só peguei a primeira coisa que vi. Meu grande plano era apenas arremessar coisas até ele parar de bater em Nove.

— De onde eu estava, parecia algum tipo de dardo — digo, lembrando a luta, com toda a fumaça e o caos. — Um dardo brilhante. Achei que fosse alguma coisa que você tivesse conseguido em sua arca.

— Eu nunca tive arca — Ella responde, emburrada. — Acho que se esqueceram de colocar a minha na bagagem.

— Ella, sabe o que eu acho? — Estou tentando reconfortá-la, mas é difícil afastar a empolgação de minha voz. — Acho que você desenvolveu um novo Legado lá, e todos nós estávamos apavorados demais para perceber.

Ella olha para as próprias mãos.

— Não entendo.

Pego um punhado de pedras soltas do telhado e as levo até ela.

— Acho que você fez alguma coisa com aquele pedaço quebrado de espada. E, quando atingiu Setrákus Ra com ele, você o feriu.

— Ah — ela murmura, sem animação alguma na voz.

— Acha que conseguiria fazer de novo? — Ofereço as pedras a ela.

— Não quero — ela responde em um tom agressivo. — Pareceu... errado, de alguma forma.

— Você só estava assustada... — Começo a dizer, tentando encorajá-la, mas quando ela se afasta de mim percebo que cometi um erro. Ela ainda está abalada por causa da luta, desses sonhos, de seus Legados. Deixo as pedras caírem no telhado. — Todos nós estávamos. Não tem problema. Podemos pensar nisso depois. Termine de me contar seus sonhos.

Ela passa um tempo quieta, e imagino que talvez esteja se retraindo por completo. Mas, após um instante, recomeça:

— Eu jogo o pedaço de metal, que fica preso dentro dele. Assim como aconteceu na base. Só que no meu sonho, em vez de recuar, Setrákus se vira e me encara. Todo mundo desaparece, todos vocês, e ficamos só ele e eu naquele salão enfumaçado.

Ella envolve a si mesma com os braços, tremendo.

— Ele retira o dardo e sorri para mim. Sorri para mim com aqueles dentes horríveis. Fico presa ali, parada como uma idiota enquanto ele se aproxima e toca meu rosto. Tipo, faz um carinho com as costas da mão. A pele dele é gelada. E então ele fala comigo.

Também estou quase tremendo, para ser sincero. A imagem de Setrákus Ra indo até Ella e tocando-a com sua mão nojenta revira meu estômago.

— O que ele diz? — pergunto.

— Hmmm... — Ela faz uma pausa, baixando a voz. — Ele diz “aí está você” e depois “estava procurando você”.

— E depois, o que acontece?

— Ele... ele se ajoelha. — A voz dela é um sussurro apavorado. — Com as duas mãos, segura a minha e me pergunta se eu li a carta.

— Que carta? Você sabe do que ele está falando?

Ella ajusta mais o cobertor em torno dos ombros, sem olhar para mim.

— Não.

Pela forma como Ella responde, dá para ver que não está sendo totalmente honesta. Existe algo nessa carta — seja o que for — que está mexendo com ela quase tanto quanto as visões com Setrákus Ra. De acordo com sua descrição, não sei se esses sonhos são parecidos com os que já tive, como aquele em que Setrákus me mostrava Sam sendo torturado a fim de me atrair para um combate, ou se Seis está certa e esses pesadelos não passam do resultado de todas as coisas terríveis que Ella tem vivido nos últimos tempos. Não quero pressioná-la ainda mais; ela já parece estar à beira das lágrimas.

— Eu queria poder dizer que consigo acabar com esses sonhos — começo, e me pego fazendo a melhor imitação possível de Henri —, mas não posso. Não sei qual é a causa deles. Só sei que podem ser bem dolorosos.

Ella assente, parecendo decepcionada.

— Ok.

— Se sonhar com ele outra vez, apenas se lembre de que ele não pode machucá-la. E, quando ele tentar segurar sua mão, dê um soco bem no meio daquela cara horrível.

Ella abre um sorriso.

— Vou tentar.



Não sei se alguma coisa que eu disse ajudou Ella, mas um detalhe de nossa conversa não me sai da cabeça. O que quer que ela tenha jogado em Setrákus Ra, estou certo de que foi fruto do desenvolvimento de seu novo Legado. Ela carregou aquele projétil, e de algum modo aquilo o feriu, ou ao menos o distraiu bastante para que pudéssemos recuperar nossos Legados. Agora só preciso convencê-la a tentar fazer isso de novo, e, com sorte,

descobrir do que esse novo Legado é capaz. Se funcionou uma vez, talvez volte a funcionar. Se pretendo bolar um plano para matar Setrákus Ra, preciso de todas as armas que tiver à minha disposição.

Desço para a Sala de Aula na esperança de encontrar alguma coisa em minha arca ou no arsenal de Nove que possa ajudar a trazer à tona o Legado de Ella. Eu me lembro de quando Henri usou a pedra que se aquecia para me ajudar a controlar o Lúmen. E me pergunto se algo parecido a ajudaria.

Estou imerso em pensamentos quando ouço o som abafado de tiros.

Eu me contraio automaticamente, me abaixando, e minhas mãos se aquecem conforme o Lúmen desperta. É o instinto. Conheço a diferença entre as armas mogadorianas e as da coleção de Nove, que alguns dos outros pegaram para treinar. Também compreendo que estamos seguros aqui, pelo menos por enquanto; se os mogadorianos soubessem onde estamos, todos nós reunidos, seu ataque seria muito mais barulhento que o disparo de uma arma. Apesar de saber tudo isso, meu coração está disparado e estou pronto para a luta. Acho que Ella não é a única que ficou alarmada com a batalha no Novo México.

Empurro as pesadas portas duplas da Sala de Aula, minhas mãos brilhando suavemente, pois ainda estou um pouco nervoso. Espero encontrar Nove enfiando um revólver no coldre com um giro, no estilo fora da lei, atirando em alvos de papel para se distrair.

Em vez disso, vejo Sarah disparando o último tiro de uma pequena pistola. A bala rasga o ombro de um mogadoriano de papel pendurado do outro lado da sala.

— Nada mau — Seis diz ao retirar os protetores de ouvido.

Ela está parada ao lado de Sarah, observando sobre seu ombro. Seis usa a telecinesia para aproximar o mogadoriano de papel. A maioria dos tiros de Sarah o acertou nas extremidades, braços e pernas. Um, entretanto, pegou bem entre os olhos. Sarah enfia o dedo nesse buraco.

— Posso melhorar — ela diz.

— Não é tão fácil quanto ser líder de torcida, hein? — Seis pergunta, bem-humorada.

Sarah retira o cartucho usado e carrega um novo.

— Dá para notar que você nunca tentou um duplo twist estendido.

— Eu nem sei o que é isso.

Enquanto observo essa cena se desenrolar, me sinto repentina e inexplicavelmente nervoso. Sem dúvida, há algo no fato de Sarah segurar uma arma que a torna atraente e perigosa, de um jeito que eu nunca havia levado em consideração. Mas também me faz sentir culpado, como se eu fosse o responsável por ela estar presa aqui, treinando tiro ao alvo, em vez de estar em Paradise, levando uma vida normal. Além do mais, não contei a Sarah que beijei Seis, nem conversei sobre isso com Seis, e agora as duas estão lado a lado. Sei que devo abrir o jogo com Sarah. Em algum momento. Quando ela não estiver segurando uma arma carregada, quem sabe?

Pigarreio, tentando parecer despreocupado.

— Oi, o que está acontecendo?

As duas se viram para mim. Sarah abre um grande sorriso e acena com a mão que não está com a arma.

— Oi, amor — ela diz. — Seis estava me ensinando a atirar.

— É, legal. Não sabia que você queria aprender.

Seis me lança um olhar estranho, como se perguntasse “quem não gostaria de aprender a atirar?”. Um momento constrangedor se segue entre nós, e fico quase furioso com o fato de ela dar aulas a Sarah sem minha permissão. Não que Sarah precise de minha permissão para fazer qualquer coisa. A situação toda me deixa perturbado, e deve estar na cara, porque Seis pega a pistola da mão de Sarah. Ela trava a arma e a guarda no coldre.

— Acho que por hoje chega — Seis diz. — Vamos treinar mais amanhã.

— Ah — Sarah responde, parecendo decepcionada. — Tudo bem.

Seis dá um tapinha no braço dela.

— Bons tiros — diz, e depois me encara com um sorriso rígido que não sei bem como interpretar. — Até mais, gente — continua, passando por mim como um raio e saindo porta afora.

Sarah e eu ficamos em silêncio por um instante, as luzes da Sala de Aula zumbindo no teto.

— Então — começo, sem jeito.

— Você está estranho — ela diz, olhando para mim com a cabeça inclinada para o lado.

Pego o mogadoriano de papel, examinando o desempenho de Sarah enquanto penso no que dizer.

— Eu sei. Desculpe. É que nunca pensei em você armada e perigosa.

Sarah franze as sobrancelhas para mim.

— Se vou ficar com você, não quero ser uma donzela em apuros.

— Você não é.

— Ah, qual é? — Ela dá uma risada de desdém. — Quem sabe quanto tempo eu teria ficado apodrecendo no Novo México se você não tivesse aparecido? E depois, John, você praticamente me ressuscitou.

Passo o braço em torno de Sarah, sem querer pensar nela a meus pés, quase morta.

— Eu nunca deixaria nada acontecer com você.

Ela me afasta.

— Não dá para afirmar isso. Você não pode fazer tudo, John.

— É — digo. — Estou começando a perceber.

Sarah olha para mim.

— Sabe, pensei em ligar para meus pais hoje. Já faz semanas. Queria dizer a eles que estou bem.

— Isso não é uma boa ideia. Os mogadorianos ou o governo podem ter grampeado o telefone de sua casa. Podem estar nos rastreando.

As palavras são muito frias, quase imediatamente me arrependo de dizê-las, e percebo com que rapidez estou me transformando em um líder prático e paranoico. Mas Sarah não parece ofendida. Na verdade, parece que era exatamente o que esperava que eu falasse.

— Eu sei — ela diz, assentindo. — Pensei a mesma coisa, e foi por isso que não cheguei a ligar. Não quero ir para casa. Quero ficar aqui com vocês e lutar. Mas não tenho nenhum superpoder lórico. Sou só um peso morto. Quero saber atirar para ser mais do que isso.

Seguro a mão de Sarah.

— Você é mais do que isso. Preciso de você aqui, comigo. Você é basicamente a única coisa que me impede de enlouquecer.

— Entendo — ela diz. — Você vai salvar a droga do mundo, e eu vou ajudar. Aquela coisa, tipo, por trás de todo grande homem existe uma grande mulher? Posso ser isso para você. Mas quero ser uma grande mulher com uma ótima mira.

Não consigo evitar uma risada, e a tensão entre nós vai embora. Beijo a mão de Sarah; ela passa os braços em volta de minha cintura e nos abraçamos. Não sei por que eu estava tão ansioso; a presença de Sarah só facilita as coisas. Criar um plano de batalha para derrubar os mogadorianos? Sem problemas. E aquele beijo em Seis não parece mais ter importância.

Oito se teleporta para a sala com uma lufada de ar. Ele está empolgado, os olhos arregalados, mas fica sem graça quando nos vê.

— Opa — Oito diz. — Desculpe, não estava esperando pegação.

Sarah solta uma risadinha, e eu finjo um olhar furioso para Oito.

— Espero que seja importante.

— Vocês deveriam ir à oficina para ver com os próprios olhos. Preciso chamar os outros.

Com essa mensagem enigmática, Oito se teleporta para outro lugar. Sarah e eu nos entreolhamos, depois saímos às pressas da Sala de Aula e entramos na antiga oficina de Sandor.

Nove já está lá, observando de braços cruzados as várias telas na parede. Estão todas sintonizadas na mesma imagem, um noticiário de um canal local da Carolina do Sul. Nove pausa a transmissão quando entramos, congelando a imagem de um âncora de cabelo grisalho.

— Liguei alguns dos antigos programas de Sandor no outro dia — Nove explica. — Eles mapeiam feeds de notícias para encontrar coisas suspeitas que possam ter relação com Lorien.

— Sim, Henri rodava a mesma coisa.

— Aham, típica chatice de Cêpan, não é? Só que hoje isto apareceu.

Nove reinicia a transmissão, e o âncora volta a ler o teleprompter.

“As autoridades não sabem como explicar o vandalismo que ocorreu na plantação de uma fazenda local no começo da manhã de ontem. A teoria mais provável é um trote de ensino médio, mas outros levantam a hipótese...”

Paro de prestar atenção nas teorias do âncora quando começam a exibir a imagem aérea de um emblema retorcido em forma de labirinto queimado no milharal. Pode parecer um trote adolescente para o jornalista, mas nós o reconhecemos imediatamente. Queimado naquele campo, com a precisão de uma navalha, está o símbolo lórico de Cinco.

CAPÍTULO

SETE

- SE CINCO ESTÁ tentando nos encontrar, essa é uma das maneiras mais idiotas possíveis — diz Nove.
- Ela pode estar assustada e sozinha — responde Marina delicadamente. — Fugindo.
- Nenhum Cêpan em sã consciência sairia queimando plantações, então ele deve estar sozinho. Mesmo assim... — Nove se cala e franze a testa. — Espere aí... como assim “ela”? Cinco é uma garota?
- Marina revira os olhos ao ouvir “garota”, depois balança a cabeça.
- Não sei. É só um chute.
- Incendiar plantação parece coisa de homem — Seis comenta.
- Lembro que Henri leu uma matéria sobre uma garota que tirou um carro de cima de alguém na Argentina — digo. — Sempre achamos que pudesse ser Cinco.
- Para mim, parece sensacionalismo — Seis retruca.
- Não importa se é homem ou mulher — Nove interrompe, indicando as telas. — Medo não precisa significar estupidez.
- Percebo que concordo com Nove. Presumindo que essa mensagem seja mesmo de Cinco, e não uma armadilha mogadoriana elaborada, é uma péssima maneira de chamar nossa atenção. Porque, se nós notamos, sem dúvida os mogadorianos também notaram.
- Estamos todos amontoados na oficina de Sandor. Nove deixou o noticiário pausado na cena aérea do símbolo lórico enquanto decidimos o que fazer. Abro o Macrocosmo de minha arca, e o sistema solar holográfico de Lorien flutua tranquilamente acima da mesa.
- Ele não deve ter aberto a arca — digo. — Senão, teria aparecido no globo.
- Oito está a meu lado, segurando um cristal de comunicação vermelho que tirou de sua arca. É o mesmo que encontramos na de Nove e usamos para tentar enviar uma mensagem para Seis quando ela estava na Índia.
- Você está aí, Cinco? — Oito faz a pergunta direcionada ao cristal. — Se estiver, é melhor parar de incendiar coisas.
- Acho que Cinco só pode ouvir se a arca dele estiver aberta — explico. — E, nesse caso, teria aparecido no Macrocosmo.
- Ah — murmura Oito, baixando o cristal. — Eles não podiam ter colocado celulares em nossa bagagem?
- Nesse meio-tempo, Nove conectou nosso tablet de localização a um dos computadores de Sandor. A imagem do noticiário desaparece e é substituída por um mapa da Terra. Há um amontoado de pontos azuis piscando em Chicago — somos nós. Mais ao sul, outro ponto se move com extrema velocidade das Carolinas rumo ao centro do país. Nove olha para mim.
- Ele percorreu muitos quilômetros desde que cheguei hoje de manhã. E também é a primeira vez que entra no continente.
- Seis aponta para a tela, traçando uma linha até a localização do milharal queimado.
- Faz sentido. Seja quem for, está fugindo.
- Mas está se deslocando muito rápido — Sarah comenta. — Será que pegou um avião em algum lugar?
- De repente, o ponto na tela faz uma curva abrupta para o norte, cruzando o Tennessee.
- Não acho que aviões se movam assim — Seis diz, franzindo as sobrancelhas.
- Supervelocidade? — Oito pergunta.
- Observamos o ponto azul passar direto por Nashville sem desacelerar nem mudar de direção em momento algum.
- É impossível atravessar uma cidade com essa velocidade em uma linha reta — Seis diz.
- Filho da mãe — Nove resmunga. — Acho que esse idiota voa.

— Bom, teremos que esperar até que ele pare — digo. — Talvez então abra a arca, e então poderemos enviar uma mensagem. Vamos vigiar em turnos. Precisamos chegar a Cinco antes dos mogadorianos.



Marina se oferece para o primeiro turno. Fico na oficina depois que os outros saem. Mesmo com toda essa agitação por causa de Cinco, não me esqueci de nossos outros problemas, sobretudo Ella e seus pesadelos.

— Conversei com Ella hoje — digo. — Nos pesadelos, Setrákus Ra pergunta se ela abriu alguma carta. Alguma ideia do que isso pode significar?

Marina desvia os olhos do ponto onde o indicador de Cinco segue piscando por Oklahoma.

— Será que é a carta de Crayton?

— O Cêpan dela?

— Na Índia, pouco antes de morrer, Crayton entregou a ela uma carta. — Marina franze a testa. — Com tudo o que aconteceu, quase me esqueci disso.

— Ela não leu? — pergunto, meio impaciente. — Estamos em guerra, pode ser importante.

— Não acho que seja fácil para ela, John — Marina diz, sensata. — São as últimas palavras de Crayton. Ler a carta seria admitir que ele se foi mesmo e não vai mais voltar.

— Mas ele se foi — retruco rápido.

Rápido demais. Faço uma pausa, me lembrando de quando Henri foi morto. Ele era como um pai para mim e, mais do que isso, era a única estabilidade na vida constantemente em fuga que eu levava. Pensar em Henri era como pensar em casa, onde quer que ele estivesse era um lugar seguro. Perdê-lo foi como ter o chão arrancado de debaixo de meus pés. E eu também era mais velho que Ella quando isso aconteceu. Não deveria esperar que ela conseguisse superar com tanta facilidade.

Sento ao lado de Marina, suspirando.

— Henri, meu Cêpan, também me deixou uma carta. Entregou quando estava morrendo. Passamos dias na estrada antes que eu conseguisse me forçar a ler.

— Viu? Não é assim tão fácil. Além do mais, se Setrákus Ra aparecesse em meus sonhos e me dissesse para fazer alguma coisa, sem dúvida eu faria o contrário.

Assinto.

— Eu entendo. Mesmo. Ela precisa passar pelo luto. Não tive a intenção de parecer insensível. Quando tudo isso terminar, quando nós vencermos, vamos ter tempo para lamentar pelas pessoas que perdemos. Mas até lá precisamos reunir todas as informações que pudermos e descobrir qualquer coisa que possa contar a nosso favor. — Aceno para a tela com a localização de Cinco. — Precisamos parar de esperar a próxima crise e começar a agir.

Marina reflete sobre o que acabei de dizer, observando o Macrocosmo holográfico da Terra que deixamos flutuando para o caso de Cinco abrir sua arca. Provavelmente era isso que ela esperava ouvir hoje de manhã, ao perguntar delicadamente se eu tinha um plano para nós. Naquela hora eu não tinha, e na verdade ainda não tenho, mas sem dúvida o primeiro passo é descobrir os recursos que possuímos, e Ella é crucial para isso.

— Vou conversar com Ella — Marina diz. — Mas não vou forçá-la a fazer nada.

Levanto as mãos.

— Não estou pedindo isso. Vocês são próximas. Talvez você possa dar um empurrãozinho.

— Vou tentar — ela diz, por fim.

Oito aparece na porta da oficina segurando duas xícaras de chá. O rosto de Marina se ilumina quando o vê, embora ela desvie os olhos de imediato, parecendo repentinamente muito interessada no Macrocosmo. Percebo um rubor crescente em suas bochechas.

— Oi — Oito diz, colocando o chá na mesa. — Desculpe, eu, hã, só fiz duas xícaras.

— Tudo bem — respondo, notando um olhar significativo de Oito. De repente, sinto que estou sobrando. — Eu já estava saindo.

Eu me levanto, e Oito ocupa meu lugar diante do Macrocosmo. Antes mesmo que eu saia, Oito sussurra alguma piada que faz Marina dar uma risadinha. Tenho estado tão concentrado em Sarah e em minha dolorosa tarefa de bolar um plano de batalha que não pensei muito na quantidade de tempo que Marina e Oito têm passado juntos. Isso é bom. Todos nós merecemos um pouco de felicidade, considerando a situação em que nos encontramos.



Está quase amanhecendo quando Oito entra em nosso quarto, acordando Sarah e a mim. Os outros já estão reunidos na oficina. Seis está sentada diante dos computadores, ao lado de Marina.

— Outra manobra débil de nosso camarada perdido — Nove diz como forma de cumprimento.

Ele está de pé na parede, usando seu Legado de antigravidade. Ella está sentada de pernas cruzadas nas costas dele, enrolada no cobertor. Arqueio uma sobrancelha para ela.

— Conseguiu dormir um pouco?

— Não quero — Ella diz.

— Ella está ajudando com meu treinamento de força — Nove anuncia.

Ele arqueia as costas, empurrando-a. Ela quase cai de cima dele, mas ri — uma risada rara — e se segura. Depois lhe dá um tapa irritado nas costas.

— Nem senti.

Ignorando os outros, Seis se volta para mim.

— Cinco parou há mais ou menos uma hora. Depois voltou a se mover.

Olho para a tela do tablet. O indicador de Cinco cruzou o oeste desde a última vez que chequei. Agora ronda a fronteira leste do Arkansas.

— O gênio só ficou parado tempo suficiente para nos enviar outra mensagem — reclama Nove.

Marina lança um olhar de reprovação a Nove.

— Precisamos mesmo criticar o que Cinco faz? Ele ou ela deve estar sozinho e assustado.

— Querida, passei meses em uma cela mogadoriana por causa de minha estupidez. Conquistei o direito de dar opiniões... ai.

Ella bate nas costas de Nove outra vez, e ele se cala. Continuo concentrado em Seis e na tela do computador.

— Conte o que aconteceu.

— Há uma hora, postaram esse comentário em uma matéria sobre o incêndio na plantação — Seis diz, atendo-se aos fatos.

Ela abre uma janela e a arrasta para um ponto onde todos podemos ver na tela grande.

Anônimo: Cinco procurando 5. Vocês estão aí? Precisamos nos encontrar. Estarei com os monstros no Arkansas. Encontrem-me.

O que isso significa? — pergunta Sarah. — Parece uma charada.

Seis clica no navegador da web, que abre um site cafona dedicado a algo chamado monstro de Boggy Creek.

— Encontramos isso no Google. É uma atraçãozinha turística boba do Arkansas, chamada Monster Mart.

— Acha que Cinco está indo para lá?

— Não teremos certeza até ele parar — Seis responde, indicando o ponto azul no tablet. — Mas aposto que sim.

— Será que ele acha que os mogadorianos não têm Google? — Nove dispara.

— Por experiência própria, sei que os mogadorianos monitoram a Internet como falcões — Seis diz. — Se vimos isso, pode apostar que eles também viram e estão tentando entender. Primeiro, devem rastrear o endereço de IP dele e perder um tempo procurando sua localização, o que é bom, porque o tablet nos mostra que ele já deixou seja lá qual foi o lugar de onde enviou a mensagem. Mesmo assim, eles vão descobrir em algum momento.

— Então é melhor agirmos depressa — digo.

— É isso aí — Nove diz, descendo da parede e segurando Ella quando ela cai de cima dele. Ele a coloca no chão e estala os dedos. — Até que enfim, um pouco de ação.

É como se alguma coisa fosse ativada dentro de mim, e, depois de dias remoendo nossa situação, eu simplesmente cuspissem um plano.

— Nossa vantagem é que conhecemos a exata localização de Cinco. Com sorte, isso vai nos dar vantagem em relação aos mogadorianos. Precisamos ser rápidos e sorrateiros. Seis e eu iremos para o Arkansas. Com a invisibilidade dela, devemos conseguir chegar a Cinco sem chamar a atenção dos mogadorianos. Levaremos Bernie Kosar também.

— Ah, o cachorro pode ir? — Nove indaga em um tom monótono.

— O metamorfismo dele vai facilitar o mapeamento da área — retruco. — E ele pode voltar até vocês se alguma coisa der errado. Se formos capturados, Oito, espero que você teleporte nosso violento amigo Nove daqui para minha cela em vinte e quatro horas. E se o impensável acontecer...

— Não vai acontecer — Seis interrompe. — Vamos conseguir.

Passo os olhos pela sala.

— Todos concordam?

Oito e Marina assentem, o rosto sério, mas confiante. Ella me lança um sorrisinho de seu lugar ao lado de Marina. Nove não parece muito animado por ser excluído, mas resmunga em aprovação. Sarah não diz nada, desviando o olhar.

— Que bom — digo. — Devemos estar de volta em, no máximo, dois dias. Seis, pegue o que precisar e vamos. Levou alguns dias, mas pela primeira vez me sinto um líder de verdade.



Claro, essa sensação não dura muito. Voltei para meu quarto e estou colocando na mochila uma muda de roupas e algumas coisas de minha arca: a adaga, o bracelete, uma pedra de cura. Sarah entra carregando a pistola do arsenal de Nove dentro do coldre e, sem dizer uma palavra, a enfia na própria mochila, cobrindo-a com um bolo de roupa.

— O que está fazendo? — pergunto.

— Vou com você — ela diz e me lança um olhar desafiador, como se esperasse uma discussão.

Balanço a cabeça, incrédulo.

— Não era esse o plano.

Sarah coloca a mochila no ombro e se volta para mim, as mãos nos quadris.

— Bom, também não estava em meus planos me apaixonar por um alienígena, mas às vezes os planos mudam.

— Pode ser perigoso — digo a ela. — Estamos tentando alcançar Cinco antes dos mogadorianos, mas não sabemos se vamos conseguir. Precisaremos ser discretos, e Seis só consegue deixar duas pessoas invisíveis por vez.

Ela dá de ombros.

— Seis disse que a gente pode levar a Xit-sei-lá-o-quê. Aquela pedra. Podemos usar para reproduzir o poder dela.

Ergo as sobrancelhas. É uma boa ideia. Mas fico mais interessado em outra coisa que ela disse.

— Você já falou com Seis?

— Já, e por ela não tem problema — Sarah responde. — Ela entende. Não existe mais nada em relação a esta vida que não seja perigoso. Estou me acostumando à ideia de meu namorado lutar em uma guerra intergaláctica, mas nunca vou me habituar a ficar em um canto assistindo e esperando que tudo dê certo.

— Mas assim é mais seguro — respondo, sem convicção, embora já saiba que é uma discussão perdida.

— Eu me sinto mais segura com você. Depois de tudo o que aconteceu, não quero mais me afastar, John.

Sejam quais forem os perigos que você tiver que enfrentar, quero estar a seu lado.

— Também não quero me afastar, mas...

Antes que eu consiga verbalizar qualquer outro argumento, Sarah se aproxima e me cala com um beijo rápido. Não é justo ela poder fazer isso durante uma discussão.

— Pare com isso — ela diz, sorrindo para mim. — Você já fez tudo o que um cavalheiro faria, ok? É fofo, eu gosto, mas não vai me fazer mudar de ideia.

Eu suspiro. Imagino que ser um bom líder, em parte, é saber quando aceitar a derrota. E acho que também vou pegar na minha arca a Xitharis.



Nove desce de elevador conosco até a garagem. Percebo que ele continua irritado, ainda mais agora que percebeu que Sarah vai participar da missão.

— Vamos deixar o tablet aqui, caso alguma coisa dê errado e você precise nos rastrear — digo a ele. — Com sorte, Cinco não vai se deslocar por algum tempo. Se não conseguirmos encontrá-lo quando estivermos no Arkansas, entraremos em contato para nos atualizar.

— Está bem, está bem — Nove responde, lançando um olhar de soslaio a Sarah. — Isto está parecendo cada vez menos uma missão de resgate e mais uma viagem de carro com duas gatas — Nove resmunga.

Sarah revira os olhos. Lanço um olhar furioso para Nove.

— Não é verdade. Sabe que precisamos de você aqui, caso aconteça alguma coisa.

— É, estou na reserva — ele desdenha. — Johnny, vou ter que começar a namorar com você para participar de alguma atividade?

Sarah pisca para ele.

— Talvez ajude.

Nove olha para mim.

— Eca! Não vale a pena.

Seis e Bernie Kosar já estão à nossa espera lá embaixo. Nove nos leva até a fileira de vagas reservada à extensa coleção de carros de Sandor e tira a lona que cobre um Honda Civic prateado. É o veículo menos chamativo que restou da coleção; não queremos atrair nenhuma atenção desnecessária enquanto estivermos na estrada. BK logo pula para o banco do carona, animado por ir junto.

— O carro é rápido — Nove explica. — Sandor equipou todos esses para o caso de precisarmos fugir às pressas.

— Tem nitro? — Sarah pergunta.

— O que você entende de nitro, querida? — Nove retruca.

Sarah dá de ombros.

— Assisti a *Velozes e Furiosos*. Mostre como funciona. Sempre quis dirigir um carro rápido de verdade.

— Bom, está certo — Nove diz, sorrindo para mim. — Talvez sua namorada tenha alguma utilidade, John.

Enquanto Nove mostra a Sarah os controles do Civic, vou para perto de Seis no porta-malas, onde guardamos nossos equipamentos. Ainda me sinto pego de surpresa por Sarah estar vindo conosco e, pelo visto, posso jogar a culpa em Seis.

— Você está zangado comigo — ela diz, antes mesmo que eu comece a falar.

— Eu gostaria de ser avisado com antecedência na próxima vez que você convidar minha namorada para uma missão perigosa.

Seis suspira, batendo o porta-malas e se voltando para mim.

— Ah, por favor, John. Ela queria vir. Ela pensa por si própria.

— Eu sei que pensa — sussurro, não querendo que Sarah acabe ouvindo. — Nove queria vir também. Precisamos levar em consideração o melhor para o grupo.

— Você não quer que ela se sinta um peso morto, quer? Essa é uma boa maneira de mostrar que ela não é.

— Espere. Peso morto? — Relembro a conversa que tive com Sarah na Sala de Aula. Essas foram exatamente

as mesmas palavras que ela usou. — Você estava ouvindo nossa conversa?

Seis parece meio culpada ao ser descoberta, mas acima de tudo tenho a impressão de que está cada vez mais zangada comigo. Seus olhos cintilam.

— E daí? Achei que você finalmente criaria coragem de contar a ela que nos beijamos.

— Por que eu faria isso? — disparo, me esforçando para manter a voz baixa.

— Porque quanto mais você adia, mais constrangedora a situação se torna, e eu estou ficando de saco cheio. Porque ela merece...

Antes que Seis consiga terminar, o motor do Civic ronca quando Sarah pisa no acelerador. Nove se afasta da janela do motorista, parecendo satisfeito por ela estar pisando fundo. Sarah se inclina pela janela, olhando para Seis e para mim.

— Vocês dois vêm ou não?

CAPÍTULO

OITO

A COBERTURA PARECE ainda maior quando John, Seis e Sarah vão embora. Ainda não me acostumei com o tamanho deste lugar; tem quase espaço suficiente para abrigar todo o convento de Santa Teresa. Sei que é bobagem, mas acabo andando nas pontas dos pés, sentindo que estou sempre estragando as riquezas que Nove e seu Cêpan acumularam.

Os ladrilhos do banheiro de Nove são aquecidos — de fato aquecem e secam nossos pés quando saímos do chuveiro. Penso em todas as vezes que me sentei em meu colchão, tirando farpas dos pés depois de andar pelo piso irregular de madeira de Santa Teresa. Imagino o que Héctor acharia deste lugar e sorrio. Então, me pergunto que tipo de pessoa eu seria se meu Cêpan tivesse sido Sandor, em vez de Adelina; um guardião esbanjador, porém dedicado; um consumista frívolo, mas incapaz de abandonar seu dever. É inútil pensar nisso, mas não consigo evitar.

Contudo, se eu não tivesse ficado tanto tempo presa em Santa Teresa, meu caminho e o de Ella nunca teriam se cruzado. Eu jamais teria viajado pelas montanhas com Seis e encontrado Oito.

No final, todas as privações valeram a pena.

Reprimo um bocejo com as costas da mão. Nenhum de nós dormiu bem ontem à noite com a agitação de encontrar o Número Cinco. Era minha vez de dormir no quarto de Ella, para acordá-la quando os pesadelos ficassem intensos demais. Na verdade, acho que ela não cochilou um minuto sequer entre a reunião e todo o turno de Nove. Aparentemente, ficar com Nove, para ela, é melhor do que descansar. Eu gostaria de saber como ajudar, mas meu Legado de cura não se estende ao mundo dos sonhos.

Encontro Ella enrolada em uma cadeira da sala de estar da cobertura. Nove está esticado no sofá mais próximo, roncando alto, com as mãos em torno do cano de metal que se transforma naquele bastão que o vi usar com eficiência letal. Ele deve tê-lo tirado de sua arca quando ainda achava que havia uma chance de John levá-lo junto na missão. Nove segura a arma como se fosse um bicho de pelúcia, provavelmente sonhando que mata mogadorianos.

— Você também deveria dormir um pouco — sussurro.

Ella olha de mim para Nove.

— Ele disse que só ia dar uma descansadinha e depois me mostraria umas técnicas para detonar.

Dou uma risada. É hilário ver Ella imitando as gírias de Nove.

— Venha, você terá tempo de treinar mais tarde.

Nove resmunga alguma coisa enquanto dorme e se vira, enfiando o rosto nas almofadas do sofá. Ella se levanta devagar, e saímos da sala na ponta dos pés.

— Eu gosto de Nove — ela comenta enquanto atravessamos o corredor. — Ele não se importa com nada.

Minha testa se franze.

— Como assim?

— Ele nunca me pergunta como estou nem, tipo, se preocupa comigo. Só faz piadas grosseiras e me deixa andar em seus ombros pelo teto.

Eu rio, mas fico um pouco magoada. Todos nós estamos tão preocupados com Ella, tentando fazê-la se abrir sobre Crayton, e ainda tenho que tentar o que John pediu e descobrir mais sobre aquela carta. Mas aí aparece Nove e a distrai dos problemas com seu jeito bruto.

— Só estamos preocupados com você — digo.

— Eu sei — Ella responde. — É que às vezes me sinto melhor não pensando nisso.

Talvez este seja um bom momento para dar aquele leve empurrãozinho que John sugeriu.

— Minha Câpan, Adelina, passou muito tempo tentando não pensar em seu destino, em nosso destino. Mas no final ela não teve escolha. Precisou enfrentá-lo.

Ella não diz nada, mas, pela forma como seu rosto se contrai, vejo que está refletindo sobre minhas palavras.

Percebo que estou me desviando dos quartos e voltando para a oficina de Sandor. Paro diante do tablet conectado, observando os pontos que representam Quatro e Seis se arrastarem lentamente em direção ao ponto imóvel de Cinco no Arkansas.

— Está preocupada com eles? — Ella pergunta.

— Um pouco — respondo, embora saiba que eles ficarão bem.

Mesmo depois de conhecer Nove, Seis continua sendo a pessoa mais forte e corajosa que já vi; e Quatro é tudo o que Seis disse que ele seria, um sujeito bom, o líder de que precisamos, mesmo que às vezes eu perceba que ele se sente sobrecarregado.

— Espero que Cinco seja um menino — Ella anuncia. — Não há meninos suficientes para todas nós.

Fico de queixo caído por um instante, depois começo a rir.

— Você já está formando casais, Ella?

Ela assente, olhando para mim maliciosamente.

— Temos John e Sarah, claro. E você e Oito.

— Espere aí — digo. — Não tem nada acontecendo entre mim e Oito.

— Pssh — interrompe Ella, continuando: — E se eu crescer e me casar com Nove, quem sobra para Seis?

— Quem vai se casar?

Oito está parado na porta atrás de nós, o rosto iluminado por aquele sorriso malicioso e encantador que ele tem. Há quanto tempo está parado ali? Ella e eu trocamos um olhar de surpresa e começamos a rir.

— Tudo bem — Oito diz, aproximando-se para olhar o tablet. — Não precisam me contar.

Nossos ombros se roçam quando ele se aproxima, e eu não me afasto. Ainda penso naquele nosso beijo desesperado no Novo México. Acho que foi o ato mais corajoso de minha vida. Por mais que eu queira, não nos beijamos novamente. Conversamos muito, compartilhando histórias sobre os anos de fuga, comparando fragmentos de nossas lembranças de Lorien. O momento não parece adequado para fazer nada diferente disso.

— Eles não estão mesmo com pressa nenhuma, hein? — Oito diz, observando Quatro e Seis se moverem para o sul.

— É uma viagem longa — respondo.

— Que bom — ele diz, sorrindo. — Assim teremos um tempo.

Oito está usando a camiseta vermelha e preta de algo chamado Chicago Bulls e uma calça jeans. Ele dá um passo para trás e aponta para a roupa, como se pedisse nossa aprovação.

— Estou parecendo bem americano?



— Tem certeza de que devemos fazer isso?

Estou nervosa enquanto o elevador desce da cobertura até o saguão. Oito está a meu lado, quase pulando de empolgação.

— Estamos aqui há dias e ainda não vimos a cidade — ele diz. — Eu gostaria de ver mais dos Estados Unidos do que bases militares e apartamentos.

— Mas e se alguma coisa acontecer enquanto estivermos fora?

— Estaremos de volta antes que eles cheguem ao Arkansas. Não vai acontecer nada durante a viagem. Se acontecer, Ella pode usar a telepatia para nos chamar.

Penso em Nove, que ainda estava no sétimo sono no sofá quando Oito e eu passamos sorrateiramente por ele. Ella nos viu sair, dando um sorriso conspiratório para mim enquanto se enrolava novamente na cadeira ao lado de Nove.

— Será que Nove não vai ficar zangado se acordar e não estivermos lá?

— Quem é ele? Nossa babá? — Oito dispara alegremente, estendendo as mãos para sacudir de leve meus ombros. — Relaxe. Vamos ser turistas por algumas horas.

Olhando lá para baixo pelas janelas da cobertura de Nove, nunca tive noção de como as ruas do centro de Chicago são movimentadas. Saímos no sol do meio-dia e no mesmo instante somos atingidos por uma parede de barulho, pessoas falando, carros buzinando. Isso me faz

lembrar do mercado na Espanha, só que multiplicado por mil. Oito e eu nos pegamos levantando o rosto, tentando assimilar os prédios que se elevam sobre nós. Andamos devagar, e as pessoas nos lançam olhares irritados quando são forçadas a desviar.

Aqui fora é meio intenso para mim. Não estou nem um pouco acostumada a tantas pessoas, a todo esse barulho. Quando dou por mim, estou passando a mão pelo braço de Oito, só para garantir que não vamos nos separar por acidente e nos perder na multidão. Ele sorri.

— Para onde vamos? — pergunta ele.

— Para aquele lado — aponto, escolhendo uma direção aleatória.

Acabamos na orla. É muito mais tranquilo. Os humanos perambulando pela margem do Lago Michigan são como nós; não estão com pressa de chegar a lugar algum. Alguns se sentam nos bancos para almoçar, enquanto outros passam por nós correndo ou andando de bicicleta, fazendo exercícios. Sinto uma tristeza repentina por essas pessoas. Há tanto em jogo, e elas nem fazem ideia.

Oito toca meu braço com delicadeza.

— Você está com a testa franzida.

— Desculpe — respondo, forçando um sorriso. — Só estava pensando.

— Chega de pensar — ele diz, fingindo seriedade. — Só viemos dar um passeio. Nada de mais.

Tento afastar da cabeça a sensação ruim e fazer o papel de turista, como Oito falou. O lago é cristalino e lindo, e alguns barcos atravessam preguiçosamente a superfície. Passamos sem pressa por esculturas e cafês ao ar livre. Oito se interessa por tudo, tentando absorver o máximo possível da cultura local e se esforçando para despertar meu interesse.

Paramos diante de uma grande escultura prateada que parece cria do cruzamento entre uma antena parabólica e uma batata descascada pela metade.

— Acho que esta obra humana foi secretamente influenciada pelo grande artista lórico Hugo Von Lore — Oito diz, esfregando o queixo, pensativo.

— Você está inventando isso.

Ele dá de ombros.

— Só estou tentando ser um bom guia turístico.

Seu entusiasmo bem-humorado é contagiante, e logo entro na brincadeira de inventar histórias bobas para os inúmeros monumentos pelos quais passamos. Quando finalmente me dou conta de que estamos há mais de uma hora na orla, me sinto culpada.

— Talvez seja melhor voltarmos — digo a Oito, com a sensação de que estamos fugindo de nossas responsabilidades, mesmo sabendo que não há nada a fazer além de esperar.

— Espere um pouco — ele diz, apontando. — Veja aquilo.

Pelo sussurro de Oito, imagino encontrar um mensageiro mogadoriano em nosso encalço. Mas, seguindo seu olhar, vejo um senhor rechonchudo atrás de um carrinho de comida,

vendendo o que o anúncio descreve como “Cachorro-quente ao Estilo de Chicago”. Ele entrega a um cliente um cachorro-quente coberto de fatias de pickles, tomates e cebolas picadas que mal cabem no pão.

— Aquela é a coisa mais monstruosa que já vi — Oito diz.

Dou uma risada e, quando meu estômago ronca de repente, o riso se transforma em gargalhada.

— Para mim, parece bom — consigo dizer.

— Já falei que sou vegetariano? — Oito pergunta, com um falso asco. — Mas se a gororoba assustadora do cachorro-quente ao estilo de Chicago é o que você quer, que assim seja. Eu nunca lhe agradei de verdade.

Oito vai em direção ao vendedor, mas eu seguro seu braço e o puxo de volta. Ele sorri para mim.

— Mudou de ideia?

— Como assim nunca me agradeceu de verdade? — pergunto. — Agradeceu pelo quê?

— Por salvar minha vida no Novo México. Você quebrou a profecia, Marina. Setrákus Ra enfiou a espada através de mim, e você... você me trouxe de volta à vida.

Fico ruborizada e olho para baixo.

— Não foi nada.

— Foi literalmente tudo para mim.

Levanto os olhos, dando minha melhor versão do sorriso provocador de Oito.

— Nesse caso, acho que mereço mais do que um cachorro-quente nojento.

Oito cruza os braços com firmeza, como se eu o tivesse ofendido.

— Você está certa! Sou um idiota por achar que minha vida vale um cachorro-quente. — Ele pega minha mão e se ajoelha, a testa encostada nas costas de minha mão. — Minha salvadora, como posso retribuir?

Estou constrangida, mas não consigo conter o riso. Lanço olhares envergonhados às pessoas à nossa volta, a maioria observa a exibição de Oito com sorrisos curiosos. Para elas, devemos parecer dois adolescentes normais, brincando e flertando.

Puxo Oito para que ele se levante e, ainda segurando sua mão, continuo percorrendo a orla. O sol cintila na superfície do lago. Não chega a ser como o mar, que deu origem a meu nome, mas é tão bonito quanto.

— Pode me prometer mais dias como este — digo a Oito.

Ele aperta minha mão com força.

— Está prometido.

Enfim, Oito e eu voltamos para a cobertura com a barriga cheia da pizza gordurosa de Chicago. Ainda faltam horas para Quatro e Seis chegarem ao Arkansas, e Ella não enviou nenhum alarme telepático. Tudo está do jeito que deixamos.

Só que Nove está acordado e parado tão perto da porta do elevador que quase nos chocamos nele ao sair.

Nove não se move quando entramos no apartamento; apenas fica parado ali, os braços cruzados e um olhar furioso.

— Onde vocês dois estavam?

— Nossa! — diz Oito, contornando o corpanzil de Nove. — Há quanto tempo você está parado aí à nossa espera? Seus pés não estão cansados?

— Só saímos um pouco — explico, me sentindo bastante acanhada com a presença de Nove. Isso me faz lembrar a sensação de ser pega voltando de fininho para o orfanato depois do toque de recolher, e por um momento imagino Nove batendo em meus dedos com uma régua. — Está tudo bem?

— Tudo ótimo — dispara Nove, focando mais em Oito do que em mim. — Vocês não podem simplesmente sair passeando pela cidade sem me avisar.

— Por que não? — retruca Oito.

— Porque é idiotice — rosna Nove. Posso enxergar sua mente trabalhando, como se ele estivesse se esforçando para encontrar outra coisa para dizer. — É irresponsável e imprudente. É uma burrice.

— Foram só algumas horas — reclama Oito, revirando os olhos. — Poupe-me do sermão de Cêpan.

Até que é engraçado ver Nove tão enfurecido por termos quebrado as regras, ainda mais considerando as histórias que ouvi Quatro contar sobre o período que eles passaram na estrada. Por mais estranho que seja, também é fofo. Ele bota toda essa banca de durão e inconsequente, mas, quando acordou e viu que tínhamos saído, ficou mesmo preocupado conosco.

Toco o braço de Nove, na tentativa de acalmar a situação.

— Desculpe por termos deixado você preocupado.

— Não importa, não fiquei preocupado... — Nove rosna, afastando o braço de mim e se voltando novamente contra Oito. — Acha que isso foi um sermão? Talvez eu devesse mostrar o tipo de sermão que eu levava na época em que era um babaquinha metido.

Oito chama Nove com um gesto, incitando-o a continuar. Em geral, seu jeito engraçadinho é charmoso, mas este é um daqueles momentos em que eu gostaria que ele parasse. Nove vai para cima de Oito; eles ficariam cara a cara se Oito fosse alguns centímetros mais alto. Oito não recua, ainda sorrindo, como se tudo fosse apenas uma piada.

— Vamos — Nove diz em voz baixa. — Eu o vi na Sala de Aula brincando de adoleta com Seis. Você ainda não treinou comigo.

Oito olha para um relógio de pulso imaginário.

— Claro, cara. Tenho algum tempo livre.

Nove sorri. Ele olha para mim por cima do ombro.

— Venha também, enfermeira Marina. Seu namorado vai precisar de você.

CAPÍTULO

NOVE

— VOU COLOCAR VOCÊS em forma na marra — Nove declara. — Assim, na próxima vez que houver uma missão, não seremos nós que ficaremos sentados sem fazer nada.

Oito e eu estamos lado a lado na Sala de Aula, observando Nove caminhar ao nosso redor, nos avaliando como uma espécie de instrutor de exercícios militares. Tenho vontade de revirar os olhos e sei que Oito mal consegue conter um ataque de riso. Mesmo assim, me sinto meio culpada por sair de fininho com ele e tenho certeza de que um pouco de treino não vai fazer mal algum. Além do mais, acho que Nove ainda está magoado por ser excluído da missão de resgate de Quatro, e ele parece muito interessado em toda essa coisa de treinamento. Decido fazer a vontade dele.

— A não ser que vocês prefiram ficar no banco de reservas. Querem passear e comer pizza enquanto o resto de nós mata Setrákus Ra? — Nove rosna ao parar diante de nós, nos encarando.

— Não, senhor — digo, tentando ficar séria.

Na mesma hora, Oito cai na gargalhada. Nove o ignora por um instante e se concentra em mim.

— Cura e visão noturna. É só isso, não é?

— Consigo respirar embaixo d'água — acrescento, prestativa.

— Tudo bem — Nove diz, avaliando meus Legados. — Talvez você desenvolva um bom Legado de luta um dia. Talvez, não. De qualquer maneira, acho que estaríamos mortos se não fosse por você. Sei que supostamente Johnny tem essa coisa de cura agora, mas acho que ele só usa nas namoradas, então o restante de nós ainda precisa de você. Enfim, temos que treinar sua velocidade e agilidade, para que consiga nos alcançar quando alguém cair. E talvez, se praticarmos bastante, sua cura possa, tipo, evoluir para alguma outra coisa.

Para minha surpresa, a maior parte do que Nove diz faz sentido. Só uma coisa me incomoda.

— Como vamos praticar minha cura?

O sorriso de Nove é sinistro, algo que eu ficaria apavorada de ver no lado oposto do campo de batalha.

— Ah, você vai ver! Quanto a você — ele prossegue, se voltando para Oito —, achei que fosse bom de briga quando nos conhecemos, mas depois levou uma punhalada no peito na primeira oportunidade. Bom trabalho.

A expressão de Oito fica sombria quando ele se lembra do confronto com Setrákus Ra.

— Ele me enganou.

— Aham — diz Nove. — Pelo que lembro, você estava tão concentrado em apalpar... quer dizer, abraçar... a Seis falsa que foi golpeado. Você dá muitos abraços no meio de uma batalha, cara? Use a cabeça.

— Parece que você está precisando de um abraço agora — Oito diz, sorrindo maliciosamente.

Antes que Nove se dê conta do que está acontecendo, Oito se metamorfoseia em Vishnu, com quatro braços, salta à frente e envolve Nove em um abraço forte. Vejo os músculos do pescoço e dos ombros de Nove se contraírem quando Oito o aperta.

— Me solte — Nove adverte entredentes.

— Você é quem manda.

Oito se teleporta, levando Nove consigo. Então reaparece a poucos centímetros do teto e solta Nove, que, desorientado, não consegue se recompor e cai de costas. Antes que Nove toque o chão, Oito já se teleportou de volta para meu lado.

— Tcharam! — ele diz, recuperando sua forma normal.

— Você só vai deixá-lo irritado — sussurro, e Oito apenas dá de ombros.

Nove se levanta em um pulo e gira a cabeça de um lado para o outro, estalando o pescoço. Ele assente, parecendo quase impressionado.

— Foi um golpe muito bom — diz.

— Talvez eu devesse estar treinando você — brinca Oito.

— Tente de novo.

Dando de ombros, Oito se metamorfoseia outra vez. Abraça Nove de novo, agora se aproximando com cautela, como se esperasse um contra-ataque. Penso o mesmo e me encolho, à espera de que Oito tome uma cotovelada no rosto. Para minha surpresa, Nove não oferece qualquer resistência.

Oito os teleporta novamente para cima, mas desta vez, ao ser solto, Nove estende a mão rapidamente e toca o teto. Fico tonta só de olhar; a gravidade de Nove se desloca, então, em vez de cair no chão, ele está plantando bananeira no teto. Tudo isso não leva mais de um segundo.

Oito já se teleportou dali, reaparecendo a meu lado. Exatamente como Nove esperava. Quando Oito se materializa, Nove já se jogou do teto e está mergulhando em sua direção. Oito mal tem tempo de perceber que Nove não está caído onde ele esperava. A próxima coisa que vê é o pé de Nove atingindo seu esterno e o atirando longe.

Oito se apoia nos cotovelos, ofegante, sem fôlego. Nove está diante dele, as mãos na cintura.

— Previsível — Nove diz. — Por que você se teleportou para o mesmo lugar?

Em resposta, Oito tosse, esfregando o peito. Nove estende a mão e o ajuda a se levantar.

— Você se garante na surpresa, cara — Nove explica. — Deixe os outros na dúvida.

Oito levanta a camisa. Uma mancha roxa em forma de pé já está se formando em suas costelas.

— Nossa! Foi como ser atingido por uma marreta.

— Obrigado — Nove diz, e olha para mim. — Eis um treino para você.

Coloco, com delicadeza, as mãos no peito de Oito. A sensação gelada de meu Legado formiga nas pontas de meus dedos, passando de mim para ele. Trata-se apenas de uma contusão, então é tranquilo, sequer preciso me concentrar. Ainda bem, porque não é fácil manter o foco enquanto toco o peito de Oito. Se o treinamento vai ser assim, posso me acostumar.

— Obrigado — Oito diz quando me afasto.

Do outro lado da sala, Nove pegou um dos bonecos mogadorianos de treinamento e o jogou no chão. Está parado ao lado dele, olhando para nós.

— Ok, o negócio é o seguinte, vamos fingir que este boneco é... sei lá... o Número Quatro. Ele se machuca toda hora, não é mesmo? Então, ele está ferido, e, Marina, você precisa alcançá-lo e fazer sua magia. Oito, você vai ajudá-la.

— E o que você vai fazer? — pergunto.

— Serei o mogadoriano surpreendentemente lindo que bloqueia o caminho de vocês.

Oito e eu nos entreolhamos.

— Dois contra um? — ele pergunta. — Parece fácil.

— Legal — diz Nove, expandindo seu bastão, girando-o de um jeito ameaçador sobre a cabeça. — Vamos ver o que vocês conseguem fazer.

Oito coloca o braço em torno de mim, me puxando para uma conferência às pressas.

— Nove espera que a gente vá para cima dele — sussurra.

Eu assinto, entendendo o plano com rapidez.

— Você só precisa teleportar o corpo até mim.

Oito estende a mão e toca a minha, em um cumprimento ligeiro, depois se vira para Nove.

— Pronto?

— Podem vir.

Oito começa a andar, e Nove vai, impetuoso, ao seu encontro no meio da sala. Depois de afastar Nove alguns metros do alvo, Oito some e reaparece em cima do boneco. Não é que Nove não perceba o que Oito está tramando, ele só não se importa. Dá alguns passos à frente, vindo direto em minha direção. Pega de surpresa e bastante nervosa com o ataque de Nove, eu recuo. Ele é rápido demais para mim.

Quando Oito reaparece com o boneco, Nove já está com a ponta de seu bastão na lateral de meu pescoço.

— Bom trabalho — ele diz para Oito. — Agora você tem um amigo ferido e uma curandeira morta.

Eu nunca tinha treinado desse jeito, então fiquei muito intimidada quando Nove veio para cima de mim. Preciso superar esse sentimento. Sei que Seis simplesmente não deixaria Nove encostar o bastão em sua garganta. Preciso provar para esses garotos que, mesmo sem o poder de ataque que eles têm, posso revidar.

Com a atenção de Nove voltada para Oito, afasto a ponta do bastão com um tapa.

— Ainda não morri — digo, investindo contra ele e lhe dando um soco na boca.

No mesmo instante, uma explosão de dor percorre minha mão e meu pulso.

Nove cambaleia para trás, e Oito, surpreso, solta um grito alegre. Nove vira a cabeça para me olhar, exibindo dentes ensanguentados ao sorrir.

— Bom! — ele grita, satisfeito. — Você está pegando o jeito!

— Acho que quebrei o dedão — respondo, olhando minhas juntas inchadas.

— Da próxima vez, não deixe o dedão embaixo dos outros dedos quando der um soco — Oito diz, fechando o punho para demonstrar.

Eu assinto, me sentindo meio idiota por ter cometido um erro tão básico, mas também animada por ter dado um soco bem na cara de Nove. Ele também parece ter gostado, e olha para mim com um respeito recém-descoberto enquanto limpa o sangue do rosto. Toco minha mão, sentindo novamente o frio de meu Legado, desta vez intensificado ao entrar em minha própria pele.

Nove pegou o boneco e o jogou outra vez do outro lado da sala.

— Prontos para tentar de novo?

Oito e eu nos agrupamos pela segunda vez.

— Será que devo apresentá-lo a nosso amigo Narasimha?

— Qual é esse?

— Vários braços, várias garras.

— Parece perfeito — digo. — Mantenha-o ocupado que vou contorná-lo.

Na mesma hora em que nos afastamos, Oito se transforma em um de seus enormes avatares. Seus belos traços se desfazem e dão lugar a um rosto feroz e a uma juba dourada de leão. Ele fica com mais de três metros e tem dez braços saindo das laterais do corpo, todos com garras afiadas como navalhas. Nove assobia por entre os dentes.

— Agora sim — ele diz. — Um de seus pais devia ser um Chimæra. Provavelmente sua mãe.

— Engraçadinho — Oito responde; a voz é um rugido rouco nesse avatar.

Fico atrás de Oito quando ele se aproxima de Nove, à espera de uma oportunidade de correr até o boneco. Oito avança, golpeando seu adversário com todos os braços, forçando-o a se

abaixar e desviar. Nove, por sua vez, usa o bastão para aparar alguns golpes e investir contra Oito, a fim de mantê-lo afastado e conseguir uma brecha.

Quando Nove rodopia seu bastão para um contra-ataque, focado em Oito, vejo uma chance de agir. Uso minha telecinesia em Nove e arranco a arma de suas mãos. Ele não estava esperando por isso, então a força o desequilibra e o joga bem nas garras de Oito. Nove é golpeado no peito, sua camisa é despedaçada, e a pele ganha cortes tão grandes que vai precisar de pontos. Tanto Oito quanto eu hesitamos ao ver aqueles ferimentos.

— Não tive a intenção de machucar tanto — Oito diz, a solidariedade não muito convincente em sua voz de leão.

Mas os olhos de Nove brilham.

— Não é nada! — ele grita. — Continue!

Nunca conheci alguém que ficasse tão animado ao ver o próprio sangue.

De repente, Nove foge. Oito o persegue, mas se move com dificuldade nessa forma, e o Legado de supervelocidade dá a Nove uma rapidez impressionante. Nove sobe correndo a parede mais próxima e se joga sobre o oponente. Ele consegue cair bem nas costas de Oito, o braço enganchado em seu pescoço. Como está enorme, Oito não consegue se virar e alcançar Nove, que deve ter planejado exatamente isso. Com a mão livre, Nove começa a socar Oito, mirando as orelhas pontudas que sobressaem dos tufos da juba.

Oito urra de dor e então volta à sua forma normal. E cai sob o peso de Nove.

Enquanto isso, com Nove distraído, corro para o boneco.

— Cuidado, Marina! — Oito grita.

Ouçó os passos pesados de Nove atrás de mim. Atrás e acima de mim. Rolo para o lado no exato momento em que Nove mergulha do teto, tentando aquele mesmo golpe de pular e chutar que usou para surpreender Oito. Como não me acerta, ele rola e se coloca entre mim e o boneco.

O bastão de Nove está a apenas alguns metros de distância. Conforme ele avança em minha direção, eu pego a arma com a telecinesia e a jogo em sua cabeça.

O golpe acerta a nuca de Nove, fazendo-o cambalear e me dando abertura para passar correndo por ele. Mas Nove se recupera rápido e não demora a vir atrás de mim.

Pelo canto do olho, vejo que Oito se levantou sem firmeza.

— Deslize! — ele grita.

Sem pensar, apenas agindo, faço o que Oito disse. Deslizo pelo chão como faria um jogador de beisebol. Vejo Oito começar a dar um soco em pleno ar, mas no meio do movimento ele se teleporta. E reaparece bem diante de mim. Deslizo por entre suas pernas e seu soco passa por cima de minha cabeça, acertando em cheio o maxilar de Nove. Interrompido por um cruzado de direita quando corria a toda velocidade, Nove cai para trás.

Eu me levanto e vou até o boneco. Coloco as mãos sobre um ferimento imaginário e grito:

— Curado!

Por um momento, a sala fica totalmente silenciosa, exceto por nossa respiração ofegante. Oito se senta pesadamente, esfregando de leve a têmpora. Percebo que sua orelha está muito inchada e seu pescoço, onde Nove o socou, está cheio de escoriações, então os ferimentos que ele ganha nas outras formas devem se transferir para a normal.

Nove está deitado de barriga para cima, gemendo. Seu peito foi retalhado por Oito, ele ganhou um olho roxo e acho que vejo uma gota de sangue no ponto onde o atingi com seu próprio bastão. De repente, seus gemidos se transformam em uma risada.

— Foi incrível! — Nove grita.

Por mais psicótico que pareça seu amor pela violência, percebo que estou sorrindo e concordando. Foi mesmo um ótimo exercício. Foi maravilhoso poder me esforçar daquela maneira em uma situação que não era de vida ou morte.

— Mermão — diz Nove, levantando-se do chão —, não tive como me esquivar daquele último soco. Boa jogada, cara.

Oito levanta o rosto machucado e olha para Nove.

— É. Eu estava lhe devendo uma. Ou talvez dez.

Eu me ajoelho ao lado de Oito e começo a curar seus ferimentos. A sensação gelada não é mais tão estranha; na verdade, está ficando cada vez mais natural.

— Por que você voltou à forma normal? — Nove pergunta, cutucando os cortes em seu peito. — Aquela maluquice de homem-leão estava me deixando louco.

— Preciso me concentrar de verdade para manter a forma — explica Oito. — Tomar socos na cabeça não estava me ajudando nem um pouco a manter o foco.

— Ok — Nove diz, refletindo. — Sandor tinha algumas armas não letais guardadas em algum lugar. Você deveria me deixar atirar em você para treinar sua concentração.

— É — Oito diz em um tom seco. — Parece divertidíssimo.

Quando o rosto de Oito volta a um estado bem mais atraente e sem contusões, começo a trabalhar nos ferimentos de Nove.

— Sabe, você é bom mesmo nisso — digo a ele.

— Em lutar? Hã, é, eu sei.

— Não só em lutar. Acho que, hmmm, em pensar na luta.

— Em criar estratégias — comenta Oito. — Ela está certa. Acho que eu não teria pensado naquele soco com teleporte se você não tivesse me forçado. E por mais terrível que pareça tomar tiros, acho que treinar pode ser uma boa ideia.

Nove fica ainda mais convencido que de costume.

— Bom, de nada.

— Não deixe que isso lhe suba à cabeça — digo, observando o último corte de seu peito se

fechar aos poucos sob meus dedos.

Olho para Nove e vejo seus olhos se voltarem para um ponto atrás de mim, na direção da porta da Sala de Aula.

— Oi, Ella — ele diz. — Acordamos você?

Eu me viro e vejo Ella parada na porta. Ela está com roupas de sair, é a primeira vez em dias que não a vejo de pijama ou com uma das camisas largas de flanela de Nove. Eu pensaria que o fato de ela ter se vestido era um progresso, só que seus olhos estão vermelhos de choro. Ella não olha para nenhum de nós. Seu olhar está cravado no chão.

— O que foi, Ella? — pergunto, dando alguns passos em sua direção.

— E-eu só queria me despedir — ela responde. — Estou indo embora.

— Nem morta — diz Nove. — Chega de excursões hoje.

Ella balança a cabeça, e seu cabelo bate no rosto.

— Não. Eu preciso ir. E não vou voltar.

— O que deu em você? — pergunto. E só então percebo. Apertado com força nas mãos de Ella, totalmente amassado, a julgar pela maneira como ela o retorce, está um pedaço de papel. A carta de Crayton.

— Eu não sou uma de vocês — Ella sussurra, e mais lágrimas caem por suas bochechas.

CAPÍTULO

DEZ

Minha querida Ella,

Se estiver lendo esta carta, temo que o pior já tenha acontecido. Por favor, saiba que eu a amava como se você fosse minha própria filha. Jamais deveria ter sido seu Cêpan. O papel foi imposto a mim na noite em que nosso planeta ruiu, e eu não tinha sido treinado ou preparado. Mesmo assim, não trocaria esses anos com você por nada em Lorien ou na Terra. Espero que eu tenha feito o bastante. Sei que está destinada a coisas grandiosas.

Espero que um dia você consiga entender o que fiz, as mentiras que lhe contei, e que seu coração possa me perdoar.

Quando você era pequena, eu lhe contei uma mentira. Em pouco tempo ela deu origem a várias outras, que se tornaram nossa vida. Desculpe-me, Ella. Sou um covarde.

Vocês são dez, ou seja, apenas dez Gardes sobreviveram ao ataque a Lorien, mas você não é a Número Dez. Não é parte do plano dos Anciões para preservar a raça lórica, e por esse motivo não foi enviada à Terra com os outros. E não tem as mesmas cicatrizes de Marina e Seis. Você nunca esteve sob a proteção do Feitiço Lórico.

Os Anciões não a escolheram. Seu pai a escolheu.

Você vem de uma das famílias mais antigas e respeitadas de Lorien. Seu bisavô era um dos dez Anciões que governavam nosso mundo. Isso aconteceu em uma época em que nosso planeta ainda não tinha atingido todo o potencial, antes de nosso povo alcançar o poder de Lorien e ser agraciado com os Legados por viver em harmonia com a natureza. Nosso jovem planeta estava em uma encruzilhada entre o desejo de se desenvolver rapidamente e a necessidade de proteger o que é natural e manter a vida.

Foi uma época de morte, uma época que ainda é encoberta de mistério mesmo para nossos maiores historiadores. Durante aquela idade das trevas, a guerra assolou nosso povo. Muitos pereceram em conflitos inúteis, mas no fim as forças da paz venceram. Uma nova era começou em Lorien — a época de ouro, na qual você nasceu e à qual os mogadorianos brutalmente puseram um fim.

Seu bisavô foi uma das vítimas das Guerras Secretas, o conflito entre

mogadorianos e lorienos que nosso governo abafava a fim de preservar as ilusões da utopia lórica.

Na juventude, seu pai, Raylan, ficou obcecado por essa guerra. Entenda, depois da guerra, quando os Anciões sobreviventes se reuniram, limitaram seu número a nove, e não aos dez originais. Seu pai achava que o lugar vago entre os Anciões pertencia à sua família. Nossos Anciões nunca foram escolhidos por linhagem ou hereditariedade. Mas, mesmo assim, ele acreditava que sua família fora prejudicada pela história.

Essas obsessões transformaram Raylan em um homem amargo e desconfiado, e ele se tornou uma espécie de recluso. Encontrou um lar nas montanhas; mais uma fortaleza do que um lar. Como companheiros, tinha uma variedade de Chimæra.

Fui contratado para cuidar dos animais de seu pai. Ele não se importava com muitas coisas além de suas histórias secretas e suas bestas.

Até conhecer sua mãe.

Erina era uma Garde designada pelos Anciões para vigiar seu pai. Alguns achavam que ele representava perigo para nosso povo. Mas ela viu algo diferente nele. Viu um homem que podia ser salvo de si mesmo.

Sua mãe era linda. A cada dia que passa, você fica mais parecida com ela. Ela possuía Legados de voo e Elecomun, o poder de manipular correntes de eletricidade. Então sobrevoava a casa de seu pai e fazia demonstrações brilhantes, como fogos de artifício feitos de raios.

Seu pai desconfiava de Erina e contestava abertamente as razões de sua chegada às montanhas. Ainda assim, ia ao pátio noite após noite observá-la voar com os Chimæra.

Um dos Legados de seu pai lhe permitia manipular o espectro da luz. Parece algo bobo — como seu Aeternus —, mas tinha muitas utilidades. Podia escurecer o mundo ao redor de um inimigo, dificultando sua visão. Ou, no caso do namoro com sua mãe, podia mudar a cor dos raios dela. Rosa e laranja brilhantes cruzavam o céu à noite. Pela primeira vez em anos, seu pai estava se divertindo.

Eles se apaixonaram e logo estavam casados. E então você veio.

Ao prestar serviços para a Garde, Erina fizera muitos amigos, que sempre a visitavam e eram bem recebidos por seus pais. Eles já se foram.

Os mogadorianos chegaram. Nosso planeta ardeu.

Durante os dias de reclusão, seu pai acumulara uma notável coleção de

reliquias que haviam pertencido à família. Ele inclusive gastara uma grande quantia para restaurar uma velha espaçonave movida a combustível que, segundo acreditava, fora usada por seu bisavô na última guerra lórica. Quando foi morar com seu pai, Erina o convenceu a doar muitos daqueles itens a um museu, incluindo a nave. Quando os mogadorianos chegaram, primeiro destruíram nossos portos, eliminando qualquer meio convencional de fuga. Imediatamente, seu pai pensou na velha nave que esperava, inativa, no museu.

Enquanto outros lutavam contra a invasão de nosso planeta, seu pai planejava fugir. De alguma forma, sabia que nosso povo estava condenado.

Sua mãe não quis partir. Insistiu que eles se juntassem à luta. Os dois se desentenderam, foi a briga mais grave que tiveram.

Você foi o acordo. Raylan só prometeu ficar se você pudesse escapar. Ainda me lembro do rosto molhado de lágrimas de sua mãe ao lhe dar o beijo de despedida. Seu pai colocou você em meus braços e ordenou que eu corresse para o museu. Os Chimæra de Raylan foram conosco, como guarda-costas, e muitos morreram no caminho.

Foi assim que me tornei seu Cêpan.

Vi nosso planeta perecer através das janelas da espaçonave que partia. Eu me senti um covarde. O único momento em que deixo de me sentir envergonhado é quando olho para você, Ella, e vejo o que a covardia salvou.

O que está feito está feito. Você não era parte do plano dos Anciões. Isso não a torna menos loriena nem menos Garde. Os números não importam. Você é capaz de atos grandiosos, Ella. Você é uma sobrevivente. Sei que um dia deixará nosso povo orgulhoso.

Eu amo você.

Para sempre seu fiel servo,

Crayton

Paro de ler em voz alta e baixo a carta de Crayton, as mãos trêmulas. Meus olhos estão cheios de lágrimas. Não consigo imaginar como seria ter uma parte tão importante de minha identidade arrancada de mim. Todos estão em silêncio, até mesmo Nove. Ella funga baixinho, os braços enrolados com força em torno de si mesma.

— Você continua sendo uma de nós — sussurro. — Você é uma loriena.

Ella começa a soluçar e solta uma torrente de palavras engasgadas.

— Eu sou... eu sou uma fraude. Não sou como vocês. Sou só a filha de um cara rico que conseguiu sair do planeta porque o pai era um esquisito.

— Isso não é verdade — Oito diz, abraçando Ella.

— Não fui escolhida — Ella chora. — Não sou... Era tudo mentira.

Nove pega a carta de minhas mãos, passando os olhos por ela, e pergunta, desdenhoso:

— E daí?

— *E daí?* — Ella olha para Nove, os olhos arregalados.

— O feitiço foi quebrado — Nove continua. — Os números não significam porcaria nenhuma. Você pode ser Dez, pode ser Cinquenta e Quatro, não significa nada. Quem se importa?

É muita insensibilidade de Nove desmerecer algo que foi um golpe terrível para Ella. Ela parece atordoada, e não sei nem se o escutou.

— O que Nove está tentando dizer de forma tão indelicada é que não importa como você chegou aqui — Oito interfere. — Não é porque viemos em naves diferentes que não somos iguais.

— Droga — Nove rosna. — Queria que houvesse mais homens egoístas como seu pai. Poderíamos ter um exército inteiro.

Lanço um olhar para Nove, e ele levanta as mãos, fingindo fechar a boca com um zíper. Mesmo com essa total falta de tato, parece que nós três conseguimos acalmar Ella. Seu choro está diminuindo, e, após um instante, ela solta no chão a mala feita às pressas.

— Eu me sinto tão perdida sem Crayton... — ela sussurra para mim, a voz rouca. — Ele morreu achando que era um covarde porque nunca me contou a verdade e... ele não era. Ele era bom. Eu só queria poder dizer isso a ele.

Ela se cala, e mais lágrimas molham meu pescoço. Então este é o verdadeiro problema: não o que Ella descobriu sobre si mesma, embora sem dúvida tenha sido chocante, mas o que descobriu sobre Crayton. Acaricio seu cabelo, deixando que ela chore.

— Não há um dia sequer em que não deseje ter tido mais uma conversa com meu Cêpan — Oito diz em voz baixa.

— Eu também — Nove concorda.

— Sempre vai ser difícil — Oito continua. — Temos que seguir em frente. Ser o que eles esperavam de nós. Crayton estava certo, Ella. Um dia você vai deixar nosso povo orgulhoso.

Ella puxa a mim e Oito para um abraço. Ficamos assim por um tempo, até Nove se aproximar e dar um tapinha sem jeito nas costas dela, que olha para ele.

— Isso é o melhor que você consegue fazer?

Nove solta um suspiro dramático.

— Está bem.

Ele passa os braços em torno de nós três e aperta, quase nos levantando do chão. Oito geme, e Ella ofega e ri ao mesmo tempo. Também estou sendo esmagada, mas não consigo conter um

sorriso. Olho para Ella e vejo que não existe nenhum outro lugar onde ela preferisse estar.

CAPÍTULO

ONZE

NO MEIO DO dia, estamos atravessando o Missouri, a poucas horas de distância do Arkansas. Demorou mais do que esperávamos para sair de Chicago, já que o carro turbinado de Nove não tinha um mecanismo especial supersecreto para desfazer engarrafamentos. A princípio, fico meio nervoso com Sarah ao volante, costurando as pistas e colando no carro da frente em todas as oportunidades, até perceber que os outros motoristas fazem o mesmo. Acho que é coisa do trânsito de cidade grande.

Quando deixamos Chicago para trás, a estrada ficou mais vazia. Não há nada além de campos de trigo de ambos os lados. Ultrapassamos em alta velocidade caminhões que passavam roncando e fizemos um bom tempo de viagem, sem sequer ter que usar o nitro que Sandor instalara. A última coisa de que precisamos é ser parados. Aposto que ainda há alertas sobre mim na maioria dos bancos de dados do governo — não que algum de nós tenha uma carteira de motorista para o guarda rodoviário verificar, o que por si só já é outro problema.

Quando voltarmos para Chicago, preciso ver se Sandor deixou algum documento preparado para falsificação. Precisamos de novas identidades.

— Já tentou deixar um carro inteiro invisível? — Sarah pergunta a Seis, que não falou muito desde que saímos.

Seis está acomodada no banco de trás com Bernie Kosar no colo.

— Quer dizer, você está tocando o carro — continua Sarah.

— Hã — Seis responde, endireitando-se no assento. — Nunca tentei.

— Não tente — digo, talvez um pouco agressivo demais. — Alguém pode bater em nós.

— Obrigada, John. Se você não tivesse falado nada, eu provavelmente teria nos deixado invisíveis aqui, em público, a mais de cem por hora. Ainda bem que está aqui para me controlar e impedir que Sarah dirija rápido demais.

Abro a boca para responder algo sobre Seis ser meio inconsequente e eu não conseguir prever o que ela pode fazer — como convidar minha namorada para uma missão perigosa —, mas penso duas vezes quando percebo que Sarah está me olhando. Sua sobrancelha está erguida, como se ela não entendesse o tom de Seis. Ela deve ter notado o clima estranho entre nós desde que saímos de Chicago. Definitivamente, não é algo que eu gostaria de tentar explicar, então apenas dou de ombros, deixando o assunto morrer.

Seis está certa, estou checando nossa velocidade obsessivamente. Toda vez que o pé de Sarah afunda no acelerador, dou um tapinha de leve em sua perna. Ela diminui e me lança um olhar envergonhado, como se não fosse sua culpa, mas o carro implorasse para ser dirigido em alta velocidade. Talvez eu devesse parar de ser tão controlador e deixá-la correr pela rodovia. Que se danem as consequências! Provavelmente é o que Seis e Nove fariam.

Passo o tempo todo com medo de sentir uma nova cicatriz queimando em minha perna. E se os mogadorianos chegarem a Cinco antes de nós porque não deixei Sarah pisar fundo?

É esse tipo de pensamento que tem me tirado o sono nas últimas noites — não só em relação a Cinco, mas por ter que liderar o grupo. É impossível me preparar para todas as eventualidades, não importa quanto eu reflita. Seria muito mais fácil ter uma atitude como a de Nove e poder simplesmente sair e bater nas coisas.

E ainda por cima esse drama repentino com Seis. Tudo por causa de um beijo idiota.

Resumindo, neste momento não há nenhum aspecto de minha vida que não me dê dor de cabeça.

Paramos em um posto de gasolina no Missouri. Seis se encarrega de encher o tanque. Bernie Kosar perambula pelo estacionamento, farejando o asfalto e esticando as pernas. Sarah e eu vamos à loja para comprar água e pagar pelo combustível. Quando chegamos ao meio do estacionamento, ela para de repente.

— Então, talvez você deva conversar com Seis — ela diz.

Eu a encaro, perplexo. Olho de relance para Seis, atrás de nós. Se fosse possível encher o tanque de raiva, ela estaria fazendo isso. A forma como enfia a mangueira na boca do tanque é como se estivesse apunhalando um mogadoriano.

— Por quê?

— É óbvio que vocês estão irritados um com o outro por algum motivo. Resolvam isso.

Não sei o que dizer, então fico ali parado, constrangido. Não posso contar a Sarah a razão do desentendimento entre mim e Seis porque, primeiro, nem eu sei ao certo, e, segundo, meio que envolve nosso relacionamento. Realmente não quero entrar nesse assunto agora, sobretudo porque temos coisas mais importantes com que nos preocupar.

Sarah não se comove com meu protesto silencioso, sorrindo de leve enquanto me empurra em direção a Seis.

— Vamos lá, vocês dois precisam conseguir trabalhar juntos.

Ela está certa, claro. Não podemos permitir que o constrangimento entre nós atrapalhe esta missão.

Seis observa minha aproximação de olhos semicerrados. Coloca a mangueira no lugar com muito mais força que o necessário. Ficamos nos encarando, um de cada lado do carro.

— Precisamos conversar — digo.

— Sarah o obrigou a vir aqui, não é?

— Olhe, sei que você não gosta muito dela...

— Aí é que está, John — ela interrompe. — Na verdade eu gosto da Sarah. E ela ama você.

Encaro Seis, pensando em como resolver isso.

— Tudo bem, entendo que você esteja com raiva de mim porque desde que chegamos a Chicago não conversamos direito sobre tudo o que aconteceu. É que com Sarah por perto pareceu... estranho.

— John, não estou brava com você porque nos beijamos e depois você voltou com sua namorada. Eu achei que gostasse de você. Sabe, mais do que como amigo. Mas aí me jogaram naquela cela com Sarah, e eu vi o jeito como ela falava de você. E agora todo dia vejo vocês dois juntos. O que quer que tenha acontecido entre nós quando estávamos fugindo, não foi igual ao que há entre você e Sarah. Ver vocês dois juntos é quase o suficiente para me fazer acreditar naquela bobagem que Henri dizia sobre os lorienos só se apaixonarem uma vez.

Balanço a cabeça, concordando com Seis. Sem dúvida, o que ela está dizendo é verdade, mas como devo responder? *É, tem razão, gosto muito mais de Sarah do que de você?* É melhor ficar de boca fechada.

— Eu é que me sinto péssima por ter beijado você, quando você deveria estar com Sarah — Seis continua.

— Em nossa defesa, de fato achávamos que ela havia nos delatado para o governo — digo.

— Também foi a primeira vez que encontramos outro Garde. Quando essa empolgação terminou, você mal podia esperar para voltar para Sarah, não é?

— Não foi nada disso, Seis. Eu não estava pensando no futuro, passando o tempo até ela voltar nem nada disso. — Minha mente volta ao passeio ao luar que Seis e eu fizemos, de mãos dadas para ficarmos invisíveis. — Acho que nunca me senti tão confortável com alguém como me senti com você. Era como se pudesse ser eu mesmo.

Por um instante, a voz ríspida de Seis se torna quase melancólica.

— É, eu também.

— Mas é diferente com Sarah — digo em um tom suave. — Eu a amo. Estou mais certo disso do que nunca.

Seis bate palmas uma vez, encerrando o assunto.

— Que bom! Então vamos esquecer isso. Você e eu somos apenas amigos, e você e Sarah são um casal feliz. Por mim, tudo bem. Toda essa bobagem de triângulo amoroso me dá ânsia de vômito.

— Seis... — começo, sem saber muito bem o que dizer.

Tenho a impressão de que ela está me liberando, ou tentando me afastar.

— Não, ouça — Seis me interrompe. — Desculpe por ter me metido entre você e Sarah. Se quiser ou não contar a ela sobre o beijo, é problema seu. Eu não me importo. Só... — Ela olha para dentro do posto, de onde Sarah finalmente está saindo. — Quando fomos jogadas naquela cela, ela falava de você de um jeito... Ela está abrindo mão de muita coisa para vocês ficarem juntos, John. Sarah está basicamente apostando a vida em você. Talvez eu esteja me intrometendo no que não me diz respeito, mas só quero ter certeza de que você está pronto

para isso.

— Estou tentando — digo, e me viro para ver Sarah se aproximar.

O que Seis disse é verdade. Sei que Sarah abriu mão de uma vida normal para estar aqui comigo, enfrentando o perigo. Eu a amo, mas ainda não descobri como encontrar o equilíbrio exato entre mantê-la segura e deixá-la se envolver em minha vida caótica. Talvez nunca descubra. Por enquanto, tê-la a meu lado é o bastante.

Seis chama Bernie Kosar e eles entram de volta no carro. Sarah para diante de mim, as sobrancelhas erguidas.

— Tudo bem?

Sinto uma súbita necessidade de abraçá-la, e é o que eu faço. Ela solta um grunhido de surpresa e beijo sua bochecha. Ela também me aperta.

— Tudo bem — digo.

Assumo o volante quando saímos do posto de gasolina. BK vai para o colo de Sarah e bate com a pata na janela até que ela a abra. O carro se enche com o ar fresco da primavera. BK enfia a cabeça pela janela, com a língua de beagle pendurada. Acho que, seja Chimæra ou cachorro, é bom sentir na cara o vento da estrada.

O ar fresco também é muito agradável para mim. Não sei se um dia as coisas vão se acertar entre mim e Seis, mas me sinto melhor depois da conversa. Pelo menos agora sei em que pé estamos. O clima no carro mudou; não há mais tanta tensão. Relaxo um pouco, me recostando no banco, observando as placas de quilometragem passarem velozmente.

Sarah dá um tapinha em minha perna.

— Rápido demais.

Dou um sorriso culpado e desacelero. Sarah está com o braço para fora, a mão aberta acariciando o vento, que sopra o cabelo louro com força em seu rosto. Ela está linda. Por um momento, finjo que somos só nós dois, pegando a estrada para algum lugar divertido e normal. Ainda acredito que isso possa acontecer um dia. Se não acreditasse, não haveria razão para continuar lutando.

Os olhos de Sarah encontram os meus. Ela parece ler minha mente e pousa a mão em minha perna.

— Sei que esta é uma missão séria — diz. — Mas e se estivéssemos fazendo uma viagem normal, como gente comum? Para onde você iria?

— Hmmm — respondo, pensando. Minha fantasia com Sarah nunca teve destino. Estar no carro com ela já era o bastante. — São tantas opções...

Antes que eu consiga decidir, Seis se inclina para o banco da frente.

— Não cheguei a ver muita coisa porque estávamos fugindo e lutando, mas a Espanha pareceu bem interessante.

Sarah sorri.

— Sempre quis ir à Europa. Meus pais fizeram mochilão lá depois da faculdade. Foi assim que se conheceram.

— Então Europa também é sua resposta? — pergunto a Sarah.

— É — responde. — Acho que ainda quero conhecer alguns lugares nos Estados Unidos. Mas ter sido aprisionada pelo governo me desanimou um pouco...

— É um inconveniente — concordo, rindo.

Sarah se vira para Seis, no banco de trás.

— Podemos ir à Europa juntas. Hã, se você não estiver muito ocupada restaurando seu planeta e tudo o mais.

Sarah está tão animada que Seis não consegue deixar de retribuir seu sorriso.

— Seria divertido.

— É para lá que eu queria ir — digo a Sarah, colocando minha mão sobre a dela.

— Europa?

— Lorien.

— Ah — ela responde, e o tom de tristeza em sua voz me surpreende.

Tento explicar.

— Eu gostaria de lhe mostrar Lorien da forma como ele é nas minhas visões, do jeito que Henri o descrevia para mim.

Pelo espelho retrovisor, vejo Seis revirando os olhos.

— A brincadeira não é essa — ela diz. — Escolha algum lugar aonde você possa ir sem construir uma nave espacial.

Penso por um momento.

— Não sei. Disney?

Seis e Sarah se entreolham, depois começam a rir.

— A Disney?! — Seis se surpreende. — Você é muito brega, John.

— Não, é fofo — diz Sarah, dando um tapinha em minha mão. — É o lugar mais mágico do mundo.

— Sabe, nunca andei de montanha-russa. Henri não gostava muito dessa coisa de parque de diversões. Eu via os comerciais e sempre quis ir.

— Que triste! — Sarah exclama. — Com certeza vamos à Disney. Ou pelo menos a uma montanha-russa. Elas são incríveis.

Seis estala os dedos.

— Qual é aquela que parece um foguete?

— Space Mountain — responde Sarah.

— Isso — Seis responde, e então hesita como se estivesse com medo de falar demais. — Eu me lembro de pesquisá-la na Internet quando era pequena. Insistia com Katarina que tinha alguma coisa a ver conosco.

A imagem de Seis criança investigando a Disney World é impagável. Nós três caímos na gargalhada.

— Aliens... — murmura Sarah, brincando. — Vocês precisam sair mais.

CAPÍTULO

DOZE

JÁ É NOITE quando cruzamos a fronteira do Arkansas. Por sorte, sabemos exatamente aonde estamos indo. Os outdoors começaram a aparecer cerca de trinta quilômetros atrás, a cara grande e peluda do monstro de Boggy Creek nos convidando a visitar o único e inigualável Monster Mart de Fouke. Já estamos perto, e a rodovia no meio das árvores está bem deserta, então quebro minha própria regra e piso fundo.

Sarah põe a cabeça para fora da janela, o pescoço esticado para ler uma das placas desbotadas do Monster Mart.

— Só mais alguns quilômetros — diz em voz baixa.

— Está pronta? — pergunto, percebendo um pouco de apreensão em sua voz.

— Espero que sim.

Encosto o carro pouco antes da entrada para Fouke. Não é bem um destino turístico famoso. É mais uma atração sem muita graça, de cidade pequena, onde famílias cansadas da viagem param para tirar fotos e ir ao banheiro.

— Provavelmente é melhor ir a pé a partir daqui — digo, olhando de relance para Seis. — Queremos ficar invisíveis.

Seis assente.

— De acordo.

Saímos do carro e entramos na floresta escura que separa a rodovia da cidade. Bernie Kosar estica um pouco as pernas antes de tomar a forma de um pardal. E pousa em meu ombro, à espera de instruções.

— Faça um reconhecimento do local, BK — digo. — Veja o que temos pela frente.

Quando BK sai voando noite afora, nós três nos preparamos. Coloco meu bracelete no pulso; não tive saudade alguma do formigamento doloroso que sinto sempre que o uso, mas sem dúvida vou me sentir mais seguro com ele. Enfio a adaga na parte de trás da calça. Observando-me, Sarah tira sua arma da mochila e também a enfia na cintura da calça jeans. Todas aquelas fantasias de casal que tive mais cedo na estrada ficaram para trás; é hora de agir. Entramos na floresta, as luzes fracas de Fouke estão a menos de dois quilômetros, além das árvores. Sarah agarra meu braço.

— Acha que vamos ver o monstro de Boggy Creek? — pergunta, os olhos arregalados fingindo pavor. — Pelas fotos, parece muito o Pé-grande. Talvez possamos ficar amigos.

Seis examina com cuidado a floresta ao redor.

— Não é o monstro de uma lenda boba que eu estou com medo de encontrar.

— Além disso — acrescento, tentando amenizar o clima por causa de Sarah —, quem precisa do Pé-grande quando temos Nove esperando por nós em Chicago?

Assim como Seis, passo os olhos pela floresta em busca de algum sinal de emboscada mogadoriana. Os arredores estão sinistramente silenciosos, os galhos caídos estalam sob nossos pés como fogos de artifício. Espero que tenhamos chegado a Cinco antes dos mogadorianos, que eles não tenham desvendado sua estranha charada tão rápido. O fato de não haver nenhuma cicatriz nova em meu tornozelo e a cidadezinha não estar tomada pelas chamas de uma batalha recente são bons sinais. Mesmo assim, temos que ficar alerta. Não há como prever o que pode estar nos esperando adiante.

Conforme nos aproximamos, Seis estende as mãos para nós. Sarah tem que soltar meu braço para tocá-la. Gostaria de ter tempo para um último abraço, só um breve instante para tranquilizá-la. Quando cada um de nós segura uma das mãos de Seis, e ela nos deixa invisíveis. Seguimos em frente.

Estamos no meio da floresta, a rodovia atrás de nós, quando noto que BK paira em círculos em meio às árvores.

Aqui embaixo, eu o chamo.

Solto a mão de Seis para que BK nos veja. Ele desce batendo as asas e se transforma em um esquilo assim que toca o chão.

— BK diz que há um homem lá na frente — conto a elas. — Nenhum sinal de problemas.

— Que bom! Vamos continuar.

Pego a mão de Seis e aceleramos o passo. Logo saímos da floresta e entramos na cidadezinha de Fouke, que não é muito mais do que uma parada de beira de estrada. A saída da rodovia dá em uma rua que segue para o leste, onde é possível ver algumas casas pequenas e o que, presumo, deve ser a cidade em si. O lugar em que estamos é o comecinho da cidade, bem onde se sai da estrada. Há um posto de gasolina pequeno próximo a nós e uma agência de correio do outro lado da rua. Todas as janelas estão com as luzes apagadas, tudo está fechado e trancado para passar a noite.

E então, vemos o Monster Mart.

Os outdoors no caminho da cidade o superestimaram. Não passa de uma loja de conveniência, com camisetas e bonés do monstro de Boggy Creek em promoção na vitrine. A principal atração é uma estátua de madeira de três metros e meio do monstro; uma fera peluda que parece parte homem, parte urso e parte gorila. Mesmo de longe, vejo que a estátua está coberta de cocô de passarinho.

— Ali! — sussurra Sarah, animada.

Eu também vejo. Mais à frente, há um garoto sentado de pernas cruzadas na base da estátua. Ele parece entediado enquanto abre a embalagem de um sanduíche. A seu lado há uma mochila, mas não vejo sinal de uma Arca Lórica. Esperava que ele pelo menos estivesse com a arca. Seria mais fácil identificá-lo. Mas, enfim, também seria mais fácil para os mogadorianos.

Começo a me aproximar, mas Seis permanece imóvel, sem soltar minha mão.

— O que foi? — sussurro.

— Não sei — ela responde em voz baixa. — Ele simplesmente está ali, sozinho? Parece fácil demais. Como uma armadilha.

— Talvez — digo, olhando ao redor outra vez, desconfiado.

Não há qualquer sinal de vida além de nós e do garoto na estátua. Se os mogadorianos estão à espreita, se esconderam muito bem.

— Vai ver que ele só teve sorte — Sarah sussurra. — Quer dizer, conseguiu ficar escondido por mais tempo que o restante de vocês.

— Como vamos saber se ele é quem está dizendo? — Seis continua.

— Só existe um modo — respondo.

Solto a mão de Seis e atravesso a rua.

Não tento disfarçar minha aproximação. Ele me nota praticamente no mesmo instante em que me afasto de Seis e apareço no brilho amarelo das luzes da rua. Larga o sanduíche e fica de pé em um pulo, enfiando as mãos nos bolsos. Por um momento tenho a impressão de que ele vai sacar algum tipo de arma e sinto que meu Lúmen já começa a esquentar. Mas, em vez disso, ele tira duas bolinhas dos bolsos, uma delas de borracha, daquelas que quicam, e uma de aço. Ele as gira com habilidade entre os dedos, observando, ansioso, eu me aproximar. É como uma espécie de tique nervoso.

Paro a alguns metros.

— Oi.

— Hã, oi — ele responde.

A esta distância enfim consigo dar uma boa olhada em nosso suposto Cinco. Ele tem mais ou menos a minha idade, mais baixo e atarracado, não necessariamente gordo, mas sem dúvida robusto. Seu cabelo é castanho e curto, tipo militar. Ele está usando uma das camisetas bobas do monstro de Boggy Creek e uma calça jeans larga.

— Está me esperando? — falo, sem querer chegar perguntando logo de cara se ele é um lorieno.

Ele pode ser só um caipira esquisito comendo um sanduíche à noite e completamente sozinho, imagino.

— Não sei — ele responde. — Deixe-me ver sua perna.

Hesito por um instante, depois estendo a mão e suspendo uma perna de minha calça. Ele suspira, aliviado,

quando vê minhas cicatrizes. Então, levanta o próprio jeans e me mostra as dele. Com um habilidoso truque de mãos, ele faz as duas bolinhas sumirem dentro do bolso, e então se aproxima, a mão, agora vazia, estendida.

— Eu sou Cinco — ele diz.

— Quatro — respondo. — Meus amigos me chamam de John.

— Um nome humano — ele devolve. — Cara, já tive tantos que nem me lembro.

Nós nos cumprimentamos. Ele está tão animado que seu aperto de mão parece um tique nervoso. Por um momento fico com medo de que não me solte. Pigarreio e tento recolher a mão discretamente.

— Desculpe. — Ele me larga, constrangido. — Só estou muito empolgado. Esperei tanto tempo por isso... Não sabia se alguém ia ver minha mensagem. Não é fácil fazer um círculo numa plantação, sabia? Eu não queria ter que fazer de novo.

— É, aquela não foi uma ideia muito boa.

Começo a olhar em volta outra vez, ainda temendo que os mogadorianos apareçam a qualquer momento. Grilos cantam por perto, e mais além ouço o ronco dos motores na rodovia. Não há motivo para nervosismo, mas, mesmo assim, não consigo me livrar da sensação de estar exposto.

— Não foi uma ideia muito boa? — Cinco pergunta, agitado. — Mas você me encontrou! Funcionou. Fiz algo errado?

Cinco parece ávido por agradar, como se estivesse apenas esperando que eu o parabenizasse pela façanha de ter queimado a plantação. Parece que sequer cogitou que poderia atrair atenção indesejada, o que me soa ingênuo. Talvez eu o esteja julgando com muita severidade, mas ele me parece fraco. Superprotegido. Ou talvez eu tenha passado tempo demais com o pessoal mais casca grossa, como Seis e Nove.

— Não se preocupe com isso — digo. — Está tudo bem. Melhor irmos embora.

— Ah — ele murmura, com uma expressão desanimada. Desvia o olhar de mim, examinando a área. — É só você? Esperava que estivesse com alguns dos outros.

Aproveitando a deixa, Seis e Sarah se materializam a meu lado. Cinco cambaleia para trás e quase tropeça na mochila.

Seis dá um passo à frente.

— Eu sou Seis — ela diz, direta como sempre. — John é gentil demais para lhe dizer que a proeza do círculo na plantação poderia ter matado você. Foi uma idiotice. Tem sorte por termos chegado aqui antes.

Cinco franze a testa e olha de Seis para mim.

— Uau. Desculpe. Não queria causar problemas. Eu só... Só não sabia mais o que fazer.

— Tudo bem — digo, indicando a mochila com a cabeça. — Pegue suas coisas. Conversaremos sobre isso na estrada.

— Para onde estamos indo?

— Vamos levar você para onde estão os outros — digo. — Estamos todos juntos agora. Está na hora de começar a lutar.

— Vocês estão todos juntos?

Eu assinto.

— Você é o último.

— Uau — Cinco diz, parecendo quase envergonhado. — Desculpe ter me atrasado para a festa.

— Vamos — digo, apontando outra vez para a mochila dele. — Precisamos mesmo ir.

Cinco se abaixa, pega a mochila e depois olha para Sarah, que está esperando em silêncio. — Qual é seu número?

Ela balança a cabeça.

— Sou apenas Sarah — responde, sorrindo.

— Uma aliada humana. — Cinco suspira, balançando a cabeça. — Pessoal, estou oficialmente impressionado.

Seis me lança um olhar perplexo. Tenho a mesma sensação. Talvez já tenhamos passado por batalhas demais, e fugas demais, mas parece que Cinco é muito despreocupado. Já deveríamos estar no caminho de volta, mas ele só quer ficar ali, conversando.

— Olhe, não podemos ficar parados batendo papo — dispara Seis. — Eles podem estar vi...

Ela é interrompida por um repentino estrondo sobre nossa cabeça. É um som que nenhuma máquina terráquea produz. Olhamos para cima no exato momento em que a nave mogadoriana prateada lança seus holofotes e nos cega. Protegendo os olhos, Cinco se vira para mim.

— É sua nave? — pergunta.

— Mogadorianos! — grito para ele.

Formas escuras já estão descendo da nave, a primeira onda de guerreiros a caminho do ataque.

— Ah — diz Cinco, piscando confuso ao olhar para a nave. — Então é assim que eles são.

CAPÍTULO

TREZE

— PEGUE A XITHARIS! — grito para Seis. — Se ficarmos invisíveis agora, podemos escapar antes que nos alcancem.

Ela começa a remexer na bolsa e tira a pedra, mas é tarde demais.

Antes mesmo que Seis consiga fazer qualquer coisa, o ar começa a crepitar com a primeira onda de tiros dos mogadorianos.

Meu bracelete se expande bem a tempo de desviar dois tiros que teriam me atingido diretamente no peito. Em vez disso, os tiros acertam o chão bem perto de Seis, que é lançada para trás aos tropeços. Caindo, ela joga a Xitharis para Cinco, mas ele fica parado olhando, nitidamente sem saber o que é aquilo. Não temos tempo para lhe explicar nada. Atrás do primeiro grupo de mogadorianos, vejo mais guerreiros descendo por cordas que pendem do interior da nave. Logo estaremos em grande desvantagem.

Sarah já mergulhou atrás de um carro estacionado ali perto. Deitada de lado no chão, ela dispara a pistola. Vejo os dois primeiros tiros levantarem terra aos pés do mogadoriano mais próximo, e o terceiro o atinge bem no meio do peito. O soldado se desintegra, e Sarah mira em outro.

Seis ficou invisível assim que caiu no chão. Não sei ao certo onde ela está agora, mas de repente nuvens de tempestade começam a encobrir o que pouco antes era uma noite calma e limpa. Com certeza ela está se preparando para atacar.

Cinco está parado a meu lado, plantado no mesmo lugar, ainda olhando fixamente para a pedra em suas mãos. Meu escudo agora está sendo muito alvejado. Cinco já teria sido abatido se não estivesse junto de mim.

— O que está fazendo? — grito para ele, agarrando seu braço bruscamente. — Precisamos sair daqui!

Os olhos de Cinco estão arregalados e apáticos. Ele me deixa afastá-lo dali, e eu o jogo no chão, atrás da estátua do monstro de Boggy Creek. A estátua de madeira não demora a explodir em mil pedaços chamuscados, mas por enquanto a base de concreto está suportando mais tiros. Deixo meu Lúmen se acender na mão que não está segurando o escudo e formo uma bola de fogo de um tamanho razoável. Cinco me observa, encarando, perplexo, o redemoinho de chamas. Eu o ignoro por um instante e me inclino pela lateral da base de concreto, lançando a bola de fogo em cima do grupo de mogadorianos mais próximo. Ela engole três deles, transformando-os em cinzas na mesma hora. O restante se dispersa.

Ouço pingos de chuva começarem a cair, embora nenhum me atinja. Na verdade, a chuva está localizada sobre a nave mogadoriana. Uma trovoadá ressoa. Seja qual for o plano de Seis, confio nela.

— Você está bem? — grito para Sarah.

O carro atrás do qual ela se escondeu está a apenas alguns metros, mas a distância entre nós parece a de um campo de batalha.

— Estou! — ela responde. — E você?

— Tudo certo, mas acho que Cinco está em estado de choque ou coisa do tipo!

Noto três mogadorianos atravessando a rua, tentando se aproximar de Sarah. Antes que cheguem lá, arranco as armas de suas mãos com minha telecinesia. Ao vê-los, Sarah atinge o primeiro bem entre os olhos. Antes que os outros tenham chance de sacar as espadas, uma figura ágil sai das sombras e os ataca.

Bernie Kosar, na forma de uma pantera, o pelo preto quase indistinguível da noite, corta a garganta do mogadoriano que ele derrubou, depois esfaílda o rosto do outro. Após dizimar o grupo, BK contorna furtivamente a lateral do carro, se aproximando de Sarah.

Proteja-a, dirijo o pensamento a BK.

Os mogadorianos que eu havia dispersado já estão se reunindo, ou talvez seja apenas outro grupo saindo da nave. Jogo mais duas bolas de fogo na direção deles, o que deve mantê-los ocupados por um tempo.

Seguro Cinco e o sacudo até que olhe para mim. O ombro de sua camisa está chamuscado — foi do toque de minha mão, ainda quente por causa do Lúmen. Ele se encolhe, me olhando de olhos arregalados.

— Que diabos aconteceu com você? — grito.

— Eu... Eu sinto muito — ele gagueja. — Nunca tinha visto um mogadoriano.

Olho para ele, incrédulo.

— Está de brincadeira?!

— Não! Albert, meu Cêpan, falou sobre eles. Nós treinamos para... para lutar. Só que eu nunca tinha de fato lutado.

— Que ótimo! — Seis rosna, aparecendo de repente a nosso lado. — Arranjamos um completo novato.

— Eu... Eu posso ajudar — Cinco murmura. — Só fui pego de surpresa.

Não estou muito convencido e, embora tenhamos acabado com a primeira onda de mogadorianos, ainda vejo a silhueta deles se deslocando pela escuridão a nosso redor.

— Acabou? — Sarah grita de sua posição. — Porque estou quase sem balas!

— Tem mais vindo — grito em resposta, depois olho para Seis. — Consegue derrubar a nave deles?

Seis se concentra por um instante. Um raio corta o céu noturno, bem em direção à lateral da nave mogadoriana, que oscila. Vejo alguns soldados soltarem as cordas e mergulharem quinze metros até o chão. Ela formou uma tempestade violenta e está só esperando para liberá-la completamente.

— Eles podem ter voado até aqui, mas garanto que não vão embora voando — Seis diz.

Olho para Cinco. Suas mãos trêmulas tiraram outra vez aquelas duas bolas dos bolsos. Ele não inspira muita confiança.

Dou uma olhada em Sarah e a vejo mirando e atingindo um mogadoriano que tentava nos surpreender. Há pouco tempo, esse seria o tipo de luta da qual teríamos fugido, satisfeitos só de conseguir escapar com vida. Mas agora sinto que podemos vencê-la.

Encaro Seis.

— Vamos mandar um recado para Setrákus Ra. Se ele quiser pegar um dos nossos, terá que enviar mais de uma nave.

— É isso aí! — responde Seis, erguendo as mãos para o céu.

As nuvens negras ao redor da nave mogadoriana começam a se adensar e formar um redemoinho. Três raios cortam o céu turbulento, atingindo a lateral do veículo sucessivamente. Vejo pedaços da lataria se soltando e caindo no chão.

Ao perceber que estão em perigo, a nave tenta ganhar altitude e se afastar da tempestade localizada. Os mogadorianos que já estão no chão redobram os esforços para chegar até nós, e seus tiros zunem pelo ar. Eu me aproximo de Seis aos poucos, para que meu escudo apare qualquer tiro perdido em sua direção. Sarah continua agachada atrás do carro, atirando às cegas por cima da capota.

— Você precisa se apressar! — grito para Seis entredentes.

— Estou quase lá — ela retruca, o rosto contraído de tanta concentração.

Pedras de granizo do tamanho de punhos atingem a nave, fazendo-a oscilar, instável. Quando parece que o veículo vai conseguir subir, Seis gira as mãos sobre a cabeça. De repente, as nuvens se concentram — de onde estou, posso sentir a força do vento — e um tornado se forma bem embaixo da nave, que sacode e depois tomba para o lado quando os pilotos perdem o controle.

A nave mergulha para o chão, caindo com um estrondo ensurdecedor na floresta junto à rodovia. Segundos depois, as chamas sobem, seguidas por uma enorme explosão. Então tudo fica quieto. A tempestade se dissipa, e a noite volta a ficar tranquila.

— Uau — murmura Cinco.

— Bom trabalho — elogio Seis.

Seus olhos já se deslocaram para os próximos alvos. Podemos ter derrubado a nave, mas ainda há vários mogadorianos se aproximando. Mais de vinte, no mínimo, com armas e espadas empunhadas.

— Vamos acabar com eles — Seis diz, ficando invisível.

Estou louco para entrar na luta. Primeiro, olho para o Número Cinco. Ele espia, indeciso, a investida dos

mogadorianos.

— Tudo bem se não estiver pronto — digo a ele. — Fique aí.

Cinco assente em silêncio. Saio de trás do que restou da estátua do monstro de Boggy Creek. Na mesma hora, um mogadoriano aponta a arma para mim. Antes que consiga atirar, algo atinge a parte posterior de seus joelhos. A espada que ele carregava atravessada nas costas é desembainhada por mãos invisíveis e o apunhala por trás. Ele se desintegra e, por um breve instante, na nuvem de cinzas, vejo a silhueta de Seis.

Corro para trás do carro estacionado, onde Sarah continua agachada. A lateral alvejada pelos mogadorianos derreteu em alguns pontos, mas Sarah está ilesa. Assim que deslizo para o lado dela no chão, Bernie Kosar cria asas e sai voando, lançando-se sobre dois mogadorianos. Os soldados remanescentes parecem meio confusos. Sua nave foi destruída, metade de seu exército já está morto — duvido que esperassem um confronto como este. Ótimo, é bom que pelo menos uma vez eles nos temam.

— Você está bem? — pergunto a Sarah.

— Sim — ela responde sem fôlego e ergue a arma. — Estou sem munição.

Com a telecinesia, puxo uma das armas mogadorianas caídas. Sarah a pega no ar.

— Me dê cobertura — digo a ela. — Vamos acabar com isso.

Saio de trás do carro a passos largos, praticamente desafiando os mogadorianos a virem até mim. Dois deles, agachados diante do posto de gasolina, atiram em minha direção. Meu escudo se expande na mesma hora, aparando os tiros. Penso em lançar uma bola de fogo neles, mas não quero explodir o posto. Já destruímos demais a pobre Fouke.

Uso a telecinesia para tomar suas armas e as esmago contra o chão. Depois, ergo a mão e faço um gesto chamando os mogadorianos. Eles sorriem, os minúsculos dentes brilhando ao luar, desembainham as espadas e correm em minha direção.

Quando chegam a uma distância segura do posto de gasolina, lanço uma bola de fogo que engole os dois. Idiotas.

Outro grupo de mogadorianos se recompôs o suficiente para organizar um novo ataque; todos partem para cima de mim ao mesmo tempo, tentando me encurralar. Antes que me cerquem, sinto algo emborrachado se enroscar com firmeza em minha cintura e sou puxado para trás, para longe dos inimigos que se aproximam. Perplexo, olho para baixo. Um braço está enrolado em mim. Um braço muito longo e esticado.

Assim que me afasto, Sarah começa a atirar no grupo com a arma mogadoriana.

Olho outra vez para baixo, a tempo de ver o braço de Cinco voltar à forma normal e para dentro da camiseta. Ele me encara, tímido.

— Desculpe se interrompi, achei que você pudesse ficar encurralado — ele diz.

— O que acabou de fazer? — pergunto, curioso e, ao mesmo tempo, meio enojado.

— Meu Cêpan chamava isso de Externa — Cinco explica. Ele mostra a bola de borracha com a qual estava brincando desde que chegamos. — É um de meus Legados. Consigo adquirir as características do que quer que esteja tocando.

— Legal — respondo.

Talvez o novato não seja tão inútil, afinal.

Um dos mogadorianos consegue se desviar dos tiros de Sarah e parte para cima de nós. Cinco para na minha frente. De repente, sua pele brilha ao luar, cintilante e prateada. Eu me lembro da outra bola que estava com ele — uma esfera de aço. O mogadoriano maneja sua espada na direção de Cinco, descrevendo um arco que deveria lhe abrir a testa, mas, com um ruído estridente, a espada ricocheteia na cabeça de Cinco. O mogadoriano fica perplexo quando o garoto se vira e o golpeia com um soco fortíssimo. A mão coberta de aço esmaga o crânio do mogadoriano.

Cinco olha para mim.

— Eu nunca, hã, tinha tentado isso.

Ele começa a rir, aliviado.

— Sério? — É impossível não rir também, a energia nervosa de Cinco é contagiante. — E se não tivesse dado certo?

Cinco apenas dá de ombros, esfregando o ponto onde a espada do mogadoriano tocou sua testa.

Quando nos viramos, vemos dois mogadorianos fugindo para a floresta, com Bernie Kosar rosnando em seu encalço. Antes de chegarem à fileira de árvores, Seis aparece diante deles. Ela acerta os dois com a espada mogadoriana emprestada.

Olho em volta. A área está limpa. O Monster Mart e os arredores têm marcas de tiros, e ainda há uma coluna de fumaça subindo da floresta. Fora as manchas escuras no chão, onde os mogadorianos viraram cinzas, não há sinal de nossos inimigos. Nós os aniquilamos.

Sarah se aproxima, a arma mogadoriana apoiada no ombro.

— Acabou?

— Acho que sim — digo, controlando o tom de voz. Estou com vontade de socar o ar e apertar a mão de todos, mas quero manter a calma. — Pela primeira vez, acho que os pegamos de surpresa.

— É sempre fácil assim? — Cinco pergunta.

— Não — digo a ele. — Mas agora que estamos todos juntos...

Eu me calo, não quero azarar as coisas. A luta não poderia ter sido melhor. Claro, foi apenas uma nave de mogadorianos; eles têm exércitos inteiros em West Virginia e em outros lugares, sem falar em Setrákus Ra. Mesmo assim, nós os destruímos em tempo recorde, e acho que nenhum Garde se feriu. Ontem, quando Nove estava todo ansioso para atacar West Virginia e pedindo uma revanche, tentei fazê-lo entender que eu não achava que estivessemos prontos. Mas, depois desse resultado, talvez seja hora de reconsiderar nossas chances.

— Onde está Seis? — pergunto, olhando em volta. — Alguém deve ter ouvido a nave cair. Precisamos fugir antes que a polícia apareça.

Como se em resposta, um rugido grave ressoa nas árvores, vindo do local onde a nave mogadoriana caiu. Direciono o Lúmen para lá a tempo de ver Seis correndo em nossa direção, balançando os braços.

— Está vindo! — ela grita.

— O que está vindo? — Cinco pergunta, engolindo em seco.

— Parece um piken — respondo.

Ouvimos o barulho de alguma coisa se quebrando; de uma árvore sendo arrancada e esfaqueada. Algo enorme vem em nossa direção. Coloco a mão no ombro de Sarah.

— Afaste-se — digo. — Você precisa ficar atrás de nós.

Ela olha para mim, segurando com força a arma mogadoriana. Por um instante, receio que ela argumente, mesmo sabendo que lutar contra um piken é muito diferente de trocar tiros com soldados. Atirar de trás de um abrigo é uma coisa, um confronto frente a frente com uma besta na qual os tiros só fazem cócegas é muito diferente. Sarah toca minha mão, apenas por um instante, depois foge correndo para se proteger perto da agência de correio.

— O que é aquilo? — Cinco pergunta, ainda parado a meu lado, apontando para as árvores.

Ambos vemos a besta ao mesmo tempo quando ela surge em meio à floresta, avançando atrás de Seis. Mas não respondo a Cinco. Na verdade, não posso responder porque, seja lá o que for essa coisa, não sei como chamá-la. Parece uma centopeia do tamanho de um caminhão, o corpo de verme coberto por um couro rachado. Centenas de pequenos membros contorcidos se projetam de seu tronco, levantando terra ao retumbar pelo chão em uma velocidade surpreendente. Na frente, sua cara lembra a de um pit bull — achatada, com um focinho molhado e uma boca salivante com fileiras de dentes pontiagudos. No meio da cara há um único olho que não pisca, injetado e cheio de crueldade. Eu me lembro da horda de criaturas que os mogadorianos mantinham enjauladas em West Virginia, e, no que diz respeito a repugnância, esse eu colocaria no topo da lista.

Por mais rápida que Seis seja, não supera aquela coisa. A centopeia emparelha com ela e depois se joga para o lado. Sua metade posterior — a cauda — se contorce para cima, sua carne pesada pairando por um instante sobre Seis antes de despencar.

Seis desvia para o lado bem a tempo de não ser esmagada. A cauda bate no chão e levanta pedaços do pavimento, abrindo um buraco no solo. Seis se levanta rápido, investindo com a espada contra a centopeia, que mal parece notar. Seu corpo contorcido recua com velocidade suficiente para arrancar a espada das mãos de Seis.

— Como vamos matar aquilo? — Cinco pergunta, dando um passo para trás.

Minha mente está a mil por hora em busca de resposta. Que vantagem temos sobre esse verme de um olho só? Ele é rápido, mas pesado, e está preso ao chão...

— Você consegue voar, certo? — pergunto a Cinco.

— Como sabe disso? — ele pergunta, os olhos fixos na besta. — Sim, consigo.

— Levante-me — digo a ele. — Precisamos ficar acima dessa coisa.

Quando a centopeia contorna Seis novamente, vejo Bernie Kosar pular em suas costas. Ele voltou à forma de pantera e crava as garras no couro da besta. Com um guincho irritado, a centopeia rola pelo chão, forçando BK a pular para não ser esmagado. A distração é o bastante para Seis tomar certa distância do animal. Ela fica invisível.

— Vai ser mais fácil se você montar em minhas costas — Cinco diz, se ajoelhando diante de mim.

Se não fosse caso de vida ou morte, eu me sentiria um idiota por ficar de cavaleiro nas costas de Cinco. Assim que subo, ele dispara no ar. Não é como a trêmula levitação que todos conseguimos fazer com a telecinesia; Cinco é rápido, preciso, está no controle. Sobe uns dez metros, bem acima da centopeia. Começo a bombardear a criatura com bolas de fogo, formando-as e atirando-as o mais rápido que consigo. Queimaduras se abrem nas costas do animal e um fedor terrível se espalha pelo ar.

— Nojento — Cinco murmura.

A centopeia urra de dor, se enroscando. O imenso olho vasculha, frenético, o campo de batalha. Seu pequeno cérebro sequer consegue registrar de onde vem a dor. Continuo o ataque, esperando poder matar a coisa lá de cima antes que ela perceba o que está acontecendo.

A bola de fogo seguinte passa longe da besta quando Cinco mergulha. Perco o equilíbrio e agarro as costas de sua camiseta até ele recuperar a direção. Sua roupa está encharcada de suor.

— Você está bem? — pergunto, gritando em meio ao barulho do vento e da centopeia uivante.

— Não é fácil carregar um lança-chamas — ele grita, tentando fazer piada, mas sua voz está tensa.

— Só mais um minuto. Agente firme!

O olho da centopeia vira para cima e nos localiza. Ela urra de novo, desta vez quase alegre, e então dá um impulso para o alto, com todas as perninhas agarrando o ar. Sua cara horrenda dispara em nossa direção, rangendo os dentes. Cinco grita e nos lança para trás, e a besta engole o espaço vazio onde estávamos.

A repentina mudança de direção me joga das costas de Cinco e minha mão agarra um pedaço rasgado de sua camiseta. Estou caindo.

Consigno amortecer um pouco a queda usando a telecinesia para repelir o chão. Se não fosse por isso, eu provavelmente teria quebrado uma perna quando batesse no solo. Mesmo assim, fico sem fôlego. E, para piorar a situação, caio diante da besta.

Ao longe, ouço Seis e Sarah gritando para eu correr. É tarde demais. A centopeia está a apenas quarenta metros, urrando para mim. A boca está escancarada, e um fedor pútrido emana do breu de sua goela.

Eu me preparo e acendo o Lúmen por todo o corpo. Se essa coisa quiser me jantar, quero ter certeza de que vou descer queimando. Se conseguir pular as fileiras de dentes, poderei incendiar suas entranhas até conseguir sair do outro lado. Ser engolido por uma centopeia mogadoriana não é o melhor plano que já bolei, reconheço, mas, nos segundos que tenho antes que ela pule em cima de mim, é o melhor que consigo.

Conforme a besta se aproxima, vejo um ponto vermelho refletido em seu olho, como uma mira a laser. De onde isso está vindo?

Um único tiro é disparado de algum lugar atrás de mim.

O olho da besta explode. Ela está a apenas alguns metros de distância, e sou banhado por sua gosma fedorenta. A centopeia guincha e se empina, me esquecendo por completo. Aproveito a oportunidade para recuar, disparando bolas de fogo na barriga da criatura, e ela começa a convulsionar, agitando o rabo com força suficiente para fazer o chão tremer sob meus pés. Depois de um último e intenso espasmo, a centopeia cai na terra e se desintegra aos poucos.

Cinco aterrissa a meu lado com as mãos na cabeça.

— Cara, mil desculpas por ter deixado você cair.

— Não se preocupe — respondo, distraído, empurrando-o para o lado e me virando para o Monster Mart.

Nenhum de nós tinha um rifle de precisão. De onde veio o tiro?

Seis e Sarah correm em direção a um homem alto e barbado de meia-idade, que desce do teto de uma lata-velha. Ele está segurando um rifle com mira a laser. A princípio, acho que é apenas um bom samaritano — quem não atiraria em um verme gigante que estivesse causando tumulto na vizinhança? Mas ele tem algo de muito familiar.

E então noto outra pessoa parada ao lado do carro. Está ajudando o homem mais velho a descer da posição de franco-atirador; quando Seis se aproxima, ela quase o derruba com um abraço. Meu queixo cai e imediatamente começo a correr.

É Sam.

CAPÍTULO

QUATORZE

SEIS ME ABRAÇA com tanta força que quase caio. Seus braços envolvem meu pescoço e minhas mãos tocam suas costas. Sua camisa está suada por causa da batalha que a Garde acabou de travar, mas não me importo nem um pouco. Estou prestando mais atenção em como seu cabelo louro roça de leve minha bochecha. Aqueles devaneios com os quais eu me distraía quando estava preso? Muitos tinham uma cena exatamente como esta.

— Sam — Seis sussurra, perplexa, me segurando como se eu fosse desaparecer. — Você está aqui.

Eu a aperto em resposta. Acho que ficamos abraçados por mais tempo do que seria apropriado na presença de todos os outros. A meu lado, ouço meu pai pigarrear.

— Ei, Seis, por que não cede a vez a outra pessoa?

É Sarah, que se aproxima de nós em silêncio. Seis me solta, de repente encabulada. Não sei se consigo me lembrar de já ter visto sua fachada durona e inabalável amolecer. Sinto um rubor subir pelas bochechas. Ainda bem que está escuro.

— Oi, Sam — Sarah diz, me abraçando também.

— Oi — respondo. — Que bom ver você aqui! Estamos muito longe de Paradise.

— Nem me fale — Sarah concorda.

Por cima do ombro de Sarah, vejo John vir correndo. Ele está com um cara atarracado de cabelos castanhos; imagino que seja o Número Cinco, o que postou aquela mensagem na Internet. Foi essa notícia, captada pelo programa de mapeamento on-line de meu pai, que nos trouxe ao Arkansas. Viemos do Texas sem fazer paradas, para chegarmos a tempo do final da batalha.

Cinco se mantém um pouco afastado do grupo, parecendo nervoso por conhecer tanta gente nova, mas John vem diretamente em minha direção. Estou com um sorriso de orelha a orelha, pois não se trata apenas de reencontrar meu melhor amigo; é a sensação de que vamos fazer parte de algo grandioso juntos. Vamos salvar o mundo.

John retribui meu sorriso, claramente animado por eu estar aqui, mas há algo em seus olhos que não consigo decifrar com clareza. Ele aperta minha mão com força.

— Apenas me responda uma coisa — John diz de repente, sem soltar minha mão. — Você se lembra daquele dia em seu quarto, quando desconfiou que eu fosse um alienígena?

— Hã, sim.

— O que você fez?

Lanço um olhar desconfiado para John, sem entender ao certo por que ele está perguntando

isso. Olho para meu pai, que observa a conversa com curiosidade, esperando ser apresentado ao lorieno.

— Hã, eu aponte uma arma para você. É disso que está falando?

— Ah, Samuel — meu pai murmura com ar de reprovação, mas John sorri ao ouvir minha resposta, e no mesmo instante me puxa para um abraço.

— Desculpe por fazer isso, Sam. Precisava ter certeza de que não era Setrákus Ra disfarçado — John explica. — Não imagina como é bom vê-lo.

— Digo o mesmo — respondo. — Senti falta de combater vermes gigantes.

John ri, e se afasta de mim.

Cinco levanta a mão, hesitante, dando um passo à frente.

— Estou perdido. Setrákus Ra consegue se metamorfosear?

Isso também é novidade para mim. Sem perceber me pego tocando as queimaduras em meus pulsos. Posso dizer com propriedade o tipo de maldade que Setrákus Ra é capaz de fazer.

— Como sabem disso? Vocês o enfrentaram?

John assente de um jeito solene, olhando de relance para Cinco.

— Sim, eu diria que terminou em empate. Vou atualizar vocês dois, mas primeiro... — O olhar de John se desloca para meu pai. — Sam, este é quem estou pensando?

Meu sorriso se abre outra vez. Parece que estou esperando há anos para apresentar meus amigos a meu pai.

— Pessoal — digo, cheio de orgulho na voz —, este é meu pai, Malcolm. Garanto que ele também não é Setrákus Ra, caso estejam preocupados.

Meu pai dá um passo à frente, cumprimentando cada membro da Garde e Sarah.

— Obrigado pela ajuda — John diz, indicando o rifle dele. — Fico feliz por você ter trazido armamento pesado.

— Parecia que estava tudo sob controle — meu pai diz a John. — Mas fazia tempo que eu queria atirar em algo mogadoriano.

— Sob controle. — Seis ri, balançando a cabeça. — Para mim, parecia que você estava prestes a ser engolido, John.

— Então, não foi meu melhor plano...

John encolhe os ombros, sorrindo.

Sarah dá um tapinha encorajador nas costas dele.

Cinco está avaliando a mim e meu pai.

— Vocês não são lorienos — ele constata, como se tivesse acabado de perceber. — Tinha quase certeza de que você era um Cêpan, por ser tão velho e tal.

Meu pai ri.

— Desculpe decepcioná-lo. Sou apenas um velho humano querendo ajudar.

Cinco se volta para John, balançando a cabeça.

— Você tem um verdadeiro exército.

Seis e eu trocamos olhares. Não sei se esse cara novo está sendo sarcástico ou se é apenas meio lento. A julgar por sua expressão, Seis também não sabe.

— Temos seis aqui e mais quatro nos esperando em Chicago — John diz, paciente. — Não acho que ter dez pessoas nos qualifique como um exército, mas obrigado.

— É, acho que não — Cinco murmura.

— Quero saber tudo sobre o reencontro de vocês — John diz. Ele olha para meu pai com certa cautela, como se tivesse acabado de bater à porta de nossa casa e me chamado para brincar de invasão alienígena. — Em primeiro lugar, Sr. Goode, quero que saiba que nunca tive a intenção de envolver Sam em tudo isso. Desculpe por tê-lo colocado em perigo, mas acho que não teríamos chegado até aqui sem ele.

— Não, mesmo — Seis concorda, sorrindo para mim.

Desvio o olhar, sentindo minhas bochechas corarem.

Meu pai parece emocionado.

— Correr perigo pela segurança da Terra é uma tradição da família Goode. Mas obrigado por dizer isso. — Ele coloca a mão em meu ombro. — Estou feliz por vocês terem se encontrado. E esqueça o “senhor”... Malcolm está ótimo.

Sirenes tocam nas redondezas, aproximando-se. Podemos estar em uma área rural do Arkansas, mas as autoridades definitivamente não deixariam passar uma nave espacial caindo. Logo estarão aqui.

— Temos que ir — Seis diz.

John assente já começando a correr para a floresta.

— Nosso carro está parado perto da rodovia.

— Vou com Sam e Malcolm para mostrar o caminho — Seis diz.

John, Sarah e Cinco seguem para a rodovia. Enquanto as luzes começam a piscar por toda a cidade, meu pai, Seis e eu vamos para o Rambler. Quando meu pai se senta no banco do motorista, Seis toca meu braço.

— Desculpe se eu, hã, envergonhei você naquela hora do abraço. Na frente de seu pai e tudo. Espero que não tenha sido estranho.

— De jeito nenhum — me apresso em dizer, querendo que ela saiba que aquele abraço foi a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo. — Foi ótimo.

— Não se acostume a me ver toda emotiva — Seis diz, me lançando um olhar como se estivesse implicando comigo. — Sua chegada apenas me pegou de surpresa.

— Então está dizendo que vou ter que desaparecer de novo para ganhar outro abraço?

— Exatamente — ela responde, depois vai em direção ao banco de trás. Hesita, refletindo

por um momento, e de repente me abraça outra vez. — Ok. Mais um.

Aperto Seis enquanto meu pai dá a partida no Rambler. Seu rosto está iluminado pelo painel do carro e, mesmo que ele esteja fingindo que não está nos observando, eu sei que está. Se dependesse de mim, nunca a soltaria e continuaríamos abraçados até a polícia chegar para nos prender.

Seis se afasta e me olha nos olhos. Tento manter uma expressão calma e controlada, mas provavelmente não está funcionando.

— Que fique registrado — ela diz. — Nunca achei que você fosse Setrákus Ra. Soube na mesma hora que era você.

— Obrigado — respondo de um jeito ridículo, tentando encontrar algo melhor para dizer, como, por exemplo, o quanto senti saudades dela e como é maravilhoso revê-la.

Antes que eu consiga pensar em qualquer coisa, Seis já foi para o banco de trás.

Ela está prendendo o cinto de segurança quando Cinco solta um pigarro.

— Hã — ele diz. — Que pedra era aquela que vocês jogaram para mim?

Todos nos viramos para ele.

— A Xitharis, é isso? — Seis pergunta.

— É — ele responde —, isso. É que eu, tipo, deixei ela cair.

CAPÍTULO

QUINZE

— UAU, JOHNNY. MANDEI você buscar reforços e você volta com um velho, um nerd e esse hobbit. *Bom trabalho.*

Nove está a postos para recepcionar com sarcasmo nosso grupo assim que entramos no hall de sua absurda cobertura em Chicago. Então, minha primeira impressão dele durante nosso breve encontro em West Virginia não estava nem um pouco equivocada. Ele é mesmo um idiota.

Chegamos bem mais tarde do que imaginávamos. Ficamos procurando pela Xitharis, mas ela havia sumido e não podíamos nos demorar muito mais do que o necessário. E ainda que ninguém esteja muito satisfeito, parece que estamos evitando colocar a culpa em Cinco. Pelo menos até agora.

Depois que ficou claro que a tínhamos perdido, depois de Cinco se desculpar pela centésima vez, Seis simplesmente jogou o cabelo para trás e deu de ombros.

— É só uma pedra — disse, como se tentasse convencer a si mesma. — Uma pedra poderosa, mas já somos bem poderosos sem ela.

De qualquer jeito, é óbvio que isso não tornou Cinco muito benquisto. Especialmente para Nove.

— Seja legal — Sarah o adverte.

Percebo que os outros se acostumaram às suas gracinhas nada divertidas. A julgar pela maneira com que ele e John se cumprimentam, eu diria até que se tornaram amigos.

Cinco, porém, parece ofendido. Parado a meu lado, tenta discretamente encolher a barriga.

— Hobbit — ele repete em voz baixa.

— É de um livro — começo a explicar, mas ele me corta.

— Entendi a referência — diz. — Não é muito gentil.

— Este é Nove — diz John, entreouvindo. — Você vai acabar gostando dele. Ou, bem, vai se acostumar com ele.

Cinco me lança um olhar inexpressivo como se duvidasse disso, e não consigo impedir um sorriso. Acho que nós dois estamos nos sentindo meio deslocados nesta cobertura. Seis tentou me inteirar da melhor maneira possível na viagem de volta, mas há muitas caras novas e histórias para conhecer aqui em Chicago, sem falar no esconderijo mais surreal de todos os tempos. Ainda não consigo acreditar que a Garde está morando em um lugar como este. É o tipo de apartamento luxuoso que aparecia naquele programa da MTV sobre celebridades ricas e seu estilo de vida de dar inveja. Nove e seu Cêpan terem conseguido criar um lugar como

este, e ainda por cima mantê-lo fora do radar mogadoriano, é impressionante.

John apresenta todos a Nove, que parou de fazer piadas idiotas por tempo suficiente para conhecer Cinco e meu pai.

— E se lembra de Sam, não é? — John conclui.

— Claro — Nove diz, vindo a passos largos apertar minha mão. Ele é bruto e se impõe sobre mim, me obrigando a esticar o pescoço. Baixa a voz, sem querer que os outros escutem.

— Sério, mermão, desculpe por ter deixado você na caverna. Aquilo foi meio que minha culpa.

— Tudo bem — respondo, pego de surpresa com aquele pedido de desculpas.

Nove vira minha mão antes de soltá-la, notando as recentes cicatrizes rosadas em meus pulsos.

— Então eles fizeram você passar por isso, hem? — pergunta solenemente.

Seu tom soa como se ele acabasse de perceber que temos algo em comum. Acho que entrei para uma fraternidade secreta das vítimas da tortura mogadoriana.

Não sei o que dizer. Apenas balanço a cabeça.

— Você conseguiu fugir — Nove diz, dando um forte tapa em meu ombro. — Que bom, mermão!

John começa a nos afastar de Nove, que está basicamente parado em nosso caminho. De algum modo, ele me lembra um daqueles cachorros grandes que pulam nas visitas assim que elas entram. Quando enfim ele se afasta, vejo os outros três Gardes dos quais Seis falou: Sete, Oito e a pequena Dez. Estão na entrada da sala de estar, com um pouco mais de paciência que Nove, pois pelo menos nos esperam entrar.

— Se estiverem se perguntando que cheiro horrível é este, é a comida vegetariana que Marina está fazendo para o jantar — diz Nove.

— Ei — a garota de cabelos escuros, a Número Sete, Marina, responde de bom humor. — Vai ficar bom, prometo.

— Quem se importa com o jantar? — Nove bufá. — O time todo está junto! São mais atarracados e bocós do que eu esperava, mas tudo bem. Vamos detonar alguma coisa!

— Você precisa se acalmar, cara. Viajamos pelo menos umas doze horas — Seis diz a Nove, empurrando uma sacola de equipamentos no peito dele. — Aqui. Seja útil.

Sarah na mesma hora a imita e joga sua bolsa para Nove. Logo ele está segurando praticamente tudo o que trouxemos dos carros.

— Tudo bem, eu guardo as coisas — Nove diz ao sair cambaleando de boa vontade para guardar nossos equipamentos. — Mas depois vamos pelo menos falar em arrumar alguma confusão.

Percebo que Cinco observa atentamente enquanto Nove sai da sala. Depois se vira para

John.

— Não vamos já lutar de novo, vamos?

John balança a cabeça.

— Nove só está animado. Reunir todos é um primeiro grande passo. Agora precisamos resolver o que fazer daqui para a frente.

— Entendo — Cinco diz, olhando para as próprias mãos. — Acho que nunca enxerguei a violência como algo que me animasse.

— Não somos todos como Nove — Marina diz em tom de desculpas enquanto se aproxima.

Ela nos cumprimenta calorosamente, chegando a puxar Cinco para um abraço, o que acho que o surpreende e ao mesmo tempo faz com que relaxe um pouco. Sem dúvida, ela me tranquiliza depois da exibição violenta de Nove.

Oito se apresenta em seguida. Noto uma energia muito tranquila vindo dele, o que é uma agradável mudança em relação à cena de macho alfa que Nove fez quando entramos. Ainda assim, vejo que está tão animado quanto Nove, só é mais discreto.

— Tenho muitas perguntas. Para todos — Oito diz. — Cinco, estou muito curioso para saber onde você esteve, para ouvir tudo o que lhe aconteceu.

— Hã — grunhe Cinco. — Tudo bem.

— Tenho certeza de que você passou por muita coisa para chegar aqui — Oito continua, encorajador.

— Tudo o que John e eu conseguimos arrancar dele no carro foram grunhidos — Sarah sussurra para mim.

Entendo que ele se sinta meio sobrecarregado nesta situação; você conhece os últimos remanescentes de seu povo, e eles já estão juntos há bastante tempo. De certa forma, é legal ter Cinco aqui, mesmo que a gente não converse muito; é bom estar com alguém igualmente constrangido nessas situações sociais.

— Você estava morando na Jamaica antes, não é? — Oito pergunta a Cinco.

— Isso mesmo — Cinco responde. — Por um tempinho, pelo menos.

Oito parece esperar que Cinco fale mais. Como isso não acontece, John se intromete.

— Foi uma viagem longa, e acho que todo mundo está meio cansado. Talvez a gente possa compartilhar histórias durante o jantar — sugere.

Oito assente e para de pressionar Cinco a fim de obter mais detalhes. Vejo que John está tentando ser cuidadoso com Cinco, deixando que se acostume ao grupo em seu próprio tempo. Estou um pouco surpreso por Cinco não estar fazendo mais perguntas sobre os outros, mas isso parece, em parte, dever-se à sua relutância em responder a qualquer pergunta sobre seu próprio passado. Pelo fato de ter aparecido sem um Cêpan ou uma arca, tenho certeza de que é a típica história triste que todos os Gardes têm para contar.

Quando Oito desiste de tentar extrair informações de Cinco, a última Garde nova consegue

se aproximar e se apresentar. Embora Seis tenha me contado que ela era mais nova, fico surpreso ao ver como Ella é pequena pessoalmente. Não consigo imaginar essa menina enfrentando Setrákus Ra, muito menos sendo a chave para afugentá-lo, mas foi isso o que Seis disse que aconteceu. Estou impressionado.

— Eu não sabia que havia uma décima Garde — diz Cinco, apertando a mão de Ella, e isso é o que mais se aproxima de uma pergunta sobre os outros desde que ele chegou à cobertura.

— Não havia. Fui uma espécie de acidente.

Percebo que John lança a Marina um olhar de curiosidade. Marina ergue as sobrancelhas em resposta, gesticulando com os lábios as palavras *Eu conto mais tarde*.

Cinco assente para Ella em resposta, analisando-a por mais um instante antes de olhar para o chão.

— Hã — Cinco diz, procurando palavras. — Eu também me senti um pouco assim, para ser sincero. Os números, as Heranças, toda a missão na Terra. Quer dizer... quanto será que os Anciões refletiram sobre isso tudo? Acha que eles, tipo, tiraram nossos nomes de um chapéu?

Todos ficam em silêncio por um instante, os olhares fixos em Cinco. É um discurso muito estranho, sobretudo considerando que é a primeira vez que os Gardes sobreviventes se reúnem. Este deveria ser um momento de comemoração, mas ele parece decidido a arruinar isso.

— Hmmm... é — diz Oito, quebrando alegremente o silêncio. — Até que é engraçado se pensarmos por esse lado.

Meu pai pigarreia, a voz suave.

— Posso garantir que a seleção de vocês foi mais que um sorteio aleatório. — Ele se volta para Ella com o mesmo olhar tranquilizador que eu recebia quando chegava em casa depois de sofrer bullying na escola. — E sem dúvida sua fuga de Lorien foi mais que um acidente. Eu diria que foi uma bênção.

— Hã, ok — diz Cinco, ainda olhando para o chão ao se dirigir a meu pai. — Parece que o humano velho é especialista em Lorien. — Então levanta o olhar, forçando um sorriso ao perceber que todos o encaramos de um jeito estranho. — Desculpe — acrescenta às pressas. — Só estou pensando alto. Também não sei do que estou falando.

— Não me considero um especialista — meu pai diz com diplomacia. — Desculpe se o ofendi. Mas acredito no trabalho de seus Anciões. Se não acreditasse...

Ele se cala, talvez pensando no tempo que passou como prisioneiro mogadoriano.

Agora Cinco parece encabulado.

— Quatro... hã, John... estou muito cansado. Tem algum lugar onde eu possa me deitar um pouco?

— Claro, cara — John responde, dando um tapinha nas costas de Cinco. — Vou lhes mostrar

onde ficam os quartos.

Poucos minutos antes, eu simpatizei com Cinco, achando que aquela era uma situação constrangedora para ele. Mas, sei lá, algo no tom que ele usou com meu pai me irritou. Havia um quê de desdém em sua voz, como se fosse impossível meu pai ter informações úteis sobre a Garde.

Todo o grupo — à exceção de Nove — nos guia por um corredor cheio de obras de arte, que provavelmente arrecadariam uma pequena fortuna no leilão de um museu. Ainda não consigo acreditar que esta seja a casa de um cara como Nove. Tenho a sensação de que deveria vestir um smoking só para estar aqui. Conforme andamos pela cobertura, Sarah e Seis se separam do grupo para tomar banho depois da viagem, enquanto Ella pede licença para ir ajudar Nove a guardar os equipamentos. Enfim, John para no meio do corredor.

— Este está livre — diz, abrindo uma porta para Cinco. — Há roupas nas gavetas, caso queira se trocar.

— Obrigado — Cinco diz, se arrastando para dentro do quarto. Ele está quase batendo a porta, mas percebe que ainda estamos todos parados do lado de fora, com os olhos fixos nele. — Hã, então acho que vejo vocês no jantar — murmura antes de fechar a porta.

— Cara legal — Oito diz em um tom seco.

Marina lhe dá uma cotovelada nas costelas, fazendo-o calar-se. Olho para a porta fechada atrás da qual aposto que Cinco ainda está parado, escutando. Outra vez, sinto um pouco de pena dele. Não é fácil ser um estranho.

John se volta para meu pai e para mim:

— Também estão cansados? Ou querem fazer um tour?

— Não — digo. — Vamos lá. Esta é minha primeira cobertura.

— A minha também — meu pai acrescenta, sorrindo.

— Maravilha — John responde, parecendo aliviado por não sermos tão antissociais quanto Cinco. — Acho que vão gostar muito da próxima parada.

Meu pai fica alguns metros para trás do grupo, admirando as obras de arte. Quando avançamos pelo corredor, e o quarto de Cinco fica fora do alcance da voz, Oito pergunta a mesma coisa que, imagino, a maioria de nós está pensando.

— Qual é o problema do cara novo? — Ele olha para mim. — Você não, Sam. Você é perfeitamente normal.

— Obrigado.

John balança a cabeça, um pouco confuso.

— Para ser sincero, não sei. Ele é meio estranho, não é? Não exatamente o que eu esperava.

— Deve estar apenas nervoso — Marina acrescenta. — Vai se adaptar.

— Onde está o Cêpan dele? — pergunto. — O que Cinco ficou fazendo durante todos esses anos?

— Ele passou a viagem de volta bem quieto — John responde. — Nem mesmo Sarah conseguiu arrancar muita informação dele, e vocês sabem como ela é.

— É. Ela é tão simpática que consegue fazer lorienos reservados como vocês falarem sobre praticamente qualquer coisa.

John ri, entendendo na hora minha piada.

— Sarah é tão encantadora que conseguiria convencer um alienígena em fuga a tirar uma foto para o jornal da escola... — continuo. — Tão encantadora que o mesmo alienígena teria até jogado pedras em sua janela no meio da noite, mesmo com agentes do governo vigiando a casa dela.

Oito e Marina trocam um olhar confuso, enquanto John e eu começamos a rir.

— Você jogou pedras na janela de Sarah? — Marina pergunta a John, a sobrancelha erguida, como se achasse graça. — Como Romeu e Julieta?

— Hã, supostamente, segundo o FBI... Ah, vejam, chegamos — John diz, ansioso para mudar de assunto.

Sorrio para Marina e assinto.

No fim do corredor, John nos mostra uma sala que, ao que parece, a Garde tem usado como base de operações. Há telas enormes de computador na parede, e uma delas roda um programa parecido com o rastreador da web de meu pai. As Arcas Lóricas estão guardadas aqui, assim como o tablet que recuperamos do laboratório de meu pai. O restante da sala é absolutamente cheio de aparatos eletrônicos; alguns novos, que acabaram de sair da caixa, outros com jeito de que foram tirados de um ferro-velho. Em certos pontos das paredes, há dispositivos e peças avulsas empilhados até o teto. O rosto de meu pai se ilumina.

— É uma coleção e tanto! — ele exclama, correndo os olhos pela sala como uma criança na manhã de Natal.

— Esta era a oficina do Cêpan de Nove, Sandor — explica John. — Ativamos algumas, mas nenhum de nós é especialista em tecnologia. — John se volta para meu pai. — Espero que você consiga descobrir se há algo de útil, Sr. Goode, quer dizer, Malcolm.

Meu pai esfrega as mãos.

— Com prazer, John. Já faz muito tempo que não tenho um lugar como este à minha disposição. Preciso me atualizar.

— Também gostaria de saber se você pode dar uma olhada nisto — John diz, nos guiando por uma porta dupla. — Nove chama de Sala de Aula.

Entramos em uma enorme sala branca de pé-direito alto e passamos por uma intimidante estante de armas que fazem as que meu pai comprou no Texas parecerem brinquedos. A sala é mais ou menos do tamanho do ginásio de nossa escola, e novamente fico maravilhado com a imensidão da cobertura. No fim da sala, embutida na parede, há uma grande aparelhagem

semelhante a um *cockpit*, com um painel de controle. A cadeira está meio amassada, como se algo enorme tivesse caído sobre ela.

— Incrível — comenta meu pai.

— Temos usado esta sala para treinar. Nove diz que Sandor tinha muitas armadilhas e obstáculos a postos.

Ele toca um painel na parede, de onde aparentemente alguma coisa deveria disparar, mas nada acontece. — Só que Nove deu um “piti” e esmagou os controles. Agora não funciona muito bem.

— Faz sentido — digo. Não é nada difícil imaginar Nove perdendo a cabeça.

— Aquilo — ele diz, indicando a cadeira. — Chamamos de Palanque. Se conseguirmos fazê-lo voltar a funcionar, acho que nosso treinamento melhoraria muito.

Meu pai já está ajoelhado diante do Palanque, mexendo em fios enrolados e chapas de aço retorcidas.

— É um trabalho bem impressionante — ele diz.

Examino a aparelhagem por cima do ombro dele, mesmo sem fazer ideia do que estou olhando.

— Você consegue consertar?

— Posso tentar — ele diz, se voltando para John. — Serei útil de todas as maneiras possíveis.

— Eu também — digo, prestando para John uma rápida continência. Ele ri.

— Sei que vocês acabaram de chegar — John diz. — Espero não estar forçando a barra. Para ser sincero, é muito bom tê-los aqui. E, sem querer ser meloso, estou feliz por terem se encontrado.

Quando John fala sobre mim e meu pai, há um tom de frustração em sua voz. Eu me pergunto se passou pela cabeça dele que poderíamos ter tido essa conversa em Paradise, meu pai e Henri poderiam ter conversado sobre tecnologia feito bobos, se as coisas tivessem sido um pouco diferentes.

Meu pai aperta a mão de John outra vez, dando um tapinha em seu ombro.

— Estamos felizes por ter encontrado você, John. Sei que tem sido difícil para todos, mas não estão mais sozinhos nessa.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

O JANTAR DE Marina é uma fartura. Há travessas cheias de arroz, grãos e tortilhas frescas, uma tigela gelada de gaspacho, um tipo de berinjela frita com mel e mais uma dúzia de outros pratos espanhóis dos quais sequer sei o nome. Tinha esquecido como comida caseira pode ser gostosa e devoro tudo, repetindo três vezes.

Estamos todos sentados sob um candelabro reluzente na sala de jantar de Nove, que mais parece um salão de banquetes. John se senta em uma extremidade da mesa, meu pai, na outra, e o restante de nós entre eles. Eu me sento perto de meu pai e de Nove.

— Que loucura — Nove murmura ao enfiar uma tortilha na boca. — Nunca tive tanta gente nesta mesa.

Todos estão relaxados, apenas conversando e brincando. Cinco come muito, mas fala pouco. A seu lado, Ella belisca a comida, parecendo cansada, mas mesmo assim sorrindo e gargalhando sempre que alguém faz uma boa piada. Seis está sentada bem diante de mim. Tento parecer tranquilo e não ficar olhando muito para ela.

Quando o jantar termina, John se levanta e pede a atenção de todos. Ele olha para Sarah e recebe um sorriso encorajador, então pigarreja, e percebo que pensou muito no que está prestes a dizer.

— É incrível ver todos assim, juntos. Cada um de nós percorreu um longo caminho e enfrentou muita coisa para estar aqui. Estarmos reunidos... me dá esperança de que podemos mesmo vencer esta guerra.

Nove solta um “u-hu” agudo que causa uma risada geral e consegue até desfazer por um instante o semblante sério de discurso de John. Cinco olha para todos com um sorriso discreto, como se finalmente estivesse começando a se sentir mais confortável.

— Sei que alguns de nós acabaram de se conhecer — John continua. — Então achei que ajudaria se todos que estão à mesa contassem suas histórias.

— Que tópico divertido — Seis resmunga.

John não se intimida.

— Entendo que certas histórias... ok, provavelmente todas... não são as mais alegres. Mas acho importante lembrarmos como chegamos aqui e por que estamos lutando.

Olhando para Cinco, entendo o que John está fazendo. Ele espera que, ao contar suas histórias, a Garde consiga fazer seu mais novo membro se abrir um pouco.

— Como um dos recém-chegados, eu gostaria muito de ouvir tudo o que vocês têm passado — meu pai diz.

— É — Cinco interrompe, surpreendendo a todos. — Eu também.

— Tudo bem — diz John. — Posso começar.

John começa uma história muito mais do que familiar para mim. Começa por sua chegada a Paradise depois de anos na estrada. Ele conta como conheceu Sarah e a mim, e como ficou cada vez mais difícil manter seus Legados em segredo.

John conclui sua narrativa com a batalha em nossa escola, a chegada de Seis no último instante e a morte de Henri. Todos ficamos em silêncio depois disso, sem saber o que dizer.

— Ah, droga — Nove diz. — Quase esqueci.

Nove pega uma garrafa de champanhe em um balde de gelo embaixo de sua cadeira. Lanço um rápido olhar para meu pai, mas ele não parece a fim de bancar o adulto responsável. Em vez disso, levanta sua taça. Rapidamente, Nove circula a mesa, servindo a todos. Até Ella ganha um pouquinho.

— De onde veio isso? — Oito pergunta.

— De meu estoque secreto. Não se preocupe. — Quando termina de servir, Nove levanta sua taça. — A Henri.

Todos erguem as taças e brindam a Henri. John consegue aguentar firme, mas percebo que está emocionado com o gesto. Olha para o outro lado da mesa e balança a cabeça discretamente para Nove em agradecimento. Droga, até eu estou meio surpreso com Nove — entre isto e a conversa cara a cara que tivemos na porta mais cedo, posso ser obrigado a promovê-lo de completo idiota a meio mala.

— Talvez vocês deversem recrutar toda a cidade de Paradise para lutar a nosso lado — Cinco diz. — Parece ser um lugar muito pró-aliens.

— Deveríamos fazer adesivos de carro — digo. — Meu Filho Lutou Contra Aliens na Paradise High School.

— Agora sou eu — Seis diz.

Ela não se alonga, começando por sua captura com Katarina, passando pela prisão das duas e pulando diretamente para a fuga.

— A Katarina. — Desta vez, John faz o brinde.

Todos erguem as taças outra vez, e bebemos à Cêpan de Seis, que foi abatida.

— E é por isso que não postamos droga nenhuma na Internet — Nove diz, referindo-se à história de Seis, mas lançando um olhar cortante a Cinco, que o encara sem dizer nada.

— Vocês dois eram próximos de seus Cêpans — Marina se manifesta. — Minha história é um pouco diferente.

Ela conta como foi crescer na Espanha; que sua Cêpan, Adelina, foi negligente, privando Marina do treinamento e das informações que os outros Gardes consideram básicos. Fico meio perplexo por saber que um lorieno se comportaria dessa forma. Nunca havia me

ocorrido que eles fossem capazes de fugir de suas responsabilidades. Poderia ser uma história muito mais amarga; porém, a maneira com que Marina a descreve é mais triste do que qualquer outra coisa. Sua voz fica calorosa quando ela fala de Héctor, o humano que tomou para si a tarefa de protegê-la. De uma forma estranha, a história tem um final quase feliz, quando enfim Adelina aceita seus deveres, mesmo que isso signifique a morte. Acho que de fato isso não é muito feliz, mas a forma como Marina conta torna as coisas ao menos um pouco heroicas.

Oito ergue sua taça.

— A Héctor e Adelina — diz.

Nove é o próximo. Ao que parece, foi culpa dele tudo em sua vida ter desmoronado. Ele se apaixonou por uma garota humana que trabalhava em segredo para os mogadorianos, e ela conduziu Nove e seu Cêpan a uma armadilha. Nove não entra em detalhes sobre o que aconteceu depois da captura deles. Por eu ter experimentado em primeira mão coisas terríveis em West Virginia, a expressão sombria nos olhos de Nove, quando ele termina, não me surpreende nem um pouco.

— A Sandor — John diz.

— A Sandor e seu champanhe — acrescenta Oito, arrancando um sorriso de Nove.

— Acho que você teve muita sorte — Cinco diz a John, apontando o dedão na direção de Sarah. — Ela também poderia ter sido uma espiã mogadoriana.

— Ei — Sarah responde. — Isso não foi legal.

— Eles a forçaram — resmunga Nove, referindo-se à garota por quem se apaixonou. — Nenhum humano em sã consciência trabalharia para aqueles filhos da mãe por livre e espontânea vontade.

— Só o governo... — digo, me lembrando dos agentes que me transportaram de West Virginia a Dulce.

Nove se vira para mim.

— Bom, nenhum humano que trabalhe para aqueles monstros albinos feitos de cinza pode estar em sã consciência.

— Ou talvez não seja por vontade própria — John diz. — Tenho que acreditar que a maioria dos humanos, se soubesse a verdade, estaria do nosso lado.

— Eu não confiava nos humanos — Oito diz. — Reynolds, meu Cêpan, foi traído por uma mulher por quem se apaixonou. Levei um tempo para superar isso, mas acabei acreditando na bondade inerente à humanidade.

Oito nos conta como aprendeu a controlar seus Legados e que acabou entrando em contato com os habitantes do vilarejo, que acreditavam que ele fosse a reencarnação do deus hindu Vishnu. Embora os mogadorianos soubessem onde ele estava, não conseguiam alcançá-lo por causa do exército humano que o protegia.

Cinco analisa Oito, assentindo, como se algo novo e maravilhoso tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Que ótimo — ele diz. — Você os enganou, fazendo com que pensassem que era um de seus deuses.

— Não tive exatamente a intenção de enganá-los — Oito diz, na defensiva. — Eu me arrependo de não ter sido mais honesto.

— Não deveria — continua Cinco. — Quer dizer, seria ótimo se pudesse fazer amizade com humanos, como John e Marina fizeram. Do contrário, é melhor tê-los lutando por você do que contra, não é? — Ele olha para Nove. — Melhor estar no controle do que ficar correndo às cegas atrás de humanas bonitas.

Nove se inclina para a frente, como se estivesse prestes a se levantar da cadeira.

— O que está tentando dizer?

— Erros foram cometidos — John interfere com cuidado. — Mas precisamos lembrar que os humanos estão combatendo o mesmo inimigo que nós, embora eles ainda não se deem conta disso. Não podemos travar esta batalha sozinhos.

— À humanidade — digo, de brincadeira, oferecendo um brinde.

Todos olham para mim, e coloco a taça na mesa, me sentindo meio tonto.

Há um momento de tensão. Nove ainda encara Cinco. Ella levanta a mão.

— Eu gostaria de compartilhar — diz.

Sua história é diferente de todas as outras que ouvi. Ela não foi enviada à Terra com o restante da Garde. Pelo contrário, seu pai, rico e excêntrico, a enfiou em uma nave junto com o mordomo da família e um monte de Chimæra. Observando ao longo da mesa, tenho a impressão de que alguns dos Gardes também não conheciam a história toda. John parece particularmente confuso, e Seis escuta com atenção.

— Uau, Ella — John diz. — Quando descobriu tudo isso?

— Ontem — ela responde com naturalidade. — Estava na carta de Crayton.

Marina ergue sua taça.

— A Crayton. Um grande Cêpan.

Todos a imitam. Ella se calou. Vejo que esse Crayton significava muito para ela.

— Imagine... — reflete Cinco. — Se nossa nave não tivesse chegado à Terra, você teria que salvar o planeta sozinha.

Ella arregala os olhos.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Você ia conseguir — Nove diz, sorrindo.

— Então... — John diz, olhando para Cinco. — Todos nós contamos como acabamos aqui. É sua vez de dizer como conseguiu ficar escondido por tanto tempo.

— É, cara — Oito se intromete. — Desembuche.

Cinco afunda na cadeira. Por um instante, acho que vai ficar em silêncio e torcer para que todos se esqueçam dele, como uma criança se escondendo nos fundos de uma sala de aula. Ele adora soltar comentários breves quando as outras pessoas estão falando, mas, quando chega a hora de contar a própria história, fica relutante.

— Não é, hã, interessante como as histórias de vocês — Cinco começa depois de um momento. — Não fizemos nada especial para nos esconder. Acho que só tivemos sorte. Encontramos lugares onde os mogadorianos não estavam procurando.

— Que lugares, exatamente? — John pergunta.

— Ilhas — responde Cinco. — Pequenas ilhas onde ninguém pensaria em procurar. Algumas sequer estão no mapa. Íamos de ilha em ilha, mais ou menos como vocês viajavam de cidade em cidade. De vez em quando, viajávamos a um lugar mais populoso, às vezes Jamaica ou Porto Rico, e trocamos algumas pedras preciosas por suprimentos. Fora isso, ficamos isolados.

— O que aconteceu com seu Cêpan? — Marina pergunta com delicadeza.

— Hã, acho que tenho isso em comum com o restante de vocês. Ele morreu, se chamava Albert.

— Mogadorianos? — Nove pergunta, a voz ríspida.

— Não, não, não foram eles — Cinco responde, hesitante. — Não foi uma grande batalha ou um sacrifício corajoso. Ele só ficou doente e depois de um tempo morreu. Acho que era mais velho que seus Cêpans, pelo que descreveram. Podia se passar por meu avô. Acho que a viagem à Terra não lhe fez bem. Ele estava sempre doente. O clima quente ajudava um pouco, imagino. Estávamos em uma pequena ilha no sul do Caribe quando ele ficou muito mal. Eu não sabia como ajudá-lo...

Cinco se cala. Todos ficamos em silêncio e o deixamos à vontade.

— Ele... não me deixou chamar um médico. Tinha muito medo de que, ao ser examinado, descobrissem alguma coisa nele, então chamaríamos a atenção dos mogadorianos. Eu jamais sequer tinha visto um mogadoriano. Tudo aquilo parecia um faz de conta para mim. — Cinco solta uma risada amarga, quase como se estivesse bravo consigo mesmo. — Por um tempo, até me convenci de que ele era um homem louco que havia me sequestrado. De que fazia as cicatrizes em minha perna quando eu estava dormindo.

Tento imaginar como foi a vida de Cinco, sem nunca interagir com ninguém além de um velho fraco. É fácil entender por que fica tão constrangido perto dos outros.

— Só quando minha telecinesia se desenvolveu comecei a acreditar em Albert. E também foi nessa época que ele ficou muito doente. No leito de morte ele me fez prometer que, quando meus Legados estivessem completamente desenvolvidos, eu tentaria encontrar vocês. Até lá,

ele me fez jurar que ficaria escondido.

— Você fez um bom trabalho — Seis diz.

— Sinto muito por Albert — Ella acrescenta.

— Obrigado — Cinco diz. — Ele era um bom homem, e eu gostaria de tê-lo escutado mais.

Depois que ele partiu, foi fácil seguir a rotina. Continuei indo de ilha em ilha, mantendo distância de todo mundo. Foi... hã, solitário, eu acho. Os dias passavam voando. Em determinado momento, meus outros Legados se desenvolveram, e eu vim para os Estados Unidos, na esperança de encontrar vocês.

— O que aconteceu com sua arca? — John pergunta.

— Ah, é, isso — Cinco responde, nervoso, coçando a lateral da cabeça. — Eu praticamente só viajava de barco. Albert me ensinou a encontrar o tipo de embarcação na qual, vocês sabem, não fazem muitas perguntas. Quando cheguei à Flórida, havia muito mais gente do que eu estava acostumado. Um garoto solitário carregando aquela droga de arca... senti que todos olhavam para mim. Era como se eu tivesse acabado de encontrar um tesouro enterrado em uma das ilhas ou coisa do tipo. Talvez estivesse sendo paranoico, mas achei que todos queriam roubá-la.

— Então, o que fez com ela? — John pressiona.

— Achei que não seria sensato ficar carregando aquilo de um lado para o outro. Encontrei um lugar isolado nos Everglades e a enterrei lá. — Cinco olha para o grupo. — Foi uma má ideia?

— Enterrei a minha mais ou menos pelo mesmo motivo — Seis responde. — Quando voltei para pegá-la, alguém a havia roubado.

— Ah — Cinco diz. — Ah, droga.

— Se escondeu sua arca tão bem quanto se escondeu, tenho certeza de que ela ainda está lá — Oito comenta, otimista.

— Devemos pegá-la o mais rápido possível — John diz.

Cinco assente, ansioso.

— É, claro. Eu me lembro exatamente de onde a coloquei.

— As arcas são essenciais — meu pai deixa escapar. Ele belisca a ponte do nariz, o que notei que ele começou a fazer sempre que tenta se lembrar de alguma coisa. — Cada arca contém algo... não tenho certeza do quê, ou de como funciona... mas há itens nas arcas que vão ajudá-los a se reconectar com Lorien quando chegar a hora.

Todos estão com o olhar fixo na direção dele agora.

— Como sabe disso? — John pergunta.

— Eu... Eu apenas me lembrei — meu pai responde.

Nove olha para mim, depois se vira para meu pai.

— Hã, como é que é?

— Acho que está na hora da minha história — ele diz, observando todos os rostos ansiosos.
— Devo avisar que minha memória não está muito boa. Os mogadorianos fizeram alguma coisa comigo. Tentaram arrancar de meu cérebro o que eu sabia. Agora as coisas estão voltando, em partes. Vou contar o que conseguir.

— Mas como você descobriu isso, para início de conversa? — Oito pergunta. — Nós mesmos não entendemos muito bem o conteúdo de nossas arcas.

Meu pai faz uma pausa, olhando o grupo.

— Eu sei porque Pittacus Lore me contou.

CAPÍTULO

DEZESSETE

O SILÊNCIO É absoluto.

John é o primeiro a falar.

— Como ele lhe contou? Do que você está falando?

— Ele me contou pessoalmente — meu pai responde.

— Está nos dizendo que conheceu Pittacus Lore?! — exclama Nove, cético.

— Como é possível? — Marina pergunta.

— Encontramos em sua oficina um esqueleto usando um pingente lórico... — John engole em seco antes de continuar. — Era ele?

Meu pai baixa o olhar.

— Receio que sim. Quando ele chegou, seus ferimentos eram tão graves que não havia nada que eu pudesse fazer.

As perguntas começam a chegar em um turbilhão:

— O que ele disse?

— Como ele chegou à Terra?

— Por que ele o escolheu?

— Você sabia que Johnny acha que é a reencarnação de Pittacus?

Meu pai gesticula com as mãos para baixo, como um maestro tentando aquietar uma orquestra barulhenta. Ele parece animado com todas as perguntas e, ao mesmo tempo, se esforça para lembrar as respostas.

— Não sei por que fui escolhido entre todos os terráqueos — ele explica. — Eu era astrônomo. Minha área de interesse específica era o espaço sideral, sobretudo a tentativa de contato com formas de vida extraterrestres. Eu acreditava que havia sinais de visitas alienígenas à Terra, o que não me tornou muito popular entre meus colegas menos criativos.

— No entanto, você estava certo — diz Oito. — Há loralite aqui. Aquelas pinturas nas cavernas que encontramos na Índia.

— Exato — continua meu pai. — A maioria de meus colegas da comunidade científica me considerava um louco. Imagino que eu devesse mesmo parecer louco, discursando sobre visitantes extraterrestres. — Ele olha em volta. — Mas então aqui estão vocês.

— Obrigado pelo resumo — Nove interrompe. — Mas podemos chegar à parte de Pittacus?

Meu pai sorri.

— Em meu laboratório, eu comecei a emitir sinais de comunicação para o espaço usando ondas de rádio. Achava que tinha algo importante nas mãos. Usava meu tempo livre. Eu havia

sido... hã, dispensado, suponho, de meu cargo na universidade.

— Eu meio que me lembro disso — falo. — A mamãe ficou furiosa.

— Não sei o que esperava de meus experimentos. Uma resposta, sem dúvida. Talvez um sinal de música alienígena ou imagens de uma galáxia estranha. — Meu pai solta um risinho irônico, balançando a cabeça ao se lembrar de quão despreparado estava. — Consegui mais do que esperava. Certa noite, um homem apareceu em minha porta. Ele estava ferido e não falava coisa com coisa. A princípio, suspeitei que fosse um maluco ou um mendigo. E então, diante de meus olhos, ele cresceu.

— Ficou mais alto? — Seis pergunta, com uma das sobrancelhas erguida.

Meu pai ri.

— Sim. Não parece grande coisa agora, considerando tudo o que já presenciei, mas foi a primeira vez que vi um Legado em ação. Gostaria de poder dizer que reagi com a devida curiosidade científica, mas, em vez disso, soltei uns bons gritos.

Eu assinto. Parece o jeito Goode de ser.

— Um Garde na Terra — suspira Marina. — Quem era ele?

— Ele se chamava Pittacus Lore.

Nove zomba e lança um olhar a John.

— Todo mundo pensa que é Pittacus!

— Está dizendo que conheceu um Ancião? — John pergunta, ignorando Nove. — Ou alguém que alegava ser um Ancião?

— Como ele era? O que disse? — Ella pergunta.

— Primeiro, contou que seus ferimentos haviam sido causados por uma raça alienígena hostil que logo chegaria à Terra. Disse que não passaria daquela noite e... estava certo. — Meu pai fecha os olhos, querendo que o cérebro funcione. — Pittacus me disse muita coisa no pouco tempo que tinha, mas receio que os detalhes estejam confusos. Ele me pediu que preparasse um grupo de humanos para recebê-los, ajudar seus Cêpans a fugir e fornecer orientação. Fui o primeiro membro do comitê de boas-vindas.

— O que mais ele disse? — John pergunta, se inclinando para a frente, ansioso.

— Uma coisa que lembro é sobre suas arcas. As Heranças. Ele me disse que cada uma conteria algo... acho que chamou de Pedras da Fênix... tiradas do coração de Lorien. Apesar de ele as ter chamado de pedras, acho que não disse isso literalmente. As Pedras da Fênix podem ter qualquer formato ou aspecto, e quando devolvidas a seu planeta impulsionalariam o ecossistema. Acredito que neste exato momento vocês possuem as ferramentas capazes de trazer seu mundo de volta à vida.

Marina e Oito trocam um olhar animado, talvez pensando no Lorien exuberante do qual John sempre fala.

— Mas e quanto às arcas que já perdemos? — Seis pergunta. — Achava que o conteúdo delas fosse destruído quando seu Garde morria.

Meu pai balança a cabeça.

— Desculpe, não tenho uma resposta para isso. Só posso torcer para que a Herança remanescente de vocês seja suficiente.

— Olhe, restaurar Lorien é legal e tudo — Nove diz. — Mas não estou ouvindo nada que vá nos ajudar a matar os mogadorianos ou proteger a Terra.

— Meu Cêpan me falou que cada um de nós herdaria os Legados de um Ancião — Oito diz. — Sempre achei que eu fosse Pittacus, mas... — Ele olha para John, depois dá de ombros. — Ele lhe disse alguma coisa sobre isso?

— Não — meu pai responde. — Pelo menos nada que eu lembre agora. Quando seu Cêpan disse que você herdaria os Legados de um Ancião, talvez não estivesse falando literalmente. Talvez fosse uma metáfora para os papéis que vocês assumiriam quando crescessem, em uma sociedade loriena reconstruída. Seria simples demais vocês se tornarem os Anciões, porque vocês já perderam três. E a presença de Ella aqui parece indicar que nada disso está escrito nas estrelas.

— Então continuamos tão perdidos quanto antes — Seis diz em um tom rude, depois olha para mim. — Não que não seja uma história interessante.

— Espere aí — diz John, ainda refletindo sobre o que meu pai disse. — Sem dúvida, há informações úteis. As arcas, por exemplo. Precisamos fazer um inventário, ver se conseguimos descobrir quais de nossos itens são essa coisa de Fênix.

— Provavelmente qualquer coisa que não perfure, atire ou exploda — comenta Nove, prestativo.

— Vou tentar ajudar com isso, se puder — oferece meu pai. — Ver o conteúdo das arcas talvez estimule minha memória.

— O que aconteceu com os outros membros do comitê de boas-vindas? — Cinco pergunta. — Ainda estão vivos?

A expressão de meu pai fica sombria. Agora estamos chegando à história que eu conheço um pouco. Logo estaremos na parte do mogadoriano-bonzinho-nos-salvou-da-morte-certa. Meu pai ainda não perdeu as esperanças em relação a Adam; estava checando seu telefone pouco antes do jantar. Depois de tanto tempo sem fazer contato, começo a achar que ele não sobreviveu. Vivo ou morto, não sei como a Garde receberá a existência de Adam e nosso envolvimento com ele.

— Eu mesmo reuni o comitê de boas-vindas. Eram pessoas em quem eu podia confiar, cientistas com ideias semelhantes às minhas, que trabalhavam em campos não ortodoxos. Mas não consigo me lembrar de seus nomes ou rostos. Os mogadorianos se certificaram disso.

Meu pai pega sua taça de champanhe com a mão trêmula e toma um gole rápido. Sua expressão fica amarga, como se a bebida não tivesse ajudado a amenizar a dor da memória. Ou da ausência dela.

— Todos estávamos cientes dos riscos — meu pai continua. — Nós os aceitamos com alegria. Era a chance de fazer parte de algo maravilhoso. Ainda acredito nisso — ele diz com um tom de orgulho, olhando para os Gardes. — Assim como os mogadorianos procuravam vocês, também procuravam por nós. Obviamente, éramos mais fáceis de encontrar... tínhamos passado a vida inteira na Terra, como sabem. Tínhamos família. Um por um, eles nos localizaram. Eles nos conectaram a máquinas, tentaram arrancar nossas memórias, em busca de qualquer coisa que os ajudasse na caçada. É por isso que tantas coisas ainda estão obscuras para mim. Não sei se o dano que me causaram poderá ser revertido um dia.

Ella lança um olhar a Marina, depois a John.

— Vocês podem curá-lo?

— Podemos tentar — Marina responde, analisando meu pai. — Nunca curei a mente de alguém.

Meu pai passa a mão pela barba, franzindo a testa.

— Fui o único sobrevivente. Perdi anos com aqueles desgraçados. — Ele olha para mim. — Pretendo me vingar.

— Como fugiu deles? — John pergunta.

— Eu tive ajuda. Os mogadorianos me mantiveram sedado durante anos, em estado catatônico, me acordando apenas quando tinham uma nova experiência para fazer em minha mente. Mas, em certo momento, um garoto me libertou.

— Um garoto? — Marina pergunta, uma das sobrancelhas erguida.

— Não estou entendendo — Oito diz. — Como alguém conseguiu entrar em uma base mogadoriana? Era um dos agentes do governo? E por que ajudou você?

Antes que meu pai responda, Cinco se manifesta. Ele analisa meu pai com uma expressão de quem já entendeu a história toda.

— Ele não era humano, era?

Meu pai olha primeiro para Cinco e depois para John, antes de se voltar para mim.

— Ele se autodenominava Adam, mas seu nome verdadeiro era Adamus. Era um mogadoriano.

— Um mogadoriano ajudou você? — Marina pergunta em voz baixa, enquanto todos os outros encaram meu pai em um silêncio perplexo.

Nove se levanta de repente, olhando para John.

— Cara, isso cheira a armadilha por todos os lados. Temos de reforçar a segurança deste lugar.

John ergue a mão, tentando acalmar Nove. Nenhum dos outros se levanta junto com ele, o que é um alívio. Mesmo assim, trocam olhares ansiosos e, embora eu confie na Garde, começo a temer que eles não confiem em meu pai.

— Calma — John diz a Nove. — Precisamos ouvir a história inteira. Malcolm, o que você está dizendo é muito louco.

— Eu sei, pode acreditar — ele responde. — O que descobri é que existem dois tipos de mogadorianos. Alguns são criados por engenharia genética... Eles os chamam de nascidos artificialmente. Acredito que sejam aqueles soldados descartáveis que vocês encontram com tanta frequência. Os hediondos, que nunca poderiam se passar por humanos. São criados apenas para matar. E existem outros, os chamados nascidos naturalmente. São a classe dominante. Adam era um deles, filho do general mogadoriano.

— Interessante — Oito diz. — Nunca tinha pensando em como a sociedade deles funciona.

— Quem se importa? — Nove rosna. Ele está de pé, segurando as costas da cadeira, como se estivesse a ponto de arremessá-la. — Vá para a parte que prova que isto não é alguma armação mogadoriana.

— Eles fizeram uma experiência com Adam com as mesmas máquinas que usaram em minha memória — meu pai continua, sem se deixar intimidar com a tensão cada vez maior. — Eles tinham o corpo de uma Garde, acho que o da Número Um, e tentaram carregar as memórias dela no cérebro dele, achando que isso os ajudaria a encontrar vocês.

— O corpo dela... — Marina diz em voz baixa. — Que coisa doentia!

Meu pai assente, concordando.

— Não funcionou como os mogadorianos pretendiam. Quando foi exposto às memórias de Um, acredito que Adam tenha começado a questionar seu povo. Ele se rebelou. Em meio a isso, ele me ajudou a escapar e a encontrar Sam.

Nove balança a cabeça.

— Esse é o tipo de babaquice sobre agente duplo que adoram empurrar pros outros — insiste ele.

— Você conheceu esse garoto mogadoriano? — Seis me pergunta.

Agora todos me examinam minuciosamente, como há pouco faziam com meu pai. Pigarreio, desconfortável.

— Sim. Ele estava na base de Dulce. Deteve um esquadrão de mogadorianos enquanto meu pai e eu fugíamos.

Meu pai franze a testa, olhando para a mesa.

— Temo que não tenha sobrevivido à batalha.

— Bom, isso é um alívio — resmunga Nove, voltando enfim a se sentar.

— Há outra coisa... — digo, olhando hesitante para meu pai, imaginando como devo

formular a próxima revelação.

— O quê, Sam? — John pergunta.

— Durante a luta ele... ele fez o chão tremer. Como se tivesse um Legado.

— Que historinha... — Nove desdenha.

— É verdade — retruca meu pai. — Tinha me esquecido disso. Alguma coisa aconteceu com ele durante a experiência.

Ella entra na conversa, há um toque de medo em sua voz.

— É verdade? Eles podem roubar nossos poderes?

— Não acho que ele tenha roubado o Legado — meu pai esclarece. — Ele disse que foi um presente dos lorienos.

Oito olha em volta.

— Vocês se lembram de dar algum presente aos mogadorianos?

John cruza os braços.

— Me parece improvável.

— Sinto muito se essa notícia os perturba — meu pai diz, olhando em volta. — Eu queria contar tudo, mesmo os detalhes desagradáveis.

— É tão ruim assim? — pergunta Marina. — Quer dizer, se um dos mogadorianos conseguiu entender que eles estão agindo de forma errada, será que os outros não...

— Quer contar com a solidariedade deles agora? — Nove dispara, e Marina se cala.

Então um pensamento me ocorre, talvez por termos passado tanto tempo falando sobre como a Garde desenvolve seus Legados e ouvindo os novos detalhes de meu pai sobre o mundo deles.

— Seus Legados vêm de Lorien, não é?

— Foi o que Henri me contou — John diz.

— Katarina também — Seis confirma.

— Então, se esse é o caso, não parece ser algo que pode simplesmente ser extirpado por uma tecnologia mogadoriana. Quer dizer, se eles pudessem fazer isso, já teriam roubado mais poderes de Lorien a esta altura, certo?

— Do que está falando? — John pergunta, com a sobrancelha levantada.

— Bom, acho que estou dizendo que... E se Adam herdou aquele Legado porque Um quis que isso acontecesse?

De um lado, Nove solta um risinho debochado. Do outro lado, meu pai faz um som gutural, esfregando o queixo.

— Teoria interessante — ele diz.

— É, que seja! — Nove diz, se inclinando à frente para avaliar meu pai. — Tem certeza de que não foi alguma armadilha mogadoriana mirabolante? Tem certeza de que não estavam seguindo você?

— Estou certo disso — meu pai responde com autoridade.

Em seu lugar na mesa, Cinco ri. Ele ficou em silêncio durante a maior parte da discussão sobre Adam. Agora olha ao redor, incrédulo.

— Desculpe, mas metade das histórias que acabaram de me contar envolve humanos entregando vocês aos mogadorianos. — Ele gesticula em nossa direção. — Esses dois estiveram de fato em contato com os mogadorianos, tipo, há poucas semanas. Passaram um bom tempo com eles. E vocês vão simplesmente confiar neles?

John não hesita.

— Sim — responde, olhando bem nos olhos de Cinco. — Confio minha vida a eles. E, se esse desertor mogadoriano ainda estiver vivo, vamos encontrá-lo.

CAPÍTULO

DEZOITO

NÃO CONSIGO DORMIR à noite. Esticado no sofá sofisticado da sala de estar de Nove, que mais parece um showroom, eu deveria ter dormido como um bebê. Era uma melhora e tanto em relação às camas de hotel duras e imundas que meu pai e eu tivemos que suportar nos últimos dias, sem falar das maravilhosas acomodações de Setrákus Ra.

Só que há muito em que pensar. Enfim reunido à Garde e a meu pai, pronto para começar a lutar de verdade contra os mogadorianos, estou inquieto. Inquieto em relação ao futuro. Inquieto em relação à adaptação aos lorienos.

Queria saber como meu pai está dormindo. Ele parecia exausto depois do jantar; sei que responder às perguntas da Garde com sua memória fragmentada foi um esforço muito grande.

Talvez eu apenas estivesse me sentindo constrangido depois de conhecer tantos Gardes novos. Eu tivera tempo de construir uma amizade com John e Seis, de me acostumar a toda aquela coisa de alienígenas. Estar com o restante deles me desequilibrou um pouco. Consegui lidar com a turbulência de Nove. Marina e Ella pareceram bem normais. Mas então veio Oito, com aquela história de praticamente enganar humanos para que lutassem por ele. E Cinco... Bom, acho que ninguém entendeu muito bem qual é a dele ainda. Certas vezes dava a impressão de ser a pessoa com a maior dificuldade de socialização do mundo, e em outras parecia estar zombando de todos.

Qual será meu papel aqui? Amigo de escola e comparsa corajoso de John? Quero contribuir com mais do que isso. Só não sei muito bem como.

Devo ter dormido pelo menos um pouco, me revirando no sofá. Os ponteiros ornamentados do antigo carrilhão de aparência ridiculamente cara que fica em um canto indicam que é madrugada. Posso muito bem me levantar e fazer alguma coisa. Minhas mãos estão agitadas. Talvez eu possa ir para a Sala de Aula, começar o trabalho que meu pai quer terminar. Não consigo reconstruir um *mainframe* nem nada do tipo, mas tenho quase certeza de que conseguiria conectar por conta própria alguns dos fios arrebitados.

Um silêncio sinistro toma conta da cobertura enquanto ando. As tábuas do piso rangem no corredor, e a porta de Cinco se abre quase imediatamente, me fazendo pular de susto. Ele ainda está completamente vestido, o que é estranho, como se estivesse agachado ao lado da porta esperando para atacar ao primeiro sinal de problemas. Uma de suas mãos se move de um jeito nervoso, girando duas esferas do tamanho de bolinhas de gude.

— Oi — sussurro. — Sou só eu. Desculpe se acordei você.

— O que está fazendo de pé? — ele sussurra, desconfiado.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta — respondo.

Ele suspira e parece recuar um pouco, como se não quisesse um confronto.

— É, desculpe. Não consigo dormir. Este lugar me incomoda. É grande demais. — Cinco faz uma pausa, franzindo o rosto como se estivesse envergonhado. — Desde o Arkansas, não paro de pensar que um daqueles monstros vai aparecer para me pegar.

— É, conheço essa sensação. Não se preocupe. Acho que estamos seguros aqui. — Aponto para o final do corredor. — Vou trabalhar na Sala de Aula. Quer vir?

Cinco balança a cabeça.

— Não, obrigado. — Começa a fechar sua porta, e então para. — Sabe, não acho que você e seu pai sejam de verdade espiões mogadorianos ou coisa do tipo. No jantar, eu só estava bancando, hã, o advogado do diabo.

— É. Obrigado.

— Quer dizer, se eu fosse um mogadoriano recrutando espiões, escolheria humanos um pouco mais fortes, entende?

— Aham — respondo, cruzando os braços. — Você não sabe mesmo em que momento de um pedido de desculpas calar a boca, não é?

— Ah, desculpe. Não quis dizer isso — Cinco responde, batendo com os nós dos dedos na testa. — Não tenho a menor noção de convívio social. Acha que alguém mais notou?

— Hã...

Cinco sorri.

— Estou brincando, Sam. Claro que eles notaram. Sei que sou um idiota do caramba. Como você disse, às vezes não consigo calar a boca.

— Se eles se acostumaram com Nove, podem se acostumar com você — sugiro.

— É. Isso é, hã, encorajador. — Cinco suspira. — Boa noite, Sam. Não bole nenhum plano maligno na Sala de Aula.

Cinco fecha a porta. Fico parado no corredor, ouvindo-o se movimentar dentro de seu quarto. Sem dúvida, ele é meio desagradável, mas entendo por que se sente ansioso perto dos outros Gardes. Eu me sinto do mesmo modo.

Fico surpreso por encontrar as luzes da Sala de Aula já acesas. Sarah está lá, na parte reservada a tiro ao alvo. Ela usa regata e calça de moletom, e segura uma balestra, que provavelmente é uma das coisas mais estranhas que já vi. Observo-a se preparar para disparar uma flecha.

— Posso tirar uma foto sua para o anuário? — pergunto.

Minha voz ecoa pelo espaço enorme.

Sarah se sobressalta. A flecha que ela estava prestes a disparar passa longe do mogadoriano de papel pendurado do outro lado da sala. Ela se vira com um sorriso, empunhando a balestra

e rangendo os dentes de um jeito ameaçador. Finjo tirar uma foto com uma câmera imaginária.

— O pessoal de Paradise não vai acreditar nessa — digo. — Mas você é uma forte concorrente ao prêmio de Assassina Mais Promissora.

Sarah ri.

— Meu Deus, estamos muito longe das reuniões do anuário, não é?

— É, pode apostar.

Sarah larga a balestra e me surpreende com um abraço.

— Por que isso?

— Você parecia estar precisando — ela responde, dando de ombros. — Além do mais, não conte aos outros que eu disse isso, mas é bom ter outro humano por perto.

Percebo que Sarah é a única adolescente da Terra que também sabe o que significa fazer amizade com um monte de alienígenas envolvidos em uma guerra intergaláctica. Nunca falamos sobre isso, mas compartilhamos uma boa dose das mesmas experiências loucas.

— Deveríamos formar um grupo de apoio de duas pessoas — sugiro.

— Sabe, se você me perguntasse no ano passado, eu diria que a coisa mais assustadora que já tinha visto era uma prova final de química avançada. — Sarah ri. — E ontem vi meu namorado enfrentar um monstro gigante em forma de verme.

Solto uma risada.

— A vida ficou insana bem rápido.

— Não é de estranhar que a gente tenha insônia.

Vou até o Palanque e começo a estudar alguns dos fios nos quais meu pai estava trabalhando mais cedo. Sarah se senta de pernas cruzadas a meu lado e observa.

— Então você vem aqui e atira com uma balestra quando não consegue dormir?

— Funciona tão bem quanto um copo de leite morno — ela responde. — Na verdade, estou tentando aprender a atirar, mas não queria acordar ninguém disparando armas.

— Não é mesmo uma boa ideia. Todo mundo está meio nervoso, não é?

— Para dizer o mínimo.

Olho para Sarah. É tão difícil acreditar que é a mesma garota com quem estudei! O que mais me desconcerta é estarmos conversando sobre treinamento de artilharia.

— Tenho vindo muito aqui ultimamente — ela continua. — John não dorme muito. Quando dorme, é um sono inquieto. E de manhã sai da cama para ir refletir no telhado. Ele não sabe, mas eu percebo.

Lanço um sorriso malicioso a Sarah, erguendo uma sobrancelha.

— Dividindo a cama, hein?

Ela me dá um chute de brincadeira.

— E daí, Sam? Não temos muitos quartos. Mas não é o que você está pensando. Não há nada de romântico em se esconder de invasores alienígenas assassinos, sabia? Sem falar que não

gosto de pensar que Oito pode se teleportar para dentro do quarto ou coisa do tipo. — Ela me olha de soslaio. — Mesmo assim, não conte a meus pais.

— Seu segredo está a salvo comigo — digo a ela. — Nós, humanos, precisamos nos manter unidos.

Termino de reconectar os fios e algo ganha vida com um zumbido dentro do Palanque. De repente, um dos painéis da parede se projeta como um pistão, depois recua.

— Para que serve isso? — Sarah pergunta.

— Acho que é um simulador de combate. Nove me contou que o Cêpan dele tinha todo tipo de obstáculos e armadilhas aqui.

Sarah bate no chão à sua frente. Algo metálico chacoalha sob sua mão e ela pula para trás.

— É melhor tomar cuidado antes de me sentar.

Paro de mexer nos fios, pois quero esperar meu pai antes de ir adiante e também para evitar disparar por acidente alguma armadilha pontiaguda sob Sarah.

Sarah toca meu braço com delicadeza.

— Então, Sam, por que não está dormindo?

Sem perceber, me pego esfregando as cicatrizes em meus pulsos.

— Tive muito tempo para pensar quando estava preso — digo a ela.

— Sei como é.

Bom, essa é outra coisa que Sarah e eu temos em comum.

— Passei muito tempo pensando em John e nos outros. E em como poderia ajudá-los.

— E...?

Abro as mãos, mostrando a Sarah o que consegui: nada.

— Ah — ela diz. — Bom, a balestra estará sempre à disposição.

— Tenho medo de não conseguir ajudar. É como se mais cedo ou mais tarde eu acabe sendo capturado outra vez, ou coisa pior, e isso só vai dificultar a situação deles. Então ouço histórias como a que Oito contou hoje e me pergunto se não seria melhor se John tivesse me deixado em Paradise como Oito deixou aqueles soldados. Talvez fosse melhor se ele não precisasse se preocupar comigo.

— Ou comigo — Sarah diz, franzindo a testa.

— Não foi isso o que eu quis dizer — acrescento rapidamente.

— Não tem problema — Sarah diz, tocando meu braço. — Não tem problema porque você está errado, Sam. John e os outros precisam mesmo de nós. E podemos fazer algumas coisas.

Assinto, querendo acreditar nela, mas então olho as cicatrizes de meus pulsos e me lembro do que Setrákus Ra disse em West Virginia. Fico em silêncio. Sarah se levanta, estendendo a mão.

— Em primeiro lugar, podemos fazer o café da manhã — ela diz. — Talvez não nos tornem

lorienos honorários por isso, mas já é um começo.

Forço um sorriso e fico de pé. Sarah não solta minha mão. Ela está olhando as cicatrizes roxas de meus pulsos.

— O que quer que tenha acontecido com você, Sam, já acabou — ela diz, olhando nos meus olhos. — Você está seguro.

Antes que eu tenha tempo de responder, um grito agudo emerge de um dos quartos.

CAPÍTULO

DEZENOVE

ACORDO COM UM pulo assim que Ella começa a gritar. Era minha vez de passar a noite com ela, e tudo estava bem. Ficamos acordadas até tarde, conversando sobre os recém-chegados e o que Malcolm Goode contara a respeito de Pittacus Lore e da possibilidade de existirem mogadorianos dispostos a ajudar. Ella finalmente adormeceu, e eu esperava que os pesadelos que a atormentavam desde o Novo México tivessem enfim acabado de vez. Ela não teve nenhum desde que leu a carta de Crayton. Talvez fossem mesmo relacionados ao estresse. Agora que superou a ansiedade daquela carta fechada, as coisas podiam voltar ao normal.

Eu deveria ter imaginado.

— Ella. Ella, acorde! — grito, ponderando se devo ou não sacudi-la.

Sinto uma pontada de pânico, sobretudo porque ela não acorda de imediato. Ella crava os dedos no cobertor, batendo os tornozelos no colchão, dando berros cada vez mais roucos. Está tão agitada que quase cai da cama. Eu a alcanço para pegá-la.

Assim que toco seu ombro, uma imagem surge em minha cabeça. Não sei de onde vem. É a mesma sensação que tenho quando Ella fala comigo por telepatia, só que sua voz nunca foi acompanhada por imagens em minha mente.

O que vejo é horrível. Estamos em Chicago, na mesma margem do lago por onde Oito e eu passeamos no outro dia. Há cadáveres espalhados por todo o lugar. Cadáveres humanos. O céu foi tomado por colunas de fumaça oriundas de incêndios próximos. A superfície do lago está coberta com um líquido viscoso e preto, como óleo. Ouço gritos. Sinto o cheiro de queimado. Escuto explosões a distância...

Eu me afasto de Ella, ofegante. Sem mais nem menos, a visão desaparece. Estou sem fôlego, trêmula e com o estômago embrulhado.

Ella parou de gritar. Está acordada agora, me encarando com os olhos arregalados e aflitos. Olho para o relógio e me dou conta de que menos de um minuto se passou desde que começou a gritaria.

— Você também viu? — ela sussurra.

Assinto, sem saber ao certo como responder, muito menos como descrever o que acabei de ver. Como posso ter entrado no sonho de Ella?

Alguém bate à porta, e, sem esperar uma resposta, Sarah enfia a cabeça dentro do quarto. Vejo Sam parado atrás dela no corredor. Ambos parecem preocupados.

— Está tudo b...?

Antes que Sarah consiga terminar a frase, Ella faz um gesto súbito em direção à porta, batendo-a com a telecinesia.

— Ella! Por que você fez isso?

— Eles não devem chegar perto de mim — ela responde, com os olhos arregalados e frenéticos.

Alguém força a porta, mas ela não se abre. Agora ouço a voz de John, que deve ter sido atraído por toda a comoção e gritaria.

— Marina? Está tudo bem aí dentro?

— Estamos bem! — grito para o outro lado da porta. — Só nos deem um minuto.

Ella se enrola no cobertor e se encolhe na cabeceira da cama, pressionando as costas na parede. Seus olhos ainda estão arregalados, e ela treme muito. Quando tento tocá-la, ela se retrai.

— Não! — dispara. — E se eu mandar você para lá outra vez?

— Calma, Ella — digo em um tom tranquilizador. — Já acabou. Os sonhos não podem fazer nada de mal a você, ainda mais enquanto estiver acordada.

Ela me deixa segurar sua mão. Desta vez não há choque telepático, e fico grata por isso. Seja qual for o estranho efeito que o pesadelo teve sobre a telepatia de Ella, já passou.

— Quanto... Quanto você viu? — ela pergunta, esquadrinhando o quarto, como se ainda pudesse existir um resto de pesadelo à espreita nas sombras para pegá-la.

— Nem sei exatamente o que vi — respondo. — Era a cidade. Parecia que alguma coisa terrível tinha acontecido.

Ella assente.

— Foi depois de eles aparecerem.

— Quem? — pergunto, mas já faço ideia de quem Ella está falando.

— Os mogadorianos. Ele está me mostrando o que acontece depois que eles vêm. Ele... Ele me fez segurar a mão dele e andar no meio de tudo aquilo.

Ella estremece e se afasta da parede, vindo para meus braços.

Também estou meio trêmula. A ideia de ter que passar por aquela carnificina de mãos dadas com Setrákus Ra é o suficiente para me deixar aturdida. Tento parecer forte por Ella.

— Shhhh — sussurro. — Está tudo bem agora. Já acabou.

— Vai acontecer. — Ella chora. — Não podemos detê-lo.

— Isso não é verdade — respondo, apertando-a com força. Tento pensar no que John ou Seis diriam nesta situação. — Os pesadelos são uma mentira, Ella.

— Como você sabe?

— Lembra aquelas pinturas de caverna que Oito nos mostrou na Índia? A que representava Oito morrendo? Aquilo era uma profecia, mas nós a quebramos. O futuro não é definitivo,

quem o cria somos nós.

Ella me solta e respira fundo, se recompondo.

— Só quero que os pesadelos acabem — diz. — Não sei por que isso está acontecendo comigo.

— É Setrákus Ra tentando assustá-la — respondo. — Ele está fazendo isso porque tem medo da gente.

Fico feliz por ter conseguido acalmá-la e parecer confiante, porque na verdade estou bastante apavorada. O sol começa a atravessar as cortinas, e do lado de fora daquela janela existe uma linda cidade, cheia de pessoas inocentes, que acabei de ver devastada. O sonho parecia tão real que não consigo tirá-lo da cabeça. E se não conseguirmos impedir o que está por vir?

CAPÍTULO

VINTE

MAIS TARDE, NAQUELA manhã, reúno todos na sala de estar para o que espero que seja uma reunião de estratégia. Algumas coisas importantes foram trazidas à tona no jantar de ontem à noite, e está na hora de planejarmos o próximo passo. Mas o primeiro tópico de nosso grupo exausto, alguns de nós acordados por gritos há algumas horas, é o problema dos pesadelos de Ella.

Malcolm esfrega a barba, pensativo.

— Vamos presumir que esses pesadelos estejam sendo causados por Setrákus Ra. Acho muito perturbador que, de alguma forma, ele consiga transmiti-los, talvez por meio de algum tipo de telepatia mogadoriana, sem saber nossa exata localização. Na verdade, você disse que viu Chicago em chamas, correto?

Ella assente, não parecendo nada ansiosa para relembrar seu último pesadelo. Bernie Kosar, enroscado a seus pés, esfrega o focinho nela.

— Era Chicago depois de uma batalha enorme — Marina esclarece.

— Será que ele está zombando de nós? — Seis pergunta. — Ou é algum tipo de profecia?

— Achei que tivéssemos deixado as profecias para trás — Oito diz, revirando os olhos.

— Às vezes existe um pouco de verdade nos pesadelos — digo.

— Como aquela visão que tivemos do Novo México — Nove acrescenta.

— É, mas em outras vezes é como se ele só estivesse tentando nos confundir.

— O conteúdo não me preocupa tanto quanto o fato de Setrákus Ra conseguir transmiti-los — diz Malcolm, rugas se formando em seu rosto enquanto ele reflete. — Acham possível que ele esteja nos rastreando pelos sonhos?

— Já não estaríamos lutando se ele pudesse fazer isso? — Oito responde. — Por que se dar o trabalho de atrair John e Nove para o Novo México?

Balanço a cabeça, em sinal de concordância, lembrando as visões que Nove e eu compartilhamos.

— Mesmo que os pesadelos sejam bizarramente específicos, não acho que ele saiba onde estamos. Parece mais que está tentando nos fazer vacilar.

— Então, a questão é: como fazer os pesadelos pararem? — Malcolm pergunta.

— Tenho uma solução — Seis diz, e todos olham em sua direção. Ela toma um gole de sua caneca de café e reflete. — Vamos matar Setrákus Ra.

Nove bate palmas e aponta para Seis.

— Gosto do raciocínio dessa garota.

— Ah, é fácil assim? — Cinco pergunta, se manifestando pela primeira vez. — Do jeito que vocês falam, parece que é como levar o lixo para fora.

— Eu gostaria que fosse assim tão simples — digo. — Mas não sabemos onde ele está, e, mesmo que conseguíssemos encontrá-lo, não seria uma luta fácil. Na última vez, ele quase nos matou.

— Podemos atraí-lo até nós — Nove sugere, olhando de relance para Cinco. — Talvez queimar mais alguns círculos em plantações.

— Você não pode estar falando sério — Sam diz.

Percebi que ele se remexeu na cadeira à menção de Setrákus Ra.

— Não é sério — Cinco diz, lançando a Nove um olhar de ódio. — Ele está zombando de mim.

Nove dá de ombros e finge um bocejo.

— Não importa. Acho mesmo que deveríamos lutar.

— Isso é o que você sempre quer fazer — Oito interrompe.

— É, é minha especialidade.

— Pela primeira vez estamos juntos — digo, mantendo a voz controlada. — O elemento surpresa está a nosso favor. Temos a oportunidade de nos preparar e escolher nossa próxima batalha. Não vamos meter os pés pelas mãos.

— John está certo — Marina diz. — Ainda há muito que não sabemos sobre nós mesmos, sobre nossos poderes e nossas arcas.

— Seria bom entender exatamente o que temos nas mãos — Oito complementa. — Treinamos um pouco com Nove na Sala de Aula outro dia. Foi útil. Por mais estranho que pareça.

Nove sorri.

— Elogio aceito, insulto ignorado.

— Sim — Sarah acrescenta. — Acho que falo por todos nós, humanos, ao dizer que um pouco mais de treinamento de combate não faria mal.

— Descobrir o que há em nossas arcas também ajudaria — proponho. — Talvez a gente possa descobrir quais itens são essas Pedras da Fênix de que Malcolm falou.

— Acho que precisamos fazer um inventário — Malcolm diz.

— Isso significa que encontrar sua arca se torna uma prioridade máxima — digo, olhando para Cinco.

— Sem dúvida — ele responde, com mais determinação do que jamais vi nele. — Sei exatamente aonde ir. Podemos partir quando vocês quiserem.

— Isso pode render uma boa primeira missão — Oito concorda. — Sobre tudo se conseguirmos cumpri-la fora do radar dos mogadorianos.

— Ainda acho que devemos explodir a droga do radar deles — Nove resmunga.

— Paciência, companheiro — retruco. — Por enquanto, precisamos ser cuidadosos. Reunir nossas forças. Malcolm, e o cara mogadoriano? Adam?

Malcolm balança a cabeça, sua expressão desmorona.

— Programei um rastreador para nos alertar caso o celular dele seja ligado, mas nada ainda. Temo o pior.

— Talvez ele tenha apenas se livrado do telefone — sugere Sam, tentando animar o pai, que parece arrasado.

— Fugimos um pouco do assunto, não é? — Seis comenta. — E quanto aos pesadelos de Ella?

É Ella, que estava ouvindo em silêncio, quem responde:

— Vou acabar com eles. Na próxima vez que aquela aberração entrar em minha cabeça, vou dar um chute nas bolas dele.

— Opa!

— Tudo bem — digo, sorrindo. — Reunião encerrada.

CAPÍTULO

VINTE E UM

MAIS TARDE, OS quatro Gardes que ainda possuem arcas se reúnem na oficina com Malcolm. Fico feliz por ajudar. Só não sei se serei muito útil. Adelina não era presente o bastante para explicar o que as coisas de minha arca faziam.

Da Sala de Aula, vem o som abafado de Seis treinando tiro ao alvo com Sam, Sarah e Ella. Acho que Cinco também está lá, embora não tenha ficado muito animado com a ideia de aprender a atirar. Nove lança um olhar melancólico para a porta da Sala de Aula. Suspirando de forma dramática, ele começa a vasculhar sua arca.

— Veja isto — ele diz, pegando uma pequena pedra roxa, que coloca nas costas da mão. A pedra atravessa a mão, que Nove vira no instante em que o elemento aparece na palma. — Bem legal, não é? — ele me pergunta subindo e descendo as sobrancelhas.

— Hã, mas o que ela faz? — Oito pergunta, desviando os olhos da própria arca.

— Sei lá. Impressiona garotas? — Nove olha para mim. — Funcionou?

— Hmmm — hesito, tentando não revirar os olhos de um jeito evidente demais. — Na verdade, não. Mas já vi caras se teleportarem, então é difícil me impressionar.

— Que plateia exigente!

— O que você sente quando ela atravessa sua mão? — Malcolm pergunta, segurando a postos uma caneta sobre uma prancheta.

— Hã, é meio estranho, eu acho. Minha mão fica dormente até a pedra sair do outro lado. — Nove dá de ombros, olhando em volta. — Querem experimentar?

— Na verdade, sim — Malcolm diz. Quando coloca a pedra sobre a própria mão, nada acontece. — Hmmm. Acho que é só para lorienos.

Malcolm devolve a pedra. Em vez de colocá-la na arca, Nove a enfia no bolso. Talvez ele saia e tente impressionar algumas garotas mais tarde.

John pega um maço de folhas secas, presas com um barbante amarelo. Ele o segura com cuidado, sem saber o que pensar.

— Isto deve ter a ver com Lorien, certo?

— Talvez seja um lembrete de Henri para você aparar a grama — Nove diz, voltando a remexer a própria arca. — Não tenho nenhuma folha idiota aqui.

Malcolm observa as folhas na mão de John e, delicadamente, contorna uma delas com o indicador. Temo que aquela coisinha frágil se despedace. De repente, o ruído de uma leve brisa se espalha pela oficina, e cessa assim que Malcolm afasta o dedo.

— Ouviram isso? — ele pergunta.

— Parecia que alguém tinha deixado uma janela aberta — Oito diz, olhando para as quatro paredes atulhadas de equipamentos; não há nem sequer um filete de luz do sol passando por lugar algum.

— Era o som do vento em Lorient — John diz, o olhar cada vez mais distante. — De alguma forma, eu sei que era.

— Faça de novo — Nove pede, e a sinceridade em sua voz me surpreende.

Mas também quero muito ouvir o vento outra vez. Tinha algo de reconfortante.

John passa as mãos nas folhas, e agora o som é mais nítido. Fico arrepiada; é quase como se eu conseguisse sentir na pele o fresco ar lórico. É lindo.

— Incrível — Oito diz.

— Mas qual é a serventia? — Nove pergunta, voltando à sua frieza habitual.

— É um lembrete — John responde em voz baixa, como se estivesse um pouco comovido e tentasse esconder. — Um lembrete do que deixamos para trás. Do motivo de nossa luta.

— Interessante. — Malcolm toma nota em sua prancheta. — Serão necessários futuros estudos.

Malcolm espia por cima do ombro de cada um enquanto esvaziamos nossas arcas. Ele anota tudo, fazendo comentários sobre os objetos que sabemos usar e sublinhando os que não sabemos. Das luvas escuras que cintilam ao serem tocadas ao aparelho redondo que parece uma bússola, praticamente todos os itens de minha Herança são sublinhados.

— O que vocês acham que isto faz? — Oito pergunta, segurando uma galhada curva que parece ter sido tirada da cabeça de um pequeno cervo. — É a única coisa daqui que não sei usar.

Cinco segundos depois de Oito pegar a galhada, Bernie Kosar passa como um raio pela porta da oficina com o focinho levantado. Está animado e balança o rabo. Ele pula logo em Oito, batendo com as patas nele.

— Ele quer a galhada — diz John. — Caso você não tenha percebido.

Dando de ombros, Oito baixa a galhada, e BK a pega com a boca. Ele cai de costas e começa a rolar de um lado para o outro, emitindo um ronronar contente que não combina em nada com sua forma de cachorro. Na verdade, a forma de BK começa a tremeluzir, como se ele estivesse tendo dificuldade de se controlar.

— Ele está muito estranho! — Nove solta uma risada histérica. — Se não estivéssemos escondidos, sem dúvida eu postaria isso na Internet.

— Ei, ei — John diz, esfregando as têmporas. — Calma, BK.

Malcolm olha de Bernie Kosar para John.

— Consegue se comunicar com ele?

— Consigo — John responde. — Por telepatia. Nove também. Ele está muito inquieto. Diz que a galhada é... não sei como dizer isso, está vindo em uma língua esquisita... um totem ou algo do tipo. Para Chimæra.

— Bom, BK é nosso único Chimæra, então pode ficar com isso — diz Oito, sorrindo ao se ajoelhar e acariciar a barriga do cachorro.

— Ella chegou à Terra em uma nave cheia de Chimæra — digo. — Acha que podemos usar a galhada para atraí-los? Talvez estejam perdidos e precisem saber onde nos encontrar.

Malcolm imediatamente começa a escrever isso na prancheta.

— Muito bem pensado, Marina.

Sorrio, sentindo uma pequena onda de orgulho. Ah, se eu pelo menos conseguisse descobrir o que as coisas de minha arca fazem...

— Se estão procurando essas bobagens de natureza, eu tenho isto — Nove diz, segurando uma bolsinha de couro. Ele a passa adiante e cada um de nós olha seu conteúdo. É terra fértil cor de chocolate. — Quando Sandor estava explicando minha Herança, ele me disse que servia para plantar. Mas não precisaremos disso por um bom tempo.

Nove amarra novamente os cordões de couro na ponta da bolsinha e a joga com indiferença dentro da arca. Acho que não se interessa mesmo por coisas que não matam mogadorianos. Analiso a minha, empurrando para o lado a coleção de pedras preciosas que poderiam ter custeado minha versão espanhola da cobertura de Nove, se Adelina tivesse se importado, e procuro algo que possa ter relação com o recomeço de Lorien.

— E isto aqui? — pergunto, segurando um frasco fino de água cristalina. Sinto o vidro frio ao tocá-lo.

— Beba — sugere Nove.

Malcolm balança a cabeça.

— Eu os aconselharia a não ingerir nenhum item da arca até conhecermos sua função.

— Está ouvindo? — Oito cutuca Nove. — Não coma nenhuma pedra.

Tiro a tampa do frasco. Assim que entra em contato com o ar, o líquido ganha um tom de azul igual ao das pedras de loralite. Mas é apenas uma reação passageira, o azul vai clareando até a água ficar cristalina. Passo o dedo pela lateral do vidro e um rastro de azul-vivo aparece no líquido, depois desbota quando tiro o dedo. Noto pequenas gavinhas azuis rodopiando no ponto em que meus dedos seguram o frasco.

— Estão vendo isto? — exclamo.

— É como se o líquido sentisse seu toque através do vidro — diz John.

— Posso? — pergunta Malcolm.

Eu passo o frasco a Malcolm. Quando ele o segura, a cor do líquido não se altera.

— Hmmm — ele diz, entregando a John. — Tente você.

Assim que John pega o frasco, o líquido volta a exibir o intenso tom de cobalto da loralite. Todos observamos a cor se desvanecer aos poucos, menos no ponto em que John o toca. O líquido pulsa como se quisesse sair do frasco, como se estivesse ansioso para entrar em contato conosco.

— Então ele detecta lorienos — Oito diz —, mas de que adianta, se somos os únicos sobreviventes?

— Vou tentar uma coisa — digo, pegando o frasco de volta de John.

Com cuidado, eu viro apenas uma gota na palma de minha mão. O líquido fica azul, e uma sensação de formigamento se espalha pela pele. Então, a única gotícula estremece e se expande, ganhando massa e densidade até se transformar em uma pedra lisa de loralite.

— Uau! — Oito diz, pegando a pedra e a virando em todos os ângulos para examiná-la.

— Uau mesmo — Malcolm se aproxima, observando, maravilhado, a pedra. — Seja o que for, este material desafia as leis da física.

— Então podemos criar loralite com isso — John reflete. — Tanto Nove quanto eu temos algo que, ao que tudo indica, pode ser utilizado na agricultura, e Oito possui um objeto que convoca Chimæra. Não parecem coisas que podem nos ajudar a redespertar Lorien?

— Sem dúvida — diz Malcolm.

Tampo o frasco, pois não quero desperdiçar nem mais uma gota de nossa preciosa loralite líquida.

O inventário continua por mais algum tempo, e Malcolm toma notas bastante meticulosas. Estamos ansiosos para aprender tudo o que pudermos sobre nossa Herança — menos Nove, que não para de olhar para a porta da Sala de Aula. Ele nos fez prometer que iríamos treinar depois que terminássemos “o papo cabeça”. Na verdade, também estou aguardando por outra sessão. Sinto que preciso me preparar muito antes de chegar ao nível de aptidão de combate do restante do grupo.

Quando os outros saem, Oito e eu ficamos para trás, recolocando os últimos itens em nossas arcas. Também guardo ali a pedra de loralite que criei, mas Oito a pega. Ele a aperta com força em seu punho fechado e se concentra.

— O que está fazendo?

Oito abre os olhos e suspira.

— Queria ver se poderia usar esta para me teleportar até uma das outras pedras de loralite. Já tentei usar meu pingente, mas também não funcionou. Talvez não sejam grandes o bastante.

— O que foi? Queria dar uma passada rápida em Stonehenge? Ou na Somália?

Pego de volta a pedra e a coloco em minha arca, trancando-a.

— As coisas vão começar a se acelerar agora, só isso. Queria que nós tivéssemos mais tempo para fazer outros passeios como aquele.

— Nós? — respondo, sentindo um calor repentino subir para o rosto. — Você ia me teleportar também?

Oito me lança aquele sorriso irresistível.

— Seria só uma folguinha. Está me dizendo que não precisa de uma?

Oito está certo, claro. Depois de ser acordada antes do amanhecer pelos gritos de Ella e de testemunhar aquela horrível visão de Chicago, preciso mesmo de uma folga dos assuntos lóricos. Mas agora não há tempo para isso. Toco o braço de Oito.

— Desculpe — digo a ele. — Precisamos levar isto a sério. Como Nove disse, não temos tempo para sair passeando por outros países, e nem mesmo pela orla.

Oito suspira com uma decepção bem-humorada.

— Bem, sempre teremos pizza.

Ele faz uma pausa, parecendo querer dizer algo mais, porém Nove surge na oficina. Já colocou roupas esportivas.

— Estão prontos para treinar, seus manés?

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

— VAMOS BUSCAR CINCO — Nove diz em um tom rude depois que Oito e eu trocamos de roupa.

— Aquele cara precisa se exercitar.

Encontramos Cinco esticado em um dos sofás da sala de estar. Ele ligou um *video game* da coleção de Nove na tevê de tela grande. Não tenho experiência alguma com essas coisas, e observar Cinco jogando me deixa meio tonta. O jogo é em primeira pessoa, e o personagem corre por um campo de batalha com uma metralhadora, derrubando soldados. Cinco sequer percebe que estamos entrando na sala até Oito pigarrear alto.

— Ah, oi, pessoal — diz, sem se dar o trabalho de pausar o jogo. — Isto aqui é incrível. Nunca tivemos nada parecido nas ilhas. Vejam só.

Na tela, o personagem de Cinco lança uma granada. Um grupo de soldados inimigos que se escondia atrás de uma pilha de sacos de areia explode em uma chuva de membros decepados. Desvio os olhos. Depois de ver o sonho de Ella nesta madrugada, o jogo me parece um pouco realista demais.

— Legal — Oito responde com educação.

Nove boceja, parando bem diante da televisão, obrigando Cinco a pausar finalmente.

— Eu adorava esses jogos quando era criança — Nove diz. — Agora estou mais ligado à realidade. Quer se juntar a nós?

Cinco levanta uma sobrancelha.

— Realidade? Vamos matar soldados na hã...? — Ele espia a caixa do *video game* aberta. — Segunda Guerra Mundial? Acho que estou desatualizado sobre a história da Terra, porque pensei que essa guerra já tivesse acabado.

— Vamos treinar — Nove responde, sem achar graça. — Pelo que ouvi sobre o Arkansas, parece que suas habilidades precisam melhorar.

Percebo uma sombra de raiva nos olhos de Cinco e por um instante penso que ele vai se levantar do sofá. Mas então ele se recosta, cruzando os braços e fazendo um grande esforço para manter a expressão neutra.

— Não estou com vontade agora — Cinco diz, se esticando teatralmente no sofá. — De qualquer forma, este jogo desenvolve minha coordenação olho-mão. Acho que vai ser o melhor treinamento que terei aqui.

Estou começando a perceber que isso pode ter sido uma má ideia. Acho que Nove é a pessoa menos diplomática que já conheci. Depois de passar um tempo com ele, aprendi a não

levá-lo muito a sério. Vejo que Cinco ainda não criou essa tolerância.

— É mais divertido do que parece — digo, tentando amenizar a situação. Se Cinco sentir que não está sendo forçado, talvez seja mais fácil convencê-lo a treinar conosco. — E nos permite uma oportunidade de trabalhar em equipe. Além disso, adoráramos conhecer você melhor.

Por um instante, a expressão de Cinco fica mais tranquila. Eu estava certa; quando é bem tratado, ele baixa a guarda. Ninguém gosta de receber ordens, sobretudo depois de passar tanto tempo sozinho, como Cinco. Vejo que ele vai ceder e treinar conosco.

É uma pena que Nove não seja tão bom em perceber sinais, ou talvez seja apenas impaciente. Ele caminha despreocupadamente para trás do sofá e, com uma das mãos, o vira com um movimento brusco. Cinco é simplesmente jogado no chão.

Oito balança a cabeça, embora tenha um sorrisinho no canto da boca. Sei que Cinco não causou a melhor das primeiras impressões nele, trazendo à tona aquelas lembranças do que Oito fez na Índia. Mas isso não é jeito de tratar nosso mais novo Garde.

— Qual é, Nove? — digo naquele tom decepcionado-porém-não-zangado que as freiras usavam comigo. — Pare com o bullying.

Nove me ignora. Cinco já está de pé, e o encara furiosamente.

— Por que fez isso?

— O sofá é meu — diz Nove. — Posso fazer o que eu quiser com ele.

Cinco solta uma risadinha de desprezo.

— Que coisa mais infantil! Você é ridículo.

— Talvez — Nove responde, dando de ombros alegremente. — Você pode me mostrar o quanto sou ridículo no treinamento.

Então aquilo não passou de uma das artimanhas de encorajamento de Nove, tentar irritar Cinco para fazer com que ele vá lutar na Sala de Aula. Que plano infantil! Poderíamos tê-lo convidado com educação. Cinco continua encarando Nove, avaliando-o. Dá um sorriso malicioso, exibindo um vislumbre de crueldade nos olhos, e eu tenho a impressão de que já entendeu toda a estratégia de Nove.

— Quer saber? — diz Cinco. — Vou lhe dar uma chance aqui mesmo. Se conseguir me machucar, treino com você. Se não, você me poupa dessa demonstração exagerada de masculinidade pelo resto do dia.

O rosto de Nove se ilumina com um sorriso feroz.

— Quer que eu bata em você, garotinho?

— Claro — Cinco responde, as mãos nos bolsos e o queixo projetado para a frente. — Pode tentar.

— Gente, isso é uma bobagem — digo, tentando acalmar o que de repente se tornou uma situação absurda.

Cinco e Nove se envolveram nesse impasse enquanto deveríamos estar aprendendo a trabalhar juntos. Olho para Oito, em busca de apoio. Ele mantém um sorrisinho no canto da boca, quase como se estivesse se divertindo com tudo aquilo. Quando percebe meu olhar de desaprovação, seu sorriso se torna envergonhado, e ele coloca a mão no ombro de Nove.

— Vamos treinar — Oito diz, mantendo o tom de voz leve. — Cinco pode ir quando estiver a fim.

Nove afasta a mão de Oito e arma um soco. Levanta as sobrancelhas para Cinco.

— Tem certeza de que quer me testar, Frodo?

— Espero que seus socos sejam melhores que seus insultos — Cinco retruca.

Devo admitir que admiro a coragem dele. É claro que tudo isso poderia ter sido evitado se ele tivesse apenas engolido o próprio orgulho logo no começo. A forma como Cinco e Nove estão agindo é patética. Dois dos últimos lorienos remanescentes no universo precisam ficar de castigo.

Assim como eu, Oito se conformou em deixar rolar. Nós dois damos um passo para trás.

Nove não se apressa, estala os dedos, alonga o pescoço, endireita os ombros. Acho que estou mais nervosa que Cinco; ele fica apenas parado ali, passivo, à espera do soco.

Enfim, Nove dá o golpe. É um bom direto, e, mesmo que sem dúvida seja suficiente para derrubar alguém, acho que já vi Nove dar socos mais fortes e rápidos. Talvez tenha maneirado um pouco por não querer machucar Cinco demais.

No meio do golpe, a pele de Cinco se transforma em aço reluzente. O punho de Nove trinca contra a mandíbula metálica, e imediatamente ele grita. É como bater em uma viga de metal. Cubro a boca com a mão para reprimir um grito de surpresa. A meu lado, Oito é obrigado a interromper uma risada perplexa quando percebe que a mão de Nove está mesmo quebrada. Nove se vira e se afasta de Cinco, apertando a mão contra o peito.

A pele do garoto volta ao normal.

— É isso?

Nove rosna uma série de palavrões. Corro até ele para dar uma olhada em sua mão, mas ele me empurra e sai a passos largos, em direção à Sala de Aula. Tenho certeza de que assim que se acalmar vai querer que eu o cure. De qualquer forma, depois de agir como um idiota, ele merece sentir um pouco de dor.

— Se tivesse ouvido com atenção o que Quatro falou sobre a batalha no Arkansas, teria imaginado isso — Cinco diz, com a voz monótona, quase entediada, enquanto assiste a Nove sair furioso.

— Ele não é exatamente um gênio — Oito responde em um tom calmo. — Bom, bem-vindo ao time. Divirta-se com seu *video game*.

Oito sai da sala atrás de Nove. Cinco o observa, meio confuso com a indiferença dele. Eu o

ajudo a recolocar na posição certa o sofá que Nove virou.

— Não entendo o que fiz de errado — Cinco diz em voz baixa. — Por que sou o vilão?

— Você não é — respondo. — As coisas só saíram do controle. Vocês dois foram idiotas.

— Ele está implicando comigo desde que pisei aqui — Cinco continua. — Achei que se não o enfrentasse, isso ia continuar acontecendo.

Eu me sento no sofá ao lado de Cinco.

— Entendo — digo. — Nove tem talento para irritar os outros. John me contou que eles dois quase se mataram uma vez. Você vai se acostumar.

— O problema é esse. Não quero me acostumar. — Cinco pega o controle do *video game*, mas não volta a jogar. Aperta alguns botões, e a tela se apaga. — E a questão é que eu queria treinar com vocês. Não quero ser excluído. Quero ver o que vocês podem fazer e aprender a trabalhar em equipe. Mas foi a forma como ele falou. Impossível não reagir.

Dou um tapinha no ombro de Cinco.

— Sabe, você e Nove não são tão diferentes.

Ele considera minhas palavras, olhando para o carpete.

— Não, acho que não somos. Devo pedir desculpas por ter quebrado a mão dele?

Balanço a cabeça, soltando uma risadinha.

— Acho que o orgulho dele é o que está mais ferido, mas você não deve se desculpar nem por isso. — Eu me levanto e pego o braço de Cinco, levantando-o. — Venha. Vamos treinar.

Cinco hesita.

— Depois do que aconteceu, acha mesmo que serei bem-vindo?

— Você é um de nós, não é? — digo em um tom decidido. — Existe momento melhor para aprender a trabalhar em equipe do que depois de dar um soco na cara de um companheiro?

Cinco quase se permite rir. Ele assente, e vamos juntos para a Sala de Aula.

— Obrigado, Marina — diz. — Sabe, você é a primeira pessoa que fez eu me sentir acolhido de verdade aqui.

Bom, pelo menos isso. Talvez eu não consiga ajudar Ella com os sonhos, identificar metade dos objetos de minha Herança nem lutar tão bem quanto os outros, mas pelo menos tenho jeito para persuadir idiotas a serem mais cordiais. Eu me pergunto se isso é um Legado.

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

JOHN SEGURA A identidade do estado de Illinois contra a luz. Ele a dobra entre os dedos e cutuca a foto com a unha. Depois se vira para mim com um sorriso largo.

— Que ótimo trabalho, Sam! Tão boa quanto as que Henri fazia.

— Finalmente — suspiro, aliviado.

Várias identidades, cada uma com alguma pequena falha, estão empilhadas ao lado do computador principal de Sandor. Todas têm o rosto de John e o nome “John Kent”.

— Deveria fazer uma para você — John diz. — Talvez seu codinome pudesse ser Sam Wayne.

— Sam Wayne?

— É, como Bruce Wayne. O amigo sem poderes do Super-Homem. Foi por isso que escolheu Kent como meu sobrenome, não foi? É uma referência ao Super-Homem.

— Não achei que você perceberia — respondo. — Nunca soube que gostava de quadrinhos.

— Não gosto, mas nós, aliens, precisamos nos conhecer. — John contorna uma das muitas pilhas de entulho da oficina, indo para o outro lado da mesa olhar a tela por cima de meu ombro. — Tudo isso estava pronto no computador de Sandor?

— Sim — respondo, passando o cursor pelos vários programas de falsificação e de invasão de bancos de dados do governo instalados na máquina do Cêpan. — Só precisei acessá-los. E, hã, descobrir como usá-los corretamente... — Indico a pilha de identidades erradas.

— Ótimo — John diz. — Vamos fazer documentos novos para todos. Isso vai facilitar a viagem em busca da arca de Cinco.

— Oito não pode simplesmente teleportar vocês para lá?

John balança a cabeça.

— Ele só pode cobrir longas distâncias entre aquelas enormes pedras de loralite que você citou ontem à noite. E em distâncias curtas corremos um risco muito grande de ser vistos aparecendo do nada. Ou de Oito nos teleportar para dentro de uma parede.

— É, isso ia doer.

Ajusto a webcam acoplada ao monitor para ficar virada para mim.

Quando minha imagem aparece na tela, levo um segundo para ajeitar o cabelo e depois dou meu sorriso mais cafona.

— Legal — John diz, ainda observando.

— Fazer o quê? Sou fotogênico.

— Nunca entendi por que o dia de tirar a foto do anuário no Paradise High se chamava Dia

de Homenagem a Sam Goode.

— Agora você sabe.

Arrasto a foto para um dos programas que Sandor instalou, e ele começa a trabalhar imediatamente, redimensionando-a para uma nova carteira de motorista.

— Então — começo de um jeito ridículo, já que não tinha planejado nada melhor para dizer. — Queria perguntar uma coisa.

— Diga.

— O que está acontecendo entre você e Seis, agora que Sarah, hã, não é uma traidora?

John ri.

— Na verdade, conversamos sobre isso a caminho do Arkansas. Acho que agora estamos bem. Por um tempo foi meio estranho. Mas estou com Sarah. Cem por cento.

— Ok, legal — respondo, mantendo um tom de indiferença.

Mas isso não impede John de me dar uma cotovelada.

— Ela é toda sua — ele diz, e meu rosto fica quente na mesma hora.

— Não foi por isso que perguntei.

— Aham, sei — John diz, pegando um parafuso solto da mesa e jogando em mim. — Vai fingir que esqueceu o que aconteceu antes de Seis ir para a Espanha? Que ela disse que gostava mesmo de você. Que beijou você?

Dou de ombros, lançando o parafuso em John.

— Hmmm, isso não me é estranho, mas nem me passou pela cabeça. — Ao dizer isso, me lembro daquele abraço que Seis me deu quando nos reencontramos no Arkansas.

Meu rosto fica mais quente.

Por sorte, antes que John consiga zombar ainda mais de mim, meu pai entra. Ele sorri para nós enquanto limpa as mãos sujas em um pano velho. Parece cansado de trabalhar no maquinário da Sala de Aula, mas está com um sorriso de satisfação. Mexer em tecnologia lórica sem dúvida é melhor do que definhar em uma prisão mogadoriana.

— Como foi? — pergunto a ele.

— A mente humana é uma coisa incrível, Sam — meu pai responde. — Quando alguém tem falhas na memória, como eu, passa a valorizar mais as recordações. As mãos repetem uma tarefa que desempenharam muitas vezes, sem a necessidade de pensar. Quem precisa de Legados quando temos o poder infinito da mente humana a nosso dispor, hein?

— Eu não reclamaria de ter alguns Legados, para ser sincero — digo, olhando para John. — Desculpe, às vezes ele pode ficar bem filosófico com coisas científicas.

— Não tem problema nenhum — John diz, dando um sorriso melancólico ao olhar de mim para ele.

— Os consertos não são fáceis — meu pai prossegue. — O trabalho de Sandor é

impressionante, e eu... hã... fiquei parado por um tempo. As coisas funcionam da forma como me lembro, só que é tudo muito menor. Talvez o Palanque seja muito intrincado para que eu consiga deixá-lo cem por cento funcional. Consegui consertar alguns controles. Certas armadilhas também devem funcionar. Não está perfeito, claro, mas já é um início.

— Tenho certeza de que está ótimo — John diz. — Qualquer coisa que melhore nosso treinamento vai ser útil. Eu gostaria de ter uma sessão em equipe antes de irmos para a Fló...

Nove abre a porta da oficina com tanta força que quase poderia tê-la arrancado das dobradiças. Ele dá um passo largo para dentro e depois chuta violentamente uma pilha de tralhas, fazendo voar placas de circuito e ferragens em nossa direção. Tento proteger o rosto, mas John usa a telecinesia para aparar os estilhaços do acesso de raiva.

— Que diabos? — John grita. — Fica calmo.

Nove olha para ele, perplexo, como se nem tivesse percebido que estávamos ali.

— Desculpem — murmura, depois vai até John e mostra a mão direita terrivelmente inchada. — Cure isto.

— Cacete — digo. — O que aconteceu com você?

— Soquei a cara de Cinco — Nove diz com indiferença. — Não acabou bem.

Bom, não demorou muito, penso. Nove estava provocando Cinco desde que ele passou por aquela porta. Na verdade, estou muito surpreso por ser Nove quem está aqui precisando de cura. Não é esse o desfecho que eu imaginaria para essa briga. Fico quieto, deixando John lidar com seu cão de guarda ferido. Ele pega o antebraço de Nove, talvez com um pouco mais de força do que o necessário, e coloca a mão sobre o punho machucado. Mas não o cura.

— Você precisa se acalmar — John diz, encarando Nove. — Chega de socar nossos amigos. Chega de desafiá-los para brigas no telhado. Chega de palhaçada.

Nove encara John e, por um segundo, acho que vai socar a cara dele também. Mas não. Pelo contrário, abre um grande sorriso, como se tudo aquilo fosse uma piada.

— Sou o pior comitê de boas-vindas da história, não é?

— Em Paradise, a mãe de Sarah costumava preparar guloseimas para todos que chegavam à vizinhança. Talvez você devesse ser obrigado a assar cookies toda vez que socasse alguém — sugiro.

John ri enquanto começa a curar a mão de Nove.

— Adorei a ideia, Sam.

— Não vou assar nada — Nove resmunga, lançando um olhar furioso para mim.

Meu pai pigarreia. Todos olhamos para ele, que está empertigado, as mãos para trás; tenho certeza de que é o mesmo olhar que ele dava a seus alunos da universidade.

— Nove, gostaria de saber se você quer me ajudar na Sala de Aula.

— Com o quê?

— Seu Cêpan construiu o equipamento. Esperava que você tivesse alguma informação sobre

como as coisas funcionam.

Nove ri, incrédulo.

— Desculpe, cara. Eu deixava as coisas nerds para ele.

— Entendo — meu pai responde, sem se deixar intimidar pela arrogância de Nove. — Neste caso, talvez possamos descobrir juntos como funciona. A não ser que você esteja ocupado demais distribuindo socos.

Para minha surpresa, Nove pensa no assunto. Vejo em seu rosto a mesma expressão melancólica que notei antes em John, e me ocorre que ambos estão pensando em seus Cêpans. Percebo então o que meu pai está fazendo ao tentar estabelecer uma relação com o garoto rebelde e estimulá-lo a se engajar em um projeto. É uma jogada muito paternal, mas eu admiro.

— É, tudo bem — Nove diz. — São minhas coisas. Preciso saber como funcionam. Vamos lá.

Quando Nove e meu pai vão para a Sala de Aula, John se volta para mim.

— Seu pai é um homem bom — ele diz. — Talvez a gente deva transformá-lo em Cêpan honorário.

— Obrigado — respondo, com um sorriso inseguro.

Um nó gelado de medo se forma em meu estômago, porque sei o que acontece com os Cêpans da Garde, o que acontece com os adultos. É um pensamento sombrio, confesso, mas não consigo evitá-lo. Acabei de reencontrar meu pai, não quero perdê-lo. Sem perceber, comecei a esfregar as cicatrizes de meus pulsos. Acho que John intuiu o que estou sentindo, porque coloca a mão em meu ombro.

— Não se preocupe, Sam — diz. — Não vamos perder mais ninguém.

Espero que ele esteja certo.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

— ENTÃO, QUANDO VOCÊS vão para a Flórida? — Sarah me pergunta em um tom casual, como se eu estivesse planejando tirar férias.

Estou exausto. Mas é um tipo de cansaço bom, hoje foi um dia produtivo. Não gastamos nem um minuto fugindo ou nos escondendo, não perdemos tempo. Catalogamos o conteúdo das arcas, Sam conseguiu imprimir boas identidades falsas e eu treinei um pouco na Sala de Aula reformada.

— Daqui a dois dias, espero — respondo a Sarah, me jogando no chão para uma série rápida de flexões antes de dormir. — Quero reunir todo mundo na Sala de Aula amanhã, ver como está a equipe. Não espero muita encrenca para recuperar a arca de Cinco, mas nunca se sabe. Será bom todos terem uma experiência juntos. Depois partimos.

Sarah ficou quieta. Olho para ela, na beira da cama — nossa cama, ainda é estranho pensar nisso —, sentada sobre as pernas. Sarah está com seu pijama; uma camiseta cinza com gola em V e uma de minhas cuecas sambacação. Ela me observa, mas não está prestando atenção a uma palavra que digo. Eu pigarreio, e ela pisca, abrindo um sorriso de canto de boca.

— Desculpe, você me distraiu com as flexões. Do que estávamos falando?

Eu me sento ao lado dela na cama, acariciando seu cabelo escovado. Ela sorri para mim, e de repente não me sinto mais tão cansado. Estaria mentindo se dissesse que não pensei no que poderia acontecer ao dividirmos uma cama. As coisas andam frenéticas desde que chegamos a Chicago com os pesadelos de Ella, o pedido de ajuda de Cinco e minha própria insônia. Além disso todo mundo está dormindo nos quartos vizinhos, então não parece apropriado.

— Flórida — refresco sua memória.

— Ah, sim — Sarah diz. — Você morou lá por um tempo, não foi?

— É, alguns meses. Por quê?

— Só estou tentando preencher algumas lacunas. Ainda tem muita coisa que não sei sobre você, John Smith. — Ela coloca a mão em minha bochecha, deixando os dedos descerem por meu pescoço e depois pelo ombro. — Além disso, conversar ajuda a me distrair do que realmente quero fazer.

Minha mão desliza pelo cabelo dela, desce pela nuca e passeia lentamente pela coluna. Sarah estremece de leve, e eu me aproximo, inclinando o rosto em direção ao seu.

— Sabe, esta noite está muito silenciosa. Acho que todo mundo já foi dormir.

Na mesma hora, batem à porta. Os olhos de Sarah se arregalam, e ela ri, com o rosto corado.

— *Timing* ruim é um de seus Legados?

Abro a porta e encontro Seis esperando, de casaco, como se tivesse acabado de vir lá de fora. Ela olha para Sarah por cima de meu ombro, depois nota minha expressão exasperada e abre um sorriso malicioso.

— Ops — diz. — Estou interrompendo?

— Tudo bem — digo, disfarçando. — O que foi?

— Você precisa ir ao telhado e ver uma coisa. BK está surtando.

Vestimos umas roupas por cima do pijama e corremos pelo corredor atrás de Seis. Ouço BK antes de sequer chegar à escada que leva ao telhado. O som que ele faz parece uma mistura de lobo uivando com um elefante soprando pela tromba — é alto e melancólico, não soa mal, mas tampouco é terrestre.

— Ele não quer calar a boca — Nove diz assim que apareço no telhado, e esfrega as têmporas, provavelmente exausto de usar a telepatia para tentar acalmar BK.

Ele ainda está na forma de beagle, embora seu corpo aumente e estique de forma inconstante, como se pudesse se transformar em outra coisa a qualquer momento. A galhada da arca de Oito está presa entre seus

dentos, o que não abafa nem um pouco o som. Gotas de baba pingam dela para o pelo de BK, que está sobre as patas traseiras, o focinho apontado para a Lua, soltando o som estranhamente melódico. Parece estar em algum tipo de transe.

Oito se teleporta do andar de baixo.

— Deixei Sam e Malcolm monitorando os canais de emergência, para o caso de algum vizinho intrometido chamar a polícia — ele diz. — Não sei o que deu nele, John, mas acho que tem a ver com a galhada.

— Jura? — Seis diz, estalando os dedos para BK. — Quietos, Bernie Kosar!

Ele nem percebe. Vejo Marina na beira do telhado, usando sua visão noturna para ficar de olho em qualquer um que possa nos ver. Por sorte, estamos alto o bastante, e Chicago é muito barulhenta, então acho que ninguém vai ouvi-lo. Mesmo assim, é melhor não arriscar.

— Você tentou tirar isso dele? — pergunto.

— Tentei — Nove responde. — Ele não gostou. Rosnou para mim e não soltou. Eu não quis machucá-lo.

— Não parece coisa de BK — Sarah diz, seus olhos arregalados de preocupação.

— Acha que é algum tipo de pesadelo de Chimæra? — Seis sugere.

Balanço a cabeça. Toda essa esquisitice de BK começou quando ele pegou a galhada. É improvável que algo de nossas arcas nos prejudique. Até meu bracelete, que a princípio doía pra caramba, acabou sendo útil. Tem que haver uma explicação racional para isso.

— Onde está Ella? — Sarah pergunta. — Será que pode ser a mesma coisa que está acontecendo com ela, mas com um Chimæra?

— Ela está no sétimo sono — Marina responde. — E isto é muito diferente.

Tento alcançá-lo com minha telepatia — *Bernie Kosar, você precisa ficar quieto agora* —, mas não vejo nenhuma reação. Sem outra opção além de tentar arrancar a galhada dele, dou um passo à frente. Antes que eu chegue mais perto, Bernie fica de quatro e solta o chifre. Seus uivos ainda ecoam em meus ouvidos por alguns segundos depois de cessarem. Puxo aquele objeto babado com a telecinesia e o pego no ar. BK ofega, alegre, olhando para todos.

Meu olhar cruza com o de Nove, ambos conectados a BK por telepatia.

— É como se ele não soubesse o que acabou de acontecer — digo.

— Você está bêbado, BK? — Nove pergunta, confuso.

Ele vem saltitando até nós, abanando o rabo. Está com a mesma expressão de euforia canina que exhibe quando voltamos de um passeio muito divertido.

— Você nos apavorou — digo a ele. — Sabe que estava aqui em cima fazendo uma barulheira danada, não é?

BK se senta a meus pés. Sarah se agacha e acaricia suas orelhas.

— Podem perguntar o que ele estava fazendo? — ela indaga, olhando para mim e Nove.

— Estou tentando — respondo, e Nove também assente, se concentrando em BK. — São muitas imagens e sentimentos, sabe? Não são bem palavras.

— Latidos telepáticos — Oito observa.

— Basicamente — responde Nove.

— Ele disse... — Faço uma pausa, querendo ter certeza de que minha interpretação dos pensamentos de BK está correta. — Ele disse que estava chamando os outros. — Ergo a galhada. — Acho que é para isso que serve.

— Os outros? — Marina pergunta. — Você quer dizer os Chimæra da nave de Ella?

— Acho que sim — respondo, olhando para BK. — Acha que eles o ouviram?

BK rola de barriga para cima, pedindo carinho a Sarah. Acho que esse é o equivalente Chimæra a dar de ombros.

— Ele não sabe — digo.

Nove balança a cabeça.

— Bom, crise evitada. Vou dormir. Será que podemos passar uma noite sem gritos ou uivos, por favor?

Todos os outros descem com Nove, e ficamos apenas Sarah, BK e eu. O ar noturno está frio e calmo, agora que BK se aquietou. Eu me ajoelho ao lado de Sarah e passo os braços em torno dela.

— Está com frio?

— Na verdade, não — ela diz, sorrindo. — Mas pode continuar me abraçando. Entendo por que você gosta tanto daqui de cima.

Ficamos sentados assim por um tempo, com Sarah em meus braços, observando a silhueta dos prédios de Chicago contra o céu. É um daqueles momentos perfeitos, do tipo que preciso guardar para lembrar nas horas de desânimo.

E então, talvez porque Sarah esteja certa quanto ao *timing* ruim ser um de meus Legados, uma forma escura aparece no céu e zune em nossa direção.

CAPÍTULO

VINTE E CINCO

— O QUE É aquilo? — Sarah grita.

— Não sei — respondo, me levantando de imediato e me colocando por instinto entre Sarah e a sombra que desce sobre nós.

Acendo o Lúmen, um tanto reconfortado pelo calor, pronto para qualquer coisa.

A forma escura desacelera. Fica claro que é uma pessoa. Ela aterrissa graciosamente do outro lado do telhado, com os braços erguidos em sinal de paz.

— Cinco.

— Oi, pessoal — Cinco diz. — Acordados a esta hora? Assustei vocês?

— O que você acha? — Sarah pergunta, indicando as bolas de fogo que ainda estou segurando.

Irritado, deixo que elas se dissipem afinal. Cinco, de moletom preto e calça, tira o capuz para mostrar sua expressão de arrependimento.

— Droga. Desculpe. Achei que ninguém fosse perceber.

Por um instante, pensei mesmo que estávamos diante de um ataque, então minhas palavras saem mais rudes do que eu pretendia.

— O que diabos você estava fazendo?

— Só voando por aí. Às vezes gosto de ver quão alto consigo chegar.

Tento pensar em uma resposta que não me faça parecer autoritário demais. Sou a favor do treinamento, mas sobrevoar a cidade de Chicago é uma ideia bem idiota. Esconder-se na cara de todos é uma coisa, esconder-se com adolescentes pairando no céu em volta do esconderijo é outra.

— Não tem medo de que alguém o veja? — Sarah pergunta, tirando as palavras de minha boca.

Cinco balança a cabeça.

— Sem querer ofender, Sarah, mas você ficaria surpresa com quão pouco seu povo se dá o trabalho de olhar para cima. De qualquer forma, está de noite e estou com roupas escuras. Podem confiar em mim, sou cuidadoso.

— Mesmo assim, temos que levar em consideração câmeras, aviões e sabe-se lá mais o que — digo, tentando fazer com que isso não soe como um sermão.

Cinco respira fundo e estende as mãos, como se estivesse cansado de discutir. Depois da briga com Nove mais cedo, acho que não quer causar mais problemas.

— Posso parar se você quiser — ele diz. — Mas saiba que estou ficando cada vez melhor nisso. Cobrindo uma distância maior. Na verdade, talvez eu conseguisse dar um pulo nos Everglades, pegar minha arca e voltar antes do café da manhã.

Gosto dessa atitude confiante de Cinco; de repente, parece que não precisamos nos preocupar por ele matar os treinos para jogar *video game*. Mesmo assim, balanço a cabeça.

— Vamos em equipe, Cinco. Nunca mais precisaremos fazer nada sozinhos.

— Ficaremos mais seguros juntos. Você está certo. — Cinco boceja, esticando os braços. — Tudo bem, vou dormir. Sala de Aula amanhã de manhã, certo?

— Certo.

Quando Cinco desce a escada, eu me viro para Sarah. Ela está olhando para o céu com um sorrisinho nos lábios. Pego sua mão.

— O que acha disso? — pergunto a ela.

Ela dá de ombros.

— Se você pudesse voar assim, não voaria?

— Só se você pudesse ir comigo.

Sarah revira os olhos, me dando uma cotovelada de leve nas costelas.

— Ok, mané. Vamos para a cama antes que alguma outra loucura aconteça.

CAPÍTULO

VINTE E SEIS

— TEM CERTEZA DE que está pronta?

Ella assente enquanto vamos juntas para a Sala de Aula. Está pálida e com olheiras profundas, como se tivesse acabado de se recuperar de uma doença grave.

Não houve pesadelos ou ataques de gritos durante a noite, mas ela ainda parece exausta.

— Eu consigo — Ella diz, se endireitando.

— Ninguém vai julgá-la por ficar de fora — digo.

— Não precisa me tratar como um bebê — ela responde em um tom cortante. — Posso treinar tão pesado quanto vocês.

Balanço a cabeça, deixando o assunto para lá. Talvez um pouco de atividade física lhe faça bem. No mínimo, vai cansá-la o bastante para que descanse de verdade.

Somos as duas últimas a chegar à Sala de Aula. Todos estão no centro do cômodo, usando roupas esportivas. Malcolm está sentado atrás do painel do Palanque, examinando os botões reluzentes e as alavancas através de seus óculos.

Nove bate palmas quando nos vê.

— Pronto! Vamos começar! Está na hora do pique-bandeira! O teste máximo de trabalho em equipe e, hã, capacidade de detonar.

Seis revira os olhos e Cinco reprime um gemido. Fico ao lado de Oito, que me lança um sorriso rápido. Espero ficar no time dele.

— As regras são simples — Nove diz. Ele indica os lados opostos do ginásio, onde colocou duas bandeiras improvisadas com camisetas velhas do Chicago Bulls. — O primeiro time que pegar a bandeira do adversário e levá-la para seu lado é o vencedor. Vocês têm que segurar a bandeira o tempo todo, não vale telecinesia. Também não vale teleportar a bandeira... Aham, estou falando de você, Oito.

Oito abre um sorriso.

— Tudo bem. Gosto de desafios.

Empilhados no chão estão quatro rifles mogadorianos que eles pegaram no Arkansas, imaginando que poderíamos querer usá-los para este tipo de exercício. Percebo que Sam os observa com hesitação.

— Para que servem? — pergunta.

— Cada time vai receber duas armas — explica John, entrando na conversa. — Malcolm as modificou, então elas são como *tasers*, não letais. Sempre acabamos usando as armas

mogadorianas contra eles próprios em batalha. Achei que seria um bom treino.

— Além disso, queremos dar a quem não é da Garde oportunidade de lutar — diz Nove, olhando para Sam e Sarah.

Malcolm se aproxima, vindo do Palanque, com as mãos para trás.

— Vou usar os sistemas da Sala de Aula para impor alguns obstáculos — diz. — Lembrem-se: se alguém se machucar, pode pedir tempo para ser curado por Marina ou John.

Nove suspira, irritado.

— Não existe “tempo” em lutas reais, então vamos tentar minimizar ao máximo a frescura.

John olha em volta, assumindo uma postura menos arrogante.

— Lembrem-se: é só um treino. Não estamos tentando matar uns aos outros.



John e Nove são os capitães e nos dividem em dois times. A primeira escolha de John é Seis, e Nove escolhe Oito. Em seguida, John opta por Cinco, e Nove, por Marina. A terceira escolha de John é Bernie Kosar, e então Nove surpreende a todos chamando Sarah. Eu esperava ficar por último; isso não é vergonha alguma quando os outros jogadores têm superpoderes; John me escolhe, talvez por querer dividir os humanos igualmente, o que deixa Ella no time de Nove.

Nós nos reunimos em cada uma das extremidades do ginásio.

— Vou ficar invisível logo de cara — Seis diz. — Se vocês mantiverem os outros ocupados, devo conseguir chegar até a bandeira deles sem problemas.

John balança a cabeça, concordando.

— Estou mais preocupado com Oito. Ele provavelmente vai se teleportar para nosso lado na mesma hora e tentar pegar a bandeira. Sam, quero que você e Bernie Kosar fiquem de guarda.

Dou um tapinha na cabeça de BK. Sob meus dedos, seu pelo de beagle vira a pelagem macia de um tigre.

— Hã, sim. Nós damos conta — digo.

— Cinco, você e eu atacaremos. Vamos deixá-los ocupados enquanto Seis corre até a bandeira.

Por cima do ombro, Cinco olha para o local onde o outro time está reunido se planejando e fala:

— Quero pegar Nove.

John e eu trocamos olhares rápidos, ambos nos lembrando do incidente do dia anterior. Não é todo dia que alguém se oferece para bater de frente com o fanático por briga da Garde. John dá de ombros.

— Claro. Eu lhe dou cobertura. Vá com calma desta vez, ok?

Cinco sorri, com um olhar de desprezo.

— Não prometo nada.

Quando nos separamos, sorrio para Seis.

— Boa sorte lá. Eles não podem se antecipar a você.

Que brega. *Argh, muito bem, Sam.* Seis dá um breve sorriso em resposta. Pega uma das armas mogadorianas e a joga para mim.

— Obrigada, Sam. Conto com você para me dar cobertura, está bem?



— Vou me teleportar para lá, pegar a bandeira deles e sair correndo — Oito diz, estalando os dedos. — Não vamos nem ficar suados.

Nove balança a cabeça.

— É exatamente isso que eles estão esperando. Então, sim, faça. Mas vai ser apenas uma distração.

Sarah levanta a mão, interrompendo.

— Desculpe, Nove, mas preciso perguntar. Por que você me escolheu?

Nove sorri para ela.

— Você é minha arma secreta, Hart. John não vai conseguir agir enquanto você estiver mandando beijinhos para ele.

— Beijinhos? — Sarah repete em um tom seco, empunhando a arma mogadoriana que pegou. — Quer que eu atire em você?

— Eu já a vi atirar. Ela não vai errar — comento.

Já vi Sarah atirando durante o treinamento. Invejo sua pontaria. Não consegui me adaptar às armas de fogo tão rápido quanto ela. Elas me deixam nervosa.

— Sei que não — Nove responde, de repente sério. — É por isso que ela vai vigiar Seis.

— Sabe que ela vai ficar invisível — Oito diz. — Como vamos impedir?

— É aí que entra Ella — Nove responde.

Ella desvia os olhos da arma na qual estava mexendo, sobressaltada ao ouvir seu nome. Acho que está meio magoada por ter sido escolhida por último.

— Eu? — pergunta, incrédula.

— Isso mesmo — Nove responde. — Você vai usar sua mágica telepática para localizar Seis enquanto ela estiver invisível. Então, você e Sarah atiram.

— Hmmm, não sei se consigo fazer isso.

— Você a localizou em uma base enorme no Novo México. Isto aqui é só uma sala. — Nove sacode o ombro de Ella, encorajando-a. — Tente, por mim, está bem?

— O que vou fazer? — pergunto.

Nove está com aquela expressão orgulhosa — acho que ouvi John falar “presunçosa” — de quando acha que bolou alguma coisa muito interessante. Ele pega minha mão, e os pelos de meu braço se arrepiam, um choque elétrico percorre meu corpo.

— Você, Marina, é minha verdadeira arma secreta.

II

— Os dois lados estão prontos? — Malcolm grita do Palanque.

Os times estão a cerca de dez metros um do outro, próximos ao centro da Sala de Aula. Olho em volta. Todos no meu time parecem determinados. Sam já começou a suar um pouco e muda a arma de posição o tempo todo. Na minha frente, Sarah me olha com um sorriso inocente enquanto empunha sua arma. Meu coração palpita em resposta, mas tento manter o rosto sério.

— Prontos! — grito para Malcolm.

— Vamos detonar! — Nove grita.

Malcolm aperta alguns botões no Palanque. Com um zumbido, a sala ganha vida a nosso redor. Partes do chão começam a subir, criando blocos para dar cobertura às pessoas. Duas bolas de borracha presas a correntes se soltam do teto. Bocais se projetam das paredes, soltando nuvens de fumaça.

— Comecem! — Malcolm grita.

Por um momento, ninguém se move. Então, de repente, meu bracelete formiga, se ativando. O escudo vermelho se expande bem a tempo de bloquear uma saraivada de tiros. Olho para o outro lado do ginásio e vejo Sarah sorrindo para mim, o cano de sua arma fumegante.

— Desculpe, baby! — ela grita antes de mergulhar atrás de um bloco.

De um lado, vejo Seis desaparecer de repente. Do outro, Sam recua em direção à nossa bandeira. Todos estão em movimento, e de uma hora para outra aquilo parece uma batalha de verdade. Caos.

E lá está Nove. Vindo bem em minha direção.

Ele é tão rápido que mal tenho tempo de acender o Lúmen e lançar uma pequena bola de fogo. Ele se esquivava dela com um pulo e cai em cima de mim. Desabo para trás, e ele me prende ao chão, golpeando com toda a força o escudo entre nós. O material vermelho amassa em alguns pontos, mas não cede. Frustrado, Nove sai de cima de mim, e o escudo imediatamente se encolhe para o bracelete. Eu levanto o mais rápido que consigo, porém, mesmo protegido, o ataque me deixou sem fôlego. Estou mais lento do que deveria.

— Você e suas bijuterias, Johnny — Nove grunhe. — Venho pensando nessa coisa desde a última vez que lutamos. Levei um choque quando tentei arrancá-la com a mão, então me pergunto o que aconteceria se...

Sinto sua telecinesia. É tarde demais para fazer alguma coisa. Ele arranca o bracelete de meu braço e o arremessa para a lateral.

— Há! — Nove grita, alegre. — E agora?

No momento em que ele está a ponto de partir para cima de mim, o braço de borracha de Cinco envolve sua cintura e o joga de lado. Nove se levanta rapidamente. Cinco para diante dele, revirando a bola de borracha e a esfera de aço na palma da mão. Sua pele passa de borracha a aço sólido.

— Pronto para tentar de novo? — Cinco pergunta.

— Ah, você nem imagina — Nove rosna em resposta.

II

Aconteceu exatamente como John disse. Quase no mesmo instante em que me abrigo perto de nossa bandeira, Oito se teleporta para ali. Lembro que, de acordo com as regras, não é permitido teleportar a bandeira para o outro lado da sala, e espero que ele a retire da parede.

Logo depois eu o encho de tiros.

Oito solta um grito de surpresa quando leva o primeiro choque nas costas, que o derruba no chão. Ele rola de lado.

— Droga, Sam. Atirar em um homem pelas costas. Isso não é legal.

Aponto a arma.

— Largue a bandeira!

— Nem pensar — ele diz e se levanta com dificuldade.

Dou mais alguns tiros, porém Oito se esquivava com agilidade, escapando para trás de um bloco. Mesmo assim, eu o encurralei, e ele sabe disso. Não tem a menor chance de voltar para o outro lado da sala com nossa bandeira.

— Tudo bem, Sam, experimente isto! — Oito grita.

Ele coloca a bandeira na boca e se metamorfoseia em alguma criatura bizarra em forma de leão, com dez braços. Passa por cima da barricada e vem em minha direção. Ele me dá uma pancada com uma das garras e me desarma.

— BK, pega! — grito.

Antes que Oito consiga me dar outro golpe, Bernie Kosar se joga em cima dele. BK também se transformou. Assumiu a forma de uma jiboia gigantesca e se enrosca em Oito, prendendo os braços dele às laterais do corpo. Quando Oito começa a ofegar, tentando respirar, a bandeira cai de sua boca. Eu a pego e devolvo à parede.



Vejo Sarah e Ella agachadas atrás de um bloco próximo à nossa bandeira, apontando as armas pela sala. Estão procurando um alvo que não conseguem ver.

— Vamos lá, Ella — Sarah diz, esperançosa. — Você consegue.

Ella contrai o rosto enquanto tenta localizar Seis por telepatia. Espero que não seja um esforço grande demais depois da aflição de ontem. De repente, Ella se anima:

— Ali! — grita e começa a disparar sua arma no vazio à direita.

Sarah faz o mesmo, sem mirar, tentando apenas atingir a mesma área que Ella.

A maioria dos tiros bate sem efeito na parede. Mas, após alguns disparos, uma das correntes elétricas é detida no ar. Há um chiado por um instante, e, quase como em um raio X, vejo o contorno do esqueleto de Seis quando ela é jogada no chão. Seis volta a ficar visível, surpresa e confusa por ter sido detectada. É obrigada a rastejar para se proteger de outra saraivada de tiros de Sarah e Ella.

— Bom trabalho, pessoal! — grito.

As duas tiram um minuto para comemorar antes de voltarem a mirar em Seis.

Eu me esgueiro pela parede, observando a ação pela lateral. Ninguém prestou a mínima

atenção em mim ainda, e é exatamente isso que nosso time quer.

No centro da sala, Nove se abaixa para desviar de um dos socos de aço de Cinco, segurando o braço que passa por cima de sua cabeça e torcendo-o às costas do oponente. Ele começa a abrir os dedos de Cinco.

— Você pode ser feito de metal — ouço Nove rosnar. — Mas nem assim é mais forte que eu.

Nove força a mão de Cinco a se abrir. Ouço o som metálico da esfera caindo no chão. No mesmo instante, a pele de Cinco volta ao normal. Nove o empurra bem na direção de uma das bolas de borracha que balançam penduradas no teto. Cinco dá de cara nela e cai de cambalhota para trás. Ele geme, segurando a cabeça.

— Oops — diz Nove. — Parece que alguém perdeu as bolas.

Estou tão distraída com a luta que quase piso no bracelete que Nove arrancou do pulso de John. Achando que talvez venha a ser útil, eu o pego e coloco no pulso. A sensação gelada que se espalha por meu braço me pega tão de surpresa que quase o arranco. Eu me obrigo a manter o foco, deslizar pela parede, ficar fora de vista.

— Ei! — John grita, e levo um instante para perceber que está falando comigo. — Você tem algo que me pertence!

Os punhos de John brilham com o fogo. Ele manda dois orbes incandescentes do tamanho de bolas de basquete bem na minha direção.



Eu não arremessaria bolas de fogo tão intensas em Marina se não soubesse que o bracelete podia aguentá-las. O escudo se expande a tempo de absorvê-las, mas mesmo assim o impacto a joga contra a parede, deixando-a atordoada. Não sei o que ela pretende se esgueirando pelos cantos, mas tenho certeza de que é parte do plano de sua equipe.

Olho por cima do ombro e vejo Cinco tentando recuar quando Nove parte para cima dele. Nada bom. Jogo uma bola de fogo em Nove e ele se esquivava. Isso dá uma chance de Cinco se levantar e tomar distância. Claro, assim que Cinco está de pé, um choque da arma de Sarah o derruba outra vez; mesmo detonando meu time, é impossível não me animar ao vê-la se sair tão bem.

Cinco terá que se virar por enquanto. Preciso descobrir o que Marina está tramando e recuperar meu bracelete. Chego correndo bem no momento em que ela se afasta da parede. Seus olhos se arregalam ao me ver, e ela me dá um chute nas pernas. Eu aparo o golpe e a prendo contra a parede, tentando arrancar o bracelete.

— Qual é seu plano, Marina?

— Não vou dizer nunca! — ela grita, entrando no espírito, enquanto tenta me dar uma cabeçada.

Sem dúvida, alguém andou aprendendo alguns golpes sujos com Nove.

— John! — ouço Sam gritar do outro lado da sala. — Cuidado!

Entendo o que está acontecendo assim que ele grita, mas não há como evitar. Oito se teleporta para o meu lado e me dá um soco no maxilar, me atirando para longe de Marina. Quando me viro para encará-lo, ele se teleporta para trás de mim e me dá uma voadora nas costas. Cambaleio e caio com uma perna ajoelhada. Como derrotar no mano a mano alguém que se teleporta?

Tento mirar em Oito, mas ele é rápido demais. Não para de se teleportar em volta de John, acertando-o com um soco rápido e sumindo antes do contra-ataque. A meu lado, Bernie Kosar ainda está na forma de jiboia de quando abraçou Oito, que fugiu se teleportando.

— BK, vá ajudar John! Eu fico aqui.

Ele se transforma em um enorme falcão e voa para socorrer John. Então fico sozinho protegendo a bandeira.

Nossa maior chance de ganhar continua sendo Seis. Ela está presa atrás de um bloco. Sarah e Ella atiram sem parar para mantê-la ali. Posso vê-la com clareza da posição em que me encontro. Está agachada, se concentrando, uma leve brisa sopra seu cabelo escuro.

Espere aí. De onde está vindo essa brisa?

De repente, sinto a pressão do ar na sala mudando. Seis se levanta atrás de sua barricada e estica as mãos na direção de Sarah e Ella. Ella é jogada para trás em uma cambalhota e bate na parede. Sarah também cai, soltando a arma.

Antes que elas se recuperem do tombo, Seis começa a correr. Sarah estica a mão para recuperar a arma, mas Seis usa a telecinesia para arrastá-la para longe. Seis pula, pega a bandeira da parede e começa a correr para nosso lado.

— Boa, Seis. — grito, me enchendo de orgulho.

Nenhum dos outros faria essa distinção, mas sinto que eu, John e Seis somos os veteranos, competindo contra os novatos. E estamos ganhando!

Enquanto Seis corre de volta para nosso lado da Sala de Aula, mantenho a arma em punho, pronta para lhe dar cobertura.

Oito está ocupado demais tentando se esquivar tanto de John quanto de BK para perceber Seis fugindo. Nove, entretanto, vê o que está acontecendo. Ele empurra Cinco, ferido e exausto, para o lado, e corre para encontrar Seis no meio da quadra. Torço para Seis ficar invisível enquanto Nove vai na direção dela. Ela não fica. Na verdade, quase parece que ela quer enfrentar Nove.

Nove é o primeiro a dar o golpe, um grande gancho de direita do qual Seis se desvia sem dificuldade. Rápida, ela devolve com dois socos nas costelas e tenta lhe dar uma rasteira. Nove pula a perna de Seis e agarra o pulso dela antes de ela acertar o nariz dele com um golpe de mão aberta. Com o braço livre, Nove dá um soco, mas Seis o bloqueia e engancha seu braço. Eles ficam nesse corpo a corpo, um agarrando o braço do outro. Seis está lutando e se contorcendo, mas percebo que Nove começa a vencê-la.

Por um momento fico paralisado, observando o combate entre eles. Acho que é meu instinto natural manter distância quando a Garde luta, seja contra os mogadorianos, seja uns contra os outros. Mas então me dou conta de que Nove está na minha mira. Suas costas largas são um

alvo perfeito. Posso pôr fim ao jogo agora mesmo. Basta apertar o gatilho uma só vez; Nove será derrubado e Seis estará livre para voltar a nosso lado.

Aponto e atiro.

Não sei como ele consegue, talvez eu seja apenas azarado, mas Nove gira Seis no instante em que disparo. Meu tiro atinge as costas dela, que cai no chão com espasmos. A bandeira fica solta em sua mão e Nove a recupera.

— Seis. — grito, perplexo. — Desculpe.

Sequer vejo Marina chegar.



Agora é sua chance, Marina. Vai!

Com Sam distraído, passo correndo por ele e pego a bandeira de seu time. Ele só me vê quando começo a correr de volta para meu lado, rente à parede. Ele tenta mirar em mim, mas arranco a arma de suas mãos com a telecinesia. Agora ele não vai mais ser um problema. Cinco está caído a apenas alguns metros, parecendo zozinho por causa da briga com Nove. Ele também não vai ser empecilho.

É com John e Bernie Kosar que preciso me preocupar.

Os dois se afastam de Oito quando me veem correndo com a bandeira. Oito se teleporta para o caminho de BK, agarra-o e se teleporta com ele para o outro lado da sala. Sobra apenas John.

Nove tenta interceptá-lo, mas Seis, embora ainda esteja se recuperando dos efeitos do tiro, consegue esticar a perna e fazê-lo tropeçar. Isso deixa o caminho de John livre até mim. Ainda estou usando seu bracelete, então ele sabe que é inútil lançar bolas de fogo. Em vez disso, corre para me deter.

A princípio, é desconcertante usar o Legado de antigravidade que Nove transferiu para mim no começo do jogo. É estranho sentir o mundo virar de lado quando subo correndo pela parede, apoiando os pés onde deveria ser impossível. John vem tão rápido que não tem tempo de parar e bate contra a parede logo abaixo de mim.

Corro pelo teto até a parede de nosso time e pulo para o chão, erguendo a bandeira. Parte de mim não consegue acreditar, nem mesmo quando Malcolm sopra um apito assinalando o final do jogo. Eu consegui. Nós vencemos!



— Droga! — digo, esfregando minha cabeça bem onde ela se chocou na parede. — Por essa eu não esperava.

Não consigo evitar um sorriso ao ver Marina comemorando. Oito se teleporta para o outro lado da sala e dá um forte abraço nela, e Ella corre para se juntar a eles. Nove vem mancando até mim, estendendo a mão.

— Você jogou bem, chefe — diz.

— É, você também — respondo, segurando a mão dele.

Há algumas semanas, a ideia de perder para Nove me deixaria louco. Agora não parece tão grave assim. O importante é que os dois lados trabalharam bem juntos. Os Legados foram usados, treinamos técnicas de combate, todos cuidaram uns dos outros... Sei que é apenas um jogo, mas isso me faz acreditar que podemos enfrentar qualquer coisa.

Nove se afasta de mim para ajudar Cinco a se levantar. Cinco está bem abatido, com contusões por toda a lateral do rosto e um dos braços pendendo inerte ao lado do corpo. Nove finge endireitá-lo exageradamente.

— Sem ressentimentos — diz, sorrindo com malícia.

— É, claro — Cinco responde, emburrado.

Observo Sam se ajoelhar ao lado de Seis. Ela ainda está tentando se recuperar da eletricidade da arma. Vejo que ele se sente culpado.

— Seis... — Sam começa. — Desculpe, não foi minha intenção.

Ela faz um gesto de “deixa pra lá”.

— Esqueça, Sam. Foi um acidente.

— Na verdade, não — interrompe Nove, voltando. — Ella me avisou do tiro por telepatia. Foi por isso que girei você.

Todos viramos para olhar Ella. Seu rosto está corado com a agitação. Ela parece mais saudável do que quando começamos. E mais alerta.

Enquanto os outros atravessam a sala para dar os parabéns a Marina e serem curados, Malcolm vem até mim a passos largos. Dá um tapinha nas minhas costas.

— Muito bem — diz.

— Não exatamente. Nós perdemos.

Malcolm balança a cabeça.

— Não é disso que estou falando. Muito bem por reunir tudo isto. Sabe o que vi enquanto assistia, John?

Olho para Malcolm, à espera de uma resposta.

— Uma força com a qual podemos contar.

CAPÍTULO

VINTE E SETE

QUANDO SAIO DO chuveiro depois do treino, Sam está me esperando no corredor, do lado de fora do banheiro. Está de testa enrugada, mais ou menos a mesma expressão que ele exibe desde a captura da bandeira, como se tivesse feito a gente perder a guerra, e não apenas cometido um erro em um treinamento.

— Eu estraguei tudo — ele diz. — Entendo por que vocês não vão me levar para os Everglades.

Depois que todos estavam curados, o grupo se reuniu para uma votação, unânime, sobre voar para os Everglades no dia seguinte. O fato de Sam ficar para trás não tem nada a ver com seu desempenho na Sala de Aula; mas é uma decisão lógica deixá-lo com Malcolm em Chicago, usando o tablet para fazer a coordenação se nos separarmos e acompanhar as notícias, em caso de problemas. É uma tarefa importante, mas eu não tentaria convencer nenhum dos outros a assumi-la. Ninguém quer ficar de fora de nossa primeira missão como uma Garde unida.

— Você sabe que não é por isso, Sam.

— Sei, sei — ele responde, irresoluto.

— Ah, qual é, foi só um jogo. Esqueça — respondo, socando seu braço.

Ele suspira.

— Aquilo foi uma baita vergonha, cara. Na frente de Seis.

— Aaahh — respondo, entendendo. — Então você atirou pelas costas na garota de quem gosta. Grande coisa.

— É grande coisa — Sam insiste. — Fiquei parecendo um idiota que não consegue se proteger. Ou, pior ainda, que vai ferir as pessoas de quem gosta.

Não sei o que dizer a Sam. Ele nunca teve uma namorada. Tentar ficar com Seis é como escolher o Everest para começar a fazer alpinismo.

— Olhe, queria ter algo útil para dizer, companheiro. Mas quer saber? Seis me deixa muito confuso. Se você gosta mesmo dela, apenas seja sincero. Ela gosta de sinceridade. Ou, tipo, seja direto. Curto e grosso.

— Isso parece coisa de homem das cavernas.

Dou um tapinha nas costas de Sam.

— Ok, mas sem dar com o tapape na cabeça dela nem nada do tipo. Você não sobreviveria.

Estou brincando, mas Sam franze ainda mais a testa.

— Que chance eu tenho, John? Provavelmente logo, logo ela vai começar a sair com Nove. Pelo menos ele sabe lutar.

— Nove?! — Acho graça e dou um tapa no ombro de Sam. — Pare com isso, cara. E Seis não suporta Nove.

— Sério? — Sam olha para mim. Seu sorriso fica mais tranquilo, embora ainda um pouco envergonhado. — Desculpe incomodá-lo com tudo isso — diz. — Acho que eu só precisava de uma injeção de autoconfiança ou algo assim...

Agora estamos diante de minha porta. Coloco as mãos nos ombros de Sam e olho nos olhos dele.

— Sam, vá em frente. O que você tem a perder?

Deixo-o no corredor pensando em seu próximo passo. Espero ter ajudado. De certa forma, acho que ele e Seis se dariam muito bem, mas não quero perder mais tempo tentando bancar o cupido. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar. Além de pensar em minha própria namorada.

Sarah está me esperando no quarto, secando o cabelo com uma toalha. Ela me lança um olhar de quem já entendeu tudo quando fecho a porta, e seu rosto se ilumina com um sorriso brincalhão.

— Foi um bom conselho — diz.

Olho por cima do ombro em direção ao corredor, imaginando quanto ela entreouviu da conversa com Sam.

— Você acha?

Ela assente.

— Sam está tão adulto... Emily ficaria de coração partido.

Levo um momento para me lembrar da amiga de Sarah, de Paradise, por quem Sam tinha uma quedinha quando participamos daquela corrida de carroças. Parece que foi há muito tempo.

— Espero é que Sam não fique de coração partido por causa de meu conselho. Acha mesmo que ele tem chance com Seis?

— Talvez — Sarah responde, vindo até mim. — Por baixo daquela aparência de durona, ela continua sendo uma garota. Sam é fofo e engraçado e obviamente gosta dela. Como não gostar dele?

Ela joga os braços ao redor de meu pescoço, e eu a puxo para perto.

— Talvez você pudesse ensinar a ele alguns truques para seduzir lorienos. Você é muito boa nisso.

— Sou? — ela responde, as sobrancelhas subindo e descendo.

Sarah tasca um longo beijo em meus lábios, passando os dedos por meus cabelos. Nesse momento, esqueço completamente Sam e todos os problemas sérios que temos enfrentado. É maravilhoso; gostaria de poder viver naquele beijo. Sarah se afasta lentamente e me olha, sorrindo.

— Isto foi por ter atirado em você.

— Se essa é a recompensa, pode atirar em mim quando quiser.

— Então, o que vem agora? — Sarah pergunta, contando com os dedos minhas tarefas habituais. — Mais planejamento? Desenhar mapas? Salvar o mundo?

Balanço a cabeça.

— Estava pensando que podíamos sair daqui.



Sarah e eu andamos até o zoológico do Lincoln Park. Passei muito tempo no telhado do John Hancock Center, então não é como se eu estivesse completamente confinado desde que chegamos a Chicago. Mesmo assim, é diferente a experiência de ver a cidade aqui embaixo, com as pessoas. Mesmo com toda a fumaça dos carros e o fedor de lixo típico das cidades grandes, o ar ainda tem certo frescor. Talvez eu apenas me sinta livre, mais vivo aqui embaixo do que quando estou no telhado com meus problemas. De braços dados com Sarah, consigo imaginar que somos um casal normal em um encontro.

Isso não quer dizer que eu não esteja sendo cuidadoso. Estou usando meu bracelete por baixo de um casaco leve, para o caso de perceber algum sinal de perigo. Paramos diante da jaula dos leões, mas não conseguimos ver nada além do traseiro peludo e dourado de um deles cochilando atrás de um pneu mastigado.

— Esse é o problema dos zoológicos — Sarah diz. — Os animais ficam tão preguiçosos e sonolentos que às vezes sequer conseguimos vê-los.

— Isso não é problema para nós — digo a ela.

Projeto minha telepatia, persuadindo o leão a acordar, com cautela. Ele se levanta, sacode a juba e depois caminha bem em nossa direção. Ele nos observa de perto do bebedouro, os olhos pretos cintilando de curiosidade.

Eu lhe peço para rugir, e ele obedece — solta um longo e vigoroso rugido, que faz algumas crianças próximas se afastarem correndo da jaula, gritando e rindo.

— Bom garoto — sussurro.

Sarah aperta meu braço.

— Você é mesmo um Dr. Doolittle — ela diz. — Se um dia precisar se esconder outra vez, o circo seria o lugar perfeito.

Uso minha telepatia animal em algumas das outras jaulas. Encorajo uma foca entediada a fazer um show improvisado com uma bola. Peço aos macacos para se aproximarem e pressionarem as mãos contra o vidro, para que Sarah possa cumprimentá-los.

É um bom treino para um Legado que eu só consigo praticar com BK.

O zoológico começa a fechar ao pôr do sol. Quando Sarah e eu vagamos em direção à saída, ela coloca a cabeça em meu ombro e suspira. Percebo que está pensando em alguma coisa.

— Preciso de mais dias assim com você — ela diz.

— Eu sei. Também quero. Quando derrotarmos os mogadorianos, prometo que teremos todo o tempo do mundo.

O rosto de Sarah assume uma expressão distante, quase como se ela imaginasse esse futuro e não se sentisse nada animada.

— Mas o que vai acontecer depois? Vocês vão voltar para Lorien, não é?

— Tomara que sim! Ainda temos que encontrar um jeito de voltar. E precisamos torcer para Malcolm estar certo sobre essas coisas da Fênix das arcas, e para que sejam suficientes para restaurar nosso planeta.

— E você quer que eu vá junto?

— Claro — respondo na hora. — Não quero ir a lugar algum sem você.

Sarah sorri para mim com uma pontada de tristeza que eu não esperava.

— Você é um amor, John, mas não estou brincando, como fizemos com Seis na estrada. Estou falando sério. Nós voltaríamos algum dia? Para a Terra? — pergunta.

— Sim, claro — digo, porque sei que é isso que devo dizer, embora não tenha certeza de que seja mesmo verdade. Olho para baixo. — Estou certo de que voltaríamos.

— Sério? São anos em uma nave, John. Não me entenda mal, parte de mim quer muito ir. Não é todo namorado que chama uma garota para ir a outra galáxia. Mas tenho família aqui, John. Sei que eles não podem, tipo, restaurar a antiga glória de um planeta inteiro, mas são muito importantes para mim.

Minha testa está franzida agora, meu bom humor se transforma em outra coisa.

É uma sensação de tristeza, de perda.

— Não quero afastá-la de sua família, Sarah. Voltar para Lorien deveria ser algo bom, triunfante. — Hesito, na tentativa de encontrar as palavras certas para transmitir o que estou sentindo. — Sempre pensei nisso como o que acontece no final, sabe? Depois de tanto lutar, voltaríamos para lá e encontraríamos um meio de recomeçar. É como se fosse meu destino, e ao mesmo tempo nunca pareceu realmente possível, se é que isso faz sentido. Nunca parei para pensar com calma nos detalhes. Talvez eu devesse fazer isso.

Paramos de andar e ela estende a mão para tocar meu rosto.

— Não quero afastá-lo de seu destino. Por favor, não pense que estou tentando fazer isso.

— Não, claro que não. Mas não quero voltar para Lorien sem você.

— Não sei se quero continuar na Terra sem você — ela responde.

— Então, como ficamos?

— Não sei o que vai acontecer no futuro — Sarah diz. — Mas amo você, John. Por enquanto, apenas isso importa. Resolveremos o restante quando chegar a hora.

— Eu também amo você — respondo, puxando-a para perto e beijando-a.

No exato momento em que meu bracelete começa a formigar.

CAPÍTULO

VINTE E OITO

— O QUE FOI? — Sarah pergunta quando me afasto de repente.

— O bracelete me alertou. Tem alguma coisa acontecendo — respondo me virando, tentando ver tudo o que está à nossa volta de uma só vez. — Alguma coisa ruim.

— Não acredito que não dá um tempo! — diz Sarah, perplexa, se referindo à emergência com BK na noite anterior.

— Não, isto é diferente. Pior.

Toco o bracelete instintivamente, enquanto ele lança pontadas geladas por meu braço. Estamos em uma rua bastante movimentada no centro de Chicago. Analiso os rostos ao redor; pessoas voltam a pé do trabalho para casa, casais saem para jantar, todos humanos. Não há nenhum rosto pálido com predileção por roupas escuras. Mesmo assim, o bracelete nunca se enganou no alerta. Há perigo por perto.

— É melhor voltarmos para casa — Sarah diz. — Vamos avisar os outros.

Balanço a cabeça.

— Não. Se estiverem nos seguindo e não dermos fim a eles, poderemos acabar os levando até os outros.

— Droga, você está certo. Então, o que faremos?

— Precisamos encontrá-los.

Seguro a mão de Sarah e andamos mais um pouco pelo quarteirão. A sensação de formigamento em meu pulso começa a diminuir, o que significa que o perigo está para o outro lado. Eu me viro e vou na direção certa, embora não veja nada fora do comum.

— John... — Sarah diz em um tom de alerta, as duas mãos agarrando a minha.

Ela está tentando esconder o brilho que minha pele começou a emitir de repente. O Lúmen se ativou e minhas mãos estão acesas, prontas para a luta. Respiro fundo e me acalmo, na esperança de fazê-las voltarem ao normal. Por sorte, ninguém ao redor parece notar.

— Ali — digo, guiando Sarah na direção da entrada de um beco escuro.

O bracelete está praticamente gritando para mim agora, meu braço inteiro está dormente com o formigamento. Encosto na parede e olho pela quina do beco. São três. Parecem mensageiros mogadorianos. Não estão nem se esforçando para se passar por humanos, com aquelas cabeças pálidas e raspadas, mas sem tatuagens, e os sobretudos escuros que assustariam qualquer um. Seja lá o que estiverem fazendo aqui, está bem claro que não esperam ser descobertos. Dois deles vigiam enquanto o terceiro passa as mãos debaixo de uma caçamba de lixo. Ele puxa alguma coisa que estava sob o metal, algum tipo de envelope.

— São três — sussurro para Sarah. Ela está a meu lado, as costas contra a parede. — Devem ser os nascidos artificialmente dos quais Malcolm falou. Pálidos e feios, como de costume.

— O que estão fazendo aqui?

— Não sei — respondo. — Mas são alvos fáceis.

— Eu não trouxe armas para nosso encontro — ela responde, sussurrando. — Deveria ter imaginado.

— Tudo bem — digo a ela. — Eles não nos viram.

Sarah olha para minhas mãos.

— Não podemos apenas deixá-los fazer seja lá o que estão fazendo, não é?

— Nem pensar — respondo, percebendo que meus punhos estão cerrados. Pelo menos desta vez, tenho uma vantagem sobre os mogadorianos. Quero saber o que estão tramando. Chega de fugir com medo. — Se a coisa ficar feia, busque ajuda.

— A coisa não vai ficar feia — Sarah diz com firmeza, e me encho de confiança. — Frite aqueles idiotas.

Entro no beco e vou direto até os mogadorianos. Seus olhos vazios se voltam para mim ao mesmo tempo. Por

um instante, aquele velho e familiar calafrio me percorre, a sensação de ser um fugitivo. Eu o espanto; desta vez, escolho lutar em vez de fugir.

— Estão perdidos? — pergunto casualmente, me aproximando a passos largos.

— Saia daqui, garoto — um deles sibila, exibindo uma fileira de dentes minúsculos.

O mogadoriano ao lado abre o casaco e mostra o cabo de uma arma enfiada na calça. Estão tentando me assustar como se eu fosse algum humano que escolheu o caminho errado para casa. Não me reconhecem. Isso significa que, seja lá o que estão fazendo aqui, não é me caçar.

— Está ficando meio frio — digo, parando a cerca de dez metros deles. — Vocês estão bem agasalhados?

Sem esperar resposta, aciono meu Lúmen. Uma bola de fogo é criada em um redemoinho na palma de minha mão, e a jogo no mogadoriano mais próximo. Ele sequer tem chance de reagir antes de seu rosto ser atingido, se acendendo como um palito de fósforo por um instante, então ele se desintegra e vira cinzas.

O segundo mogadoriano consegue ao menos estender a mão para pegar a arma, mas não vai muito além disso. Eu o acerto bem no peito com outra bola de fogo. Ele solta um grito e se junta às cinzas do primeiro mogadoriano no chão sujo do beco.

Não acerto o terceiro com o Lúmen. É ele quem segura o envelope, e não posso me arriscar a queimá-lo. Quero ver o que os mogadorianos querem, que missão secreta os está fazendo rondar Chicago. Ele me encara com o envelope apertado contra o peito, como se esperasse que eu o matasse com a mesma facilidade com que matei os outros. Quando vê que estou hesitando, foge correndo pelo beco.

Um mogadoriano fugindo de mim. Aí está uma mudança positiva.

Pego a caçamba com a telecinesia e a arremesso antes que ele consiga ir longe demais. As laterais de metal da caçamba guincham, arranhando as paredes do beco. O mogadoriano é atingido e fica imprensado em um muro; seus ossos estalam.

— Conte o que estavam fazendo aqui e você terá uma morte rápida — digo, indo até ele.

Como demonstração, empurro mais a caçamba com a telecinesia, pressionando-a ainda mais contra seu corpo ferido. Uma bolha de sangue escuro escorre pelo queixo do mogadoriano. Seu grito de frustração e dor me faz hesitar. Nunca fiz nada assim antes. Todos os mogadorianos que matei foram rapidamente e em legítima defesa. Espero não estar indo longe demais.

— Vocês... vocês todos vão morrer — cospe o mogadoriano.

Estou perdendo tempo. Não vou descobrir nada importante com um simples mensageiro. Empurro a caçamba uma última vez com a telecinesia, eliminando-o. Então, afasto-a da parede e tiro o envelope da pilha de cinzas. Eu o viro de cabeça para baixo, está cheio de papéis.

— O que é isso? — Sarah pergunta, vindo com cuidado da entrada do beco.

Acendo uma das mãos para enxergar os papéis no escuro. Estou segurando três páginas de uma caligrafia firme que parece uma combinação de hieróglifos e ideogramas chineses. Escrita mogadoriana, claro. Acho que seria sorte demais pegar os mogadorianos com ordens secretas em inglês. Levanto os papéis para que Sarah veja.

— Conhece algum bom tradutor de mogadoriano? — pergunto.



De volta à cobertura, reúno todos na sala de jantar para falar de meu encontro com os mogadorianos. Nove me dá um tapinha nas costas quando conto a parte em que matei os três.

— Você deveria ter trazido o último para cá — ele diz. — Poderíamos ter torturado ele até arrancarmos alguma coisa, como fizeram conosco.

Balanço a cabeça. Olho para Sam, que começou a esfregar discretamente os pulsos marcados.

— Não somos assim — digo. — Estamos acima disso.

— É uma guerra, Johnny — Nove responde.

— O que isso significa? — Marina pergunta. — Eles sabem onde estamos?

— Duvido — digo. — Se estivessem aqui por nossa causa, teriam mandado mais de três. Sequer me

reconheceram quando me aproximei.

— É, e você é um famoso matador de mogadorianos — Oito diz. — Estranho.

— Se estivessem vindo, já teriam chegado — Seis acrescenta. — Eles não são exatamente famosos pela sutileza. Precisamos descobrir o que está escrito nesses papéis. Pode ser algum tipo de plano de invasão.

— Como em meu sonho — sussurra Ella.

As folhas são passadas de mão em mão pela mesa, e todos dão uma olhada nos símbolos sem sentido que cobrem as páginas.

Malcolm os pega, franzindo as sobrancelhas.

— Fui prisioneiro deles, mas nunca aprendi o idioma.

— É quase certo que Sandor tinha algum programa de tradução — Nove diz. — Mas duvido que tenha mogadoriano.

Malcolm passa a mão pela barba, ainda analisando as folhas.

— Existem padrões aqui, como em todas as línguas. Isto pode ser decifrado. Se me mostrar esse programa, talvez eu consiga usá-lo.

Todos em volta da mesa parecem nervosos. É o primeiro sinal de mogadorianos desde que os enfrentamos no Arkansas.

— Isso não muda nada — digo. — Não importa o que esses documentos dizem, tenho certeza de que é alguma coisa que não querem que saibamos. É algo que podemos usar a nosso favor. Mas, até termos uma confirmação, continuaremos com o antigo plano. Descansem, pessoal, partiremos para a Flórida de manhã.

CAPÍTULO

VINTE E NOVE

ESTOU ATRÁS DE meu pai, olhando por cima de seu ombro enquanto ele escaneia os documentos mogadorianos no computador de Sandor. Quando termina, ele carrega alguns programas de tradução e um de invasão, que, ao que parece, consegue passar por *firewalls* e coisas do gênero.

— Acha que vai conseguir traduzir? — pergunto.

— O primeiro passo era descobrir qual programa usar.

— E você descobriu? — Percebo que ele abriu e minimizou o iTunes. Eu toco a tela. — Vai ouvir música?

— Eu... O iTunes não existia quando fui capturado. Achei que podia ser... — Meu pai dá de ombros, se autodepreciando. — Às vezes trabalho com tentativa e erro, ok?

— E agora?

— Estou tentando de tudo. Todas as línguas, inclusive as alienígenas, têm alguns pontos em comum. Basta isolar um deles e usá-lo para decodificar o restante da escrita. — Ele olha para mim. — É muito chato, Sam. Não precisa me fazer companhia.

— Não, tudo bem — digo. — Eu quero ficar.

— Tem certeza? — ele pergunta, me avaliando. — Achei que tivesse outros planos.

Observador como sempre. Estou usando minha melhor roupa, considerando que só tenho três opções. É apenas um suéter cinza sem graça e meu jeans menos surrado. Estou tomando coragem para fazer o que John falou e dizer a Seis o que sinto, *carpe diem* e tal. Esta última crise, mesmo que só envolva documentos, é uma ótima desculpa para adiar isso.

— Eles podem esperar — digo sem ânimo, fingindo estudar a tela do computador com atenção enquanto passam várias amostras de idiomas.

— Hmmm... — Meu pai me dá um sorriso gentil e volta a olhar para o computador. — Sabe, eles vão para a Flórida amanhã. Depois, com certeza haverá outra missão. E quem sabe quais informações vamos obter desses documentos? Há muita coisa acontecendo.

— Aonde você quer chegar?

— Pode levar um tempo até termos outra noite tranquila como esta — ele diz. — Não deixe para depois, Sam.



Encontro Seis no telhado da cobertura, que, pelo visto, é o lugar preferido pelos Gardes que

desejam ficar sozinhos. Já é noite, e o vento aqui em cima está mais forte do que de costume, provavelmente porque Seis está mexendo com o clima. Suas mãos estão erguidas e, quando ela as joga para a frente e para trás, o céu reage. Ver Seis movimentar as nuvens me faz lembrar como as tintas se misturavam quando pintávamos aquarelas na aula de artes. Se houver algum meteorologista observando o céu hoje, ele deve estar apavorado.

A princípio não digo nada, pois não quero interromper. Fico perto de Seis e a observo, o vento joga o cabelo louro em seu rosto, banhado pelos pisca-piscas vermelhos que contornam o telhado. Há um sorrisinho nos cantos de sua boca. Se não a conhecesse bem, diria que está mesmo satisfeita.

Aos poucos, quase como se lamentasse parar, ela baixa as mãos e olha para mim. Na mesma hora, a intensidade do vento diminui e as nuvens voltam a seu preguiçoso curso habitual pela noite. Sinto que estou interrompendo.

— Ei. Não precisava parar.

— Tudo bem. O que foi? — ela diz. — Seu pai já decifrou os documentos?

— Hã, não, não foi nada. Eu só queria falar com você.

— Ah — Seis responde, voltando a olhar para o céu. — Claro.

— Não é nada de mais — acrescento rapidamente, me sentindo um idiota. — Pode voltar a treinar, ou o que for. Vou deixar você em paz.

— Não, fique — ela diz de repente. — É difícil para mim ficar enclausurada o tempo todo naquela cobertura. Desde que desenvolvi este Legado, eu me sinto conectada ao clima. Gosto de ter contato com isso, se é que faz sentido.

— Sim, faz todo o sentido — respondo, como se fizesse alguma ideia do que é estar conectado ao clima. — Você foi incrível no treino hoje. Desculpe por ter estragado tudo.

— Ah, Sam, pare com isso — ela diz, revirando os olhos. — Já se desculpou demais. Foi para falar disso que você veio aqui em cima?

— Não — respondo, suspirando. Que se dane! Decido seguir o conselho de John e ir em frente. — Eu queria saber se você gostaria de... hã, sei lá... fazer alguma coisa uma hora dessas?

Bom, talvez não tenha sido minha melhor tentativa de convidar alguém para sair. Seis arqueia uma das sobrelhas, brincahona.

— Fazer alguma coisa? Nós moramos praticamente um em cima do outro ali dentro. Estamos o tempo inteiro fazendo alguma coisa.

— Digo, tipo, fazer alguma coisa só nós dois.

— Não estamos fazendo isso agora?

— Estamos... quer dizer, hã... — gaguejo, depois percebo o sorriso malicioso de Seis. — Você está zombando de mim?

— Um pouco — ela responde, cruzando os braços. — Então está me convidando para um

encontro? É isso?

— É, e estou me saindo muito bem.

— Não está se saindo tão mal assim — ela diz gentilmente, se aproximando um pouco de mim. — Mas estamos em guerra, Sam. Não temos muito tempo para encontros. Você sabe disso.

— Hã, John e Sarah foram ao zoológico hoje.

— Mas não quero ter com você o mesmo que há entre John e Sarah — Seis diz, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Ah. — Eu me contraio, como se tivesse tomado um soco no estômago. — É que achei... Quando você foi para a Espanha, John me contou o que você sentia por mim, e no Arkansas nos abraçamos de um jeito que... hã, droga, sou um idiota. Deveria saber que você não ia se interessar por alguém como eu.

— Ei, calma — Seis diz, segurando meu braço antes que eu consiga sair correndo para a porta. — Desculpe, Sam. Não foi isso que eu quis dizer. Eu gosto de você, sim.

— Mas não desse jeito — digo, completando a frase clássica.

— Eu não disse isso. Eu gosto. Bom, eu poderia gostar. — Seis joga as mãos para o alto. — Não sei! Olha, é que John e Sarah acham que isso torna as coisas mais fáceis para eles, mas eu não acho. Isso só causa problemas.

— Eles me parecem felizes — respondo.

— Claro, agora — Seis fala. — Mas e se alguma coisa acontecer? Você sabe, John é um bom líder e tudo, mas não é realista. Acha que vamos combater um exército inteiro de mogadorianos sem algumas baixas?

— Nossa, que mórbido!

— É verdade. As coisas vão ficar feias em algum momento, Sam. — Ela estica a mão e puxa um fio solto de meu suéter. — Eu queria que você se afastasse de nós, que fosse para um lugar seguro. Quando isto acabar, talvez as coisas possam ser diferentes...

Solto uma risada incrédula.

— Ah, sério? Esse é o tipo de bobagem que o Homem-Aranha diz a Mary Jane quando está tentando terminar com ela. Sabe como é constrangedor ser tratado como a namorada de um super-herói?

Seis também ri, balançando a cabeça.

— Desculpe. Não foi isso que eu quis dizer. Só estou vendo como tenho sido hipócrita. Dei exatamente o conselho oposto a John sobre Sarah.

— Talvez você esteja certa, e as coisas fiquem ruins — digo. — Mas isso não quer dizer que você deva se isolar. Passar o tempo todo pensando na guerra? Isso não pode ser bom. Talvez devesse passar uns noventa e cinco por cento do tempo como Seis e, hã, cinco por

cento comigo, sendo Maren.

Eu não tinha planejado esse pequeno discurso; o antigo nome humano de Seis simplesmente saiu. Ela fica um pouco boquiaberta, mas não diz nada a princípio; o nome a pegou desprevenida.

— Maren — ela sussurra. — Nem sei se ainda me lembro de como ser ela.

Há alguma coisa no jeito como está olhando para mim agora, quase como se estivesse deixando a cautela de lado. Não é o tipo de expressão indiferente que eu esperaria de Seis, e sim algo mais vulnerável, como se tivesse decidido baixar a guarda só um pouquinho. Não solto sua mão.

— Prometa que não vai morrer — ela pede, de um jeito brusco.

Agora eu prometeria qualquer coisa.

— Prometo.

Ela aperta minha mão com mais força, seus dedos se entrelaçam aos meus. Seis dá um passo à frente. O vento volta a soprar com força, e eu tiro o cabelo de seu rosto, deixando a mão em sua bochecha.

E é então que Oito se teleporta para o telhado.

Seis se afasta de mim de um salto, como se tivesse se queimado. Eu poderia estrangular Oito neste instante, e sem sentir remorso algum. Espero que ele faça alguma piada, mas seu semblante está fechado e sério.

— Gente, precisamos de vocês lá embaixo!

— O que foi? — Seis pergunta, indo até Oito. — Mogadorianos?

Oito balança a cabeça.

— É Ella.

Acho que meu pai se enganou ao achar que esta seria uma noite tranquila.

Oito pega nossas mãos e na mesma hora tenho a sensação desconcertante de que o mundo foi arrancado de debaixo de meus pés. Pisco e de repente estamos no quarto que Marina divide com Ella.

Ella está deitada de costas na cama, todos os cobertores foram chutados, seu corpo está duro como uma tábua. Os olhos estão apertados. Talvez o mais assustador seja a gota de sangue que escorre do canto de sua boca. Ela morde o lábio com tanta força que sangra.

Marina está ajoelhada ao lado da cama, limpando a boca de Ella com um lenço, sussurrando sem parar seu nome, tentando acordá-la. Ella não se mexe, a não ser para abrir e fechar os punhos, segurando os lençóis.

— Há quanto tempo ela está assim? — meu pai pergunta.

— Não sei — diz Marina em pânico. — Ela foi dormir antes de mim, disse que estava cansada por causa do treino. Eu a encontrei assim, e ela não acorda.

Olho em volta, sem saber ao certo o que devo fazer. Praticamente todo mundo parece estar

compartilhando essa sensação; todos estão amontoados no quarto ou parados à porta trocando o mesmo olhar de insegurança.

— Isso já aconteceu antes? — pergunto a Marina.

— Você já estava aqui naquele pior pesadelo, quando ela ficou gritando — responde. — Ela sempre acordava.

— Não estou gostando nada disso — resmunga Nove, da porta.

Bernie Kosar parece concordar; ele está ao pé da cama, farejando o ar como um cão de guarda sentindo um cheiro ruim.

— Ela está suando muito — diz Marina.

— Será que é algum tipo de febre? — John pergunta.

— Nunca foi assim durante minhas visões — Oito comenta. — E com vocês?

Tanto John quanto Nove balançam a cabeça.

Marina pega uma toalha na mesinha de cabeceira e começa a enxugar a testa de Ella. Suas mãos tremem tanto que Sarah pega a toalha.

— Pronto, deixe isso comigo — ela diz.

Oito abraça Marina quando ela se afasta da cama, afagando suas costas. Marina se apoia nele, agradecida.

— Devemos tentar curá-la? — Seis pergunta. — Ou usar uma das pedras de cura?

— Não há nada para curar — John responde. — Pelo menos nada que possamos ver. E usar a pedra... Vai saber o que pode acontecer... E se a dor aumentar ou coisa do tipo?

— Você tentou abrir os olhos dela? — pergunta Cinco.

Todos olham de um jeito estranho para ele, como se fosse uma sugestão insensível, mas na verdade não parece muito pior que deixar Ella passar por seja lá qual pesadelo ela deve estar tendo.

— O que foi? Vocês têm alguma ideia melhor?

Com delicadeza, meu pai afasta uma das pálpebras de Ella. Seu olho está completamente virado para trás, só vemos a parte branca. Lembro a vez em que Mark James me derrubou da corda na aula de educação física e tive que fazer um exame de concussão. Apontaram uma lanterna para meus olhos.

— John, você poderia usar seu Lúmen — sugiro. — É uma luz forte, talvez a acorde.

John estende a mão, acendendo-a como uma lanterna, e aponta para o olho de Ella. Por um instante, seu corpo para de se contrair e parece relaxar.

— Algo está acontecendo — sussurro.

— Ella, acorde — pede Marina.

A mão de Ella se ergue de repente, agarrando o pulso de John com uma força que o assusta. Parece um daqueles filmes de terror em que a menininha é possuída por um demônio. O ponto

de sua mão em contato com a pele de John fica com um brilho vermelho.

— O que ela está fazendo? — Sarah arqueja.

Por um momento, John parece confuso. Ele começa a falar, mas seus olhos se reviram e seu corpo se contorce, como se todos os músculos estivessem com câibra ao mesmo tempo. Então toda a tensão parece sumir, e ele desaba no chão ao lado da cama de Ella, do mesmo modo que uma marionete que teve as cordas cortadas.

— John! — Sarah grita.

A mão de Ella ainda agarra o pulso de John. Nove corre para dentro do quarto.

— Tirem ela de perto dele!

Marina bloqueia a passagem de Nove.

— Espere! Não toque nela!

Sem dar ouvidos, Sarah alcança a mão de Ella e a solta do pulso de John. Ele não se move, não acorda, nem mesmo quando Sarah o vira e sacode seu corpo. Pelo visto, o que quer que o toque de Ella tenha causado a John não funciona com humanos, porque Sarah saiu ilesa.

Seis se aproxima para olhar de perto, e eu vejo a mão de Ella indo em direção a ela, abrindo e fechando os dedos.

— Cuidado! — digo, puxando Seis para trás pelas costas da camisa.

O restante da Garde nota a mão ávida de Ella e cada um dá um passo cauteloso se afastando da cama. Quando todos estão fora do alcance, a mão cai inerte na cama. Ela volta ao estado anterior, presa em um pesadelo. Só que agora John se juntou a ela.

— Que droga é essa? — Nove pergunta.

— Ela fez alguma coisa com ele — sussurra Cinco.

Sarah aninha a cabeça de John no colo, acariciando seu cabelo. Ali perto, meu pai pega as mãos de Ella com delicadeza e as enfia sob as cobertas. Olho para a Garde. Eles estão acostumados a fugas e a ameaças físicas que podem ser combatidas e destruídas; mas quando o ataque vem de dentro: como vão escapar — ou derrotar?

CAPÍTULO

TRINTA

NÃO HÁ QUEM pregue o olho esta noite. Bom, exceto pelos dois de nós que não conseguem acordar, e acho que esse tipo de sono ninguém quer.

Meu pai e eu colocamos John na cama com Ella, deixando-os lado a lado, e os dois têm espasmos esporádicos. Sarah se recusa a sair do quarto. Ela segura a mão de John, acariciando-a suavemente, tentando fazê-lo acordar. Bernie Kosar também não sai; está aninhado ao pé da cama, ganindo de vez em quando e cutucando os pés de John e de Ella com o focinho.

Ponho a cabeça dentro do quarto algumas horas depois da crise de John. Sarah está com a cabeça baixa, apoiada nas costas da mão dele. Não sei se está dormindo e não quero incomodá-la. John e Ella continuam na mesma. O rosto se contraindo e o corpo com convulsões ocasionais, como se estivessem tropeçando em um sonho e tentassem se equilibrar. Já tive sonhos assim, em que tropecei ou caí de uma bicicleta, e sempre acordei antes de chegar ao chão. Não parece ser o caso de John e Ella.

Dou uma olhada mais atenta em John. Só se passaram algumas horas, mas sua pele já adquiriu uma palidez semelhante à de Ella, e olheiras se formam sob os olhos. É quase como se sua energia estivesse sendo drenada de alguma forma. Parando para pensar agora, Ella parecia bastante exausta antes do treinamento desta manhã. Temo que haja algum aspecto físico nos pesadelos que esteja enfraquecendo John e Ella, ou coisa pior.

— Sarah — sussurro, depois me dou conta de que não há motivo para falar baixo. Queremos que os dois acordem. Deveríamos estar batendo panelas. — Todos estão reunidos na sala de estar.

Sarah estremece, balançando a cabeça.

— Vou ficar aqui — diz em voz baixa. — Não quero deixá-los.

Concordo com um aceno de cabeça e não insisto. Saio do quarto e vou para a oficina, onde meu pai passou o restante da noite curvado na frente do computador. Quando entro, amostras de idiomas rolam pela tela, mas não parece que ele está nem perto de decifrar os documentos mogadorianos.

— Algum progresso? — pergunto.

— Ainda não — ele responde, se virando para mim. Ele pisca algumas vezes, as pupilas dilatadas de tanto olhar para a tela. — Criei um autodecodificador, então não preciso ficar aqui monitorando o andamento. É bastante, hã, ultrapassado. Estou um pouco defasado em relação aos softwares, mas este deve ser capaz de desvendar a escrita em algum momento. Só

espero que seja rápido o suficiente.

Passo o olho pelas páginas mogadorianas escaneadas.

— Acha que isso está relacionado aos pesadelos?

— Não sei. Sem dúvida, há alguma sincronia.

— É mesmo. — Vejo que o celular dele está sobre a mesa. Batuco nele com os dedos. —

Estava tentando ligar para Adam de novo?

Eu não achava que fosse possível, mas o rosto de meu pai fica ainda mais abatido.

— Estava, e também não tive nenhum progresso.

Dou um tapinha em seu ombro.

— Venha. Os outros estão reunidos e querem nossa presença.

Os Gardes restantes esperam na sala de estar na cobertura. Já estão discutindo a questão do pesadelo, que é basicamente o que temos feito nas últimas horas sem chegar a lugar algum.

— Ella já tinha feito isso comigo — Marina dizia em voz baixa. — Ela me puxou para dentro de seu sonho. Eu deveria tê-lo alertado, deveria ter alertado a todos. Mas eu a toquei antes, quando tentei acordá-la pela primeira vez, e nada aconteceu. Eu estava tão apavorada...

Sentado a seu lado no sofá, Oito coloca o braço ao redor dos ombros de Marina. Ela se recosta nele, que diz:

— Tudo bem. Você não tinha como saber que isso ia acontecer.

Nove anda de um lado para o outro da sala, o que é um progresso em relação a seu hábito de andar no teto. Talvez ainda estivesse rodeando o candelabro sem parar se Seis não houvesse estourado, dizendo que ele estava sendo irritante. Pelo menos uma vez, ele não se deu o trabalho de responder e foi andar em um lugar menos inoportuno. Ele me lança um olhar esperançoso quando volto para a sala.

— E então?

Balanço a cabeça.

— Tudo na mesma. Ainda não acordaram.

Cinco dá um tapa na própria perna, frustrado.

— Que droga! Eu me sinto inútil sentado aqui.

Seis estava com as sobrancelhas franzidas de preocupação quando entrei, mas quando Cinco fala ela levanta o olhar e assente devagar, pensativa.

— Precisamos falar sobre isso.

— Sobre o quê? — Marina pergunta.

— Sobre continuar a missão. A arca de Cinco não vai voltar para cá sozinha.

Nove para de andar, considerando o que Seis acabou de dizer. Marina parece chocada diante da ideia de partir em uma missão.

— Quer partir agora? — ela pergunta. — Você enlouqueceu?

— Seis está certa — Cinco se intromete. — Não estamos ajudando em nada sentados aqui.

— Nossos amigos estão em coma e você quer simplesmente deixá-los aqui? — sussurra Marina.

— Você faz parecer que é frieza, mas só estou tentando ser racional — Seis diz.

Parece o que ela me disse no telhado, que estava relutante em começar um relacionamento por causa daquele momento em que as coisas iam ficar feias. Parece que o momento chegou.

— É racional, mas não quer dizer que seja certo — murmuro.

Não quis dizer isso em voz alta, mas a noite foi longa, e minha cabeça está cheia.

Uma sombra de mágoa passa pelo rosto de Seis, mas desaparece assim que ela desvia o olhar de mim, se voltando para Nove.

— O que você acha?

— Não sei — Nove responde. — Não gosto de pensar em abandonar John e a pequena.

— Se até Nove está recusando a missão, você sabe que não é uma boa ideia — dispara Marina, exasperada. — E se eles precisarem de nós, Seis?

— Não vamos abandoná-los — Cinco diz, com a voz calma. — Pelo menos, não mais do que estamos abandonando ao ficarmos sentados aqui tendo esta discussão inútil. Os humanos cuidarão deles, como estão fazendo agora.

— Claro — meu pai diz. — Faremos tudo o que pudermos.

— Precisamos descobrir por que isso está acontecendo — Marina diz. — Se não descobirmos a causa dos pesadelos, pelo menos precisamos saber o que Ella fez para derrubar John.

— Vocês repararam que a mão dela brilhou ao tocá-lo? — pergunto. — Parecia um Legado ou coisa do tipo.

— Que tipo de Legado faz aquilo? — Nove pergunta, apontando para o quarto.

— John achava que ela usou um Legado novo para afugentar Setrákus Ra no Novo México — Marina diz, refletindo. — Nunca tivemos a chance de testar.

— Ou a telepatia dela pode ter enlouquecido. Talvez ela tenha entrado na cabeça dele e perdido o controle — sugere Oito. — Os Legados dela começaram a se desenvolver há pouco tempo. Quem sabe do que ela pode ser capaz?

Penso no tempo que passamos em Paradise, lembrando quanto custou para John controlar o Lúmen naquelas primeiras semanas. Parece que a telepatia de Ella é um Legado ainda mais difícil de dominar. Percebo que Cinco está assentindo lentamente, como se também estivesse se lembrando de alguma coisa.

— Quando desenvolvi meu Externa, era difícil fazer a pele voltar ao normal — ele diz. — Albert usou uma coisa em forma de prisma que havia em minha arca, e aquilo ajudou, sei lá, a me relaxar de alguma forma. Aí eu conseguia que a pele normalizasse.

Seis aponta para Cinco.

— Pronto. Outro argumento a favor de irmos aos Everglades pegar essa coisa.

Nove assente, concordando.

— Não consigo acreditar, mas talvez você tenha uma informação importante, Cinco.

Cinco levanta a mão.

— Bem, calma, nem sei se funcionaria com Ella. Ou como funciona.

— Continuo achando que não devemos deixá-los aqui assim — Marina diz.

— Na verdade, acho que afastar todos vocês de John e Ella é uma boa ideia — meu pai diz.

— Como vamos saber se isso não vai começar a se espalhar de algum modo, sobretudo se for relacionado à telepatia dela? Não podemos nos dar ao luxo de deixar mais um de vocês em estado catatônico.

— Como combatemos isso? — Nove pergunta exasperado, as sobrancelhas franzidas, provavelmente depois de ter esgotado todas as possíveis formas de espantar um pesadelo. — Digo, se Setrákus Ra pode simplesmente nos colocar em um coma de sonhos, como podemos lutar contra isso?

— Ele já veio até nós com esses sonhos — diz Oito. — A gente acorda, não tem problema.

— Desta vez é diferente — Marina insiste.

— Na última vez, Johnny acordou — Nove diz. — Isso quer dizer que a coisa ficou mais forte.

— Ou talvez a diferença seja Ella — diz Seis. — Talvez Setrákus Ra tenha se concentrado nela porque sabia que isso enlouqueceria os poderes psíquicos.

Olho para Cinco.

— E você acha que esse prisma de sua arca pode ajudar?

Como resposta, ele dá de ombros.

— Não sei nem o que ele faz exatamente, só sei que me ajudou. Ir atrás disso me parece mais produtivo do que ficar sentado aqui.

Nove bate palmas.

— Estou com Cinco. Vamos dar o fora.

Marina tinha se calado depois de se opor aos Everglades, a princípio. Agora Seis estende a mão e toca o braço dela.

— Tudo bem para você? — ela pergunta.

Marina assente devagar.

— Se acham que essa é a melhor maneira de ajudá-los, estou com vocês.



Desço até a garagem para me despedir da Garde. Sarah se recusa a sair de perto de John, e

meu pai voltou para verificar o tradutor de mogadoriano. Estou segurando uma pasta cheia de documentos que John me fez preparar no computador de Sandor; carteiras de motorista falsas para cada um da Garde, documentos de uma excursão escolar fictícia, o itinerário do voo direto de Chicago para Orlando. Eles devem conseguir viajar sem ser detectados.

Tiro os documentos de John da pasta e os enfio no bolso.

— Acho que vocês não vão precisar disto — digo, entregando o restante a Seis. Seguro a pasta por um segundo a mais, e Seis acaba tendo que puxá-la de minha mão. — Desculpe. Só estou nervoso.

— Estamos fazendo a coisa certa, Sam. Vai ficar tudo bem.

Nove me dá um tapa no ombro e vai escolher um carro para levá-los ao aeroporto. Cinco o segue, sem se dar o trabalho de se despedir. Para minha surpresa, Marina me abraça.

— Cuide deles, está bem? — ela pede.

— Claro — respondo, tentando parecer reconfortante. — Eles vão ficar bem. Voltem logo.

Oito assente para mim, depois ele e Marina seguem Nove. Ficamos apenas Seis e eu. Ela parece estar checando os documentos que lhe entreguei, mas percebo que ficou para trás porque quer dizer alguma coisa.

— Está tudo aí — digo.

— Eu sei. Só estou conferindo mais uma vez — ela responde, olhando para mim. — Devemos estar de volta no máximo até amanhã à noite.

— Tenha cuidado — digo.

— Obrigada — ela diz, tocando meu braço.

Há uma pausa constrangedora, e nenhum de nós sabe bem o que fazer. Gostaria que pudéssemos ter passado apenas mais quinze minutos sozinhos no telhado. Sinto que teria sido o bastante para descobrir o que está rolando entre nós. Agora estamos parados aqui como um casal que acabou de voltar de um primeiro encontro muito bizarro, um sem saber muito bem o que o outro está pensando, ou se é a hora certa de agir. Bom, talvez Seis saiba exatamente o que estou pensando e só não tenha certeza de o que fazer a respeito. Eu certamente não faço ideia do que se passa na cabeça dela. Sinto que deveria dizer ou fazer alguma coisa, mas então o momento passa, a mão dela solta meu braço, e ela se vira para se juntar aos outros. O que quer que esteja rolando entre nós vai ter que esperar.



A cobertura de Nove parece ainda maior agora sem eles. Ando pelos corredores vazios e pelos cômodos luxuosos, sem saber o que fazer. Acabo voltando para o quarto de Ella, para saber como estão, bem na hora em que Sarah está saindo. É a primeira vez que ela se afasta de John desde que ele desmaiou.

— Seu pai me obrigou a ir comer alguma coisa — ela explica, mal-humorada, parecendo exausta por ter passado a noite em claro.

— É, ele tem essa coisa de não querer que as pessoas morram de fome — respondo.

Sarah me dá um sorriso desanimado e coloco a mão em suas costas, conduzindo-a para a cozinha. Ela apoia a cabeça em meu ombro enquanto andamos.

— Discutíamos tanto sobre a possibilidade de um de nós se ferir. Era a briga mais frequente de nosso relacionamento. — Ela solta uma risada amarga. — O engraçado é que sempre pensei que seria eu, não John. Ele parecia intocável.

— Nossa, Sarah, você está agindo como se ele tivesse sido cortado ao meio ou algo do tipo. John deve acordar daqui a uma hora e ficar zangado porque os outros saíram em missão sem ele.

Tento soar otimista. Sarah provavelmente está cansada demais para notar a dúvida em minha voz.

— Se ele tivesse sido cortado ao meio, talvez conseguissem curá-lo — ela diz. — Isso é diferente. Dá para ver a dor no rosto dele. É como se ele estivesse sendo torturado diante de mim e eu não pudesse fazer nada.

Sirvo um copo de água para Sarah e tiro sobras de comida chinesa da geladeira. Não me dou o trabalho de esquentá-las. Comemos em silêncio, beliscando o arroz frito gelado e as costeletas desossadas direto das embalagens. Repito a frase “ele vai ficar bem” sem parar em minha cabeça, como um mantra, até ter certeza de que conseguirei dizê-la com convicção, mesmo que não esteja totalmente convencido.

— Ele vai ficar bem — digo a Sarah com firmeza.



Quando Sarah volta para cuidar de John e Ella, tento descansar um pouco na sala de estar. Acho que, depois de acabar de ver seu melhor amigo ser sugado para um sono perpétuo, a hora da soneca pode ser meio tensa. Mesmo assim, a exaustão de meu corpo é maior que minha ansiedade, e preciso dormir por pelo menos algumas horas.

A primeira coisa que faço ao acordar é verificar como estão John e Ella. Tudo continua igual.

Vou até a Sala de Aula, pensando que fazer algum exercício vai ser bom para mim. Talvez, se eu pegar as armas mais barulhentas do arsenal de Nove e usá-las para treinar tiro ao alvo, consiga perturbar o sono de John e Ella.

No caminho, paro na oficina. Está vazia. Meu pai deve estar no quarto descansando um pouco.

O tablet ainda está plugado, e eu vejo que os cinco pontos azuis chegaram à Flórida e agora

se movem vagarosamente pela extremidade sul. Que bom! Isso significa que Seis e os outros não tiveram nenhum problema com as novas identidades falsas no aeroporto e que não havia nenhum mensageiro mogadoriano à espera para interceptá-los. Parece que tudo está saindo como John planejou. Só queria que ele estivesse acordado para ver.

Percebo algo piscando no canto de uma das telas. É o programa de tradução que meu pai criou. Deve ter ficado no automático esse tempo todo. Abro a janela, e uma caixa de diálogo aparece.

TRADUÇÃO COMPLETA. IMPRIMIR AGORA?

Engulo em seco, sem saber se tenho o direito de ser o primeiro a ver as traduções mogadorianas, mas cliço em “SIM” de qualquer forma. Uma impressora atrás da mesa é ativada com um chiado e cospe o documento. Pego a primeira página antes mesmo que o restante termine de ser impresso.

Algumas das palavras estão confusas ou misturadas, deixando claro que o programa de tradução não é cem por cento preciso. Mas, mesmo com uma ou outra palavra fora do lugar, reconheço o documento na hora. Não é a primeira vez que o vejo.

Noto que estou prendendo a respiração, que meus dedos agarram o papel com força suficiente para amassá-lo. Estou plantado no chão; a perplexidade e o medo desligaram minhas tão necessárias funções motoras.

Estou segurando uma cópia das anotações de meu pai sobre a Herança da Garde. No final, está incluído o endereço do John Hancock Center.

CAPÍTULO

TRINTA E UM

SAIO DA OFICINA correndo, e a porta bate com força atrás de mim. As palmas de minhas mãos estão suadas como se os documentos que seguro irradiassem calor. Minha mente está frenética.

O que os mogadorianos estavam fazendo com uma cópia das anotações de meu pai? E como as pegaram?

Volto meu pensamento para o jantar naquela primeira noite, quando ele contou os detalhes de sua longa prisão. Lembro que alguns Gardes ficaram desconfiados, sobretudo quando meu pai falou das alterações que os mogadorianos fizeram em sua mente. Nove chegou até mesmo a dizer que podia ser uma armadilha.

Mas não era possível. Ele é meu pai. Podemos confiar nele.

Atravesso às pressas o corredor em direção ao quarto dele. Nem mesmo sei o que vou fazer quando encontrá-lo. Confrontá-lo? Dizer que precisamos dar o fora?

O quarto está vazio. Eu me pego dando uma rápida olhada em volta, sem nem saber o que estou procurando. Algum tipo de comunicador mogadoriano? Um dicionário mog-inglês? Nada me parece forma do normal.

Tem que haver uma explicação racional para isso, certo?

Eu vi com meus próprios olhos o tipo de jogo mental que os mogadorianos são capazes de fazer. Eu vi Adam usar um Legado que, pelo que parecia, era o efeito colateral de uma experiência mogadoriana para arrancar as memórias de uma Garde morta. E, agora mesmo, John e Ella estavam em coma graças a algum ataque telepático perpetrado por Setrákus Ra. Os mogadorianos tinham ficado com meu pai por anos e realizado experimentos terríveis com sua mente.

Será mesmo impossível que tenham feito uma lavagem cerebral nele?

Talvez nem saiba que está sendo controlado. Eles podem ter mexido com seu cérebro e depois deixado que escapasse de propósito, sabendo que ele teria mais utilidade solto aqui fora, reunindo informações. Os mogadorianos podem tê-lo programado para se reportar a eles em segredo enquanto dorme. Eu me lembro de ter lido algo sobre como os agentes duplos podiam ser hipnotizados para esquecer o próprio subterfúgio. Foi em uma matéria de verdade ou em uma história em quadrinhos? Não consigo lembrar.

De volta ao corredor, grito:

— Pai? Cadê você?

Tento manter a voz normal e firme. E se ele for um espião mogadoriano? Não quero alertá-

lo.

— Estou aqui — ele grita do quarto de Ella e John.

Meu pai, um espião alienígena? Ah, por favor. Controle-se, Sam. Esse é o tipo de teoria da conspiração que a revista *Eles Estão Entre Nós* publica. É ridícula. E, mais ainda, sinto que não é verdade.

Então por que estou tão nervoso?

Paro na porta do quarto de Ella, segurando os documentos traduzidos. Sarah foi para o quarto dela dormir um pouco, então só meu pai e Bernie Kosar vigiam John e Ella. BK está encolhido, dormindo, e meu pai acaricia suas orelhas, distraído.

— O que foi, Sam? — ele pergunta.

Ele deve ter percebido que algo está errado por causa de meus olhos arregalados. Deixa BK e vem até mim, mas me dou conta de que, instintivamente, estou recuando em direção ao corredor. Estou mantendo uma distância segura do pai amoroso que me resgatou de uma cela de prisão. Que ótimo!

Empurro os documentos em sua direção.

— Como os mogadorianos conseguiram isto?

Ele folheia os papéis, passando as páginas mais rápido ao perceber o que são.

— Estas... estas são minhas anotações!

— Eu sei. Como os mogadorianos colocaram as mãos nelas?

Ele deve ter percebido a insinuação em minha pergunta, porque uma expressão magoada toma conta de seu rosto por um instante.

— Sam, eu não fiz isso — diz, tentando parecer convincente, mas há um tom de dúvida em sua voz.

— Tem certeza? E se... e se eles tiverem feito alguma coisa com você, pai? Alguma coisa que você não lembra...

— Não. Impossível! — ele diz, balançando a cabeça, como se estivesse tentando convencer a si mesmo. Pelo tom, dá para perceber que não está completamente certo disso. Na verdade, acho que está assustado com a ideia. — O original ainda está em meu quarto?

Juntos, voltamos correndo para o quarto dele. O bloco está na escrivaninha, exatamente onde deveria estar. Meu pai o folheia como se procurasse algum sinal de que foi adulterado. Seus traços se enrugam como acontece quando ele força uma lembrança. Acho que está compreendendo que não pode confiar em si mesmo, que os mogadorianos podem ter feito alguma coisa com ele.

Ele se volta para mim com uma expressão rígida.

— Se minhas notas foram parar nas mãos dos mogadorianos, devemos supor que este lugar está comprometido. Você precisa se armar, Sam. Sarah também.

— E você? — pergunto, meu estômago se revirando.

— Eu... eu não sou digno de confiança — ele gagueja. — É melhor me trancar aqui até a Garde voltar.

— Tem que haver outra explicação — digo, minha voz falhando; não sei se acredito mesmo nisso ou se apenas quero que seja verdade.

— Não me lembro de ter saído — ele diz. — Mas acho que minha memória não vale muito a esta altura.

Ele se deixa cair pesadamente na cama de seu quarto. Entrelaça as mãos apoiadas no colo e as encara. Parece derrotado, de certa forma, afetado tanto por sua cabeça quanto por seu filho.

Caminho até a porta.

— Olhe, vou buscar Sarah e algumas armas. Mas não vou trancar você. Fique aqui, está bem?

— Espere — ele me impede, segurando minha mão. — O que é isso?

Eu também ouço. Um zumbido baixo vem da gaveta da mesa de cabeceira dele. Chego primeiro, abrindo-a com força.

É o telefone que ele usava para se comunicar com Adam. A tela está acesa, a ligação vem de um número bloqueado. No canto vejo que o telefone tem dezenove chamadas não atendidas. Eu o mostro a meu pai. Seu rosto se ilumina, mas eu fico cada vez mais nervoso. Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Parece que as paredes estão se estreitando a meu redor.

Aperto o botão e coloco telefone na orelha, a voz trêmula.

— Alô?

— Malcolm! — a voz ofegante no telefone grita. — Onde você esteve?!

— Aqui é Sam — corrijo, um sentimento de medo crescendo no estômago ao reconhecer a voz. — Adam, é você?

Meu pai se levanta com um pulo e aperta meus ombros, animado por Adam ainda estar vivo. Eu gostaria de poder sentir alívio, mas, pela voz dele, mais notícias ruins estão a caminho.

— Sam?... Sam! Onde está seu pai?

— Ele está...

— Deixe pra lá! Não importa! — ele grita. — Ouça, Sam. Você está em Chicago, não é? No John Hancock Center?

— Como... como você soube disso?

— Eles sabem, Sam! — Adam grita. — Eles sabem e estão indo atrás de vocês!

CAPÍTULO

TRINTA E DOIS

— SEGUREM-SE!

Todos damos uma guinada para o lado quando Nove desvia nosso aerobarco bruscamente de um tronco caído que flutua na água barrenta e turva do pântano. É isso mesmo: estamos em um pequeno barco impulsionado por um ventilador gigante na traseira. Oito quase perde o equilíbrio e é obrigado a agarrar meu braço para ficar no lugar. Ele me lança um sorriso tímido quando me solta e mata um mosquito. O ar é denso e úmido, tomado pelo zumbido de insetos, apesar do rugido da hélice do barco. O lugar cheira a terra adubada e natureza vigorosa.

— Olhem lá! — Oito grita em meio ao barulho do barco.

Olho para o lado, onde um amontoado de ninfeias é perturbado por algo deslizando na água. A princípio, acho que é outro tronco, mas depois vejo as escamas duras de uma cauda que oscila pela água, e me dou conta de que é um crocodilo.

— Mantenham as mãos dentro do barco — Oito grita.

Observo o crocodilo desaparecer em um aglomerado de árvores à nossa esquerda. Entendo por que Cinco achou que os Everglades seriam um lugar seguro para esconder sua Herança; aqui é um labirinto de mato alto e água barrenta habitado unicamente por insetos e animais preparados para atacar.

Percorremos praticamente uma estrada na água, onde o denso capim-navalha e as árvores abrem caminho para a passagem dos barcos. Não que haja mais alguém por aqui — não vimos um único ser humano desde que alugamos o barco, há uma hora. E até mesmo a locadora não passava de uma cabana caindo aos pedaços entre o fim de uma estrada de terra e uma ponta do pântano. Pudemos escolher entre os três aerobarcos enferrujados que estavam amarrados ao deque instável. O homem solitário que morava lá, queimado de sol e cheirando a uma combinação de álcool e querosene, explicou aos soluços o funcionamento da embarcação antes de receber em dinheiro por um mapa gasto da área e as chaves. Ele não fez pergunta alguma, o que deixou todos gratos.

Seis está ocupada com o mapa do homem. Ela o compara com o mapa dos Everglades que imprimimos da Internet, no qual Cinco marcou a localização de sua arca. Ela alterna entre nosso mapa e o mapa sujo, porém mais detalhado, com afluentes e remansos. E afasta os dois, irritada.

— Não consigo entender isso — reclama.

— Não se preocupe — responde Nove, nos guiando adiante, na direção do pôr do sol. — Cinco disse que sabe aonde estamos indo. Deixe-o ser útil para variar.

Olho para o céu, procurando Cinco. Ele levantou voo há uns quinze minutos, dizendo que seria mais fácil encontrar a arca do alto. O céu está começando a ganhar um tom rosado que normalmente eu acharia lindo, mas aqui parece meio agourento.

— Sem querer parecer covarde — pondero, enfiando uma mecha de cabelo molhada atrás da orelha —, mas não gostaria mesmo de estar aqui depois do pôr do sol.

— Nem eu — acrescenta Oito, dando um peteleco no mapa que está nas mãos de Seis. — Ainda mais se nossa estimada navegadora não souber como nos levar de volta à civilização.

Seis vira para Oito com os olhos semicerrados, mas não responde. Nove apenas ri. Enormes marcas de suor escurecem sua camiseta, e insetos zumbem à sua volta sem parar, mas ele não percebe. Na verdade, Nove parece estar gostando — da umidade, do suor, da sensação de perigo. É seu hábitat natural.

— Achei que podíamos acampar depois — ele diz.

Oito e eu suspiramos. Se não houvesse nenhum crocodilo nadando abaixo de nós, sem dúvida eu aproveitaria esta oportunidade para jogar Nove na água. Olho para o céu outra vez, tentando ver Cinco.

— Tenho certeza de que ele vai voltar logo — digo.

Não há razão para não ser otimista. Até agora, a missão está correndo bem, sem nenhum sinal de problemas. Ainda não me sinto confortável por ter deixado John e Ella para trás, mas os outros estavam certos. Não havia nada que pudéssemos fazer por eles em Chicago. Ainda não atingi o nível de entusiasmo de Nove, mas com certeza é melhor estar aqui fazendo alguma coisa, em busca de um jeito de ajudar nossos amigos e de vencer essa guerra.

Desde que a gente não se perca neste pântano. Não seria nada bom.

Uma sombra passa por cima de nós. Cinco. Ele paira sobre o barco por um instante antes de pousar suavemente a nosso lado. Está pingando de suor, a camiseta branca, encharcada.

Nove solta uma risadinha.

— Vai emagrecer um pouco se ficarmos aqui tempo bastante, não é, garotão?

Cinco cerra os dentes, desgrudando a camiseta molhada do corpo, constrangido. Todos estamos suados e nojentos, mas por alguma razão Nove não consegue evitar implicar com Cinco. Eu me atrevi a esperar que talvez o pique-bandeira os ajudasse a resolver seus problemas, mas a tensão ainda ferve entre eles.

— Ignore-o — digo a Cinco. — Encontrou sua arca?

Cinco assente, apontando para a direção na qual já estamos indo.

— Há um trecho de terra mais ou menos um quilômetro e meio à frente. Está lá.

Nove suspira.

— Por que simplesmente não pegou a arca e voltou para cá voando, cara?

Cinco lança um sorriso malicioso para Nove.

— Você não escutou o plano, não é? Votamos que você ficaria com todo o trabalho pesado e chato.

— Hã? — Confuso, Nove olha para Oito. — Ele está falando sério?

Oito dá de ombros, se juntando à brincadeira.

Seis solta um som exasperado.

— Limite-se a pilotar a droga do barco, Nove.

— Sim, sim, capitã — Nove diz, agitando os dedos. — Uma arca, saindo.

Seis volta seu olhar para Cinco. Ela está mais quieta que de costume.

— Por que você não pegou a arca? — pergunta em um tom mordaz.

Cinco dá de ombros.

— Está ficando escuro e lá é um bom lugar para descansar, se precisarmos.

— Viram? — Nove grita, satisfeito. — Acampamento!

— Nem pensar — diz Oito, balançando a cabeça com veemência. — Acelere esta coisa para sairmos daqui.

Nove acelera o barco, levantando água ao passar.

Só com boa vontade o lugar ao qual Cinco nos leva pode ser descrito como uma ilha. Na verdade, não passa de um monte de lama no meio do pântano, que comporta uma imensa árvore retorcida que parece existir desde o começo dos tempos. As raízes da árvore são tão grandes e ramificadas que Nove é obrigado a conduzir o barco com cuidado para não ficar preso em uma delas. Saímos do barco com os pés afundando na lama e escorregando nas saliências irregulares da árvore. Estamos rodeados por um anel de mato alto, que sobe da água, e os galhos da árvore acima de nós são tantos e tão densos que, assim que pisamos na ilhota, ela fica completamente à sombra. Está quase dez graus mais fresco ali do que na água.

— É mesmo um ótimo lugar — digo a Cinco.

O peito dele se estufa um pouco diante do raro elogio.

— É. Acampe aqui uma noite. Esta velha árvore é incrível. Achei que não ia ter nenhuma dificuldade em encontrá-la outra vez.

— Parabéns — Nove resmunga, matando um inseto no pescoço. — Então, onde está a droga da arca?

Cinco nos leva direto para a base da árvore. Sob nossos pés, há uma complicada trelça de raízes; é como se a árvore fosse um punho mergulhado na terra; e as raízes, os dedos espremendo a lama com força. Cinco se ajoelha embaixo de um emaranhado de raízes, um lugar onde elas se uniram, quase como uma junta. Enfia a mão por debaixo delas, em um macio bolsão de lama.

— Está aqui embaixo — Cinco diz, apalpando. — Estou quase lá.

A lama faz um som de sucção quando Cinco puxa a arca, como se relutasse em entregar nosso prêmio. Cinco se ajoelha diante dela, limpando a sujeira da madeira já familiar.

Oito me dá um tapinha no ombro e aponta para um ponto que se abre no mato alto. Vejo a cabeça chata e os olhos amarelos de um crocodilo, talvez o mesmo de antes.

— Parece que alguém está com fome — Oito brinca.

— Ele está nos seguindo? — pergunto, em parte brincando, mas também um pouco assustada, e me aproximo de Oito.

— Há muitos crocodilos por aqui — diz Cinco, distraído, levantando a arca.

— Você fala com animais, não é? — pergunto a Nove. — Diga a ele que não queremos problemas.

— Talvez eu o adote como bicho de estimação. Ou faça um casaco incrível com ele — Nove responde, apertando os olhos ao se concentrar no animal que se aproxima. Algo em seu rosto muda de repente. — Espere aí...

A cabeça de um segundo crocodilo aparece ao lado do primeiro e, segundos depois, uma terceira também emerge do lodo. A princípio, penso que estamos sendo perseguidos por um bando de crocodilos, se é que isso é possível. Mas então as três cabeças saem da água juntas, todas conectadas a um único corpo por um pescoço grosso e coberto de escamas. As escamas desaparecem sob uma cobertura encharcada de pelo preto no torso da besta, e a água cai em enormes pingos quando ela estica duas asas coriáceas de morcego. A coisa acaba ficando com quase quatro metros e meio de altura quando se ergue sobre um par de pernas quase humanoides. Ela se inclina para a frente, e seis pares de olhos amarelos nos encaram, famintos.

— Cuidado! — Seis grita no exato momento em que a criatura bate as asas e levanta voo.

A criatura paira sobre mim. Chega a ser engraçado o tipo de coisas que notamos em momentos como este. Os pés da besta são enormes, e garras curvadas saem dos três dedos de cada pé, e dos calcanhares. Mas as almofadas dos dedos parecem quase macias, e têm cicatrizes em forma de S, como se algum cientista mogadoriano tivesse assinado seu trabalho.

Vejo tudo isso um segundo antes de ela tentar pisar em mim.

— Cuidado!

Oito passa o braço em minha cintura e nos teleporta para trás.

As garras dos pés do crocodilo mutante arrancam um pedaço de raiz no lugar onde eu estava.

— Como eles nos encontraram? — Nove rosna, expandindo seu bastão.

— Não estou vendo nenhum mogadoriano — grito, me virando para tentar obter uma visão total do pântano. — Será que está sozinho?

— Vou perguntar.

Nove se aproxima. A besta tenta mordê-lo com uma das três bocas. Nove ergue seu bastão e o enfia na mais próxima, arrancando algumas presas amareladas. Com uma das cabeças urrando de dor, o monstro ataca com uma asa, forçando Nove a recuar.

Cinco joga a arca no chão e a destranca. Seis agarra seu ombro.

— O que aconteceu? — ela grita. — Não viu essa coisa quando fez o reconhecimento?

— Estava embaixo d'água. Como eu ia ver? — A voz de Cinco é tranquila, ele não parece nem um pouco abalado, ao contrário do que John descreveu na última batalha deles. — Não se preocupe — ele continua. — Tenho o que precisamos bem aqui.

— Alguém pode me dar uma ajudinha? — Nove grita enquanto se esquivava com um pulo de uma das bocas ávidas da besta.

Oito se teleporta para cima das três cabeças da criatura. Chuta com força um dos focinhos, depois se teleporta de novo, ficando ao lado de Nove. A coisa solta um urro frustrado, batendo as asas na tentativa de levantar voo. Nove e Oito se separam, tentando flanquear a besta.

Enquanto Cinco remexe em sua arca, Seis ergue as mãos.

— Marina, me dê cobertura enquanto faço isso.

Ouçó as primeiras gotas de uma tempestade atravessando a folhagem.

Cinco tira um tipo de manga de couro da arca e veste no antebraço. Quando o flexiona, uma lâmina brilhante de trinta centímetros se projeta da parte inferior de seu pulso. Ele sorri.

— Senti sua falta — diz para a geringonça, e a lâmina se recolhe quando ele dobra o braço outra vez.

— Vamos apressar esses raios, Seis! — grita Nove.

A besta está em cima dele. Tudo o que pode fazer é erguer seu bastão, se esquivando de uma série de mordidas do trio de bocas repletas de presas. Recuando às cegas, Nove tropeça em um galho e cai sentado no chão. A besta está prestes a pular nele quando Oito se metamorfoseia, assumindo a forma de uma imensa criatura meio homem, meio javali, um dos avatares de Vishnu, presumo. Ele agarra a criatura pelo rabo de crocodilo e a lança para trás, impedindo-a de devorar Nove.

A besta se volta e crava os dentes no ombro de Oito. Ele urra pelo focinho de javali e sua forma começa a oscilar. Vejo que está tendo dificuldade em manter a concentração com a dor da mordida.

— Oito! — grito.

Quero ir até lá, curá-lo, mas não posso deixar Seis enquanto ela está concentrada em criar a tempestade.

— Vá ajudá-lo — ela diz, entredentes. — Estou pronta.

Corro para a frente, focada em chegar até Oito. Antes que o crocodilo voador consiga

arrancar outro pedaço dele, um raio atinge a fera, que cai com espasmos e soltando fumaça. Agora chove forte; Seis deixa a tempestade muito mais forte.

Nove já está de pé outra vez e corre para a frente enquanto a besta ainda tenta se levantar. Ele espanca a criatura com o bastão, mas os golpes mal afetam seu couro coberto de escamas.

Como Nove está de volta à ação, Oito, ainda em forma de Vishnu, cambaleia para longe da besta. Volta ao normal quando me aproximo, e vejo cortes profundos rasgando seu ombro direito. Pressiono as mãos na pele de Oito, deixando a sensação gelada fluir de mim para ele, e observo os ferimentos se fecharem.

— Eu poderia beijar você — Oito diz.

— Depois que matarmos esta coisa, talvez — respondo.

O monstro se empina e investe com uma das asas coriáceas contra Nove, jogando-o para trás. Assim que Nove sai do caminho, Seis lança mais dois raios. O relâmpago derruba a besta mais uma vez e abre um buraco na membrana de sua asa, mas ela se levanta de novo e urra. Parece que só estamos deixando-a mais zangada.

— O que precisamos fazer para deter esse desgraçado? — grita Nove.

Um assobio agudo se espalha pelo ar, alto e penetrante como unhas arranhando um quadro negro, e me deixa arrepiada. Eu me viro e vejo Cinco tocando uma intrincada flauta esculpida em obsidiana. Enquanto toca a nota aguda, ele olha fixamente a besta.

De repente, é como se a criatura perdesse a vontade de lutar. Ela dobra as imensas asas ao redor do corpo e afunda no chão, encolhendo as três cabeças junto ao peito, quase como se estivesse fazendo uma reverência.

— Uau — sussurra Oito.

— Viram? — diz Cinco, baixando a flauta e olhando em volta. — Fácil.

— Se você tinha isso o tempo todo, por que não usou? — Nove dispara.

— Achei que você quisesse se exercitar — Cinco responde, sorrindo com frieza para Nove. Seis balança a cabeça.

— Algum de vocês pode matar aquela coisa para sairmos daqui?

— Com prazer — Cinco diz, a pele se transformando em aço brilhante. Ele dá dois passos na direção da besta ajoelhada, mas para bem ao lado de Seis. — Eu criei essa coisa — afirma, indiferente. — O mínimo que posso fazer é matá-la.

— Você o quê? — pergunto, perplexa.

Cinco investe o punho coberto de aço com uma força que eu jamais vi nele, atingindo Seis com um direto no queixo.

A força joga o corpo dela pelos ares, e ela cai diante de meus pés; vejo que seus olhos estão revirados e que duas gotas de sangue escorrem do nariz. Na melhor das hipóteses, uma concussão; na pior, traumatismo craniano. Instintivamente, me aproximo para curá-la, mas, quando tento me agachar, algo me acerta no peito — não é forte, sequer chega a me deixar sem

ar, mas não consigo me mover para a frente. É telecinesia. Cinco está me segurando delicadamente. Olho para ele, e lágrimas confusas escorrem de meus olhos.

Oito quebra o momento de silêncio, perplexo, gritando:

— Por que você fez isso?!

Mas sua voz é abafada pelo berro de Nove.

O corpo de Cinco ganhou a consistência de borracha, e o braço se estica como um tentáculo, dando duas voltas no pescoço de Nove. Ele luta, porém Cinco o levanta com facilidade. O braço se estende mais, segurando Nove a três metros do chão, e depois desce. Mergulha Nove no pântano e o segura lá, afogando-o.

Tanto Oito quanto eu estamos paralisados quando Cinco se volta para nós. Tem uma expressão de simpatia desconcertante, considerando que seu braço esticado segura Nove embaixo d'água e que Seis está caída inconsciente a meus pés graças a um golpe baixo. Vejo que o braço de Cinco está vibrando onde Nove deve estar dando socos, tentando se libertar. Os golpes não devem causar dor alguma, porque Cinco mal parece notar.

Ele se senta na arca e olha para nós.

— Acho que nós três precisamos conversar — Cinco diz calmamente.

CAPÍTULO

TRINTA E TRÊS

A LIGAÇÃO DE Adam cai de repente. Olho para a tela do telefone, mas ele ligou de um número bloqueado. É impossível retornar. Onde quer que esteja, parecia estar se deslocando com rapidez, quase gritando com o vento soprando ao fundo. Fugindo, a voz em pânico. Estou o exato oposto: paralisado e quase entorpecido.

O que John faria nesta situação? Entraria em ação, é isso. Enfio o telefone no bolso de trás e passo por meu pai em direção ao corredor.

— Ele disse que os mogadorianos sabem onde estamos e que estão a caminho. Precisamos sair daqui. Agora! — grito para meu pai.

Quando olho por cima do ombro, ele ainda está parado ao lado da cama.

— Venha — digo. — O que está esperando?

— E se...? — Ele pressiona o osso do nariz. — E se eu não for confiável?

Ah, sim. A possibilidade de meu pai ser algum tipo de agente duplo involuntário dos mogadorianos. Tem que haver uma explicação melhor para suas anotações terem caído nas mãos deles. Talvez ele não saiba se pode confiar em si mesmo, talvez tema que sua memória esteja falhando ou agindo contra ele. Não importa. Tomo uma decisão aqui, neste momento. Eu confio nele.

— Lembra quando saímos da base de Dulce e eu queria voltar correndo lá para dentro e ajudar a Garde a lutar? Você disse que eu teria outras oportunidades de ser útil aos lorienos. Bom, acho que agora é uma dessas oportunidades. Confio em você, pai. Não vou conseguir fazer nada sem sua ajuda.

Ele assente, solenemente. Sem mais nenhuma palavra, enfia a mão debaixo da cama, pega o rifle que usou para abater a besta no Arkansas e o carrega com uma bala.

— Adam disse quanto tempo temos? — ele pergunta.

Em resposta, o prédio vibra e todas as luzes piscam. Um motor ronca lá fora, acima de nós e perigosamente próximo, seguido de um ruído metálico e agudo. Alguma coisa acaba de aterrissar no telhado.

— Pelo visto, nenhum.

Disparamos para o corredor, onde está Sarah, saindo nesse momento de seu quarto. Ela arregala os olhos ao ver meu pai com um rifle.

— Que barulho foi esse? — pergunta. — O que está acontecendo?

— Os mogs estão aqui — respondo.

— Ah, não! — Sarah diz, voltando em direção ao quarto no qual John e Ella estão deitados,

indefesos.

Do corredor, tenho uma visão clara das janelas panorâmicas que contornam a sala de estar da cobertura. Meia dúzia de cordas cai serpenteando do telhado, e os mogadorianos descem de rapel pela lateral do prédio.

— Preciso chegar até John! — Sarah diz.

Agarro seu pulso.

— Não teremos a mínima chance se não chegarmos primeiro até as armas.

As janelas explodem, estilhaçadas por uma série sincronizada de tiros dos canhões mogadorianos. Um sopro de ar frio varre a cobertura. Os mogadorianos se balançam para dentro, soltando as cordas de rapel, e começam a esquadrihar o espaço em busca de alvos. Estão na sala de estar, entre nós e o elevador da cobertura — nossa única saída. Fico surpreso por não haver mais deles. Se eu estivesse atacando um esconderijo da Garde, teria mandado um exército inteiro. É quase como se não estivessem esperando muita resistência.

Nós três voltamos para o quarto de meu pai.

— Vou pegar John e Ella — ele diz. — Corram para a Sala de Aula.

Ouçó os mogadorianos saindo da sala de estar e entrando no corredor.

— Aí vêm eles. Vamos no três. Um...

Antes que eu chegue ao “dois”, um rugido feroz soa do corredor, respondido de imediato por uma saraivada furiosa de tiros mogadorianos. Estico a cabeça pela quina a tempo de ver Bernie Kosar, na forma de um urso-pardo, atacar dois deles. Eu me esqueci completamente de BK! Talvez a situação não seja tão desesperadora quanto parece.

— Vão! — meu pai grita enquanto corre para o quarto de Ella. — Peguem as armas, e vamos segurá-los aqui.

BK ataca um mogadoriano de cada vez, estraçalhando-os com as garras, arremessando para longe a mobília que eles tentam usar para se esconder. Ele toma alguns tiros na lateral do corpo, e o ar se enche com o cheiro de pelo queimado, mas isso só parece deixar Bernie Kosar mais nervoso. Agachado no vão da porta do quarto de Ella, meu pai mira e começa a atirar.

Sarah e eu corremos para o lado oposto, na direção da Sala de Aula e do arsenal. Atrás de mim, ouço os tiros queimando as paredes, e o rifle de meu pai contra-atacando. Precisamos ser rápidos. Sem dúvida, outros começarão a descer do telhado, e não conseguiremos detê-los para sempre.

De repente, a porta do quarto à minha direita se abre. Tenho um segundo para sentir o ar frio de uma janela quebrada, e logo depois um mogadoriano parte para cima de mim. Ele me atinge de lado com o ombro, me imprensando contra a parede. Seu antebraço aperta minha garganta, e ele aproxima o rosto pálido do meu, seus olhos pretos sem vida tomam meu campo de visão.

— Humano — o mogadoriano sibila. — Diga onde está a garota e eu o matarei depressa.

Antes que eu possa perguntar de que garota ele está falando, Sarah quebra um vaso vazio na cabeça dele. O mog se recupera do golpe e se vira para ela. Possuído pela raiva — por todo aquele tempo de cativo, pelo que fizeram com John e Ella —, pego o cabo da espada do mogadoriano e a puxo da bainha. Com um grito, eu a enfio em seu peito, transformando-o em cinzas.

— Uau. — Sarah comemora.

Ouç o barulho de vidro quebrando pela cobertura inteira. As portas dos quartos são escancaradas ao longo do corredor, e os mogadorianos surgem atacando, separando Sarah e a mim de meu pai e Bernie Kosar. Lembro-me de ter pensado antes que a cobertura vazia era assustadora, mas isso, sim, é aterrorizante. Perdi meu pai de vista na outra ponta do corredor. Ainda consigo ouvir seu rifle, os tiros cada vez mais seguidos. Escuto um estrondo alto, o som de algo sendo virado no quarto de Ella.

— Vocês estão atrás da garota? — grito, chamando a atenção deles, torcendo para aliviar um pouco a pressão sobre meu pai. — Ela está aqui!

Sarah e eu corremos para a oficina com uns dez mogadorianos nos seguindo corredor adentro.

Juntos, viramos uma pilha de aparelhos velhos e partes de motores que estão perto da porta, a bagunça acumulada de Sandor se tornando útil. Um mogadoriano tenta abrir a porta à força, mas está emperrada por causa das tralhas no chão.

— Isso vai retardá-los por um segundo — digo.

— Eles pensam que eu sou a garota que estão procurando? — Sarah pergunta, sem fôlego. — Ou você acha que estão aqui por causa de Ella?

Um pedaço da porta da oficina explode com um tiro, e lascas quentes salpicam minha bochecha e quase entram em meu olho. Acho que o segundo acabou. Sarah agarra meu braço e cambaleamos pela oficina enquanto a porta atrás de nós é pulverizada pelos invasores.

Um tiro perdido atinge o chão entre nós, nos separando e jogando Sarah para cima de uma mesa. Mais tiros vêm da porta agora. Eu me abaixo e pego a mão dela, ajudando-a a se levantar.

— Estou bem! — ela grita, e corremos abaixados em direção à Sala de Aula.

Agora a porta da oficina não passa de um buraco fumegante na parede, graças ao fogo mogadoriano. Eles estão entrando à força, tropeçando nas tralhas que derrubamos, mas mesmo assim avançando. A meu lado, o monitor que exhibe a localização da Garde explode em uma chuva de fagulhas quando, por pouco, um tiro não me atinge.

— Como vamos enfrentar tantos? — Sarah grita ao entrarmos correndo na Sala de Aula. — Eu venho treinando, mas não contra dez alvos ao mesmo tempo!

— Temos a vantagem de jogar em casa.

Dentro da Sala de Aula, Sarah corre para uma estante de armas, e eu vou para o Palanque. Os primeiros mogadorianos surgem no mesmo instante em que ativo a Sala, ligando um dos velhos programas de treinamento de Sandor — o que está classificado como nível de dificuldade “insano”. Os mogadorianos ainda não estão prestando atenção em mim, sentado atrás de um painel metálico, apertando botões. Estão mais focados em Sarah. Mesmo que descubram que não é a garota que estão procurando, ela é a ameaça mais clara, exposta e apontando duas pistolas para eles. Ameaça clara e alvo fácil.

— Sarah! À esquerda! — grito, erguendo um bloco do chão para ela se esconder. Ela se protege no instante em que os mogadorianos abrem fogo.

Os bocais das paredes começam a encher a sala de fumaça. Alguns dos mogadorianos parecem confusos; a maioria só está interessada em atirar em Sarah. Alguns tiros começam a ricochetear em frente ao Palanque, e eu me abaixo na cadeira, tentando me encolher. Espero que esta coisa seja forte o bastante para aguentar uns disparos. Em meio ao tiroteio, ouço o zumbido da Sala de Aula ganhando vida.

Nas quatro paredes, meia dúzia de painéis desliza, se abrindo e exibindo torres de artilharia carregadas de esferas de aço.

— Fique abaixada! — grito para Sarah. — Está começando!

Começa um fogo cruzado, e os mogadorianos estão no meio. O exercício é para ajudar os Gardes a praticar telecinesia, não para mutilá-los. Por isso, a munição do tamanho de bolas de gude atirada das paredes não é rápida o bastante para matar os mogadorianos. Mesmo assim, deve doer muito. Com isso e as bolas de borracha que começam a balançar do teto de repente, eu diria que eles estão bem ocupados.

Eu me jogo do Palanque. Uma bola de borracha acerta meu ombro com força antes que eu chegue ao chão. Meu braço está dolorido, mas consigo me esgueirar pelo piso, observando os mogadorianos serem espancados por todos os lados. Ao me ver, Sarah desliza uma de suas armas pelo chão. Eu a pego e me agacho atrás do Palanque. Sarah e eu temos os únicos dois blocos de cobertura da sala.

Abrimos fogo. Não importa se não temos a melhor mira do mundo. Os mogadorianos são alvos fáceis. Com todos os tiros que saem das paredes, eles estão entrando em pânico. Muitos caíram de joelhos com a ação das torres de artilharia ou das bolas de borracha, e é aí que Sarah e eu acabamos com eles. Alguns correm para a porta. Quando conseguem cambalear até lá, a única recompensa por seu esforço é uma bala nas costas.

Apenas um minuto depois de o programa de treinamento ser acionado, a sala está completamente livre de mogadorianos. Em geral, a Garde é obrigada a aguentar sete minutos antes de ter descanso durante o treino. Mas acho que ninguém atira balas de verdade neles.

Estendo a mão e bato nos controles do Palanque até o sistema se desligar.

— Funcionou! — Sarah grita, quase surpresa. — Nós os pegamos, Sam!

Quando ela se levanta, noto uma marca de queimadura na lateral de sua perna esquerda. O jeans se rasgou e a pele está avermelhada e sangrando.

— Você foi atingida! — exclamo.

Sarah olha para baixo.

— Droga! Eu nem tinha notado. Deve ter pegado de raspão.

Quando a adrenalina diminui, Sarah vem mancando até mim. Coloco o braço em torno dela para lhe dar apoio e saímos o mais rápido que podemos da Sala de Aula. Pegamos mais armas no caminho. Enfio uma segunda pistola na parte de trás da calça, para o caso de ficar sem munição. Sarah larga o revólver descarregado e pega uma metralhadora leve de aparência bizarra, o tipo de coisa que eu achava que só existia em filmes de ação.

— Como se usa isso? — pergunto.

— Todas funcionam do mesmo jeito — ela responde. — Basta apontar e atirar.

Eu ria se não estivesse tão preocupado com meu pai, e John e Ella em coma. Não ouvimos nenhum som de luta quando atravessamos a oficina destruída, passando com cuidado por entre as tralhas que jogamos no chão. A cobertura está imersa em um silêncio sinistro. Não sei se isso é bom ou mau sinal.

Enfio a cabeça pela quina do corredor. Não há sinal de vida. O chão está coberto de cinzas mogadorianas, mas, por outro lado, está tudo quieto. O som mais alto é o do vento atravessando o prédio, graças ao fato de os mogadorianos terem quebrado todas as janelas ao entrar.

— Acha que matamos todos? — Sarah sussurra.

Em resposta, ouvimos uma movimentação no telhado que parece o som de botas correndo. Ainda deve haver mogadorianos lá em cima, se reunindo para um segundo ataque a qualquer momento, assim que perceberem que o primeiro grupo falhou.

— Precisamos sair daqui agora — digo, ajudando Sarah a andar.

Atravessamos o corredor às pressas.

Bernie Kosar aparece, se movendo com dificuldade, ainda em forma de urso. Parece ferido, toda a lateral direita de seu corpo está fumegando por causa das queimaduras dos tiros. Ele me encara como se estivesse tentando se comunicar. Eu gostaria de ter a telepatia animal de John. Ele parece triste de alguma forma. Triste, porém determinado.

— Você está bem, Bernie? — Sarah pergunta.

Bernie grunhe e assume a forma de um falcão. Ele sai voando pela janela, subindo. Deve estar indo conter os mogadorianos remanescentes no telhado enquanto tiramos John e Ella daqui. Agora entendo o que o olhar de BK queria dizer; ele estava se despedindo, para o caso de ser a última vez que nos vemos. Respiro fundo.

— Vamos — digo em voz baixa.

Há uma estante virada bloqueando a porta do quarto de Ella. Está salpicada de buracos de bala. Obviamente, foi isso que meu pai usou como cobertura.

— Pai — sussurro. — A barra está limpa, vamos.

Não há resposta.

— Pai?! — digo mais alto, a voz trêmula.

Nada ainda. Bato o ombro com força contra a estante, mas ela está bem presa. Sinto enjoo, desespero. Por que ele não responde?

— Ali em cima! — Sarah fala aponta.

Entre a estante e a parte superior do batente da porta, há um espaço grande o bastante para eu passar. Escalo e entro, arranhando os joelhos nas prateleiras salientes e caindo de mau jeito do outro lado. Só se passam alguns segundos, mas é o bastante para imaginar meu pai crivado de fogo mogadoriano, e John e Ella assassinados enquanto dormiam.

— Pai... — Fico sem ar. Parece que o tempo desacelera. Cambaleio até a cama com as pernas bambas. — Pai.

John e Ella estão ilesos, e ainda em coma, completamente alheios ao caos que se desenrola a seu redor e ao fato de que o corpo de meu pai está jogado sobre eles.

Seus olhos estão fechados. O sangue escorre de um grave ferimento no abdome, que ele agarra com as mãos, como se estivesse tentando se manter inteiro. O rifle vazio está jogado no chão, com marcas ensanguentadas de mãos por todo o cabo. Eu me pergunto quanto tempo ele continuou lutando depois de ser atingido.

Sarah solta um arquejo quando passa por cima da estante.

— Ah, não, Sam...

Não sei o que fazer a não ser pegar a mão dele. Está fria. Meus olhos começam a se encher de lágrimas. Percebo que, em uma das últimas conversas que tive com meu pai, praticamente o chamei de traidor.

— Desculpe — sussurro.

Quase morro de susto quando ele aperta minha mão.

Seus olhos se abrem. Vejo que não está conseguindo me focalizar e percebo que seus óculos sumiram, esmagados em algum lugar durante a luta.

— Eu os protegi até não poder mais — meu pai diz, a voz enrolada e bolhas de sangue saindo dele e escorrendo pelo canto da boca.

— Venha, vamos sair daqui — respondo, me ajoelhando a seu lado.

Uma sombra de dor cruza seu rosto. Ele balança a cabeça.

— Eu não, Sam. Você tem que ir sozinho.

Um urro ressoa em meio à batalha no telhado. É Bernie Kosar, desesperado e agonizante.

Sarah toca meu ombro delicadamente.

— Sam, sinto muito. Não temos muito tempo.

Afasto a mão de Sarah, balançando a cabeça. Olho para meu pai, as lágrimas correndo por minhas bochechas.

— Não — sussurro com raiva. — Você não vai me deixar outra vez.

Sarah tenta passar por mim e puxar o corpo de Ella, embaixo dele. Eu não ajudo. Sei que estou sendo idiota e egoísta, mas não posso deixá-lo com tanta facilidade. Passei a vida inteira à procura dele, e agora tudo está desmoronando.

— Sam... vá — ele sussurra.

— Sam — Sarah implora, com Ella nos braços. — Você tem que pegar John, e precisamos ir.

Olho para ele, que assente devagar, e mais sangue escorre pelo canto de sua boca.

— Vá, Sam — diz.

— Não — digo, balançando a cabeça. Sei que é um erro e não me importo. — Só se você vier também.

Mas não importa, é tarde demais. As cordas que pendiam do lado de fora da janela se esticam quando os mogadorianos descem por elas. Demoramos demais, e Bernie Kosar não conseguiu detê-los. A segunda onda de ataque está sobre nós.

CAPÍTULO

TRINTA E QUATRO

BOLHAS SE FORMAM na superfície do pântano onde Nove ainda está mergulhado. Ele está preso ali há quase um minuto. Dou um passo na direção da margem, querendo entrar e salvá-lo, mas não sei se Cinco permitirá. Ele me observa atentamente, com uma das sobrancelhas erguida, como se estivesse se perguntando como Oito e eu reagiremos.

— Onde está o verdadeiro Número Cinco? — pergunta Oito em voz baixa. — O que fez com ele?

Cinco franze a testa, confuso, depois sorri.

— Ah, você acha que sou Setrákus Ra — diz, balançando a cabeça. — Tudo bem, Oito. Sou eu de verdade. Sem truques de metamorfose.

Como se quisesse demonstrar, Cinco baixa a mão livre e abre o cadeado de sua arca. Volta a fechá-la e olha para nós.

— Viram?

Oito e eu continuamos paralisados, sem saber o que fazer.

— Tire Nove da água, Cinco — digo, tentando manter a voz calma e o menos em pânico possível.

— Logo — ele responde. — Quero conversar com vocês dois sem Seis e Nove por perto para interromper.

— Por que... por que você nos atacaria? — Oito pergunta, furioso e perplexo. — Somos seus amigos.

Cinco revira os olhos.

— Vocês são minha espécie — ele responde. — Isso não nos torna amigos.

— Tire Nove da água para conversarmos — imploro.

Cinco suspira e levanta Nove. Ele está sem ar, os olhos ardentes de fúria, ainda estrangulado por Cinco. Por mais que tente, não consegue se libertar.

— Não é tão forte agora, hein? — zomba Cinco. — Ok, respire fundo, mermão.

Ele mergulha Nove outra vez.

Enquanto isso, Seis continua imóvel. Sua cabeça está inclinada em um ângulo desconfortável e uma contusão enorme se forma em seu maxilar. Sua respiração é curta. Começo a me aproximar dela, querendo curá-la, mas sinto a telecinesia de Cinco gentilmente me empurrando para trás.

— Por que está fazendo isso? — grito para ele, com lágrimas nos olhos.

Ele parece quase perplexo com meu tom de voz.

— Porque vocês dois foram legais comigo — ele diz, como se fosse óbvio. — Porque, ao contrário de Nove e Seis, não acho que seus Cêpans fizeram uma lavagem cerebral em vocês, obrigando-os a acreditar que a resistência é o único caminho. Oito, você provou isso na Índia, quando deixou aqueles soldados morrerem por sua causa.

— Não toque nesse assunto comigo — rosna Oito. — Eu não queria que ninguém se machucasse.

— Lavagem cerebral? — exclamo. — Está dizendo que nós sofreremos lavagem cerebral?

— Tudo bem — Cinco diz, nos acalmando. — O Adorado Líder é clemente. Vai recebê-los de braços abertos. Ainda há tempo para se juntar ao time vencedor.

— Time vencedor? — Não consigo acreditar no que estou ouvindo. Meu estômago se revira; sinto que estou a ponto de vomitar. Não pode ser verdade... — Você está trabalhando para eles?

— Desculpe por ter mentido sobre isso, mas foi necessário. Eu estava neste planeta havia seis meses quando eles me encontraram — diz Cinco em um tom melancólico. — Meu Cêpan já tinha morrido de alguma doença humana nojenta... essa parte era verdade, só menti em relação ao momento em que aconteceu. Os mogadorianos me acolheram. Eles me ajudaram. Quando lerem *O bom livro*, entenderão que não deveríamos estar lutando contra eles. Todo este planeta... todo o universo pode ser nosso.

— Eles fizeram alguma coisa com você, Cinco — digo, quase sussurrando, sentindo ao mesmo tempo pena e medo dele. — Tudo bem. Podemos ajudá-lo.

— Apenas solte Nove — acrescenta Oito. — Não queremos machucar você.

— Me machucar? — repete Cinco, rindo. — Essa é boa.

Ele tira Nove da água e joga seu corpo contra a árvore retorcida. Tento usar minha telecinesia para apagar a queda, mas é tudo muito rápido, e Cinco é poderoso demais. Nove bate com a coluna no tronco com força suficiente para balançar os galhos mais altos. Ele grita, o corpo contorcido, e imagino que quebrou algumas costelas, talvez até mesmo a espinha.

— Vocês fazem ideia de como foi chato fingir que era fraco? — Cinco pergunta, com o braço emborrachado serpeando de volta para junto do corpo, parecendo normal de novo. — Vocês foram treinados por Cêpans patéticos, quando muito. Perdendo tempo com suas arcas e seus Legados, sempre alheios. Eu fui treinado pela força de combate mais poderosa no universo e vocês estão ameaçando me machucar?

— É, mais ou menos isso — Oito responde.

Ele se metamorfoseia para a forma de leão de dez braços, crescendo diante de Cinco. Mas, antes que Oito tenha a chance de atacar, Cinco toca a flauta. O crocodilo mutante, que esperava com paciência, de repente pula no ar e se choca contra Oito. Tudo o que vejo são

asas se agitando e mandíbulas abocanhando, e as garras de Oito golpeando em um contra-ataque. As duas imensas bestas caem na lama e rolam uma por cima da outra. Com uma expressão levemente entretida, Cinco se vira para observar Oito lutar contra seu monstro de estimação.

— Não se machuquem — Cinco grita para eles. — Ainda podemos ser amigos.

Não sei se Cinco está brincando ou se é assim mesmo, tão louco. A parte importante é que está distraído. Nove geme na base da árvore. Ele tenta se levantar, mas suas pernas parecem não estar respondendo. Enquanto isso, Seis continua imóvel. Não sei qual caso é mais urgente. Seis está mais perto de mim, então me aproximo dela e me ajoelho a seu lado, as mãos pressionando seu crânio ferido.

De repente, sou levantada do chão. Meus pés balançam no ar. É Cinco. Ele me ergueu com a telecinesia.

— Pare! — grito para ele. — Deixe-me curá-la!

Cinco balança a cabeça, decepcionado.

— Não quero que ela seja curada. Ela é igual a Nove... nunca vai entender. Não resista, Marina.

Um galho atinge a nuca de Cinco. Ele perde a concentração, e eu caio no chão. Cinco se vira bem a tempo de ver Nove arrancando outro galho com a telecinesia.

— Que fofó! — Cinco diz, desviando com facilidade do ataque de Nove.

— Venha — rosna Nove, que conseguiu se sentar recostado na árvore, com dificuldade. — Não preciso das pernas para chutar seu traseiro gordo.

— Falando besteira até o fim. — Cinco suspira. — Sabe o que está acontecendo em Chicago neste exato momento? Seu apartamento chique está sendo invadido pelos mogadorianos. Quero que você morra sabendo que seu palácio idiota foi destruído, Nove.

— Você contou a eles sobre Chicago? — grito.

Minha surpresa é genuína, mas, quando Cinco volta a olhar para mim, percebo uma oportunidade. Ele gosta de falar... Bom, posso usar isso para distraí-lo. Nove não está em condições de lutar. Preciso ganhar tempo para ele.

— Como pôde fazer isso? E quanto a Ella e os outros?

— Ella vai ficar bem — Cinco diz. — O Adorado Líder a quer viva.

— Ele a quer viva? Para quê? Achei que quisesse todos nós mortos.

Cinco apenas sorri e se volta para Nove.

— O que ele quer com ela, Cinco?! — grito, sentindo uma nova onda de pânico.

Ele me ignora e caminha na direção de Nove. Espero que Nove consiga aguentá-lo tempo bastante para que eu cure Seis. Volto para perto dela e coloco sua cabeça em meu colo. Seu crânio está partido, o nariz e o maxilar, quebrados. Tento me concentrar e canalizar a energia gelada de meu Legado.

Sou distraída por um guincho selvagem. Na lama, Oito conseguiu dominar a besta. Duas de suas cabeças já pendem sem vida. Mas a do meio resiste, e tenta morder Oito com toda a força. Ele consegue agarrar as mandíbulas com seis de suas patas e as abre com força até elas se quebrarem com um estalo. A cabeça da besta é praticamente rasgada ao meio; suas asas monstruosas se agitam uma vez mais, e então ela enfim fica completamente imóvel, e começa a se desintegrar aos poucos.

Cinco se virou para assistir.

— Muito bem! — grita para Oito. — Mas acredite, há mais de onde essa veio.

Oito fica ajoelhado na lama. Voltou à forma normal, incapaz de se manter metamorfoseado por mais tempo. Vejo que está ferido, com marcas ensanguentadas de dentes pelo peito inteiro, nos braços e até nas palmas das mãos. Ele deu tudo de si para derrotar aquela besta, mas ainda assim se levanta, trêmulo.

Cinco para diante de Nove, a pele de aço brilhando à luz fraca do fim do dia. Nove lança um olhar desafiador, de desprezo.

— Vai bater em um homem desarmado, seu traidor de bosta?

Antes que Cinco responda, Nove projeta sua telecinesia. O bastão, que ele provavelmente largou quando foi pego por Cinco, se ergue do lodo e voa em sua direção.

Cinco pega o bastão no ar. Faço uma nota mental de que ele usou a mão direita, o que significa que as pedras que usa para ativar seu Legado estão na esquerda.

Ele ergue o bastão e o bate contra o joelho metálico, partindo-o ao meio como um graveto.

— Sim, vou.

Antes que Cinco se mova, Oito se teleporta e se posiciona entre eles. Está curvado, a respiração pesada, e seus muitos ferimentos sangram. Mas ele resiste.

— Pare com esta loucura, Cinco.

Tento manter um olho na cena que se desenrola ao lado da árvore enquanto me concentro em Seis. Posso sentir seu crânio se recuperando e o inchaço do rosto diminuindo. Espero estar agindo rápido o bastante. Precisamos muito dela.

— Vamos lá, Seis... — sussurro. — Acorde.

Cinco hesitou quando Oito apareceu diante dele, e destilou parte da raiva direcionada a Nove.

— Saia da frente, Oito. Minha oferta para você ainda está de pé, mas só se me deixar acabar com esse babaca falastrão.

— Deixe ele tentar, cara! — Nove grita do chão.

— Cale a boca — Oito dispara, olhando por cima do ombro. Ele estende as mãos para Cinco. — Você não está pensando direito, Cinco. Eles fizeram alguma coisa com você. Em seu coração, sabe que isso não está certo.

Cinco solta uma risadinha desdenhosa.

— Quer falar sobre o que é certo? O que tem de certo em mandar um monte de crianças para um planeta estranho até para travarem uma guerra que elas nem sequer compreendem? O que tem de certo em dar números a essas crianças, em vez de nomes? É doentio.

— Assim como invadir outro planeta — retruca Oito. — Exterminar um povo inteiro.

— Não! Vocês não entendem nada — Cinco responde, rindo. — A Grande Expansão tinha que acontecer.

— Um genocídio tinha que acontecer? Isso é loucura.

Seis se move em meu colo. Ela ainda não está acordada, mas acho que a cura funcionou. Coloco-a no chão com delicadeza e me levanto, me esgueirando para perto dos outros. Cinco não repara em mim; está discursando em um tom quase insano.

— Vocês lutam porque seus Cêpans lhes disseram que é isso o que os Anciões querem! Já se perguntaram por quê? Ou quem são os Anciões? Não, claro que não! Vocês só aceitam ordens de velhos mortos, sem sequer questionar! E eu sou louco?

— É! — rosna Nove. — Já ouviu o que está dizendo, mermão?

— Você está confuso — diz Oito. — Foi prisioneiro deles durante anos, sem nem se dar conta. Apenas se acalme para podermos conversar. Não deveríamos estar lutando.

No entanto, Cinco não está mais escutando Oito. Achei que ele pudesse ter uma chance de ser ouvido, mas o último comentário de Nove foi o suficiente para instigar Cinco outra vez. Ele baixa o ombro e tenta passar por cima de Oito.

Seguro a mão direita de Cinco com a telecinesia, me concentrando em abrir seus dedos para que largue as bolas. Ele se afasta de Oito, surpreso, lutando contra mim.

— A mão esquerda dele! — grito. — Ajudem a abri-la!

Pela expressão de Oito e Nove, vejo que entenderam a ideia. Cinco grita de dor e frustração. Quase sinto pena por um momento; estamos mais uma vez unidos contra ele. É assim que ele deve ter se sentido desde que se juntou a nós, um excluído. Está perdido, confuso, furioso. Mas podemos nos preocupar em retomar a amizade e consertar sua visão de mundo deturpada mais tarde. Neste momento, ele precisa ser detido.

— Por favor, não resista — grito. — Você só está piorando as coisas.

Cinco grita de novo e seus dedos estalam alto. Nosso ataque telecinético combinado deve ter esvaçalhado os ossinhos de sua mão. As duas bolas que ele segurava caem no chão e rolam para baixo das raízes da árvore. Cinco segura a própria mão e cai de joelhos. Olha para mim como se sua derrota fosse ainda mais amarga por saber que fui a primeira a atacá-lo.

— Vai ficar tudo bem — digo, mas minhas palavras soam vazias.

Estou tentando acalmá-lo, mas quando olho para ele tenho a mesma sensação de repulsa que os mogadorianos me causam. Ele ia matar Nove... alguém de seu próprio povo, um de nós.

Como podemos resgatá-lo de algo assim?

Oito dá um passo à frente e coloca a mão no ombro de Cinco. Parece que ele perdeu a vontade de lutar.

Cinco soluça, balançando a cabeça.

— As coisas não deveriam ser assim... — ele murmura.

— Chorando como uma menina — Nove diz.

Imediatamente, a expressão de Cinco fica sombria. Antes de conseguirmos impedi-lo, ele empurra Oito para longe. Oito tropeça, cai, e Cinco levanta voo.

— Não! — grito, mas Cinco já dispara em direção a Nove.

A lâmina de pulso pega em sua arca se estende com um chiado alto de metal; tem a forma de uma agulha de trinta centímetros, letal e precisa.

Nove tenta rolar para o lado, mas está gravemente ferido e não consegue se mover. A grama a seu redor se achata rente ao chão, e eu me dou conta de que Cinco está usando a telecinesia para segurá-lo.

Tento usar o mesmo recurso para puxar Nove em minha direção, mas ele não se move. O poder telecinético de Cinco é grande demais.

Tudo acontece muito rápido.

Cinco mergulha com a lâmina estendida. Nove, com os dentes cerrados, incapaz de se mover, observa o golpe fatal se aproximar.

De repente, Oito aparece na frente de Nove. Ele se teleportou.

— NÃO! — Nove grita.

A lâmina de Cinco atravessa o coração de Oito.

Cinco dá um passo para trás, em choque, quando percebe o que fez. Os olhos de Oito estão arregalados, e um ponto de sangue se forma em seu peito. Ele cambaleia para longe de Cinco, em direção a mim, com as mãos estendidas. Tenta dizer alguma coisa, mas nenhuma palavra sai. Ele cai.

Grito quando uma nova cicatriz queima meu tornozelo.

CAPÍTULO

TRINTA E CINCO

ANDO POR UMA cidade dizimada. Estou bem no meio da rua, mas não há tráfego algum. Carros destruídos estão empilhados nas calçadas, muitos não passam de chassis queimados. Os prédios ao redor — pelo menos os que ainda estão de pé — são ruínas chamuscadas. Meus tênis trituram um cobertor de vidro quebrado.

A cidade não me é familiar. Não é Chicago. Estou em algum outro lugar. Como vim parar aqui?

Minha última lembrança é de Ella agarrando meu braço e depois... este lugar. Um cheiro acre de queimado se espalha, é impossível evitá-lo. Meus olhos ardem por causa das nuvens de cinzas sopradas nas ruas vazias. Ouço um crepitar a distância; em algum lugar ainda há um foco de incêndio.

Sigo em frente, atravessando a zona de guerra deserta. A princípio, acho que não há mais ninguém. Então noto alguns homens e mulheres sujos, encolhidos nas ruínas devastadas de um conjunto habitacional. Estão rodeando uma lata de lixo em chamas, se aquecendo. Levanto a mão, saudando-os, e grito.

— Ei! O que houve aqui?

Ao me ver, os humanos recuam. Estão assustados e desaparecem um por um nas sombras do prédio. Acho que eu também desconfiaria de estranhos se tivesse passado pelo que quer que tenha acontecido ali. Sigo em frente.

O vento uiva nas janelas quebradas e nos batentes caídos. Meus ouvidos se apuram; se prestar atenção, quase consigo ouvir uma voz carregada pelo ar.

John... me ajude, John...

A voz é fina e distante, mas mesmo assim a reconheço. Ella.

Percebo onde estou — bem, não onde estou geograficamente, mas onde minha mente está. De algum modo, fui puxado para dentro do pesadelo de Ella. Parece muito real, mas aquelas visões com as quais Setrákus Ra me atormentava também pareciam. Fecho os olhos, concentrado, e tento me forçar a acordar. Não funciona. Quando os reabro, ainda estou na cidade destruída.

— Ella — chamo, me sentindo meio bobo por falar para o nada. — Onde você está? Como saímos daqui?

Não há resposta.

Um pedaço rasgado de jornal voa diante de mim e me abaixo para pegá-lo. É a primeira página do *Washington Post*, então já sei onde estou. A data é daqui a alguns anos. É uma visão do futuro, um futuro que, espero, nunca se tornará realidade. Eu me lembro de que é assim que Setrákus Ra brinca conosco. Tudo é criação dele.

Mesmo sabendo disso, a imagem da primeira página me deixa sem fôlego. Uma armada de naves mogadorianas emerge no céu nublado de Washington e paira sobre a Casa Branca. A manchete tem apenas uma palavra, em letras maiúsculas:

INVASÃO.

Ouço um rumor à frente, largo o jornal e começo a correr em direção a ele. Um caminhão militar escuro atravessa devagar o cruzamento, cercado por todos os lados de mogadorianos. Paro de imediato e penso em me esconder em um dos becos próximos para me proteger, mas os mogadorianos parecem não reparar em mim.

Uma multidão se arrasta atrás do caminhão. São humanos; magros e pálidos, usando roupas esfarrapadas, com aparência suja e faminta, muitos estão feridos. Eles passam de cabeça baixa, o rosto contraído, marchando, taciturnos. Guerreiros mogadorianos armados com canhões os acompanham, exibindo com orgulho as tatuagens escuras que cobrem seu couro cabeludo. Ao contrário dos humanos, todos os mogadorianos sorriem. Algo está acontecendo — algum tipo de evento que os mogs querem que os humanos presenciem.

O vento sopra mais forte outra vez.

John... por aqui...

Eu me enfio na multidão e ando entre os humanos, mantendo a cabeça baixa. De vez em quando dou uma

olhada em volta. As ruínas do Monumento a Washington se projetam no horizonte, a parte de cima foi cortada. Uma sensação de medo invade meu estômago. O futuro será assim se falharmos.

A multidão é conduzida para a escada do Lincoln Memorial. Outras pessoas já estão lá, à espera do começo do doentio espetáculo mogadoriano. As bandeiras americanas, que estariam hasteadas no memorial, foram substituídas por bandeiras pretas com o símbolo vermelho de Mogadore. Pior ainda são os pedaços de pedra empilhados na beira da rua — bom, a princípio acho que são pedras, mas ao observar mais atentamente percebo o rosto cinzelado de Lincoln, uma enorme rachadura descendo por sua testa. Os mogadorianos derrubaram a estátua e a jogaram do memorial.

Abro caminho até a frente da multidão. Nenhum dos humanos parece muito interessado em ficar ali, então me deixam passar tranquilamente. Uma fila de guerreiros mogadorianos está na base da escada, apontando os canhões para a multidão, vigiando as pessoas desalentadas.

Setrákus Ra descansa em um trono no topo do Lincoln Memorial. Seu corpanzil está vestido em um uniforme preto, coberto de dragonas e medalhas. Em seu colo, há uma imensa espada mogadoriana protegida por uma bainha ornamentada. No pescoço estão pendurados sete pingentes lóricos, cujas superfícies de cobalto reluzem à luz da tarde. Seus olhos pretos observam ociosamente a multidão. Eles passam por mim, e eu me contraio, pronto para fugir, mas ele não me nota.

John... está me vendo...?

Sou forçado a segurar um arquejo. Ella está sentada em um trono menor ao lado de Setrákus Ra. Está mais velha e mais pálida. Seu cabelo foi tingido de preto e está preso em uma trança apertada, caída pelo ombro. Usa um vestido tão elegante que parece ter a intenção de insultar os humanos maltrapilhos que a observam com admiração. Seu rosto tem uma expressão ríspida, como se há muito tempo ela tivesse se tornado imune a cenas terríveis como essa.

Setrákus Ra segura sua mão.

Luto contra a vontade de subir correndo os degraus e tentar matá-lo, lembrando a mim mesmo que nada é real. E, mesmo que fosse, eu não teria a menor chance. Um exército inteiro de mogadorianos me separa de Setrákus Ra.

A multidão se abre para deixar o caminhão militar que vi antes encostar na escada do Lincoln Memorial. A traseira do caminhão está aberta, e eu vejo dois prisioneiros encolhidos lá dentro, as cabeças baixas, as mãos algemadas. Eles têm algo familiar.

Setrákus Ra se levanta quando o caminhão estaciona. Um silêncio cai sobre a multidão.

— Tragam-nos — ele grita.

Um guerreiro mogadoriano corpulento sai da fileira. Ele não é como os outros; não é tão pálido, e as tatuagens escuras em seu couro cabeludo parecem recentes. Ele usa um tapa-olho, e o olho bom não é preto nem vazio como o dos mogadorianos. Dou um passo involuntário para trás ao perceber que de fato não estou olhando para um mogadoriano.

É Cinco. O que diabos está acontecendo aqui? Por que está usando o uniforme deles?

Cinco tira o primeiro prisioneiro da traseira do caminhão. Ele está um pouco mais velho e uma longa cicatriz corta horizontalmente seu nariz e as bochechas, mas reconheço Sam na mesma hora. Ele mantém a cabeça baixa, com uma expressão aflita e derrotada, sem encarar Cinco. Percebo que manca bastante, o que se torna ainda mais evidente quando é forçado a subir os degraus do Lincoln Memorial. Ele tropeça, quase cai, e alguns dos espectadores mogadorianos riem da exibição humilhante. Sinto o ódio ferver dentro de mim e tenho que respirar fundo quando sinto o Lúmen se ativando.

O segundo prisioneiro não se deixa levar com tanta submissão quanto Sam. Mesmo de mãos e pés algemados, Seis é altiva. Seu cabelo louro foi raspado em um corte masculino, e o rosto está contraído em uma máscara perpétua de raiva — mesmo assim ela continua absolutamente linda. Passa os olhos pela multidão de humanos, e muitos baixam o olhar em resposta, envergonhados. Cinco diz a ela alguma coisa que não consigo ouvir, mas a expressão dele é suave, parece quase pedir desculpas. Em resposta, Seis cospe no rosto dele. Enquanto Cinco limpa a bochecha, um grupo de mogadorianos a agarra e a arrasta escada acima. Ela é uma guerreira até o fim.

Seis e Sam são obrigados a se ajoelhar diante de Setrákus Ra. Ele lhes lança um olhar furioso por um instante,

depois se volta para a multidão.

— Vejam — grita, e sua voz percorre a massa silenciosa. — Os últimos integrantes da resistência lórica! Hoje nossa sociedade celebra uma grande vitória sobre aqueles que atravancavam o progresso mogadoriano.

Todos os mogadorianos aplaudem. Os humanos permanecem quietos.

Minha mente está a mil. Se Seis e Sam são os últimos, significa que neste futuro eu já estou morto, assim como todos os outros. Um daqueles pingentes pendurados no pescoço de Setrákus Ra... é meu. Volto a lembrar que nada disso é real, mas ainda assim fico aterrorizado.

Cinco sobe os degraus e para ao lado de Setrákus Ra. Ele segura a bainha ornamentada enquanto Setrákus puxa sua espada luminosa, empunhando-a para que todos a vejam, e depois finge dar um golpe pouco acima da cabeça de Sam. Alguém na multidão grita e logo é silenciado.

— Hoje consolidamos uma paz duradoura entre humanos e mogadorianos — prossegue Setrákus. — Vamos enfim eliminar a última ameaça à nossa gloriosa existência.

Aquilo não parece nada glorioso. É evidente que os humanos foram subjugados ao longo dos meses de ocupação mogadoriana. Eu me pergunto quantos me ajudariam se eu tentasse atacar Setrákus Ra. Provavelmente, nenhum. Não tenho raiva deles, e sim de mim. Eu deveria tê-los salvado, deveria tê-los preparado melhor para o que estava por vir.

Setrákus ainda não terminou seu discurso.

— Neste dia histórico, escolhi dar a honra da sentença àquela que um dia me sucederá como sua Adorada Líder. — Com um gesto pomposo, Setrákus indica Ella. — Herdeira? Qual é sua decisão?

Herdeira? Isso não faz o menor sentido. Ella não é mogadoriana. É uma de nós.

Não tenho tempo para descobrir o que tudo isto significa. Observo Ella se levantar do trono, trêmula, parecendo quase dopada. Fita Seis e Sam, os olhos sombrios e impassíveis. Então, olha para a multidão, fixando os olhos em mim.

— Executem-nos — Ella diz.

— Muito bem — Setrákus responde.

Ele faz uma profunda reverência e depois, em um movimento fluido, decapita Seis com a espada. A multidão está em absoluto silêncio quando o corpo dela tomba, decepado, para a frente. Um silêncio tão grande que consigo ouvir Sam gritar. Ele cai sobre o corpo de Seis, chorando e urrando.

Sinto uma dor causticante no tornozelo. Uma nova cicatriz se forma. Fecho os olhos quando Cinco ergue Sam, virando-o para a lâmina de Setrákus Ra. Não quero ver o que acontece em seguida, ver que falhei com eles. Isso não é real, repito para mim mesmo.

Isso não é real, isso não é real, isso não é real...

CAPÍTULO

TRINTA E SEIS

SEI QUE ELE está morto. Ainda sinto a dor persistente de uma nova cicatriz em minha perna. Talvez nunca deixe de senti-la, talvez fique comigo pelo resto da vida.

Preciso fazer uma tentativa.

Caio de joelhos na lama ao lado do corpo de Oito. O ferimento sequer parece muito grave. Não há tanto sangue quanto havia no Novo México, e Oito sobreviveu àquilo. Posso curar isso, não é? Deve funcionar. Tem que funcionar. Mas desta vez foi bem no coração, perfurou-o. Pressiono a ferida com as mãos e tento ativar meu Legado. Já fiz isso antes. Posso fazer de novo. Preciso.

Nada acontece. Sinto o corpo todo gelado, mas não é por causa do Legado.

Queria poder me deitar ao lado de Oito, aqui no lodo, e fazer tudo o que está acontecendo ao redor sumir. Nem sequer estou chorando — é como se minhas lágrimas tivessem acabado, me sinto apenas vazia.

A poucos metros dali, Cinco grita, mas minha mente não consegue processar o que ele diz. A lâmina que usou para apunhalar Oito se recolheu para a bainha do pulso. Ele está com as mãos na cabeça, como se não conseguisse acreditar no que acabou de fazer. Na base da árvore, Nove está calado, em estado de choque. Se pelo menos tivesse calado a boca instantes antes, em vez de provocar Cinco... Finalmente, Seis está tentando se levantar, parece grogue, sem entender a nova cicatriz em seu tornozelo. Tudo desmoronou.

— Foi um acidente — Cinco balbucia. — Não tive a intenção de fazer isso! Marina, sinto muito, não tive a intenção.

— Quietos — sussurro.

É então que ouço o temido ronco do motor de uma nave mogadoriana. O mato alto que nos cerca se agita violentamente quando o brilhante veículo prateado começa a descer do céu. Foi tudo uma armadilha orquestrada por Cinco, então é claro que ele tinha reforços a postos.

Eu me inclino e dou um beijo suave na bochecha de Oito. Queria dizer alguma coisa, que ele era uma pessoa maravilhosa, que tornou melhor esta vida aterrorizante que somos forçados a levar.

— Nunca vou esquecê-lo — sussurro.

Sinto uma mão em meu ombro. Viro e vejo Cinco parado à minha frente.

— Não precisa ser assim — ele diz, apelando para mim. — Foi um erro horrível, eu sei! Mas tudo o que eu disse é verdade.

Ele é louco. Louco de me tocar. Não consigo acreditar que teve essa audácia depois do que acabou de fazer.

— Cale a boca — alerta.

— Vocês não podem vencer, Marina — ele continua. — Vai ser melhor se juntar a mim. Você... você... — Cinco gagueja quando sua respiração se condensa diante da boca. A umidade a nosso redor é reduzida a um frio repentino. Seus dentes batem. — O que está fazendo?

Algo dentro de mim se rompe. Nunca senti tanta raiva antes, e é quase reconfortante. A sensação gelada de meu Legado de cura se espalha por meu corpo, mas de alguma forma é diferente; congelante, amarga e morta. Estou irradiando frio. Perto de Cinco e de mim, a água barrenta do pântano crepita conforme a superfície se solidifica. As plantas ao redor começam a murchar, desfalecendo, instantaneamente congeladas.

— Ma-Marina? Pare...

Cinco, envolvendo a si mesmo com os braços para se aquecer, dá um passo para longe de mim. Ele quase cai ao escorregar no gelo.

Com este novo Legado percorrendo meu corpo, minhas ações são guiadas por puro instinto de fúria. Ergo a mão, e o gelo toma forma sob Cinco: uma estaca pontiaguda que se eleva. Ele não é rápido o bastante para sair do caminho, e o gelo perfura seu pé, prendendo-o no lugar. Cinco grita, mas não me importo.

Ele se joga para a frente e segura o pé preso no momento em que outra estaca de gelo se projeta do chão, atingindo-o bem no rosto. Se fosse um pouco maior, talvez o tivesse matado. Mas apenas arranca seu olho.

Ele cai de mau jeito no chão congelado, o pé ainda imobilizado. E aperta o rosto, gritando.

— Pare com isso! Por favor, pare com isso!

Ele é um monstro e merece tudo isto. Mas, não. Não consigo. Não sou igual a ele. Não vou matar alguém de meu próprio povo a sangue-frio, nem mesmo depois do que Cinco fez.

— Marina! — Seis grita. — Venha!

A nave mogadoriana pousou e as portas estão se abrindo. Perto da árvore, de galhos agora caídos com o peso do gelo, Seis jogou Nove sobre o ombro. Ela estende a mão para mim.

Dou uma última olhada para Cinco. Ele está com as mãos no rosto, segurando o olho destruído. Está chorando, e as lágrimas se transformam em gelo nas bochechas.

— Se eu o vir de novo, seu desgraçado traidor — grito —, arranco o outro olho!

Cinco solta um murmúrio débil. Patético.

Estou prestes a correr até Seis, mas paro. A meus pés, preso em um bloco de gelo, está o corpo de Oito. Quando percebo o que fiz, o ar ao redor começa a se aquecer. Eu me ajoelho e pressiono as mãos na camada de gelo úmido que me separa de Oito. Quero levá-lo conosco,

mantê-lo longe dos mogadorianos e lhe dar o merecido descanso final, mas não há tempo para esperar o gelo derreter. Seis grita por mim e os mogadorianos se aproximam.

— Desculpe — sussurro, me sentindo totalmente entorpecida.

Corro até Seis e seguro sua mão estendida. Ficamos invisíveis.

CAPÍTULO

TRINTA E SETE

ACORDO DE REPENTE e me sento, rígido, em uma cama que não é a minha. Entendo de imediato que voltei à realidade, e a dor causticante da nova cicatriz em meu tornozelo foi capaz de me acordar. Mas, espere aí... aquele pesadelo não era real, eu não deveria ter a cicatriz. E mesmo assim sinto a pele queimada, ardendo, em carne viva, a dor é penetrante.

Aquela parte do pesadelo foi real... Perdemos alguém.

Não tenho tempo para pensar nisso, mal tenho tempo para avaliar minha situação. Sam está gritando para mim.

— JOHN! ABAIXE-SE!

Há um mogadoriano parado diante da janela do quarto — uma janela quebrada, que deixa entrar o ar frio. Quando isso aconteceu? Ele mira um canhão em mim. Instintivamente, rolo para a esquerda no momento em que o mog atira no lugar onde segundos antes eu estava em coma. Do chão ao lado da cama, uso a telecinesia para empurrá-lo. Ele voa para trás, sai pela da janela e mergulha para a rua lá embaixo.

Está uma confusão, o caos no mundo real é mais intenso do que no vívido pesadelo de Setrákus Ra. O quarto foi completamente destruído por tiros. Sarah está parada na porta, usando uma estante quebrada como barricada. Com um braço, ela segura o corpo ainda inconsciente de Ella e, com o outro, dispara a esmo pelo corredor com a metralhadora. Apesar dos tiros, com minha audição acentuada escuto os mogadorianos invadindo a cobertura. São muitos, mas por alguma razão não estão respondendo ao fogo de Sarah.

Compreendo que é porque Sarah está segurando Ella. Setrákus Ra — não consigo acreditar que estou pensando nisso, nem tive tempo de processar o que significa — quer sua herdeira com vida. É por isso que os mogadorianos não atiram em Sarah; eles temem acertar Ella.

Sam está no chão a meu lado. Ele segura o pai, que tem uma enorme ferida na barriga. A respiração de Malcolm está curta, e ele está quase inconsciente; não parece ter muito tempo.

— O que aconteceu aqui, afinal? — grito para Sam.

— Eles nos encontraram! — Sam responde. — Alguém nos traiu.

Lembro-me de Cinco naquele uniforme mogadoriano e imediatamente me dou conta do que houve.

— Onde estão todos os outros?

— Foram para a missão nos Everglades. — Sam aponta para minha perna, os olhos arregalados de medo. — Vi seu tornozelo brilhar. O que... o que isso significa?

Antes que eu consiga responder, ouço Sarah gritar. Sua arma solta cliques vazios, e, notando que a munição acabou, os mogadorianos partem para cima dela. Um deles estende a mão pela porta e enfia uma adaga no ombro de Sarah. Ela cai no chão, segurando o ombro, enquanto outro mogadoriano se estica e arranca Ella violentamente de seus braços.

Acendo meu Lúmen, mas é perigoso demais lançar uma bola de fogo enquanto os mogadorianos estão segurando Ella. Eles logo ficam fora de alcance e desaparecem pelo corredor, em retirada. Projeto minha telecinesia e puxo Sarah até nós.

— Você está bem? — pergunto, avaliando com rapidez o ferimento em seu ombro.

É grave, mas não fatal. Sarah parece perplexa e aliviada por me ver acordado.

— John! — exclama e me puxa para perto com o braço que não está ferido. O abraço não dura nem meio segundo, e Sarah me empurra, se dando conta do perigo. — Vá! Você precisa detê-los.

Fico de pé com um pulo, pronto para ir atrás dos mogadorianos em retirada. Paro, olhando para Sam e seu pai. Malcolm ainda está vivo, mas sua energia se desvanece. Sam está agachado ao lado dele, segurando sua mão de um jeito que me lembra daquela noite na escola em Paradise, quando não consegui impedir que Henri

morresse. Percebo que posso salvá-lo.

No entanto, curar Malcolm significaria deixar os mogadorianos fugirem com Ella. Deixaria Setrákus Ra mais próximo do seu objetivo — um futuro que ainda não entendo completamente, mas no qual Ella comanda a humanidade ao lado dele.

Sam olha para mim, as bochechas molhadas de lágrimas.

— John! O que está esperando? Vá ajudar Ella!

Penso naquele Sam que vi no pesadelo, cansado e abatido, destituído de espírito. Penso no quanto foi doloroso para mim perder Henri. Não posso deixar meu amigo passar por tudo isso, ainda mais depois de ele e Malcolm terem acabado de se reencontrar.

Deixando Ella ir, posso estar condenando-a a um futuro... Não, haverá tempo para impedir isso mais tarde, digo a mim mesmo. Tenho que ajudar Malcolm agora.

Eu me ajoelho e pressiono a barriga de Malcolm com as mãos, e o ferimento se fecha lentamente sob meu toque. Enfim, a cor começa a voltar ao rosto dele, e seus olhos se abrem.

Sam está me encarando.

— Você deixou que a levassem.

— Eu fiz uma escolha — respondo. — Eles não vão machucá-la.

— Como... como você sabe? — Sarah pergunta.

— Porque Ella... — Balanço a cabeça. — Vamos salvá-la. Vamos detê-los. Todos nós, juntos, prometo.

Sam segura meu ombro.

— Obrigado, John.

Assim que termino com Malcolm me concentro em curar Sarah. O ferimento em seu ombro fez pouco estrago. Ela passa os dedos por minha bochecha enquanto meu Legado faz efeito.

— O que aconteceu com você? — ela pergunta. — O que viu?

Balanço a cabeça. Não quero falar da visão até ter tempo de entender o que houve. Ao contrário de Sam, acho que Sarah não notou que uma nova cicatriz apareceu em meu tornozelo, e também não quero trazer esse assunto à tona. Agora está tudo tranquilo — os mogadorianos recuaram levando Ella —, mas ainda precisamos sair daqui. Não existe a mínima chance de esta batalha ter passado despercebida pela polícia. Só quero curar Sarah e levar todos nós para um lugar seguro.

— Parece que vocês não brincaram em serviço enquanto eu dormia — digo.

— Demos o nosso melhor — ela responde.

O ferimento de Sarah está cicatrizado. Olho em volta.

— Precisamos ir. Onde está BK?

Vejo Sarah e Sam trocarem um olhar triste. Meu coração afunda.

— Foi para o telhado tentar segurá-los — Sam diz. — Não voltou.

— Ele é forte. Ainda pode estar vivo — Sarah completa.

— É, sem dúvida — Sam responde, mas não parece confiante.

Pensar em BK e no Garde morto nos Everglades, seja quem for, quase me faz desmoronar. Mordo com força o interior da bochecha e me concentro na dor. Fico de pé — haverá tempo para o luto depois. Agora precisamos sair daqui antes que os mogs decidam voltar e nos matar.

— Hora de ir — digo, ajudando Malcolm a se levantar.

— Obrigado por salvar minha vida, John — ele diz. — Vamos dar o fora daqui.

Nós quatro saímos do quarto, Sam ajudando Malcolm. Todas as luzes estão apagadas; provavelmente houve um curto-circuito durante a luta. Nenhum mogadoriano nos espera na sala de estar, mas, pela destruição, vejo que eles redecoraram o lugar. Por um instante imagino como Nove vai ficar furioso quando chegar. Se é que está vivo. E então me dou conta de que nunca mais poderemos voltar. Foi um bom lar por algum tempo, mas acabou, destruído pelos mogadorianos como tantas outras coisas.

Pelas janelas estilhaçadas ouço as sirenes na rua. Esse ataque mogadoriano foi muito mais audacioso que de costume. Vai ser bem difícil passar sem ser notado.

Por incrível que pareça, o elevador da cobertura continua funcionando. Empurro Sarah, Sam e Malcolm para

dentro e aperto o botão da garagem, mas não entro.

— O que você está fazendo? — Sarah grita, segurando meu braço.

— Não vamos poder voltar aqui. Este apartamento vai ficar cheio de policiais e, talvez, de agentes do governo que trabalham para os mogadorianos. Preciso pegar nossas arcas e ver se consigo encontrar BK.

Sam dá um passo à frente.

— Posso ajudar.

— Não — respondo. — Vá com Sarah e seu pai. Posso carregá-las sozinho com a telecinesia.

— Você prometeu que ficaríamos juntos — Sarah diz com a voz trêmula.

Eu a puxo para perto de mim.

— Você é meu piloto de fuga — digo a ela. — Pegue o carro mais rápido de Nove e me encontre no zoológico. Vocês não devem ter problemas para sair, mas eles podem estar me procurando. Acho que consigo pular para o telhado do prédio ao lado e descer por lá. — Afasto-me do elevador, depois me inclino para a frente e dou um último beijo em Sarah. — Amo você.

— Eu também amo você — ela responde.

A porta do elevador se fecha com um silvo. Corro pela cobertura destruída e volto até a oficina. Também foi destruída — todo aquele trabalho, e a Sala de Aula nunca mais será usada. Tento pensar apenas nos aspectos práticos. O que devo levar? A primeira coisa que pego é o tablet que me mostra nossa localização. Quatro pontos ainda estão na Flórida — droga, um a menos. Não estou pronto para pensar em quem perdemos ou no que fazer em relação a Ella ou ao fato de que Setrákus Ra pode ser loriemo.

Pego uma mala caída debaixo de uma mesa derrubada e entro na Sala de Aula para enchê-la de armas. Também guardo o tablet ali, e penduro a alça no ombro. Quero ficar de mãos livres, para o caso de ainda haver algum mogadoriano por perto. Então faço todas as arcas levitarem com a telecinesia. Como todas as janelas explodiram, é fácil ouvir as sirenes tocando lá embaixo. Isso é tudo o que vou conseguir carregar.

É hora de voltar à fuga.

Com as Heranças flutuando atrás de mim, saio correndo da oficina e percorro mais uma vez a cobertura. Preciso ir até o telhado e checar se BK sobreviveu.

Antes que eu chegue à escada, o elevador se abre. Droga, demorei demais.

Olho por cima do ombro, esperando ver os policiais de Chicago empunhando suas armas. Em vez disso, há um mogadoriano solitário. É pálido como de costume, o cabelo escuro caído no rosto, mais novo que o normal, e é diferente dos outros que já vi; é mais humano. Ele aponta uma arma — para mim.

Todas as arcas caem no chão quando redireciono a telecinesia e arranco a arma dele.

— Ei...! — ele grita, e se diz mais alguma coisa eu não ouço, pois estou pensando nos amigos que perdi esta noite.

O futuro sombrio que tive que presenciar com muito sofrimento. Matar esse mogadoriano perdido não muda nada disso, mas é um começo.

Lanço uma bola de fogo em sua direção, mas ele mergulha, desviando dela e se escondendo atrás da estrutura destruída de um sofá, que levanto com a telecinesia e jogo para o lado. Ele levanta as mãos, se rendendo. Talvez eu considerasse essa atitude estranha se estivesse conseguindo pensar.

— Tarde demais para isso — rosno.

Quando estou a ponto de arremessar outra bola de fogo, o mogadoriano bate com o pé no chão. A sala inteira treme, os móveis viram, o carpete se eriça como se uma onda passasse por baixo dele. E então o choque sísmico me joga para trás, eu tropeço e depois sinto os dedos gelados do ar agarrando minhas costas. Idiota — eu estava parado bem na frente de uma janela quebrada. Agito os braços, tentando desesperadamente recuperar o equilíbrio.

Mas não caio. Ele me pegou. O mogadoriano me segurou pela frente da camisa.

— Não quero lutar com você! — ele grita na minha cara. — Pare de me atacar!

Assim que me puxa para dentro, eu o empurro. Ele não vem para cima de mim, mas permanece agachado, pronto para se esquivar de qualquer coisa que eu possa atirar nele.

— Você é Quatro — ele diz.

— Como sabe?

— Eles sabem como você é, John Smith. Sabem como todos vocês são. E eu também... — ele hesita. — Só que também me lembro de vê-lo criança, correndo para uma nave enquanto meu povo assassinava o seu.

— Era de você que Malcolm e Sam falavam — minha voz sai entredentes.

Não consigo superar a sensação de que devo lutar ou fugir quando estou diante da espécie dele. Está enraizada em mim, mas tento mantê-la sob controle.

— Adamus Sutekh — o mogadoriano se apresenta. — Eu prefiro Adam.

— Seu povo matou um amigo meu hoje, Adam — disparo, sabendo que minha raiva é irracional, mas sem conseguir evitar. — E sequestrou outra.

— Sinto muito — ele diz. — Vim o mais rápido que pude. Malcolm e Sam estão seguros?

— Eu... — Bom, simplesmente não sei como reagir. Um mogadoriano demonstrando compaixão. Mesmo que Sam e Malcolm tenham dito que era verdade, nunca imaginei isso. — Sim, eles estão bem.

— Que bom — Adam responde. Sua voz ainda tem o tom áspero de um mogadoriano. — Nós precisamos sair daqui.

— *Nós?*

— Você está sofrendo e zangado — Adam diz, se aproximando de mim com cuidado, como se eu pudesse atacá-lo de repente. — Eu entendo. Mas, se quiser fazê-los sofrer também, posso ajudar.

— Estou ouvindo.

Adam estende a mão para mim.

— Eu sei onde eles moram.

Algo se revira dentro de mim ao ver aquela mão pálida esperando a minha. Mas, se a visão for verdade — se Cinco estiver trabalhando para os mogadorianos —, por que não podemos ter um deles trabalhando conosco? Aperto a mão de Adam com força. Ele não se retrai, apenas me encara.

— Tudo bem, Adam — digo. — Você vai me ajudar a vencer esta guerra.

Sobre o autor

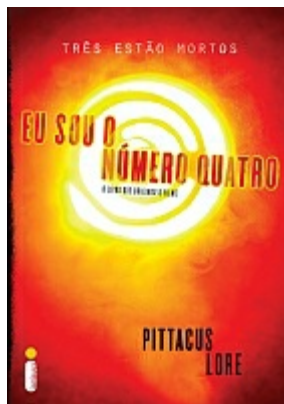


Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos nove loriens. Passou os últimos doze anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serielegadosdelorien.com.br

Conheça os livros da série

OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



O poder dos seis



A ascensão dos nove



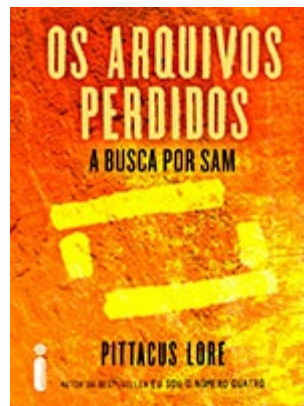
Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis



Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove



Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos



Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam



Os arquivos perdidos:
Os últimos dias de Lorien



Os arquivos perdidos:
Os esquecidos